

Postage & Fret Charge
Sub. 10
Rate 75
Paid
Money 160

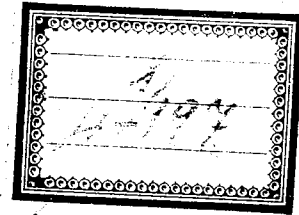
22.a. 7. 4

1-194

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

Postage	10
Revenue	10
Other	10
Total	30

22.4.7.4



R. 2344.
Del Coll. de la Comp. de H. de Granada. S.

SERMÕES

Do R. P. Doutor

D. LUIS DA ASCENÇÃO,

*Conego Regular de S. Agostinho da Congregação de S. Cruz
de Coimbra, Mestre jubilado na Sagrada Theologia,
e Pregador da Magestade del-Rey D. Pedro II.*

TOMO PRIMEYRO

OFFERECIDO

A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOÃO V.

Pelo Prior, e mais Conegos do Real Mosteyro de
S. Vicente de Fóra.



COIMBRA:

No Collegio dos Conegos Regulares de S. Agostinho,
e no Prélo de Antonio Simões Ferreyra.

Anno de M.DCC.XXX.

Com todas as licenças necessarias, e privilegio Real.



SENHOR.



U N C A faltoū
aos *Portuguezes* animo para mostrar a
§ ij. *todo*

todo o mundo o penetrante de suas armas ;
mas poucos o tiverão para fazer nelle
publico o agudo de seus engenhos. Não
deverão já mais a Minerva menos que
a Pallas : porém a Pallas cuidarão
em lhe levantar por todo o universo alta-
res , a Minerva fazião-lhe os sacrifi-
cios fechados no templo. Não soffren-
do , que o seu valor parasse no Occaso ,
o dilatárão até o Oriente ; mas a sua
sabedoria tinha em Portugal o Orien-
te , e abi mesmo com o sol se sepul-
tava. Porque , vencendo o genio ao en-
genho , degenerava communmente a mo-
destia em huma cobardia continuada
de huns a outros , que lhes fazia ter
enterrados os talentos , de que Deos do-
tou sempre a este Reyno com mão tão
liberal. E não recebendo menos nesta
parte da liberalidade Divina a Congre-
gação dos Conegos Regulares de S. A-
gosti-

Stinbo de Santa Cruz de Coimbra ; por-
que foy desde o seu principio hum pe-
renne manancial , donde sabirão as ma-
is puras , e crystallinas agoas , que
bebêrão os melhores Escritores do Rey-
no ; com tudo ella como mais Portugue-
za entre as outras , pois com o mesmo
Reyno nasceo , cuidou sempre em conser-
var encerrados dentro de seus claustros
os escritos de seus Religiosos : como se
a clausura dos Filhos coubesse em heran-
ça aos fecundos partos de seus entendi-
mentos.

Agora porém que logra Portugal a dita
de ter em V. MAGESTADE hum
Monarca tão empenhado em porteger todo
o genero de letras , que com sua mesma
protecção infunde animo a seus vassallos ,
para fazerem universaes por meyo do
prélo todas aquellas elucubraçoens , que
não esperava já mais ver a luz publi-

ca, he justo, que tambem esta commu-
nidade pague ao ardente zelo de V.
MAGESTADE algum tributo, ti-
rando estes Sermoens da sepultura, onde
jaziaõ com seu Author ha tantos annos,
e pondo-os na sua Real presença com
huma reverente usura; porque os rayos
de V. MAGESTADE, como Sol,
são só os que pôdem animar estes des-
figurados cadaveres, a que falta a al-
ma, que o Author lhes infundio, não
só quando os recitou, mas ainda quan-
do os escreveu. E assim como então
alguns delles merecêrão chegar aos Reaes
ouvidos do Senhor Rey D. PEDRO II.
se agora, os que contém este Tomo, fo-
rem merecedores de subir ao Real thro-
no de V. MAGESTADE, para
lhes pôr os olhos, ficarão privilegiados
ainda da mordacidade mais atrevida.

He certo, que se D. Luis da
Ascen-

Ascenção ainda vivêra, como tão de-
vedor á Casa Real, não buscára fora
della Protector, que o amparasse: e
o que o Author havia de obrar quando
vivo, razão he que o obre tambem
depois de morto; porque deve passar
álem da morte o fiel respeyto dos vas-
sallos para com seus Principes. Em no-
me pois do Author, ha tantos annos mor-
to, offerece estes seus Sermoens a V.
MAGESTADE esta Communidade,
já hoje viva; porque a V. MAGE-
STADE deve a sua resurreyção no
zelo, comque cuidou na sua reforma,
sendo esta casa a que mereceo lograr
as primicias do beneficio, que se vay
dilatando á Congregação toda, e que
Deos por sua misericordia prospere, pa-
ra que V. MAGESTADE tenha
nos seus Dominios quem com espirito
verdadeyramente Religioso offereça con-

*tinuos sacrificios pela vida, saude, con-
servação, e augmento (se he possivel)
de V. MAGESTADE. O mesmo
Author de todos os bens guarde a pessoa de
V. MAGESTADÉ, como todos ne-
cessitamos, e instantemente lhe pedimos.
Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra de
Lisboa Oriental. 30. de Novembro de
1729.*

O Prior, e mais Conegos de S. Vicente.

AO



AO LEYTOR.



E tão conhecido, e respeytado neste Reyno o nome do Author destes Sermões, que se fazia o prologo escusado, para benignamente os receberes, se não houverão circunstancias, que fizessem precisas algumas advertencias. Como se os originaes se sepultassem juntamente com o Reverendo Padre Mestre Doutor D. Luis da Ascençaõ, se não vio hum depois de sua morte: antes andando já do tempo de sua vida por differentes mãos, e as mais dellas estranhas, innumeraveis copias, todas cheyas de vicios, havidas dos amanuenses, até hoje não pudémos descubrir hum só original do Author; e se nos não ficasse a memoria de sua letra em outros escritos, hoje lha não conheceria-mos pela dos seus Sermões.

Disto nos lastimava-mos, e isto nos suspendia, para os não entregar ao prélo; porque justamente receava-mos, redundassem em desabono do Author os erros dos copiadores. Com tudo movidos agora do exemplo, e da razão, que em seu lugar allegámos, fizemos deligencia por haver todas as copias, que dentro de nossos claustros se conservavão, para que, conferindo humas com outras, escolheffe-mos as que
nos

nos parecêsem menos viciadas, postoque nunca genuinas, e as deſſe-mos á luz publica.

Como nenhuma appareço ſem erros, não deu pequeno trabalho emendar huns, reſcindir outros, e ſubſtituir alguns com a poſſivel concifaõ, para evitar o conhecimento da variedade do eſtylo, que não admittio já mais identidade, nem ainda cabal ſemelhança, por mayor que foſſe o eſtudo na imitação. Dos Sermões, que achámos menos mutilados, e mends informes, fizemos ſelecção de dezoyto, que neste volume te offerecemos, prégados em diferentes pulpitos, e a diverſos aſſumptos; mas ſempre animados com diſcurſos moraes, ainda os puramente panegyricos.

De todos pomos em primeyro lugar o das Exequias da Excellentiffima Condeça Baroneza, ſobrinha, e cunhada do Author; porque ſe não conhece- res o Reverendo Padre Meſtre Dom Luis pelo Religioſo cognome da Aſcensão, olhando para o frontepicio do livro, o conheças pelo de *Barão*, porque he tão conhecido em toda a Heſpanha, que ainda das partes mais remotas della ſe procurão os ſeus Sermões com ancia, e ſem reparo de diſpendio; o que talvez tem roubado a Portugal grande parte deſtes manſcritos. Mas além deſta razão ainda nos moveo outra, e he, que ſempre os Sermões de hum Religioſo devem ter principio em deſenganos, e os de hum defunto em Exequias. Aſſim para q̄ o fim correfponda ao principio, ſe coroará eſte Tomo com as Exequias univerſaes do mundo no Sermão do Juizo final, a que precederá immediatamente o deſengano dos mortaes no Sermão da Cinza.

Não repares em achar entre os outros dous doſſette,

que já corrião impreſſos; porque, como para elles não contribuhio o Author com originaes, e os Impreſſores, olhando mais para o lucro proprio, que para o credito alheyo, não repararão nos erros dos traslados, porque os imprimirão, ſahirão do prélo com tantas faltas, que, vendo o meſmo Author hum delles impreſſo ainda em ſua vida, proteſtou, que por ſeu o não reconhecia: além dos erros ſem numero das meſmas impreſſoens, e alguns tão ſubſtanciaes (pois dos acciden- taes ainda nesta acharás muytos, que diſſimulará a tua prudencia, e emendará a tua ſabedoria) que em humas partes deyxavão o ſentido ſuſpenſo, em outras totalmente prevertido; e aſſim ainda neſtes dous houve que trabalhar, reſervando os ſinco para o ſegundo, e terceyro volume, que te daremos brevemente, ſe goſtares da lição deſte primeyro, e nos não negamos para outros mais, ſe chegarmos a haver os papeis, que de fóra dos clauiſtros eſperamos.

Finalmente, ſe fores Profeſſor da critica moderna, que tem por ley indispensavel, não deyxar paſſar livre qualquer obra, ſem lhe pagar tributo, te lembramos o que acabaste de ler, que nenhum deſtes Sermões foy copiado de original de ſeu Author, para que não repares em algumas porções de fraſe, que deſcobrires menos bem limada; porque ſe não póde achar nãs copias a pureza dos originaes. Juntamente te advertimos o que ty debes ſuppor, q̄ os Sermões ſe não compuzeraõ com tenção de ſe imprimirem, mas ſó de ſe prégarem, para que não cenſures alguns concey- tos repetidos, e talvez com os meſmos Textos provados; nem a falta das citações marginaes dos lugares dos Padres, e Expoſi- tores;

tores; porque no pulpito não se allegaõ estes lugares; e a distancia daquelles, em que os Sermões se prégaõ, permittem muytas vezes, que os pensamentos se repitaõ.

Peloque tambem não debes culpar o Collectõr destes papeis, q̄ nem havia trincar os Sermões, para evitar a repetição dos conceytos, que seria fazellos monstruosos; nem podia revolver tantos volumes, para marginalizar os lugares dos SS. PP. pois seria consumir o tempo, que lhe não deyxão perder outros empregos; nem devia metter a lima em todos os periodos, que reconhecesse menos puros; porque, onde o sentido não variava, julgou acertado mayor deyxallos passar illesos, doque substituir-lhes outros seus, que fizessem desafinar a harmonia do estylo. E quando nada disto, que dizemos, te satisfaza, sempre debes perdoar a ambos, ao Collectõr por desconhecido, ao Author por morto.

VALE.



LICEN-



LICENCA

3

DA RELIGIÃO.

*Approvaçãõ do R. P. M. Doutor D. João
Euangelista, Lente Jubilado na Sagrada
Theologia, e Rector do Collegio
novo de S. Agostinho da Univer-
sidade de Coimbra.*

REVERENDISSIMO P. REFORMADOR.

O Bedecendo ao preceyto de V. Reverendissima, li o Primeyro Tomo dos *Sermões do R. P. M. Doutor D. Luis da Ascençãõ*, que pertende dar á estampa o R. P. Prior, e mais commuidade do Real Mosteyro de S. Visente de Fóra, Religioso berço deste insigne Orador. E verdadeyramente que não era

era necessaria a minha approvaçãõ, para V. Reverendissima conceder a sua licença; porque logo que estes Sermoens foraõ ouvidos, ficáraõ approvados, que não podia deyxar de produzir este effeyto a eloquencia de seu Author, segundo o conceyto do Mestre da Romana: *Effectus eloquentiae est audientium approbatio.*

Cicer.
lib. I.
de Orat.

Id 1. 5.
ad Attic.
Ep. II.

Joann.
Baptist.
Pius ad
Ciceron.
ubi sup.

Com tudo vendo-me obrigado a expor nesta materia o meu juizo, digo, que o que posso formar destes Sermoens he, que não haverá quem, lendo-os, deyxar de dizer a seu Author, o que Cicero escreveo a Attico: *Apud reliquos Barones te in maxima gratiã posui.* Porque elle entre todos os mais foy o que melhor desempenhou nestes escritos o illustre nome de *Barão*, que he o mesmo, que Principe Sapiëntissimo, como advertio Pio Bononiense nas suas annotaçõens ao referido lugar de Cicero: *Barones Principes Sapientissimi vocantur.* E he certo, que, aindaque pelas veas do R. P. M. D. Luis da Ascençãõ não houvera corrido o sangue dos Excellentissimos Condes de Oriõla, Baroens de Alvito, todos aquelles, que attentamente ponderarem a vasta sabedoria, que neste Tomo de seus Sermoens se comprehende, não pôdem deyxar de o acclamar *Barão*, e de o estimar mais que todos os Baroens: pois havendo-o collocado o seu sangue na Jerarquia dos Principes, e o seu suor no catalogo dos sabios, estes seus Sermoens sómente bastaõ, para o declararem entre os Principes o mais sabio, e entre os sabios o seu Principe.

Nem lhe confidéro menos ajustado este nome, respeytando a etymologia do meu S. Isidor.

ro, que deduz a palavra *Barão* da Grega βαρὺς, synonyma de *Varão forte*, grave, e valente: *Barones Græco nomine, quòd sint fortes: βαρὺς enim dicitur gravis.* Cujã interpretaçãõ seguiu seis seculos depois o Doutor Angelico, D. Tho. quando escreveo: *Baro dicitur à labore: Bara enim græcè, latinè gravis, sive fortis vocatur.* E por este melmo tempo cantou o celebre Grecista Ebrardo Bethuniense:

Isidor.
Etyrn.
1.9. c. 4.
To. 17.
Opusc.
20. l. 3.
cap. 21.

A gravitate Baro fertur, quod monstrat imago. Pois na verdade que estes ditcurfos, ainda assim defanimados, sãõ as melhores imagens, que representaõ muyto ao vivo a gravidade, e valentia de dizer, com que este Oraculo do pulpito attrahio sempre a si os auditorios.

Ebrard.
in Græc.
c. 9.

Donde me venho a persuadir, que o nosso, e os vindouros seculos admirarãõ nestes transumptos o mesmo, que o passado admirou nos originaes: porque assim como estes Sermoens prégados foraõ cadeas de ouro, que sahirãõ da boca de hum *Barão*, ou *Varão* taõ forte como Hercules, para prender os Ouvintes; assim agora expostos ao publico nos traslados, seraõ hum favo suavissimo, descu erto no cadaver de quem foy *Leão* na fortaleza, para lisfonjear o palato ainda dos mais severos Leytores, vendo-se aqui cabalmente decifrado aquelle problema de Samsam: *De forti egressa est dulcedo.*

Judic.
14. 14.

Porém, adiantando ainda mais o pensamento, confidéro vinculada a toda esta doçura a commua utilidade; porque he este volume hum precioso thesouro, de que o publico se poderá muyto aproveytar, pelos innumeravsis Textos, que nestes Sermoens se explicaõ sem vi-

olen-

olencia; pelos elevados discursos, que nelles se remontaõ sem precipicio; pelos agudos conceytos, que em cada periodo se formaõ sem escuridade; pelas muytas noticias, que a cada passo se accumulão sem confusaõ; pelas discretas comparaçoens, que repetidas vezes se fazem sem impropriedade; pelo sublime estylo, com que em qualquer materia se falla sem affectaçoõ; e mais que tudo pelas vivas, e efficazes expressoens, com que as virtudes se louvaõ sem lisonja, e os vicios se abominãõ sem offensa, que he o fim principal, a que devem dirigir o seu trabalho os Prégadores Evangelicos.

Bem he verdade, que atégora esteve este thesouro escondido, porque não houve quem se resolvesse a dar á luz estes Sermoens, assim por não serem escritos da mão de seu Author, como porque, não cuidando elle já mais em imprimillos, ainda que o fossẽm, lhes não tinha posto a ultima lima, nem havia quem se animasse a pôr-lha, reconhecendo desiguaes as forças para tão grande empreza; assim como, depois de morto Aquilles, não houve quem se atrevesse a empunhar as suas armas: e esta mesma gloria, que conciliou o respeyto a este exemplar de Capitaens, se entendia que resultava tambem áquelle prototypo de Prégadores.

Mas bem se podia advertir, que taes escritos, ainda que imperfeytos, sempre hãviãõ ter na Republica das letras o mayor applauso; assim como as taboas, que restãõ de Apelles, por não haver quem as aperfeyçoasse com as ultimas cores, logrãõ no mundo a mayor estimaçãõ. Alem de que bem se podia estes Ser-

Sermoens concluir por maõ alheya; porque as sombras, que se accrescentãõ á pintura, lhe servem de realce; e de qualquer sorte que esta obra houvesse sahido á luz, della com verdade se havia poder dizer, o que disse Cicero da virtude: *Splendet per se semper, neque alienis sordibus obsolescit.* Cicer. de Amicit.

Ainda assim julgo, que foy superior Providencia, que ninguem atégora se animasse a isto, para que ficasse reservada para o tempo, em que V. Reverendissima veyo restaurar esta Religiaõ, a gloria, que ella hade lucrar, de se darem ao prélo Sermoens tão dignos delle. Este he o meu parecer. V. Reverendissima mandará o que for servido, que será sempre o mais acertado. Coimbra: Collegio novo de S. Agostinho. 12. de Dezembro de 1729.

D. João Evangelista.



Approvaçoõ do R. P. M. Doutor D. Bernardo da Cruz, Fubilado na S. Theologia, Lente da Universidade de Coimbra, e Qualificador do S. Officio.



REVERENDISSIMO SENHOR.

Por ordem de V. Reverendissima vi este primeyro Tomo dos Sermoens, que compoz o R. P. M. Doutor D. Luis da Ascençãõ, Pré-

Prégador da Capella Real. Tarde para o nosso desejo, e mais para o seu merecimento, fahem á luz: mas essa he a propriedade das coufas grandes, e mais preciosas. Parecem-me muyto dignos de que se estampem: não só porque com as suas doutrinas pôdem edificar, e instruir os Leytores; mas porque assim divulgados consolarão a magoa, que nos deyxou a morte de seu Author, e eternizarão o nome, e gloria, que lhe grangeáraõ em vida, verificando-se agora d'elle aquella sentença Poetica.

Ovid.
de Pont.
lib. 4.
Eleg.
16.

Non solet ingeniis summa nocere dies:

Famaque post cineres maior venit, & mihi nomen.
Este o meu parecer, *Salvo meliori judicio.* V. Reverendissima ordenará o que for servido. Coimbra: no Collegio dos Conegos Regulares de S. Agostinho. 16. de Dezembro de 1729.

De V. Reverendissima

Maishumilde subdito

D. Bernardo da Cruz.

Fr.



Fr. GASPAR DA ENCARNAÇÃO, Missionario Apostolico do Seminario de Varatojo, Visitador, e Reformador dos Conegos Regulares de S. Agostinho da Congregação de S. Cruz de Coimbra, com poderes de Capitulo Geral, e Diffinitorio por sua Santidade.

Concedemos licença ao M.R.P. Prior, e Religiosos do Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra de Lisboa Oriental, para que, guardado o que determina o Sagrado Cõcilio Tridentino, e Leys do Reyno, possaõ mandar imprimir o Primeyro Tomo, que consta de dezoyto Sermoens do R.P.M. *D. Luis da Ascensão*, Conego Regular desta Congregação, vitto serem examinados, e approvados por peffoas doutas da mesma Congregação. Dada neste Real Mosteyro de S. Cruz de Coimbra, sob nosso final, e sello da Congregação, aos 18. dias do mez de Dezembro de 1729.

Fr. Gaspar da Encarnação, Reformador.

Lugar ✕ do Sello.

SS ij.

LICEN-



L I C E N C A D O S . O F F I C I O .

*Approvação do M. R. P. M. Doutor
Fr. Joseph Caetano, Monge de S. Feronym
mo, Fubilado na Sagrada Theologia,
Lente de Vespera de Escritura na
Universidade de Coimbra, Ex-
aminador Synodal do mesmo
Bispado, e Qualificador
do S. Officio.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Quando tomey nas mãos por ordem de V. Senhoria os Sermoens presentes, obra posthuma do R. P. Doutor Dom Luis da Ascensão, Mestre Fubilado em Theologia, Prégador da Magestade del-Rey D. PEDRO II. e hum dos mais insignes Filhos da Sagrada Congregação dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho,

stinho, logo me veyo ao pensamento aquella queyxa, ou pergunta, que em outro tempo fez seu grande Patriarca, fallando com seus mesmos Filhos: *Ubi Caesaris corpus praeclarum? Ubi Barones? Ubi acies militum?* Onde está o corpo de Cesar? Onde os Baroens? Onde as linhas, ou fileyras de tantos, e taõ luzidós soldados, quantos vio, e respeytou o mundo?

Augua.
Ser. 48.

Esta mesma queyxa, e pergunta com natural accomodação, e mais iustificado fundamento, podia fazer Portugal até o tempo presente. Onde esteve atégora occulto este Cesar, verdadeyramente hum dos Principes da eloquencia Evangelica? Onde o corpo, ou dobrados corpos dos seus Sermoens, que podiaõ fazer, se se uniffem, a estatura de muytos Gigantes? Onde estiveraõ atéqui sepultados os Baroens, ou hum, que valia por muytos? Onde as fileyras de seus taõ bem formados, e ordenados escritos, que apparecendo sem duvida no mundo, e sahindo ha mais tempo a campo, terião levado a palma a os mais ventajosos Oradores? Se houvesse de responder a morte a esta pergunta, diria com jactancia sua, que o seu poder tudo acaba; mas respondendo seus Irmãos, ou hum por todos, poderãõ dizer com muyta verdade, que o Author destes Sermoens foy como a luz do seu mesmo nome, que, quando acaba, naõ deyxaz cinzas: toda se rouba, quando se retira.

Esta he a desgraça, que choramos, acabar como luz, quem o foy, e assombro dos pulpitos. Roubar-se, e ser roubado este thesouro, ou exhaurindo-se da riqueza de suas luzes, em quanto vivo, ou expondo-se a ser roubado depois

SS iij.

de

de morto. Grande louvor, e agradecimento se deve a quem trabalhou por descobrir roubo tão grande, e soube formar o luzido corpo deste volume de luzes furtadas. Tochas são, que acendeo á fama de hum Varaõ tão esclarecido, formando com ellas hum vistoso throno, em que desse a ver a sua grandeza. Outro podia ser, que occultasse este theouro, e de escondido que andava em mãos'alheyas, depois de o adquirir com muyto custo, occultallo tambem na sua, como já succedeo a outro theouro: *Quem, cum*

Matth.

13. 44.

invenit homo, abscondit: mas não podia succeder assim nesta Congregação Sagrada, luminoso Ceo, e centro de luzes, onde, pondo-se o Sol, apparecem as estellas, restituindo pouco a pouco aquellas mesmas luzes, que recebêraõ de tão grande astro. Assim espero, q' vá succedendo, para que tenha o gosto de o ver quem o não vio; e os que o viraõ, e ouviraõ, dobrada recreação em o ler muytas vezes.

Queyxa-se o Collector destes Sermoens, que muytos delles não são perfeytamente acabados pela mão de seu Author, outros truncados, outros viciados nas suas copias. Seja assim muyto embora: mas quem lhes pôde mudar a substancia, e natureza de serem todos pedaços de ouro, ou espelhos muyto crystallinos, que ainda quebrados, e partidos, representaõ a avultada imagem de quem os compoz. O serem tão procurados, e pertendidos bem mostra a estimação, que delles se faz. Não authoriza pouco o seu entendimento quem busca para a sua doutrina, e imitação tão nobre exemplar, tendo pôr grande credito, e honra sua, que os partos do seu engenho descen-

descendaõ por Varonia de tão grande Mestre. Tudo o que neste Primeyro Tomo se lê, he dignissimo de seu Author; em tudo fiel, e catholico; em nada devedor á pureza da Fé, acreedor sim da estampa publica, e muyto mais da inteyra restituição, que se lhe deve fazer dos seus escritos, para credito da Nação, gloria de sua illustre Casa, e Religiaõ illustrissima. Coimbra: Collegio de S. Jeronymo. 1. de Janeyro de 1730.

Fr. José Caetano.



*Approvação do M. R. P. M. Doutor
Fr. Christovão da Cruz, Monge de
S. Jeronymo, Lente Jubilado na
Sagrada Theologia, e Qualifica-
dor do S. Officio.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

O R. P. Doutor Dom Luis da Ascensão, Conego Regular de Santo Agostinho, Mestre Jubilado em Theologia, Prégador da Magestade del-Rey D. PEDRO II. e hum dos

§§ iv.

fin-

singulares talentos, que Deos fez para o pulpito, nestes Sermoens, como bellissima imagem sua, se representa aos nossos olhos nascido depois de morto, e apparece novamente revestido da brilhante, e pomposa gala, q̄ lhe deu, e com que o distinguio o Author da natureza. A astro tão superior naturalmente era devido, depois do seu Occaso, communicar outra vez as suas luzes: nascer depois de morrer: passar da sepultura ao berço; e deyxadas as sombras, que lhe servião de mortalha, mostrar puros todos os seus luzimentos. Era impossivel, que a morte lhe fechasse a sepultura de forte, que o occultasse para sempre. Assim succede ao Sol, a quem este illustre varão foy igual em o luzir: porisso a hum, e outro com a mesma propriedade, se podia pôr por epitafio na sepultura esta letra: *Delitescit, ut renascatur*; porque em ambos vemos renascidas, e manifestas as suas luzes depois de mortas, e escondidas.

He grande approvação destes Sermoens querer Deos, que se dividissem das trevas, em que se achavão. São rayos de huma primeyra luz, que fez para o segundo mundo; e para evidente signal, que na sua estimação era luz boa, infallivelmente se havia seguir dividilla, e separalla das trevas, que se lhe tinhaõ unido, assim como o usou com a luz, que fez para illustrar o primeyro mundo.

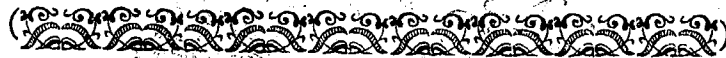
Acharem-se alguns destes Sermoens faltos de algumas das partes, com que os formou o seu Sapientissimo Author, não diminua a estimação, e gravissimo conceyto, que se deve fazer de todos elles. Até nisto se mostra, que he luz su-

pre-

prema entre todas, que em qualquer parte sua dá a conhecer tudo, o que he em as mais partes. Já houve entendimento, que querendo significar esta singularidade da luz mais pura, o disse nesta letra: *In fragmentis, integra*, que sem violencia pode servir a qualquer das partes, em que fallamos.

Devemos á sua Sagrada Religião, Mãe fecundissima de innumeraveis Filhos, preciosos thesouros de sabedoria, e santidade, deyxar-nos ver já livre do eclipse, em que ha tantos tempos estava este Principe das luzes. Nem era justo, que em hum Ceo tão cheyo de luzimentos, onde até o que podia ser escura nuvem, apparece como a do Thabor resplandecente, se visse mais o Sol eclipsado. Sem interposição de cousa que seja contra a Fé, ou bons costumes, o vejo, e julgo. Coimbra: Collegio de S. Jeronymo. 5. de Janeiro de 1730.

Fr. Christovão da Cruz.



Pode-se imprimir este livro de Sermoens, e não correrá sem nova licença, para o que torne conferido. Coimbra: em Meza 7. de Janeiro de 1730.

Paes. Abreu.

I I

LICEN-

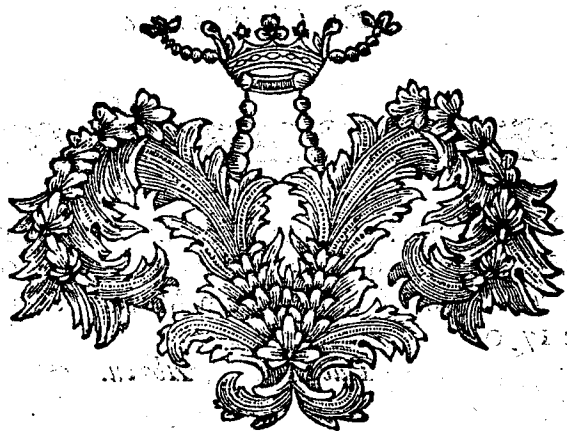


LICENÇA

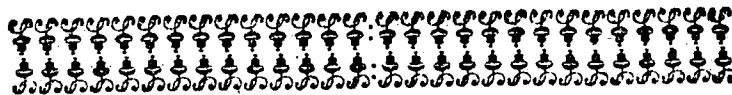
DO ORDINARIO.

Pode-se imprimir este livro, e depois de impresso torne para se conferir, e se dar licença para correr. Coimbra 7. de Janeiro de 1730.

Bispo de Angola.



L I-



LICENÇA

DO PACO.

*Approvação do M. R. P. M. Fr. Lucas
de Santa Catherina, da Sagrada Religião
dos Prégadores, Academico da
Academia Real da Historia
Portugueza.*

SENHOR.

VI o livro, de que trata a petição inclusa, e sendo impropria a censura nos acertos da materia, acho, que só se fazia precisa contra as tardanças da imprensa; podendo ter facilitado a sua industria a reproduzir nestes documentos Euangelicos aquella segunda vida, que costu-

costuma dar aos seus Oraculos. Assim me parece, que em cada discurso achará huma execução o prélo, em que os acertos do Author tem já tão anticipada justiça, que sem duvida correm por sua conta os primeyros alvoroços da licença, como pela de todos os interesses da doutrina.

Foy esta tantas vezes favorecida das Réaes attenções dos Augustos Predecessores de V. Magestade, que calificando-lhe a que soube merecer escutado, não podia agora nos eccos daquelle magisterio perceber-se dissonancia contra o Real serviço. Assim reconheço toda a obra tão digna da licença, que se pede, como o foy sempre o Author do nome, com que lha merece. Este he o meu sentir. V. Magestade ordenará o que for servido. S. Domingos de Lisboa Occidental: em 23. de Janeyro de 1730.

Fr. Lucas de S. Catharina.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do S. Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornará á Meza, para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental. 24. de Janeyro de 1730.

Pereyra. Teyxeyra.



E Stá conforme com o feu original. Coimbra: Collegio de S. Jeronymo. 31. de Agosto de 1730.

Fr. Christovão da Cruz.



P Ode correr. Coimbra, em Meza. 1. de Setembro de 1730.

Amaral. Villasboas. Paes.



P Ode correr. Coimbra. 11. de Setembro de 1730.

Bispo de Angola.



INDICE

Dos Sermões, que se contêm neste
Primeyro Tomo.

- S**ERMAM I. Nas Exequias da Excelentissima Condeça Baroneza, Sobrinha, e Cunhada do Author. pag. 1.
- SERM. II. Do Mandato. Na Capella Real. pag. 23.
- SERM. III. Da quinta Sesta feyra da Quaresma. Na Misericordia de Coimbra. pag. 51.
- SERM. IV. De Santa Isabel Rainha de Portugal. No Real Mosteyro de S. Clara de Coimbra. pag. 78.
- SERM. V. Do Apostolo S. Thomé. No Mosteyro de Santo Agostinho da Serra. pag. 99.
- SERM. VI. Da quarta Sesta feyra da Quaresma. Na Capella Real. pag. 127.
- SERM. VII. Do Mandato. Em Santiago de Coimbra. pag. 149.
- SERM. VIII. Da Soledade. Na Sé de Coimbra. pag. 185.
- SERM.

- SERM. IX. Da Conversão da Magdalena. Na Casa da Misericórdia. pag. 213.
- SERM. X. Do Apostolo S. André. Na Capella Real. pag. 239.
- SERM. XI. Do Mandato. Na Sé de Coimbra. pag. 259.
- SERM. XII. Do Baptismo de Christo, com Profissão. No Real Mosteyro de S. Clara de Coimbra. pag. 282.
- SERM. XIII. De S. Pedro de Arbues. No Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra. pag. 307.
- SERM. XIV. De S. Theotonio. No Real Mosteyro de S. Cruz de Coimbra. pag. 334.
- SERM. XV. De S. Antonio. No seu Convento dos Olivaeos de Coimbra. pag. 357.
- SERM. XVI. Na Solenidade das Quarenta horas. No Real Mosteyro de S. Cruz de Coimbra. pag. 375.
- SERM. XVII. Da Cinza. Na Capella Real da Universidade de Coimbra. pag. 399.
- SERM. XVIII. Do Juizo Final, na primeyra Dominga do Advento. pag. 415.



SER-



SERMÃO NAS EXEQUIAS

DA
EXCELLENTISSIMA SENHORA
D. BERNARDA
CAETANA LOBO,
Condeça de Orióla, Baroneza de Al-
vito, Sobrinha, e Cunhada
do Author.

Sol cognovit occasum suum. Ex Pf. 103

S. I.

I.



U E segu-
rança se pó-
de promet-
ter ao vi-
vente, se tambem se-

nece o infensivel? Que
firmeza se póde affegu-
rar ao humano, se tam-
bem acaba o celeste? Que
vida póde haver na ter-
ra, se tambem ha mor-
te no Ceo: *Sol cognovit*

Tom. I.

A occa-

occasum suum? He a morte entrou ao settimo; vede agora como pode ser duravel o vivente, se logo foy mortal o feteno!

2 Que cousa ha no mundo tão verdadeyra, como esta? A flor mimosa abre pela manhã, e seca pela tarde: á arvore robusta veste-se na primavera, e despoja-se no inverno: o rio claro nasce na fonte, e sepulta-se no mar: o mundo dilatado apenas se veste de luzes, para formar o dia, quando logo se cobre de sombras, para fazer a noyte: a Lua esclarecida hum tempo cresce para nossa admiração, outro tempo mingua para nossa lastima; e o que he mais, que o que criatudo, acaba com todos: *Sol cognovit Sc.* Eys aqui o mais excelente da terra, eys aqui o mais soberano do Ceo; tudo fenece, tudo morre, e tudo acaba: tão universal he a sepultura, como o berço: não ha cre-

Zachar.
5. I.
ex verf.
LXX.

Isai. 37.
30.

creatura corporea, que não córte as mortalhas do mesmo pano, de que fez as mantilhas; e se não vede: a luz foy creada entre as trêvas, que lhe servião de mâtilhas: *Droisit lucem a tenebris;* o Sol he sepultado entre sombras, que lhe servem de mortalhas: *Sol cognovit occasum suum.*

Genes.
I. 4.

3 Esta fragilidade commua, que por defengano conhece o nosso entendimento, poucos dias ha, que por exemplo a virão os nossos olhos. Poucos dias ha, que à nossa vista espirou a Excellentissima Senhora Condeça Baroneza: O'que grande assumpto para hum grande defengano! O'que grande motivo para hum grande sentimento! Douz casos succedem no mundo, ambos tão mysteriosos, que por mais que os testemunhe a nossa experiencia, sempre os acompanha a nossa admiração; e vem a ser

os casos da fortuna, e os casos da morte. A fortuna movendo a sua roda, a morte applicando a sua fouce, fazem tantas, e taes monstrosidades, que nem da volta da roda está livre a maior soberania, nem do golpe da fouce está izenta a melhor mocidade. Lançando mão a morte da sua fouce, e havendo de dar o golpe em Caim, que era o mais velho, deu o golpe em Abel, que era o mais moço: foy a morte cruel, como o estio ardente, secou as flores, e deyxou os espinhos. Pegou a fortuna na sua roda, e amañando a Mardocheo, que era mais humilde, atropelou a Aman, que era mais soberano: foy como o vento feroz, que deyxou a erva pequena, e despedaçou a planta grande.

4 Tal foy como isto, e he o governo da fortuna, e o governo da morte; porem compa-

A 2 rando

rando hum governõ com outro governo, e hum caso com outro caso, mais arrebatão o nosso coração para o sentimento, às semrazoens da fouce, do que as desigualdades da roda; porque se hoje jazeis debayxo, como Joseph na cadeia, à manhã triumphareis de cima, como Joseph no throno: no imperio da roda ainda se guarda alguma justiça, porq̃ ainda temos alguma appellação: se hoje nos vay mal, à manhã nos irá bem; mas nas semrazoens da fouce huma vez, que se deu o golpe, já senão pôde esperar o remedio; aqui o cahir he para nunca mais levantar; disse-o Job: *Et si mane me quisieris, non subsistam.* Sõ no ultimo do mundo tem sua appellação: O ultimo da vida! Quem bem te considerara; e quem bem te lamentara com lagrimas de sangue! Daqui nasce, que os que estamos de fóra, nos ca-

Job. 7.
21.

fos da fortuna ordinariamente nos rimos, e nos casos da morte, ainda os estranhos, sempre de algum modo nos lastimamos.

5 Agora entra a minha consideração: se he credito dos defuntos as lagrimas dos vivos, grande credito desta morte foy o sentimento de tantas vidas! Que pessoa houve neste povo, que visse o nosso caso com os seus olhos enxutos? Que pessoa houve neste Reyno, que considerasse o nosso caso, que não lastimasse? O povo divide-se em trez estados; o primeyro he o estado dos Ecclesiasticos, o segundo he o estado dos Nobres, o terceiro he o estado dos Plebeos: todos estes trez estados se lastimarão nesta morte. Quando morreu Christo Senhor nosso, rasgou-se o veo do Templo: *Velum templi scissum est*; escureceu-se o Sol: *Obscuratus est sol*; e

Matth.
27. 51.
Luc.
23. 45

Matth.
27. 51.

quebrarão-se as pedras: *Petræ scissæ sunt.* Estes forão os generos de creaturas, que sentirão a morte do seu Creador. Mas porque havião de fer estes trez? He o que eu pergunto agora. Respondem os DD. que sentirão estas creaturas, porque morria na Cruz o seu Creador. Boa razão: morria o Senhor do mundo, era obrigação sentirem os trez estados da terra; e assim sentirão os Ecclesiasticos, os Nobres, os Plebeos: por parte dos Ecclesiasticos sentio, e rasgou-se o veo, que à sua forte se deu o supremo lugar no Templo: *Velum templi scissum est*; por parte dos Nobres sentio, e escureceu-se o Sol, a quem a sua luz deu o esclarecido de sua nobreza: *Obscuratus est sol*; por parte dos Plebeos sentirão, e quebrarão-se as pedras, às quaes a sua fortuna poz no humilde da terra: *Petræ scissæ*

Tom I.

sunt. Desorte, que se ereis humilde sentieis; porque sentirão as pedras, se ereis nobre sentieis; porque sentio o Sol, se ereis Ecclesiastico sentieis; porque sentio o veo.

6 Muyto vay do Creador à creatura; mas admiremonos, e com razão. Sentirão a morte da creatura os mesmos estados, que sentirão a morte do Creador: todos sentirão; aos Ecclesiasticos obrigou-os a sentir a piede; aos nobres obrigou-os a sentir o fangue; aos plebeos obrigou-os a sentir a necessidade. Nas historias humanas se conta, que pintavão os Egypcios nos tumulos dos mortos os coraçãoes dos vivos. O Sol amortecido! Na vossa sepultura estão os nossos coraçãoes sacrificados: ereis vós o thesouro de todas as perfeçoens; que muyto, que ahí estejam os coraçãoes dos vivos? *Ubi enim thesaurus, ... ibi*

Luc.
12. 34.

Genef.
23.19.

3 cor. Lá se diz, que Sara, esposa de Abraham foy sepultada em huma sepultura dobrada: *In spelunca duplici*. Muyto vay de hum caso a outro caso, de huma sepultura a outra sepultura: lá era huma a sepultada, e muytas as sepulturas; aqui he huma a sepultada, e muytos os sepultados; hum o corpo, e muytos os coraçõens; o corpo, como despojo da morte, os coraçõens, como victima do sentimento. Ninguê he tão cabalmente amado, que não seja de alguis aborrecido: Joseph era amado do pay, e aborrecido dos irmãos; David era amado de Jonathas, e aborrecido de Saül; porem o nosso Sol, de todos era commumente amado, porque de todos foy universalmente sentido. Contasse, que os Parthos apedrejãvãõ o Sol quando se punha: O' Sol illustre! Quando vós puzestes,

não vos perseguirão as pedras do nosso odio, seguirão-vos sim as lagrimas do nosso coração; mas justo era, que nos fizesse-mos hum mar, para que a morte tivesse onde sepultar hum Sol: *Sol cognovit, &c.*

§. II.

7 **S** Endo pois obrigação dos que vivem, o sentimento dos que morrem, em nenhum caso foy mais justo o sentimento, do que neste, que agora experimentamos; porque nunca houve mais desusado golpe: ora vejam. Os golpes, que a Justiça Divina dà ordinariamente nas familias da terra, tem esta grande, e notavel differença; humas vezes se dà o golpe nas posses, outras vezes se dà o golpe nas esperanças. Entra a morte hum dia no Paço das Senhorias da terra, leva hum dos filhos; eys aqui o golpe

pe nas esperanças: entra outro dia, leva a mãy; eys aqui o golpe nas posses. Entrou a morte na casa de Jacob, deyxou o filho, e levou a mãy; morreu Rachel: O' que grande golpe nas posses de Jacob! Entrou a morte outro dia na casa de David, levou o filho, deyxou a mãy; viveu Bethsabê: O' que grande golpe nas esperanças de David! Isto he o que antigamente succedia; mas não he isto o que agora succedeu: antigamente humas vezes levava a morte a mãy, e deyxava o filho, como vimos na casa de Jacob; outras vezes levava o filho, e deyxava a mãy, como vimos na casa de David; porem hoje não foy assim; unio as casas, para multiplicar os golpes; levou o filho, como fez na casa de David, levou a mãy, como fez na casa de Jacob; levou a posse, e cortou as esperanças: O'

Tom.I.

que grande, e desusado golpe!

8 Quiz Deos antigamente dar hum golpe, e hum grande castigo a Nabuco Monarca dos Affirios, e representou-lhe huma arvore em sonhos destruida: *Succidite arborem*. Pois quem o golpe de huma arvore para atemorizar, ainda só sonhada, a hum Monarca? Não estava já a estatua destruida? Sim estava; pois se não bastou para a emenda a estatua desfeyta, porque rasão ha de bastar a arvore cortada: *Succidite arborem?* Sabem porque? Porque o golpe na arvore era golpe juntamente na posse, e nas esperanças; era golpe nas esperanças, porque se arrancou o fruto: *Dispergite fructus*; era golpe na posse, porque se cortou a arvore: *Succidite arborem*; e só o grande deste golpe podia segurar o difficiloso daquella emenda.

Daniel
4. 11.

Ibid.

A 4 Na

Na estatua levou a morte huma parte, porque levou a posse dos metaes; porem na arvore levou a morte tudo; levou a esperanças do fruto, levou a posse da arvore: *Succidite arborem, dispergite fructus.*

9 Este mundo, que vedes estendido, he hum pomar dilatado; nelle as varias arvores são as diversas familias: vem a morte, entra neste pomar, e humas vezes colhe o fruto, e leva os filhos; outras vezes corta as arvores, e leva os pays; porem nesta occasião não perdoou à arvore, porque cortou a mãy; nem perdoou ao fruto, porque levou o filho: executou o golpe, assim como introduzio a tyrannia; e se não pergunto: como se introduzio a morte tyranna no Paraizo? Introduzio-se levando tudo; matando os pays, e matando os filhos: pois as-

sim como foy a morte antigamente, assim foy agora: antigamente cortou tudo com hum só golpe, filhos, e pays; agora cortou tudo com huma só acção, filho, e mãy: *Succidite arborem, dispergite fructus.* Nunca a morte executou com tanta tyrannia a sua jurisdicção, que não deyxasse algum portigo aberto ao nosso alivio. Lá levou antigamente a nossos primeyros pays seu filho Abel, mas logo lhes nasceo seu filho Seth; este alivio diminuo de alguma forte aquelle sentimento; porem hoje deu o golpe de tal modo, que levou a mãy para que nós ficassemos com o sentimento, e levou o filho, para que ficassemos sem o alivio.

10 Com varias armas se pinta a morte nas Divinas letras: pinta-se com huma vara; assim a vio Amós: *Ucinum pomorum*: pinta-se com huma

Zachar.
5. I.
ex verb.
LXX.

Psalms.
7. 13.

huma fouce; assim a vio Zacharias: *Ecce falx volans*: pinta-se com hum arco, e outras vezes com huma espada; assim a vio David: *Gladium suum vibrabit, arcum suum tetendit.* Eys aqui morte com vara, morte com fouce, morte com seta, e morte com espada; pergunto agora: com qual destas armas executou a morte a sua tyrannia no nosso caso? Direy: não matou com vara, porque a vara dà huma só pancada; não matou com fouce, porque a fouce dà hum só golpe; não matou com seta, porque a seta dà huma só ferida; a arma, com que matou, foy a espada: applicou dous gumes para nos dar dous golpes; de huma parte cortou o fio da vida, que estimava-mos na mãy, da outra parte cortou o fio da vida, que esperava-mos no filho; para cortar dous fios em duas vidas, applicou dous

Amos
8. 2.

fios em huma só espada: *Gladium suum vibrabit.* Ainda digo mais: atégora applicava a morte hũa só mão; assim se vio quando se armou contra Balthazar: *Apparuerunt digiti, quasi manus*; porem hoje applicou ambas as mãos; com huma mão levou a mãy, e com outra pegou, e levou o filho; foy morte, que levou tudo; no filho levou a luz, na mãy sepultou o Sol: *Sol cognovit, &c.*

11 Mas, que assim seja a morte, eu o não estranho; porem, que assim morra o Sol, he o de que me admiro! O Sol he Princepe, como dizem as Escrituras: *Luminare majus*; o Sol he entendido, como dizem os SS. PP. *Mens mundi*; o Sol he bello, como dizem os Filosofos: *Pulchritudo universi.* E que contra a morte não valesse ao Sol, nem o ser bello, nem o ser entendido, nem o ser soberano!

Daniel.
5. 5.

no! O' que grande admiração! Consideremos bem estes pontos.

§. III.

12 **A**dmira-se primeiramente a nossa consideração de ver morrer o Sol, sendo Príncipe. Pareciame a mim, que a quella mesma fortuna, que fez os Príncipes mayores, os devia fazer immortaes: porque parecia justo, que tivessem a immortalidade, para que lograssem a soberania. Pelo menos, quando o demônio prometteu a Adam, que havia de ser soberano: *Eritis sicut dij;* Genf. 3. 5. logo lhe ensinou, que havia de ser immortal: *Nequaquam moriemini;* Ibiv. 4. parendolhe àquelle espirito mentiroso, que não havia Adam de crer a promessa da mayoria, sem o attributo da immortalidade. Assim parece, mas não he assim; antes daqui em diante

deve cessar a admiração, vendo, que tambem morreu o Sol, sendo Príncipe: *Sol cognovit, &c.*

13 Os Príncipes tem o serem Príncipes, e tem o serem homens; por homens tem certa a morte: *Statutū est hominibus semel mori;* Hebr. 9. 27. por Príncipes tem breve a vida: *Principatūs vitā brevis.* Demodo, q̄ se fois homem, tendes a morte certa, se fois Príncipe, tendes a vida breve. Que bẽ estava Salamão nesta verdade! Vay elle fallando de si no livro do Ecclesiastes, e diz estas formaes palavras: *Ego Ecclesiastes fui Rex Israël.* Nota- Ecclesi. 1. 12. vel modo de fallar! E bem, não era elle o que actualmente vivia? Pois como diz, que foy: *Fui;* havendo de dizer, que era: *Sum?* Se elle fallara de hum Rey morto, bem era que usasse daquela frase do tempo passando; mas fallando de hum Rey vivo, diz, que he Rey, que já passou; diz,

diz, que he Rey, que já foy: *Fui Rex?* Sim; porque he tão caduca a soberania, e he tão mortal a Magestade; que ainda nos alentos da vida, se explica pela frase de morta: bem sabia Salamão, que ainda vivia naquelle tempo; porem conhecendo a sua Magestade, achou, que se explicava melhor pelo tempo, que já vivera, como coufa, que foy, do que pelo tempo, que ainda vivia, como coufa, que era: saiba, saiba o mundo, que he tal a vida dos soberanos, que quando escreve como viva, falla como morta: *Fui Rex.*

14 Mais provey, do que prometti; prometti provar, que a Magestade era mortal, e provey, que a Magestade era morta. Nas historias Divinas se diz, que a nossa vida he como o vento: *Ventus est vita mea;* nas historias humanas se escreve, que a

Fortuna tem azas; e quanto mais a Fortuna bate as azas para subir, tanto mais sopra o vento da vida para acabar. Là mandou Deos a Moyses, que subisse ao monte, e morresse: *Ascende in montem, & morere;* Deuter. 32. 49. porque o mesmo he subir muyto, que acabar logo: tanto que Moyses subio do valle para o monte, logo desceu do monte para a sepultura, que não podia durar muyto, quem subia tanto. Referem as antigas historias, que os Gentios, quando coravão as suas Magestades, a purpura, que lhes vestião, era huma purpura toda semeada de ossos: O' que grande desengano! Despojos da morte acompanhavão o triunfo da Magestade. Que outra coufa era serem antigamente os Reys ungidos, senão hum prognostico, que havião de ser mortos? Là se deu a Saül o final da

1. Reg. 10. 3. da sua coroa junto da sepultura de Rachel: *Invenies duos viros juxta sepulcrum Rachel*; para que foubesse aquella Magestade, que havia de ser apressada na morte, pois era principiada na sepultura.

15 Bem conheceu este defengano Nehemias. No tempo, que se reedificou a grande Cidade de Jerusaleem, forão as familias fazendo suas casas, conforme a fortuna dos sitios; podem Nehemias edificou o seu Paço defronte da sepultura de David: *Aedificavit Nehemias contra sepulcrum David*. Mysterioso sitio na verdade! E bem! Não havia outro lugar? Não havia outro sitio? Defronte da sepultura se havia de fazer o Paço? Sim; porque nesta vida não ha jornada mais certa, do que a jornada do Paço, para a sepultura: era Nehemias Principe: *Nehemias Princeps*; e co-

mo conheceu, que o mortal estava vinculado ao illustre, fez a casa defronte da sepultura, fez o Paço junto do tumulo: *Contra sepulcrum*. Notay: edificou Nehemias o seu Paço entre a sepultura, e a piscina: assim diz o texto: *Contra sepulcrum, & usque ad piscinam*: O' nobreza caduca! O' soberania fragil! A tua morada, ou he junto da piscina, como mais enferma, ou defronte da sepultura, como mais mortal: *Contra sepulcrum, usque ad piscinam*.

16 Là disse Aristoteles, que a natureza tem mais cuydado dos nobres para os produzir: *De nobilioribus majorem curam habet natura*: assim ferà; mas se he com os illustres desigual a natureza, porque os produz com mayor perfeição, he desigual a morte, porque os leva com mayor pressa: a natureza ha-se com elles se

como mãy, a morte ha-se com elles como madralla; he a natureza mãy dos Princeses, porque trata delles, como se os pequenos não forão filhos; he a morte madralla dos Princeses, porque os persegue a elles, como se os humildes não forão mortaes; e assim se ha desigualdades no berço, tambem hà desigualdades na sepultura. Quem no berço nasce para ter mais, tambem correu logo à sepultura para ter menos. A primeyra purpura, que o Author da natureza vestio à Magestade humana, foy de humas pelles, para que foubesse a mayor soberania, que em final da sua mortalidade vestia aquelles despojos da morte. Là se conta, que se conservão as cinzas no cume do monte Olympo immoveis: O' Princeses! O' grandes! Nunca se apartou do cume da vossa grandeza, a cinza da nos-

sa mortalidade: por mais que sóprem os ventos da fortuna, sempre no alto da vossa grandeza, apparecem as cinzas da vossa fragilidade.

17 A morte està vinculada à natureza humana; mas são tão mortaes os Princeses, que vindo aos outros homens a morte pelo que tem de homens, aos Princeses vem-lhes a morte pelo que tem de mortaes, e pelo q̄ tem de Princeses. Em casa de dous Grandes de Judea entrou Christo Senhor nosso, em casa de Pilatos, e em casa de Herodes; em casa de Pilatos vestirão os Ministros do Presidente ao Senhor huma purpura, ou roupa vermelha: *Induunt eum purpura*; em casa de Herodes, vestirão os Ministros do Paço ao Senhor huma roupa branca: *Indutum veste alba*. Pois que diversidade he esta tão grande? Que differença he esta tão notavel? Huma vez faz o

Senhor o papel de suas affrontas vestido de vermelho, outra vez faz o papel de suas injurias vestido de branco? He vermelha a roupa, que veste em casa de Pilatos? He branca a roupa, que veste em casa de Herodes? Sim; porque andão tão unidas a mortalha com a purpura, que no mesmo tempo, que o Senhor teve a purpura de Rey na roupa vermelha, teve logo a mortalha de defunto na roupa branca: no mesmo dia, que Pilatos o vestio como Rey, Herodes o amortalhou como mortal: e vòs, Senhor, subis à purpura: *Induunt eum purpura?* Pois logo haveis de descer à mortalha: *Indutum veste alba.*

18 A' rosa deu a natureza o septro das flores; e se bem advertirem, a rosa vermelha tem a purpura, a rosa branca tem a mortalha; porque não ha differen-

ça entre o throno, e a sepultura, assim como não ha differença entre huma, e outra rosa: nas flores se desenganem os Grandes, porque o que aqui he purpura, alli he mortalha. Os Princepes são como os velhos; o que os velhos padecem pelos annos, isso padecem os Princepes pela grandeza: à sepultura são os velhos mais chegados, à sepultura estão os Princepes mais visinhos; e senão vejão. Correrão para a sepultura de Christo Pedro, e mais João; porem Pedro entrou primeyro: *Introivit in monumentum*; pergunto agora: e qual seria a causa desta cortezia? Está dita: era Pedro velho, e era Princepe; e como a casa era a sepultura, a grandesa, e os annos lhe facilitarão a entrada. Todos caminhamos para a sepultura, huns com os passos mais vagarosos, outros com os passos mais

Joan.
20.6.

mais apressados; porem os que entrão primeyro, ordinariamête fallando, são os mayores na idade, e os mayores no lugar. Que muyto logo, se a grandesa he mais que tudo mortal, vejamos nós hoje o Sol, por ser dos planetas Princepe: *Luminare majus*, na sepultura do seu occaso: *Sol cognovit occasum suum.*

§. IV.

19 **A**dmira-se tambem a nossa cõsideração de ver morrer o Sol, sendo entendido, e com muyta razão se admira. O entendimento he vida da alma, e parece, que quem era mais vivente na alma, havia de ser mais vivente no corpo. Assim o quiz persuadir a serpente a nossos primeyros pays: diffelhes, que havião de durar muyto na vida: *Nequaquam moriemini*; porque havião de viver

Genes.
3.4.

muyto no entendimento: *Eritis sicut dii sci-entes*; mas tudo era engano; porque os mais entendidos são ordinariamente os mais mortaes: nenhum Adam comeu da arvore da sciencia, que chegasse a gostar da arvore da vida. He esta proposição tão certa, e está por tantos engenhos discutida, que se a não remetter ao silencio, ao menos encõmendala-hei à brevidade.

20 Quem entende muyto ordinariamente vive pouco; e a razão verdadeyra he esta: as operaçoens do juizo cansão as facultades do corpo, e tanto que está offendido o corporeo, logo se apressa para mortal o vivente: quem adelgaçou o fio do juizo, para entender, logo cortou o fio da vida, para acabar: o principio da nossa vida, he o calor, e logo se extinguiu o calor da vida, tanto que se acen-

Ibi.5.

Genef.
2. 17.Genef.
3. 20.

acendeu a luz do entendimento. Adam foy pay dos mortaes: *Morte morieris*; Eva foy mãy dos viventes: *Mater cunctorum viventium*. Pois q̄ differença he esta tão notavel? Por Eva nos vem a vida, por Adam nos vem a morte? Pela mãy nascemos viventes, e pelo pay nascemos mortaes? Que razão haverá para esta differença? Ouvi agora o que diz S. Paulo. Diz o Doutor das Gentes, que Eva obrou como ignorante na tentação, porque obrou enganada, e que Adam obrou conhecendo: *Adam non est seductus: mulier autem seducta in pravaricatione fuit*. Ah sim? Eva teve ignorancia da sua parte? Pois por isso teve da sua parte a vida: *Mater viventium*: Adam teve da sua parte a sabedoria? Pois por isso teve da sua parte a morte: *Morte morieris*. Tanta união tem a vida com a ignorancia,

1. Thimoth.
2. 14.

que Eva que ignora, he mãy dos que vivem; tanta inclinação tem a sabedoria para a morte, que Adam que sabe, he pay dos que morrem: pelo acto da sabedoria de nosso pay nos veyo a morte: *Adam non est seductus*; pelo da ignorancia de nossa mãy, nos veyo a vida: *Mulier autem seducta fuit*.

21 Commummente se chamão os discursos do nosso juizo partos do nosso entendimento: são como os partos das viboras, onde a filiação sempre he morte da maternidade: o mesmo he fahir à luz da intelligencia o racional, que meter-se nas trevas da morte o vivente. Da luz se diz, que se augmenta para resplandecer nas vesperas de acabar; porque os excessos dos resplendores sempre profetizarão diminuição da vida. Dous finaes teve Christo Senhor nos-

fo,

Luc.
2. 12.Matth.
2. 2.Tertul-
lian.

so, quando nasceu; o primeyro foy o que se deu aos pastores, e era acharem o Menino envolto em alguns pobres pannos: *Invenietis infantem pannis involutum*; o segundo foy o que se deu aos Reys, e era huma estrella nascida no Oriente: *Vidimus stellam ejus in oriente*. Pois que diversidade de finaes he esta? Huma vez o testemunha a estrella, outra vez o testemunhão as mantilhas? Porque razão? Para darmos a resposta havemos de saber, que diz Tertulliano, que as mantilhas são o mesmo que as mortalhas. Ah sim! Pois huma vez que Christo teve na estrella luz, logo havia de ter nos pannos mortalhas: são finaes proporcionados, ou a luz, que significa o entendimento, ou as mantilhas, que significão as mortalhas: os Reys acharão no luzido: *Vidimus stellam ejus*; os

Tom. I.

pastores acharão no a-mortalhado: *Pannis involutum*. Notay: os Magos, que tiverão por sinal a estrella, buscarão a Christo como Rey: *Ubi est, qui natus est Rex Judæorum?* Os pastores, que tiverão por sinal os pannos, buscarão a Christo como Verbo: *Videamus hoc verbum*; e isto porque razão? Sabem porque? Porque o Verbo he entendimento do Pay; e o mesmo foy buscar o Verbo entendido: *Videa-* Luc. 2.
mus hoc verbum; que 15.
achar o Verbo amortalhado: *Invenietis infantem pannis involutum*.

22 He tão certa esta doutrina, que até no insensível está verificada. O Jordão se chama commummente rio do juizo: *Fluvius judicij*; e se perguntarmos aos natúraes, em que mar entra o Jordão? Dirnos-hão todos, que no mar morto. Ha caso

B co-

como este! Todos os rios entram no mar, onde tem a sua vida; porém hum, que teve juizo, logo entrou no mar da morte. Tanto que o Jordão discorreu como entendido: *Fluvius judicij*, logo correu como mortal: *In mare mortuum*. Bom, e optimo entendimento tinha o assumpto da nossa Oração; fazia as perguntas, como quem doutrina, praticava as respostas, como quem entendia; a mayor parte do tempo occupava na lição dos livros; entendeu muyto, porisso viveu pouco; acabou como mortal, porque entendeu como Sol: *Mens mundi. Sol cognovit occasum suum*.

S. V.

23 **A**dmira-se ultimamente a nossa consideração de morrer o Sol sendo bello, e admira-se com muy-

ta causa, porque a formosura nasce da composição dos humores; e corpo, que nasce melhor composto, por consequencia devia ser mais duravel. Assim parece, mas não he assim. Tudo nesta vida he mortal, mas a belleza he mais mortal que tudo: disse-o hum Gentio: *Pulchritudine nihil gratius, nihil brevius*. He a formosura hum bem, que agrada muyto, mas dura pouco. Sendo a formosura hum dos mayores bens, arrou contra ella a natureza os mayores males; tem contra si a enfermidade, o tempo, e a morte; a enfermidade a muda, o tempo a envelhece, a morte a consome; mas entre todos estes inimigos a morte he o mayor: póde a formosura fer de Sol, mas a duração ha de fer de rayo; o mesmo he apparecer, que acabar.

24 Tanto que Moyses

tes teve formosura no rosto, logo se lhe mandou, que morresse no monte. Com muytos exemplos destes está provada esta doutrina. As mayores formosuras, que houverão na Ley escrita, forão a formosura de Rachel esposa de Jacob, e a da Sunamitis esposa de Salamão. E que quer dizer Rachel? E que quer dizer Sunamitis? Direy: Rachel quer dizer: *Videns principium*; Sunamitis quer dizer: *Dormiens*. Deforte, que a mayor formosura, ou he como Rachel, que não passa da mocidade, pois vio só o principio; ou como a Sunamitis, que logo chega á morte, pois teve sempre o sono: ou corre tanto, que chega logo ao sono da morte: *Dormiens*; ou dura tão pouco, que não passa do principio da vida: *Videns principium*. He a formosura exhalção, que corren-

Tom. I.

do logo acaba; rio, que com qualquer tormenta logo se turba; flor, que com qualquer calma logo seca; vidro, que com qualquer toque logo se quebra. A primeyra cousa, que neste mundo appareceu bella, e formosa, foy o pomo da arvore da sciencia: assim o vio Eva: *Pulchrum oculis*. Pois se elle era pomo da sciencia, porque lhe não pareceu entendido? A arvore era da sciencia, o pomo era da formosura? Sim; porque a arvore da sciencia era arvore da mortalidade; e foy tal a Providencia Divina, que para nosso defengam poz na arvore da morte o pomo da formosura: o pomo era formoso, mas a arvore era mortal. O' formosuras humanas! Sois pomo da belleza em arvore da mortalidade: a belleza do pomo agrada muyto: *Pulchrum oculis*; mas da mesma arvore nasce a morte:

Genes.
3. 6.

Genf. 2. 17. morte: *Morte morieris.* 26 A mayor formosura de Absalão estava nos seus cabellos; estes, como crecção muyto, todos os annos se cortavão. O' belleza humana! Quanto mais cresce á tua formosura, tanto mais a parca afia a sua tisoura: tu a crescer, a morte a cortar. Lá se compára a morte ao Aspid; e se o Aspid está sempre ao pé das flores, que muyto que a morte vá sempre roendo as bellezas? Quiz Deos formar a Eva, e diz o texto sagrado, que o Senhor a fez de hum osso de Adam: *Tulit unam de costis ejus.* Notavel materia para tal obra! E bem! De hum osso faz Deos huma mulher? Do osso de Adam forma Deos o corpo de Eva? Sim; para que foubessem as formosuras do mundo, que erão tão mortaes, que dos ossos da morte se

formava o corpo da belleza: os ossos são a materia de que se compõe a morte; e vivem tão unidas a morte, e a formosura, que esta se forma daquelles mesmos ossos, de que se compõe a morte: morte, e formosura tudo são ossos: *Tulit unam de costis ejus.* Logo se não vive a formosura, que muyto morra o Sol sendo bello? *Pulchritudo universi. Sol cognovit occasum suum.*

27 **T**emos satisfeyto ás admiracoens do entendimento, mas não temos consolado o sentimento da vontade. Porém, se está satisfeyto o juizo, vendo morrer o Sol, console-se a vontade, vendo que o Sol morreu conhecendo, que morria: *Sol cognovit occasum suum.* Esta

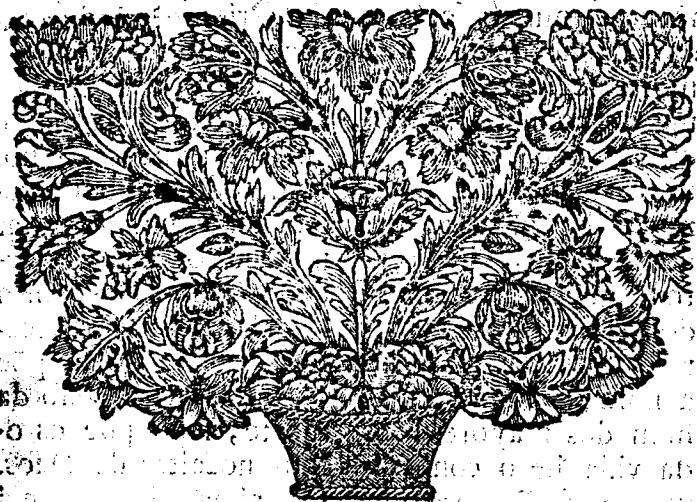
palavra do nosso thema: *Cognovit;* consola o entendimento, e dá grande alivio á vontade. He verdade, que o Sol acabou, mas tambem he verdade, que o Sol conheceu. Muytos dias antes da sua morte disse a Excellentissima Senhora Condeça, que havia de morrer muyto cedo; ao conhecimento da morte se seguiu o exame da consciencia. O' que grande fundamento para piedosas esperanças! Quem morre conhecendo, he certo, que morre amando. Hum dos mayores males da vida he a hora da morte; mas hum dos mayores bens da vida he o conhecimento dessa hora.

28 Quiz o Evangelista acreditar a virtude de Christo, e para isso lhe publicou o conhecimento da morte: *Sciens Jesus, quia venit hora ejus:* quem morre com os olhos

na morte, sempre acaba com os olhos em Deos. Diz Ruperto, Rupert. que o altar do Tabernaculo estava para a parte do Occidente. Pois se Deos queria altar para ser servido, e adorado, não era melhor, que este altar estivesse para a parte do Oriente? Assim parece; pois era justo, que estivesse o altar de Deos onde nascia o Sol, porque dalli nós vem todo o bem: como logo poz o altar no Occaso? Sabeis porque? Quiz Deos pôr o feu altar junto ao Occaso; porque quem põe os olhos no occaso da morte, logo põe os olhos no altar de Deos. O' alma innocente! Assim acabastes, porque assim fostes; fostes Sol, e acabastes como Sol: puzéstes os olhos no occaso da vida, para pôr os olhos no altar do Senhor: piedosamente cremos, estais

como Sol no Oriente
da gloria, pois acaba-
res como Sol no Oc-

caso da vida: *Sol cog-
novit occasum suum.*



SER-



SERMÃO DO MANDATO,

Pregado na Capella Real.

*Ante diem festum Paschæ sciens Jhesus quid
venit hora ejus, ut transcat ex hoc mun-
do ad Patrem; cum dilexisset suos, qui
erant in mundo, in finem dilexit
eos. Joann. 13.*

S. I.

chegou a hora, que fe-
stejava vosso amor. Não
sey que tem o amor, e o
odio, que as vespéras
da festa do odio são o
dia da festa do amor.
Porque o odio se havia
festejar depois no mon-
te Calvario offendendo,

29 **N**A S ves-
peras da
quella Pas-
choa, que
festejavao. (Senhor) vos-
fos contrarios, diz o Eu-
angelista S. João, que
Tom. I.

B4 por

porisso o amor se festejou antes no monte Thabor luzindo. Só ha esta diversidade; que os dias festivos do amor se reduzem a huma hora: *Venit hora*; e as horas solemnes do odio se alargão a hum dia: *Ante diem*. Na opinião de Labão, quando o servia Jacob, sette annos de serviço lhe derão catorze annos de trabalho, porque o trazia com engano Labão; e na opinião de Jacob sette annos de trabalho se reduzirão a poucos dias de serviço, porque servia com amor Jacob: *Videbantur illi pauci dies pro amoris magnitudine*. Porisso a hora, que os Judeos festejavão, se alargou a dia: *Ante diem*; porisso o dia, em que Christo padeceu, se reduzio a hora: *Venit hora*. E assim contando o Euangelista o muyto, que Christo nesta hora nos amou: *In finem dilexit*; logo falla neste

Genes.
29. 20.

amor, huma vez, que tem fallado na hora; para que não cuydemos, que reduzir a huma hora hum dia, he effeyto do tempo, quando só he obra do amor: *Ante diem... sciens quia venit hora... In finem dilexit*.

30 Esta hora, que para Christo foy de gosto, he para os Prégadores de trabalho: não houve atégora Prégador, que a pré-gasse com total satisfação do auditorio: que muytos satisfação ao agrado da gente, eu o creyo; mas que alguém igualasse o desejo do povo, eu o duvido; e a razão, que achey, he; que o Mandato he todo Sermão de amor, e nas materias de amor sempre se espera mais do que se diz. Perguntou Christo a S. Pedro, se o amava mais que todos: *Simon Joannis Joann. diligis me plus his?* E 21. 15. S. Pedro lhe respondeu, que o amava: *Tu scis quia*

quia amo te. Reparay Pedro, que o Senhor não vos pergunta, se o amais? Que isso suppõe elle como certo; o que pergunta he, se o amais mais que todos: *Plus his?* E pois o Senhor vos pergunta, se lhe quereis mais que todos? Porque lhe respondeis fomite, que o amais: *Amo te?* Porque em materias de amor sempre se espera mais do que se diz: o Senhor esperava, que Pedro dissesse o excesso: *Plus his*; e Pedro sahio-se só com o amor: *Amo te*. Não disse o que o Senhor esperava, disse menos do que o Senhor queria; pois confessou só o amor, esperando o Senhor ouvirhe os excessos; porque sempre em materias de amor se espera mais do que se diz. Isto, que succedeu a Pedro naquella occasião, succede aos Prégadores nesta hora; o povo espera excessos, e elles

dizem só amores: mas isto não he culpa do juiz, he privilegio do amor: e assim em tão difficultosa empreza, que assumpto tomaremos, para de alguma forte satisfazer á expectação do auditorio? Que? Amor, q obra tres excessos, unindo seis extremos, para vencer seis impossiveis. Tudo hey de achar no Euangelho. Começemos.

S. II.

31 **S** Eis generos de pessoas confidéro eu incapazes de amor; sabios, e ignorantes; ausentes, e presentes; fervos, e fenhores. O primeyro genero de pessoas incapazes de amor são os sabios; o segundo genero, e o segundo extremo, que se lhe oppõe, são os ignorantes; logo hiremos a estes, começemos pelos primeyros. Não podem amar os sabios: a razão he; porque o amor he dif-

divello, he pena, he cuidado, e talvez despreso; e como os fabios advirtão do amor as pençoens, não podem querer do amor os empregos: he sem razão o amor, he com razão a sabedoria; pois como se pode unir huma razão, e huma femrazão? Logo no principio do mundo dividio Deos a Luz das trévas: *Divisit lucem à tenebris*. He trévas o amor por cego, he luz a sabedoria por clara; vede agora quantos seculos ha, que estão divididas a luz das trévas, e achareis, que tantos tempos ha, andão apartados o amor, e a sabedoria. Conformer-se a luz; e as trévas, a sabedoria, e o amor: difficultoso empenho.

32 Nos primeyros annos sabemos, que se resolveo o Principe Jonathas a amar ao Pastor David: e naquelles principios lemos, que David era amado de Jona-

thas, mas não lemos, que Jonathas fosse amado de David. E he possível, que não ame David, amando Jonathas? Se se diz, que Jonathas amou, porque senão diz, que amou David? Porque se diz, que David entende: *David prudenter se agebat*.^{I. Reg. 18.5.} Quem quizer saber o porque David não ama, sayba, que he, porque David entende; confessarão-no entendido, não lhe presumirão amor; não se disse, que era amante, porque se havia dizer, que era prudente: *Prudenter se agebat*. Tão inimigo he o entendimento do amor, que logo deyxamos de ser amantes, em chegando a ser entendidos.

33 Sabeis poronde acabou o verdadeyro amor? Pelo peccado de nossos primeyros Pays: tanto que nossos primeyros Pays comerão da arvore da sciencia, logo perderão as finezas do

do amor: pela sciencia acabou o amor, e começou o odio. De forte que naquelle ponto, em que forão fabios, deyxarão de ser amantes: amavão antes de comer da arvore da sciencia, mas tanto que provárão a sabedoria, logo renunciarão o amor; logo deyxarão de amar em começando a entender: foy aquelle poimo peçonha para a vida, veneno para o amor; foy peçonha para a vida, porque trazia vinculada a morte: *Morte morieris*; foy veneno para o amor, porque trazia unida a sciencia: *Scientes bonum, & malum*. E noto eu, que tanto que elles comerão da arvore da sciencia, logo se lhes abrião os olhos: *Aperti sunt oculi amborum*. E com razão; porque antes de serem fabios, como eraõ amantes, trazião os olhos fecha-

dos; mas em sendo fabios, como deyxarão de ser amantes, ficarão com os olhos abertos: *Aperti sunt oculi amborum*.

34 Não fey que tem o amor, e o entendimento, que se quereis mostrar o entendimento, haveis de perder o amor, e se quereis conservar o amor, haveis de cativar o entendimento. O amor dizem, que he prisão da vontade; mas eu digo, que o amor he prisão do juizo: se quereis, que o coração obre finezas, haveis de pôr cadeyas no entendimento para que não tenha discursos. Quando Eva foy formada, diz o Texto, que Adam dormia; e que razão haveria para este sono? Direy. Havia dar Adam olado, que do coração era mais visinho, para Deos formar a Eva; e quem havia dar o lado para huma obra de amor, era necessario ter hum sono

Genef.
I.4.

Genef.
2.17.

Genef.
3.5.

Ibi.7.

Vid. Bened. Pe-
regr. in
cap. 2.
Genef.
quest. 4.

no juizo: quando houverem acçoens no peyto, não podem haver operaçoens no entendimento: porisso Adam fechou os olhos, tanto que se lhe havia de abrir o lado; que para haver lado aberto ao amor, hão de estar primeyro os olhos fechados ao discurso. Porisso tambem depois de morto, he que teve Christo aberto o peyto; porque para ter o peyto aberto com a lança, houve de ter primeyros olhos fechados com a morte: olhos abertos, e peyto aberto, e olhos fechados, isso fim: amor, e cegeyra, fim; amor, e vista, affeyção, e juizo, não. Bem entendeu esta verdade o meu S. Pedro Chryfologo, quando disse, que o amor não tinha razão: *Amor iudicium non habet*. Mas para que he allegar Authoridades, e multiplicar Escrituras? Fiquemos nisto, feis; não podem amar

Chryfolog.

os sabios, nem podem querer os entendidos.

35. Porém igual a este impossivel he o de amarem os ignorantes; a razão he; porque o amor he fogeção da vontade, he união de coraçõens, he preferencia de fugeytos; quem ama prefere a todos, o que estima, fogeita-se à pessoa, que quer, une-se ao bem, que adora; e hum nescio não sabe preferir, porque ignora; não se pôde fogeitar, porque presume; não se quer unir, porque se desconforma. Demodo que ignorar, e querer, ser nescio, e ser amante, he impossivel.

36 Perguntou huma hora a S. Pedro Christo, se o amava? *Simon Joannis diligis me?* S. Pedro lhe respondeu, que fim: *Tu scis, quia amo te.* Ibi. Mas o Senhor, como quem duvidava, ainda fez segunda, e terceyra vez a pergunta: *Amas me?* E bem! Não disse já

já Pedro, que amava? Não confessou já, que queria? Pois que razão teve o Senhor para lhe pôr duvida depois da confissão? Ora digo, que na confissão de Pedro esteve a duvida do Senhor. He verdade, que Pedro confessou, que amava; mas não confessou, que sabia que amava: poz em si o amor: *Amo te;* e em Christo a sabedoria: *Tu scis.* E Christo, vendo que Pedro dizia, que o amava, e não confessava, que sabia, poz-lhe duvida no amor, porque lhe presumio ignorancia no juizo: dizendo Pedro, que ama, dizer, que Christo o sabe, he mostrar, que elle o ignora, e mostrar, que elle o ignora, he querer, que Christo duvide, que elle o ama: *Amas me?* E noto mais, q̄ entre todos os Apostolos só a Pedro selhe duvidado amor; e porque? Porque só d'elle se sabe, que ignora: teve igno-

rancias no Thabor: *Nesciens quid diceret;* e bastaráo aquellas ignorancias no fallar, para lhe porem estas duvidas no querer. Não se admitte fer nescio, e fer amante:

37 Fallando hum dia Salamam com a Esposa, lhe disse assim: *Si ignoras te ô pulcherrima inter mulieres.* E bem! Não sabia Salamam se a Esposa ignorava, ou entendia? Não tinha conversado com ella tantas vezes? Sim tinha; pois como duvida se he nescia: *Si ignoras?* Porque sabia, que era amante: *Amica mea;* e como sabia, que ella amava, duvidou, que ella não foubesse. Desorte que, se ignorais, duvidão, que quereis, e se quereis, duvidão, que ignorais; se ignorais, como Pedro, a ignorancia no vosso juizo são duvidas no vosso amor: *Amas me?* E se amais, como a Esposa, a certeza no vosso amor são

Luc. 9. 33.

Cant. 1.

Ibi. 14.

Ibi. 17.

faõ dũvidas na vossa ignorancia: *Si ignoras te.* Amar ignorando, querer não entendendo, não he amor, he precipicio.

38 Lá disse Christo, que se hum cego guiasse a outro cego, ambos cahirão precipitados: *Matth. 18. 14. bo in foveam cadunt.* Logo se o juizo for cego, sendo tambem cego o amor: O' que cego precipicio! O' que precipitada affeyção! O mayor castigo, que os Filistheos deraõ a Samsam, foy tirãremlhe os olhos; porque como era amante Samsam, não podia haver mayor castigo, que fazer fosse hum Samsam cego, o que era hum Samsam amante. Dizem, que o amor he ignorante, porque he menino o amor, aquem falta o uso da razão, he falso; porque o amor he menino, não porque lhe falte o uso da razão, mas porque lhe falta a razão do uso. Durãõ tão

pouco as affeyçoens do mundo, usa-se tão pouco o amor nos homens, que mais lhe falta ao amor a razão do uso, que o uso da razão. Dizer, que o amor he fogo, que com chamas abraza o coração, e com fumo cega o entendimento, he engano; pois os fumos do amor fazem o coração altivo, e não fazem o entendimento cego. Lá quando Deos fallou na sarça a Moyses, o fumo daquelle amoroso fogo não fez cego o entendimento, fez altivo o coração do Senhor: *Ego sum, qui sum.* Pois agora falla em si o Senhor? Sim; porque o fumo daquelle fogo não lhe cegou o entendimento, fez-lhe altivo o coração: *Ego sum, qui sum.* Tãõ longe está o amor de ignorancias: e assim ficemos nisto, Catholicos, não podem amar os ignorantes, não podem querer os nescios.

S. III.

S. III.

39 **M** As se nem os sabios, nem os ignorantes podem amar, quem he o que ama? Respondo, que aquelle, que, como Christo nesta hora, obra hum tal excessõ, que une estes dous extremos para vencer estes dous primeyros impossiveis. Oranotem. Desorte que aquelle, que quizer amar, ha de fazer-se ignorante no principio da affeyção, e mostrar-se sabio na continuação do amor: antes de querer ha de ignorar, e depois de amar ha de saber: o primeyro amor, que he amor no principio, hade ostentarse ignorante, hade fazer-se desentendido; o segundo amor, que he amor na continuação, hade-se mostrar sabio, hade-se ostentar discreto. A razão he; porque o amor representa grandes pe-

nas, que passar, offerece grandes difficuldades, que vencer: logo no principio hade fer o amor nescio, para que o animo senão esfrie; hade-se fazer o fugeyto desentendido; paraque se resolva a fer amante; mas depois na continuação, como as finezas correm por sua conta, como lhe tocão os excessõs, paraque todas as finezas, e todos os excessõs obre, he-lhe preciso, que todos os excessõs, e todas as finezas sayba; e senão vejão.

40 No Horto fallou o Bom JESUS a seu Eterno Pay, e disse desta maneyra: *Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste.* Aquelle si, como seja duvidoso, mostra o juizo ignorante: quem duvida da culpa, ignora a certeza; pois se o Senhor he sabio em quanto Deos, e em quanto Homem, comõ duvida, e finge, que ignora:

nora: *Si possibile est?* Ora passemos daqui a ver o que succedeu no Calvario. Diz o Evangelista, que sabendo o Senhor, que tudo estava acabado, differa, que tinha sede: *Postea sciens Jesus quia omnia consummata sunt, dixit: Sitio.* Pergunto: se o Bom JESUS no Horto mostrou, que ignorava, se se lhe poderia transferir o Calis da Payxão, como agora sabe no Calvario, quando pede o Calis da amargura? De forte que no Horto finge, que ignora: *Si possibile est;* e no Calvario mostra, que sabe: *Sciens Jesus?* Sim; porque no Horto era o principio, e no Calvario era a continuação; no Horto começava a padecer, no Calvario continuava a sentir; e porque no Horto começava a padecer, fez que ignorava: *Si possibile est.* E porque no Calvario continuava a sentir, mostrou que sa-

bia: *Sciens Jesus.* Mostrou que ignorava no Horto, porque para haver resolução no animo, he necessario fingir ignorancia no juizo: *Si possibile.* Mostrou que sabia no Calvario, porque para haver execução nas finezas, he preciso haver bom entendimento no amante: *Sciens.* E noto eu, dizer o Evangelista no Calvario: *Postea sciens.* Logo antes fazia que ignorava? Quem o duvida? Fez que ignorava no principio: *Si possibile est;* mostrou, que sabia na continuação: *Postea sciens Jesus.*

41 Daquelle modo pois, que o Bom JESUS se houve no padecer, se houve no amar. Dous amores nos pinta hoje o Euangelista; o primeyro amor: *Cum dilexisset;* o segundo amor: *Dilexit.* No primeyro amor diz, que amou; mas não diz, que soube: no segundo amor diz, que sou-

be,

be, e diz que amou; porque a este amor segundo he que se refere aquelle *Sciens: Sciens dilexit.* E ditto q̄ se segue? Senão o que eu hia dizendo. Fez, que ignorava no principio, para se resolver; mostrou, que sabia na continuação, para obrar: o primeyro amor, que he amor no principio, hade mostrar ignorancias; o segundo amor, que he amor na continuação, hade mostrar sabedoria.

42 Duas vezes, com bem differente modo, veyo o Espirito Santo do Ceo á terra; a primeyra vez, quando desceo em sombras sobre a Virgem: *Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi.* A segunda vez, quando desceo em luzes sobre os Apostolos: *Apparuerunt illis dispersita lingua tanquam ignis, & repleti sunt Spiritu Sancto.* E bem! Quando desce para a Virgem, vem com som-

Luc. I.
35.

Act. 2.
3.4.

bras: *Obumbrabit tibi;* quando desce para os Apostolos, vem com luzes: *Tanquam ignis?* Porque razão? Direy: o Espirito Santo he amor; e como seja amor, a primeyra vez desce com sombras, a segunda vez desce com luzes: a primeyra vez vem com sombras; porq̄ o primeyro amor hade mostrar ignorancia: a segunda vez vem com luzes; porque o segundo amor hade ter sabedoria. São as luzes symbolo da sabedoria; são as sombras retrato da ignorancia; pois o primeyro amor traga sombras, como fingindo-se ignorante; o segundo amor traga luzes, como mostrando-se sabio: o primeyro amor, quem toca a resolução, ignore; porque ninguem chegará a querer, se se puzer a discursar: o segundo amor, que he já continuação, sayba; porque ninguem acertará o que hade fazer, senão

Tom. I.

C sou-

souber o que hade obrar. Demodo que o primeyro amor ha de ignorar, o segundo amor hade saber; e porque o primeyro amor hade ignorar, porisso o Espirito Santo a primeira vez desceo em sombras: *Obumbrabit tibi*; e porque o segundo amor hade saber, porisso o Espirito Santo a segunda vez desceo em luzes: *Tanquam ignis*.

43 Lá andava o Bom JESUS no Testamento Velho a sacramentar-se em figuras, a crucificar-se em sombras; emfim era primeyro amor, e fazia-selhe preciso fingir ignoracia, para se resolver: *Cum dilexisset*. Mas agora no Testamento Novo entendendo se sacramenta, sabendo se crucifica; emfim he segundo amor, e affim he força mostrar sabedoria para amar: *Sciens dilexit*. Pintou a Antiguidade o seu amor humano com venda: logo he

certo, que o amor tem olhos; porque, se elle não tivera olhos, era escusada a venda. E que motivo teve para pôr venda ao amor? Andou discreta a Antiguidade; poz no amor os olhos, e a venda; cegueyra, e vista; sabedoria, e ignorancia; ignorancia no principio, porisso traz a venda diante da vista; sabedoria na continuação, porisso traz a vista depois da venda; o primeyro amor he amor vendado, como ignorante; o segundo amor he amor com olhos, como sabio.

44 Estando o Senhor para lavar os pés a seus Discipulos, fallou a S. Pedro desta maneyra: *Quod ego facio, tu nescis modò, scies autem* 13. 7. *postea*. E bem! Que razão haverá para S. Pedro ignorar antes, e saber depois? Primeyro hade ser ignorante: *Tu nescis modò*; e depois hade ser sabio: *Scies autem*

autem postea? Sim; porque he S. Pedro amante: *Tu scis quia amo te*; e hum amante verdadeyro primeyro hade ignorar, e depois hade saber; hade ignorar no principio, hade saber na continuação. Estava ainda naquelle tempo o amor de Pedro nos seus principios, porisso ama ignorando: *Tu nescis modò*: havia ter dahi em diante a sua continuação, porisso hade continuar sabendo: *Scies autem postea*.

45 Dous amores houve em S. Pedro; o primeyro antes, o segundo depois de ter negado; o primeyro foy nescio: *Nescis*; o segundo foy sabio: *Scies*; o primeyro amou ignorando, o segundo amou sabendo; o primeyro amou ignorando, porque era amor no principio; o segundo amou sabendo, porque era amor na continuação. Deve ignorar o amor, que

Tom.I.

principia; porque não hade prever os successos da affeyção, quem se quizer entregar aos affectos do amor: deve saber o amor, que continua; porque como já entãõ he amante, paraque as finezas sejam de credito, he necessario, q̄ sejam de juizo: e como o primeyro amor deve ser ignorante, e o segundo deve ser entendido; porisso S. Pedro no primeyro amor foy nescio: *Tu nescis modò*; porisso no segundo amor foy sabio: *Scies autem postea*.

46 Divino Sol de justiça, abrazado Sol de amor, sendo impossivel amar o sabio, e sendo-o tambem amar o ignorante; vòs, para obrar este primeyro excessõ no vosso amor, unistes estes dous extremos, e vencestes estes dous impossiveis: não cabendo em vòs ignorancia, vosso amor fingio, q̄ ignorava; porque era amor primeyro: *Cum dilexisset*: vosso mes-

C 2 mo

mo amor mostrou, que sabia; porque era amor segundo: *Sciens dilexit*. Assim obra quem he Sol amante; assim faz quem he Sol abraçado. Fallou o Real Profeta, em figura do Sol material, daquelle Sol Divino, e disse assim: *Sol cognovit occasum suum*. O Sol conheceu o seu Occaso. Todos aqui repáram na grande excellencia de Christo amar, sabendo a sua morte; eu porem, com a devida moderação, repáro em que se diga, que teve conhecimento o Sol no Occaso, e não se diga, que o teve no Oriente: não conhece quando nasce, e conhece quando morre? Sim; porque o Sol, quando nasce, he Sol no principio; o Sol, quando morre, he Sol no fim; e como este Divino Sol fosse amante, não mostrou ter conhecimento no principio; porque era amor pri-

meiro: mostrou ter conhecimento no fim; porque era amor segundo: não quiz conhecer no Oriente; porque era amor, que ainda começava; conheceu no Occaso; porque era amor, que já ha muito existia: *Sol cognovit occasum suum*. Era Sol amante, era Sol abraçado; porisso conheceu no Occaso; porque era amor segundo: no primiero amor não mostrou conhecimêto; porque era amor no principio: *Cum dilexisset*: no segundo amor mostrou sabedoria; porque era amor na continuação: *Sciens dilexit*.

S. IV.

47 **O**S segundos e dous extremos de pessoas incapazes de amor são os ausentes, e presentes. Não podem amar os ausentes: a razão he; porque a ausencia he separação de pessoas;

e tanto que os corpos estão separados, logo as almas deyxão de estar unidas. Bem praticou esta verdade o Bom JESUS. Nestes dias nos deyxou seu Corpo, e levou consigo ao Bom Ladrão: deyxou-nos a nós seu corpo, para que nós o amassemos a elle; levou consigo o Bom Ladrão, para que elle nos amasse a nós; não presumio, que nós o amassemos, se elle não ficasse com nós: *Ecce ego vobiscum sum*; nem se resolveu a amarnos a nós, sem que nos levasse consigo: *Mecum eris*. Dizem muytos, querendo-se acreditar de amantes, que não importa o duro da ausencia, havendo o primoroso da memoria: mas he de notar, que pedindo o bom Ladrão memoria a Christo: *Memento mei*; o Senhor lhe deu presença: *Mecum eris*; que o amor vive de presença. Tom. I.

feças, e não se fia de lembranças: estar apartado, e ser amante, estar ausente, e ser affeyçoado, he contra o mesmo amor. O amor entre os varios appellidos, que lhe derão, conseguiu o nome de fogo: o fogo não queyma estando apartado, queyma estando junto; não abraza de longe, abraza de perto.

48 Duas Pessoas Divinas descerão do Ceo á terra; o Divino Verbo, e o Espirito Santo; e notou S. Athanasio, que senão diz, que o Espirito Santo tornára para o Ceo: *Non est assumptus*; affirmando o Texto, que o Divino Verbo tornára para a Gloria: *Assumptus est*. Pois se se diz, que foy para o Ceo Christo depois de resuscitar dos mortos, porque senão diz, que o Espirito Santo subio ao Ceo, depois de vir sobre os Discipulos? Porque o

Espirito Santo he a Pessoa do Amor; da pessoa do amor diz-se, que vem, mas não se diz, que vay; sayba-se, que o amor busca quem quer, mas não se diga, que o amor se aparta de quem ama. Desceu o Espirito Santo em fogo; e o fogo do amor não se aparta, porque deyxára de queymar os peytos; não se vay, porque deyxára de abraçar os coraçõens. Tanto, que venho a dizer, que o fogo do amor anda com o lume dos olhos: se tendes lume nos olhos para ver, logo tendes fogo no peyto para amar; se o lume dos vossos olhos vê, logo o fogo do vosso peyto ama. Em quanto Samsam teve lume nos olhos para ver a Dalila, teve fogo no peyto para lhe querer; mas tanto que os Filistheos lhe tirárão o lume dos olhos, logo elle se privou do fogo do

peyto; saltoulhe o fogo do amor, tanto que lhe saltou o lume da vista; em fim não podem ser amantes os que estão ausentes.

49 No Horto, e não no Cenaculo he que Judas se confirmou traydor; porque se no Cenaculo teve tenção de entregar, no Horto he que poz em execução o vender: com tudo no Cenaculo chama-se traydor: *Unus ex vobis tradet me*; e no Horto intitula-se amigo: *Amice, ad quid venisti?* E que causa haveria para isto? Porque razão no Horto he amigo, e no Cenaculo he traydor? Porque no Cenaculo apartou-se de feu Mestre: *Exivit continuò*; e no Horto buscou a Christo: *Ave Rabbí*. Aquelle apresentou-se no Cenaculo e lhe tirou a amizade, e lhe descubrio a trayção; aquelle buscallo no Horto, e lhe occultou a trayção, e lhe publicou a ami-

Joann. 13. 21.

Matth. 26. 50.

Joann. 13. 30.

Matth. 26. 49.

a amizade: não causa menos huma presença, que ser amigo; não causa menos huma ausencia, que ser traydor.

50 Esta contrariedade, que o amor tem com a ausencia, bem a conheceu Christo no Horto. Neste lugar teve o Senhor grande agonia, grandes tristezas, e grande copia de suor de sangue. Pois que he isto Bom JESUS? Afrontavos o temor? Temeis a morte? Não; porque o Senhor sabia, que havia de morrer pelos homens, e o desejava: logo qual foy a causa de haver no Horto tanta afflicção? Ora vejaõ: chegou Christo naquelle lugar a pedir aos Fariseos, que deyxassem hir aos Discipulos: *Sinite hos abire*; e chegar hum amante a pedir por favor apartarem-se delle os que ama, ó que afflicção: *Cæpit pavere!* Chegar hum amante a pedir por mercê ausen-

Joann. 18. 8.

Marc. 14. 33.

tarem-se aquelles quem quer, ó que agonia: *Factus est in agonia!* Considerar o Bom JESUS, que elle havia ser o intercessor, para os Discipulos se poderem apartar; que elle havia ser a valia, para os Discipulos se poderem hir; esta he a afflicção dos espiritos, este he o suor de Sangue: *Factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram!* Fiquemos nisto, fiais, que he inimiga a ausencia do amor, que he impossivel amarem os ausentes.

Luc. 22. 43.

Ibi. 44.

51 Tambem he impossivel amarem os que estão presentes; a razão he; porque os objectos diminuem-se pela vista: o nosso juizo, quando não vê, confidera muitas perfeçõens no objecto, que ama; mas tanto que chega aver, encontra com a vista faltas, por que a dor, e afflicção como pe-

la vista fica em diminuição o objecto; assim pela presença fica em diminuição o amor. Muito desejava Herodes ver a Christo: *Erat cupiens videre eum*; mas tanto que o viu; logo o desprezou: *Sprevit autem illum*. Demodo que Christo era grande na consideração de Herodes; porisso desejava velo: *Cupiens videre*; mas logo ficou pequeno na sua vista; porisso se resolveu a desprezallo: *Sprevit*. Para com Herodes até Christo, crescendo muito na consideração, diminuo muito na vista: cresceu muito na consideração; porque tanto causou hum desejo: *Erat cupiens*. Diminuo muito na vista; porque sentio hum desprezo: *Sprevit illum*. Vede o que faz a presença.

53 Pintou a Antiguidade ao seu amorcego, porque queria se conservasse o seu amor;

e para conservar o amor, houve de lhe tirar a vista; ver, e amar, achou, que era impossível; ser amante, e estar presente, achou, que era difficuloso. Isto que passa no amor dos homens, passa tambem no amor dos Serafins. Aquelles Serafins, que vio Isaias, cobrião a Deos com duas azas. E bem! Cobrem o que amaõ? Não querem ver o que desejaõ? Privam-se da vista? Sim; porque se querem entregar á consideração; ainda que Deos não possa crescer na realidade; querem, que na sua consideração cresça; ainda que Deos se não possa diminuir na realidade, temem, que se diminua na vista; e assim trataõ de não ver, porque querem amar; e cobrem a vista, porque querem conservar o amor: tão perigosa he a vista, e pela razão da vista, tão perigosa he a presença.

Luc. 23. 8. Ibi. II. 53 Lá

53 Lá mandava a esposa nos Cantares a seu querido, que fugisse: *Fuge, dilecte mi*. Que novidade he esta, Alma Santa? Se vós o amais, pedis, que elle fuja? Se vós o quereis, pedis, que elle se ausente: *Fuge?* Sim; que esta presença vay diminuindo o amor, esta vista vay enfraquecendo a affeyção. Pelos olhos entra a affeyção, e pelos olhos se perde o amor; entra a affeyção pelos olhos, que vem; perde-se o amor pelos olhos, q̄ continuão a ver. Quando Herodes vio a Christo, á primeyra vista alegrou-se: *Gavisus est valde*; á segunda vista o desprezou: *Sprevit autem illum*. Tudo ha no mundo. Os primeyros olhos querem-vos, os segundos olhos desprezão-vos. A primeyra vez que Jacob vio a Rachel, chorou: *Elevatà voce flevit*. Depois que mor-

reu Rachel; não lemos que chorasse Jacob. Pois que he isto, Pastor amante? Aquellas primeyras lagrimas na vida, já não poderão ser segundas na morte? Não: os primeyros olhos chorarão; porque os primeyros olhos querem: os segundos olhos não chorarão; porque os segundos olhos desprezão. A' segundos olhos do que se quer! A' presença do que se ama! Como sois contrarios do amor! Fique-mos pois tambem nisto: não podem amar os que estão presentes.

§. V.

54 **M** As se nem os que estão presentes, nem os que estão ausentes podem amar, segue-se, que ninguém ama. Assim he no mundo; mas não he assim em Christo: amou juntamente ausente, e presente; presente pelo Sa-

Cant. 8. 14.

Luc. 23. 8.

Ibi. II.

Genes. 29. 11.

Matth. 26. 26. Sacramento : *Hoc est corpus meum* ; ausente pela despedida: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*. A ausencia tem hum mal, por onde não podem amar os ausentes ; a presença tem outro mal, por onde não podem amar os presentes ; o mal da presença he a diminuição do amor, pela continuação da vista ; o mal da ausencia he o esquecimento do amado , pela distancia do lugar ; e conhecendo Christo esta verdade, que fez? Para que não houvesse risco no seu amor , nem perigo na sua affeyção, curou o mal da presença com a ausencia, e o mal da ausencia com a presença: o mal da presença, que he? He diminuição do amor, pela continuação da vista; pois curese este mal com a ausencia: *Ut transeat ex hoc mundo*. O mal da ausencia que he? He esquecimento do amado, pela distan-

cia do lugar; pois reme-dee-se este mal com a presença: *Hoc est corpus meum*. Esta traça buscou o amor de Christo ; isto fez o Bom JESUS. Não levantára eu este pensamento, se o não provára com o mesmo Senhor.

55 No Horto fallou assim Christo a seu Eterno Pay: *Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste*. Pay meu, se he possível, passe de mim este calis. Senhor, vede o que dizeis ; at-tendey ao que pedis : não quereis vós morrer pelos homens? Não quereis padecer pelos que amais ? Já vos esqueceis do vosso amor? Quem causou este esquecimen-to ? A ausencia, ou o apartamento : *Avulsus est ab eis*. Mas se vós não quereis por elles morrer , para que os vindes buscar : *Venit ad Discipulos suos*? Eu darey logo a reposta. Tornou segunda vez a apar-

Matth. 26. 42. apartar-se: *Secundò abiit* ; mas logo tornou Ibi. 43. a vir : *Venit iterùm* : tornou terceyra vez a Ibi. 44. ausentar-se : *Iterùm abiit* ; mas voltou terceyra Ibi. 45. vez : *Tunc venit ad discipulos*. Deste modo andava o Bom JESUS dos homens para orar ao Pay , de orar ao Pay para os homens : e que causa haveria para isto? Agora a direy : apartava-se Christo dos Discipulos , e esta ausencia dos homens parecia causar-lhe esquecimento do amor, que lhes tinha, pois pedia o não padecer por elles : *Transeat à me calix iste*. Tornava o Senhor em si, via o mal, que lhe causava a ausencia, e hia ter com os Discipulos: *Venit ad Discipulos suos*, para curar o mal da ausencia com a presença dos amados : chegava à presença dos homens, conhecia suas imperfeyçoens: *Invenit eos dormientes* ; tornava-se lo-

go a ausentar : *Secundò abiit* , para remediar o mal da presença com a ausencia : ausente fazia o Bom JESUS a mesma petição: *Si possibile est transeat à me calix iste*. depois de feyta , parecia-lhe, que tinha esquecimento dos homens ; hia logo buscar a sua vista : *Venit iterùm* , para remediar a ausencia com a presença: presente advertia os mesmos defeytos , e ausentava-se logo : *Abiit*, para remediar com a ausencia o perigo da presença. Assim andava o Senhor a curar ausencias com presenças, e a remediar presenças com ausencias , como Sabio amante, e como Mestre amoroso. Mas o que fez no Horto, também o fez no Cenaculo : remediou a ausencia: *Ut transeat ex hoc mundo*, com a presença: *Hoc est corpus meum* : remediou a presença: *Hoc est corpus me-*

um ; com a ausencia :
Ut transeat ex hoc mun-
do.

56 Amoroso Senhor ; sendo impossivel amar quem está ausente , e sendo-o tambem amar quem está presente ; vós amais juntamente ausente , e presente ; unistes estes dous extremos para vencer estes dous impossiveis. Mas eu tenho ainda aqui que notar , e vem a ser ; que nos ficou o Bom JESUS amando com a presença Sacramental, e definitiva, e com esta remediou o mal, que causa a presença ao amor; porque se este mal he o da diminuição do objecto com a vista, faltandolhe naquella presença a vista ; preservado ficava assim deste mal o seu Divino amor. Preservado ficava tambem do mal da ausencia ; porque a distancia não lhe separava a pessoa, deyxando-se com nosco

no Sacramento. Emfim achou o amor Divino traça para unir estes dous extremos, e vencer assim estes dous impossiveis : ausentou-se ficando, e ficou como se de todo se ausentára, porque lhe falta a vista dos olhos na presença do Sacramento : nelle nos quer, nelle nos ama, ausente ao lume dos olhos, mas porisso mesmo presente quanto ao incendio do amor : *Ut transeat... dilexit.*

S. VI.

57 **F**inalmente os terceyros, e ultimos dous extremos de pessoas incapazes de amor, são os que mandão, e os que servem. Mandar, e querer, he impossivel; a razão he; porque com as occupaçoens do governo não se podem unir os dissvelos do amor; não se podem conformar cuydados

dados politicos, e pençoens amorosas. O primeyro, quem se duvidou do seu amor, foy S. Pedro : duvidou-se-lhe do amor, porque se-lhe tinha encômendado o governo ; poz-se-lhe duvida nos affectos amorosos, porque se-lhe tinha encommendado os cuydados politicos. Quem deu ao amor pouca idade, não lhe deu muytos governos. Para Jonathas se mostrar amante, despojou-se dos vestidos de Principe; deyxou galas de quem mandava, para mostrar affectos de quem queria : como quem professava a Religião do amor, tomou de amante o habito em se despir, e deyxou de Principe o traje em se despojar: como os que mandão se occupão nos negocios do governo, não se podem divertir nas memorias do amor.

58 Mysteriosa petição fez o Bom Ladrão a

Christo : *Domine, me-*
moro mei, cum vene-
ris in regnum tuum. Po-
rem mais mysteriosa foy a resposta, que o Senhor lhe deu : *Hodie mecum*
eris in Paradiso. Pois, Ibi. 43.
Senhor, Dimas pede lembranças no Reyno, e vós dais-lhe esperanças no Paraíso ? Sim, diz Christo, fallãdo ao nosso modo; porque Dimas pede lembranças, e faz petição de amor: *Memento mei;* e assim, para ser de amor o despacho, melhor he darlho na Cruz, onde estou padecendo, que no Reyno, onde estou mandando ; porque onde houverem cuydados do Reyno, não sey se haverão memorias do amor; e porque com os cuydados do Reyno, como que pôde esquecer a petição de Dimas, melhor he despachalo na Cruz, que remette-lo ao Reyno : *Hodie mecum eris.* Vede como he o mandar contra-

trario do amor : não podem amar os que mandão.

59 Menos podem amar os que fervem; a razão he. Quem serve, occupa-se no serviço; quem se occupa no serviço, nega-se ao cuydado; quem se nega ao cuydado, falta ao amor; fervir he trabalho do corpo, amar he divertimento da alma; e não se póde a nossa alma divertir, quando o nosso corpo se molesta: logo não podem amar os que fervem. Quando Pedro disse no Thabor: *Faciamus tria tabernacula*; o Euangelista o teve por ignorante: *Nesciens quid diceret*. E isto porque? Porque era amante: *Amo te*; e queria-se occupar em ser Arquitecto; queria occupar as mãos em fazer tabernaculos, quando havia de occupar o peyto em obrar finezas; e expor-se a querer servir, quem está resolu-

to a amar, he ignorancia: *Nesciens quid diceret*.

60 E se se julga ignorancia em quem está resoluta a amar, o querer servir; bem se inferre tambem este impossivel do amor junto com a servidão: fervir, e amar, não pode ser. O mesmo Christo deu a prova: *Jam non dicam vos servos. Vos autem dixi amicos*. Já vos não chamo servos, mas amigos. E bem Senhor! Amigos estorva o ser servos? A servidão encontra a amizade? Sim; não se pode disvelar em ser amigo, quem se occupa em ser servo; quem houver de ser amigo, não hade ser servo; quem houver de amar, não hade servir: *Jam non dicam vos servos. Vos autem dixi amicos*. Fiquemos pois nisto, que não podem amar os que podem amar os que mandão.

S.VII.

S. VII.

61 **E** Não podendo amar os que fervem, não podendo querer os q mandão; que o Senhor servindo: *Cepit lavare pedes*; ainda assim amasse? E que mandando: *Mandatum do vobis*; ainda assim quizesse? Maravilha grande deste amante! Mas como unio estes dous extremos? Como? Servindo amou, porque servio sem limite; mandando quiz, porque deu sem limitação. Começemos por este segundo ponto. Mandando quiz; porque deu sem limitação. Quem dá sem limitação, mandando póde amar; porque se chegou a dar tudo, nada tem em que se divertir; e quem se livra dos cuydados, que tem, póde-se entregar aos disvelos do amor.

62 De S. Pedro sabemos, que amou: *Amo*

te. E sabemos tambem, que foy Principe: *Pasce oves meas*. Mas isto como? Porque deu tudo: *Reliquimus omnia*. Matth. 19.27. Como se desembaraçou dos cuydados dos bens, que tinha, poude-se entregar aos disvelos do amor, que professava: *Amo te. Reliquimus omnia*. Que finezas houve, que Christo não obrasse? Que bens teve o Bom JESUS, que nos não desse? Tanto deu, que até nos deu o que de nós tinha recebido: *Hoc est corpus meum*. Deu-nos o Corpo que de nós tinha recebido? Ora não póde haver mais dar sem limitação, que chegar hum amante, só para dar tudo, a dar prendas do seu amado: *Hoc est corpus meum!* Vejamos agudamente este dar sem limitação na Cruz.

63 Estando o Senhor na Cruz, diz o Texto, que tremeu a terra: *Terra mota est*. Matth. 27.51.

Luc. 9.
33.

Ibi.

Joann.
21.15.

Isto não foy medo; porque como havia a terra ter medo de hum Senhor, que orava por seus inimigos: *Dimittite illis?* Pois que foy? Foy traça do amor: tinha Christo dado muito sangue pelos homens; mas ainda naturalmente lhe ficava algum no corpo; e não querendo o amor reservar algum para si, querendo-o dar todo pelos homens, fez tremar a terra, para que abalando-se o corpo, que estava na Cruz, fahisse com o movimento aquella fangue, que não podia fahir com o ferro. Atéqui poude chegar o amor sem limitação no dar, a mais não: era Christo na Cruz amante, e mais Rey; tinha unido o querer com o mandar; e assim para dar tudo, foy necessario, que tremesse a terra, para que o sangue, que não fahio com os golpes, fahisse com o movimento: *Ter-*

ra mota est: e deste modo amou mandando.

64 Servindo tambem amou; porque servio sem limite: *Capit lavare pedes.* Começou, e não acabou; teve principio aquella acção: *Capit*; mas não teve termo, não teve fim: *Sine fine dilexit.* Não teve fim o amor, não teve fim o serviço. Diga-se de Jacob, que servio sette annos; tenha limite o seu serviço, supposto que teve fim o seu amor. Diga Theodoro, que, quando Jonathan amou, fez testamento: *Disposuit testamentum*; porque, como o testamento he a ultima vontade, tenha ultimo o amor de Jonathan, ponha-se fim no amor dos homens. Mas o amor de Christo não tenha fim, o servir de JESUS não tenha limite; seja esta excellencia só propria do seu amor.

65 Naquella occasião,

fiação, em que Christo appareceo resuscitado á Magdalena, lhe prohibio, que se lançasse a seus pés, porque não tinha ainda subido a seu Pay: *Noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meum.* E bem Senhor! Se antes de subires a vosso Pay Eterno vos deyxais tocar de Thomé, porque vos não deyxais tocar da Magdalena? Direy: a Magdalena em casa do Fariseo tinha lavado a Christo os pés com lagrimas, e vendoa o Senhor com as mesmas lagrimas no Sepulchro: *Mulier, quid ploras?* Não quiz, que ella se lançasse segunda vez com estas lagrimas a seus pés; porque esta acção de lavar os pés não he bem, que a continue o amor de huma creatura, porque o continual he proprio só do amor de Christo: faya

Joann.
20.17.

Apud
Sylveyr.
hic n.

Theo-
doret.

Ibi. 13.

ba-se, que, quando a Magdalena lavou os pés a Christo, essa acção teve principio, e teve fim em casa do Fariseo; mas sayba-se tambem, que, quando Christo lavou os pés aos homens, teve esta acção principio, e não teve fim no Cenaculo. Como se differa o Bom JESUS: tu, Maria, começasteme a lavar os pés com tuas lagrimas, agora queres continuar a mesma acção com teu pranto: pois isso não quero eu; porque, se teve principio esta tua fineza, não quero, que agora continue; pois o que quer a tua affeição, isso he o que não consente o meu amor; porque a fineza de lavar os pés sem limite he só propria do meu amor, he só propria da minha affeição; *Capit lavare pedes. Sine fine dilexit.*

66 Assim amou o Bom JESUS servindo
D sem

os de dentro: por mais generalidade, que haja no decreto, sempre ha desigualdade na execução: sendo o decreto do castigo para todos, castiga-se o estrangeiro, perdoa-se ao domestico.

68 Commum, e geral era o decreto, em que Faraó mandava, que morressem todos os filhos dos Israëlitas; com tudo sabemos, que não morreo Moyses, sendo achado no rio, e conhecido por filho dos Hebreos: *De infantibus Hebræorum est hic.* Pois porque não morre Moyses, se elle he Hebreo? Que mais tem Moyses, do que tem os outros? Se os outros morrem, porque não morre tambem Moyses? Porque Moyses foy adoptado por filho da Princeza daquelle Reyno: *Quem illa adoptavit in locum filij;* e bastou entrar elle no Paço; para logo ficar

livre do decreto. O ter vida, ou o ter morte Moyses, não esteve mais que em ser Moyses, ou da casa de Faraó, ou da casa de Israël: Moyses da casa de Faraó vive, como se fora privilegio para a vida o lugar, em que se morra: Moyses, que morria por estrangeiro, viveo por domestico. São os decretos, como as ondas; dentro do mar se formão, e dentro do mar se quebrão; nas prayas de fóra descarrega todo o peso das ondas. No diluvio universal morrerão todos aquelles viventes, que habitavão os dous elementos do ar, e da terra; ficarão com vida os peyxes, que habitavão o profundo; e dilatado elemento das agoas: e isto porque? Porque as agoas governavão o mundo naquelle tempo; e para os peyxes não he sentença de morte o decreto do diluvio;

ludio; houverão-se as agoas como politicas: perdoarão aos de dentro, castigarão aos de fóra; para os seus o diluvio foy mar, para os estranhos o mar foy diluvio; morrão os homens, que habitão as cidades; morrão os brutos, que pisão os montes; morrão as aves, que cortão os ares; mas vivem os peyxes, que dividem as agoas, que isto he o que succede no governo do mar, isto he o que succede no Paço dos Reys da terra; mas não he o que succede na casa do Rey da gloria.

69 Na casa de Deos ha decreto de morte, e ha decreto de trabalhos; no decreto da morte com ninguem se dispensa, porque he decreto commum; no decreto dos trabalhos dispensa-se com alguns, porque he decreto particular; mas naquella igualdade da morte ha grande desigualdade, porque

havendo-se de executar em todos, os da casa de Deos são os primeiros; naquella desigualdade dos trabalhos ha grande differença, porque havendo de padecer alguns, os da casa de Deos padecem mais: e senão pergunto. Qual foy o primeyro homem morto, que houve na terra? Qual foy o homem mais affligido, que houve no mundo? O homem mais affligido, que houve mundo, foy Job; o primeyro morto, que houve na terra, foy Abel. Pois o primeyro morto hade ser o innocente Abel? O mais affligido hade ser o justo Job? Sim, que isto he ser da casa de Deos: Quando Deos poem decreto, que morraõ todos, o primeyro, que morre, he o seu mimoso Abel; quando Deos põe decreto, que padeçaõ alguns, o que mais padece, he o seu amigo Job. Na ley do mun-

do primeyro havia morrer Caim, e depois Abel; porque era o mais moço Abel, e era o mais velho Caim: na ley de Deos ficou Caim, e morreu Abel, porque no governo de Deos precede ao castigo da morte, não o mais velho, mas o mais amigo, não a mayor idade, mas a mayor virtude: para o nascimento ordinariamente precede o que hade fer máo como Caim; para a morte sempre precede o que foy bom como Abel. Na casa do fol, os que precedem para o nascimento, são os espinhos; as que precedem para a morte, são as flores: vem a morte leva os justos, e deyxá os peccadores; vem o vento leva as flores, e deyxá os espinhos: o instrumento da morte he huma fouce; dá o seu golpe onde o mundo tem os seus frutos: de modo que a fouce leva os frutos da virtude, e

deyxá os troncos do peccado; o vento leva as flores da santidade, e deyxá os espinhos da culpa; mas, ô flores, isso he fer da casa do Sol; ô justos, isso he fer da casa de Deos.

70 Na ley do mundo havia ser castigado Judas, e favorecido Job; porque Job era fiel, e Judas traydor; porem na casa, e no governo de Deos trata-se com mansidão a Judas traydor, e com rigores a Job fiel; porque no governo de Deos não se medem os trabalhos pela mayor culpa, medem-se pela mayor innocencia. Como se dissera Deos. Hão de morrer os homens? Pois o primeyro, que morra, seja o meu mimoso Abel. Hão de padecer alguns? Pois o que mais padeça seja o meu amigo Job. Hade haver no campo alguma flor, que tenha espinhos? Pois ordene a natureza, que seja a rosa. O' formosura cercada de

de espinhos! O' santidade carregada de trabalhos! Manda Deos, que sejamos amigos dos nossos contrarios, e Deos parece, que he contrario dos seus amigos: Quantos e quantos annos peregrinou Abraham! Quam levantada teve a espada da justiça sobre seu pescoço Isaac! Quantos trabalhos passou, e quantos annos servio Jacob! Que invejas, que soffreo, quantas cadeas arrastou Joseph! De quantos perigos escapou, quantas perseguições teve David? Comparou Deos o esquadrão de seus amigos a hum exercito formado: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Este exercito entrará no Ceo vitorioso; porem cá na terra sempre campêa destroçado. Para ali tem huns banhados em sangue; aqui estão outros cercados de afflições; la vem huns carregados de cadeas; cá é

Cant. 6.
3.

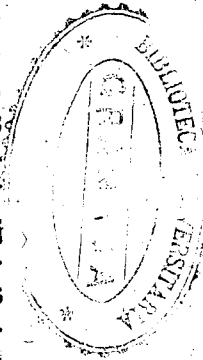
Tom. I.

são outros cubertos de açoutes, e todos finalmete estão carregados de trabalhos: mas isto he fer do exercito, isto he fer da casa de Deos.

71 Na casa dos Reys da terra ha innocentes de castigo, e são os peccadores; na casa do Rey do Ceo ha peccadores de castigo, e são os innocentes. No Paço dos Reys da terra não se castigão os peccadores, e passa por innocencia a culpa; na casa de Deos castigão-se os justos, e passa por culpa a innocencia; que tão cruel como isto parece que he o amor Divino; áquelle, que ama, he que mais afflige. Chegou Jacob a braços com Deos, e depois de huma amorosa luta, sahio Jacob ferido, e manco: *Tetigit nervum femoris ejus.* Não sey eu, que pudesse Jacob sahir mais mal tratado das mãos de hum homem contrario, do que sahio

Genf. 32. 25.

D 4 dos



dos braços de hum Deos amigo. Pois, Senhor, este he o voffo amor? Isto fazem os vossos braços? Isto fazem elles ao seu Jacob? Sim; porque o amor, que Deos tem ao homem, explica-se tambem pelos trabalhos, que o homem recebe de Deos: na casa de Deos quem leva os abraços, he o que leva os golpes: huma ferida, e hum achaque levou Jacob dos braços de Deos; para mostrar, que foy favorecido, ficou Jacob achacado: *Claudicabat pede*. Pois se achacou o forte Jacob, se padeceu o justo Job, se morreu o innocente Abel; cesse logo a admiração de que enfermasse o amigo Lazaro: *Ecce, quem amas, infirmatur.*

S. III.

72 **M**As se cessa a admiração

de que elle enfermasse, sendo amigo; nasce a admiração de que elle enfermasse, sendo nobre. A nobreza, como mais provida de alimentos, he a que vive mais isenta de enfermidades. A pobreza, como mais cercada de necessidades, he a que vive mais foyta ás misérias. Se os pobres tiverão sómente o serem pobres, era esta huma desgraça, que bem se podia soffrer; mas sobre serem pobres, ordinariamente são enfermos: tem a enfermidade hum bem (eu dissera hum mal) que he, ser muyto amiga de pobres: nunca o pobre manifestou a necessidade, que não mostrasse juntamente a chaga. São os pobres como as arvores secas, não só lhes faltaõ os frutos, mas tambem as rôem os bichos. Emfim o rico avarento estava cercado de iguarias, e o pobre Lazaro estava cuberto de

de chagas: admiração causa logo, que sendo o nosso Lazaro nobre, o vejamos hoje enfermo! Ora o certo he, que para Deos ha occasioens, em que iguala a todos, nem ha Lazaro nobre, nem Lazaro humilde. O Lazaro humilde tem chagas; o Lazaro nobre tem enfermidades: *Ecce, quem amas, infirmatur.*

73 Sahio o robusto Gigante á batalha com o valeroso David, e huma pedra de David deu na cabeça do Gigante, com que cahio por terra toda aquella maquina de ossos. Apareceu a Nabuco huma estatua de varios metaes, e sahindo huma pedra do monte deu nos pés da estatua, com que logo se arruinou. Pergunto agora: A pedra de David dá na cabeça do Gigante? A pedra do monte dá nos pés da estatua? Porque razão? Porque para todos ha pedras de

castigos na casa de Deos; ha pedra, que dá o golpe nos pés; ha pedra, que dá o golpe na cabeça. Pela cabeça se entendem aquelles, quem levantou a sua fortuna; pelos pés se entendem aquelles, quem abateu a sua desgraça; e ou sejas humilde, ou sejas illustre; ou estejas levantado, ou estejas abatido, para todos ha pedra na casa de Deos: ha pedra, que dá no abatido dos pés; ha pedra, que dá no levantamento da cabeça; tanto põe por terra a pedra do castigo, que desce aos pés da estatua, como a pedra, que sobe á cabeça do Gigante. Iguala Deos os montes com os valles; as agoas afogaõ os valles, mas tambem molhaõ os montes. Houveraõ espinhos para os pés de Adam, e tambem houverão espinhos para a cabeça de Christo; aquelles servirão de castigo; estes servirão

virão de exemplo : naquella castigo eícarmentem os humildes , pois ha espinhos para os pés ; neste exemplo se defenganem os soberanos , pois ha espinhos para as cabeças. Logo se vemos feyta em cinza a estatua de hum Monarca , se vemos arruinado em terra o corpo de hum Gigante ; cesse a admiração de vermos enfermo em huma cama o corpo de hum nobre : *Ecce , quem amat , iustificatur.*

§. III.

74 **P**orem se cessa a admiração de ver enfermo hum nobre , nasce a admiração de ver enfermar hum moço. A mocidade , como mais fortalecida dos espiritos , he a que mais resiste ás enfermidades ; como he a mais falta de humores , he a mais livre dos achaques. As tempesta-

des não dão nas fontes , dão nos rios ; quanto mais agoa , mayor tormenta ; quanto mais humor , mayor achaque. Não se murcha a flor na manhã , porque resiste ao Sol aquella mocidade mimosa ; murcha-se a flor na tarde , porque cede ao tempo aquella bizzaria caduca. E que não padecendo tormenta os rios nas fontes , que não espirando as flores na manhã , enfermasse Lazaro na mocidade ! Grande admiração. Mas o certo he , que nem todas as enfermidades vem com os annos ; ha muytas enfermidades , que vem com as culpas. Dous contrarios temos de nossa faude ; hum he o tempo , outro he Deos. O tempo he contrario de nossa faude por sua natureza ; ou corrompendo os ares , ou malignando os elementos , ou multiplicando os annos : já dándonos achaques , já enfer-

fermidades , já mortes. Deos he contrario de nossa faude por nossas culpas ; nós remediamos os combates do tempo com varias medicinas , e nunca aplacamos os golpes de Deos com alguma penitencia. Aos combates do tempo cede avelhice , mas póde resistir a mocidade ; aos golpes de Deos tanto cede a mocidade , como cede avelhice.

75 Apareceu aquella arvore soberana a Nabuco , e Deos a mandou cortar no tronco , e cortar nos ramos : *Succidite arborem , & præcidite ramos ejus.* E bem ! Para que se hão de cortar os ramos , se se corta a arvore ? O que Deos pretendia era , que se cortasse aquella arvore , para mostrar a Nabuco , que se havia de arruinar a sua Monarquia ; pois porque razão se hão de cortar tambem os ramos ? Porque aquella

arvore era figura do Imperio deste mundo ; e quando Deos desembainha a espada de sua justiça , tanto corta pela velhice dos troncos , como corta pela mocidade dos ramos. Naquelle arvore havia tronco , havia ramos ; havia folhas , e havia frutos , e para todos houve golpe : houve golpe para o inverno do tronco : *Succidite arborem* : houve golpe para a primavera das folhas : *Excute folia* : houve golpe para o estio dos ramos : *Præcidite ramos* ; houve golpe para o outono dos frutos *Dispergite fructus* ; que a toda a idade do homem chega a espada de Deos , e muytas vezes iguala Deos com a espada o que a natureza desigualou com o tempo ; pois ás vezes corta Deos os ramos juntamente com os troncos : *Succidite arborem*. Logo como quer que

Daniel
4. II.

Ibi.

que hajão enfermidades, que são castigos, e os castigos de si não respeytem á verdura dos ramos: *Præciditeramos; cesse a admiração de que na verdura dos annos chegasse a Lazaro o golpe da enfermidade: Ecce, quem amas, infirmatur.*

76 Quantas vezes succedem enfermidades, e mortes no mundo, que tem differentes causas das que nós imaginamos! Nós imaginamos, que são influencias dos astros, que são vapores da terra, que são rigores do tempo, e malignidade dos alimentos; e ellas são peccados do homem: he verdade, que nos cercou a natureza de contrarios, que impedem a conservação de nossa faude: com tudo muytas vezes o golpe não he dos contrarios, que nos cercam, he de Deos, que nos castiga. Cercado estava em Ba-

bylonia Balthazar Rey dos Caldeos por Dario Monarca dos Médos, quando Deos escreveu em huma parede do Paço a morte de Balthazar: *Apparuerunt digiti... in superficie parietis aula regie.* Grande difficuldade! Queria Deos destruir a Balthazar? Sim; para isso trouxe o exercito de Dario: pois, se Deos trouxe a Dario para que destruísse a Balthazar, que razão teve Deos para não esperar, que Dario o vencesse, e resolver-se a lhe dar a morte? Direy: para que em Balthazar se defenganassem os homens. Balthazar imaginava, que só o podia vencer, que só o podia matar seu inimigo Dario, que o tinha cercado; e como ali imaginava o perigo, ali punha a defenfa: e Deos, que não consente semelhantes enganos, não espera, que Dario o destrúa, elle com sua mão

Ibi. 30. mão o mata: *Eâdem nocte interfectus est Balthassar;* para que sayba Balthazar, que nem todo o golpe vem da mão de Dario, que o cerca; porque tambem ha golpes da mão de Deos, que o castiga. O quantos golpes, ó quantas enfermidades, ó quantas mortes imaginamos, que são dos contrarios, de que estamos cercados, e ellas são golpes de Deos, que temos offendido! Pois como haja enfermidades, q̄ são castigos, e os castigos de Deos não respeytê á verdura dos ramos; cesse a admiração, de que enfermasse a mocidade de Lazaro: *Ecce, quem amas, infirmatur.*

77 Estas tres admiracões vécidas nos propõe hoje a Igreja, para q̄ vivamos defenganados; porq̄ se vemos acabar o amado de Deos, o illustre do mundo, o florido da mocidade, a Lazaro; que seguran-

ça nos podemos prometter a nós? Divida he hoje o nosso defengano; obrigação he hoje a nossa conversam. Divida he hoje o nosso defengano; porque se nós vemos hoje em casa de Deos enfermar os amigos; que segurança podem ter os peccadores? Obrigação he hoje a nossa conversam, não tanto pelo Sermão do Prégador, quanto pela materia do Sermão. A materia do Sermão he huma enfermidade; e no tempo de huma enfermidade do corpo, quem ignora, que he obrigação huma emenda de vida? Lá o disse Salamão em proprios termos: *In tempore infirmitatis ostende conversionem tuam:* E como a conversam de nossa vida nasce do conhecimento de nossas culpas, quizera eu (ainda que fora algum tanto dilatado) propor hoje tres generos de culpas, que

que acho em tres estados do Euangelho, para que conhecidas posselhem ser choradas. No Euangelho ha enfermidade, ha morte, e ha sepultura; temos a Lazaro enfermo, a Lazaro morto, a Lazaro sepultado: pois, conforme a estes tres estados do Euangelho, ha tres generos de culpas: ha peccado de enfermidade, ha peccado de morte, e ha peccado de sepultura; ha peccador enfermo, ha peccador morto, e ha peccador sepultado: peccador enfermo acha-se no estado dos humildes; peccador morto acha-se no estado dos illustres; peccador sepultado acha-se no estado dos Religiosos. São muytos os fios, vamosos desembaraçando o mais breve, que pudermos.

§. IV.

78 **P**eccado de enfermidade, pec-

cadorenfermo heaquele, que, tanto que cahio na enfermidade, logo buscou o remedio. O que adoeceo da enfermidade do corpo, logo buscou o Medico: o que enfermou da doença da alma, logo deve buscar a Deos. O ser hum peccado de enfermidade, não consiste na materia da culpa, consiste na diligencia do remedio. Se peccastes, e logo vos arrependestes, foy a vossa culpa peccado de enfermidade. Lazaro representava o peccador, e como era peccador, que buscava a Deos, não lhe puzeraõ á sua culpa nome de morte, puzeraõ-lhe nome de enfermidade: *Ecce, quem amas, infirmatur*. Este peccado de enfermidade he o que ordinariamente se acha no popular do mundo. Hum homem particular sabe offender, mas sabe emendar-se; cahio na enfermidade, mas buscou

cou o remedio; porque como vive defocupado dos tratos do mundo, tem olhos abertos para ver a sua culpa, tem boca desembaraçada para pedir o seu remedio.

79 Prégava S. João na Corte de Herodes, e nem hum só Ministro se chegou a converter. Prégava o mesmo Santo no deserto, e era grande a multidão de gente, que se convertia: *Dicabat ad turbas, quae exhibant, ut baptizarentur ab ipso*. Pois não era o mesmo Prégador? Não era o mesmo Bautista, o que prégava na Corte, e o que prégava no deserto? Sim era: logo como converte tanta gente no deserto, e não pôde converter hum só homem na Corte? Porque aindaque o sermão era o mesmo, o auditorio era diverso. O auditorio no Paço de Herodes era de homens poderosos; e peccados de poderosos, como sejaõ

peccados de morte, tanta dificuldade ha em converter hum poderoso, como em resuscitar hum morto. O auditorio do deserto era de gente particular, e como os peccados desta casta de gente sejaõ peccados de enfermidade; tanto que ouviraõ o Medico, trataraõ de curar a culpa. Desorteque na humildade da pessoa está mais facil a conversão da vida. Que facilmente se converteo Pedro! Que difficultosamente se converteo David! A conversão de David tardou quasi hum anno; a emenda de Pedro não tardou huma hora: emfim hum era Rey, e outro peccador; converteo-se logo o peccador, e tardou muyto em se converter o Rey. Não duvido eu, que hajaõ muytos poderosos convertidos; mas digo, que havendo todos de buscar a Deos, primeyro chegaraõ os pastores, do

Luc.
3. 7.

do que os Reys, por que são os peccados dos humildes peccados de enfermidade, que logo buscam o remedio.

80 E. que remedio haverá para estes peccados de enfermidade? Para se curar huma enfermidade do corpo cõcorrem tres pessoas; concorre o medico, concorre o enfermeiro, e concorre o doente. Concorre o doente, fõgeytando-se aos medicamentos; concorre o enfermeiro, applicando as medicinas; concorre o medico, receytando os remedios. Assim nem mais nem menos para se curar huma enfermidade de nossa alma concorrem tambem tres pessoas; concorre Deos, como medico; concorre o Prẽgador, como enfermeiro; concorre o peccador, como doente: Deos concorre, receytando os auxilios; o Prẽgador concorre, a-

pontando os remedios; o peccador concorre, recebendo a doutrina. Na doença do corpo ordinariamente se erra a cura, ou por culpa do medico, ou por descuydo do enfermeiro, ou por má enformação do enfermo; porẽm na doença de nossa alma nunca se erra a cura por falta do medico, que, como he Deos, nunca falta; todo o erro está, ou da parte do Prẽgador, que he o enfermeiro, ou da parte do peccador, que he o enfermo. Comecemos por este.

81 Que hade fazer o peccador, para que se não erre a cura da sua parte? Hade-se lembrar de Deos. Não importa só conhecermos o mal, em que cahimos; he necessario lẽbrarmonos do bem, que perdemos. O doente não se lembra só do mal, que tem; lembra-se da faude, que perdeu; e o amor

amor da faude, que perdeu, o faz curar o mal da enfermidade, que tem. Mais se assegura huma penitencia pela lembrança do bem perdido, do que pelo conhecimento do mal presente. Quando os filhos de Israël se assentãrão sobre os rios de Babylonia, ahi chorãrão o seu cativeyro, lembrando-se de Siam: *Super flumina Babylonis, illic sedimus, & flevimus: cum recorderemur Sion.* Notavel prãto em tal occasiã! Não viaõ elles o cativeyro, em que estavãõ? Não conheciãõ as miserias, que tinhãõ? Não viaõ os trabalhos, que passavaõ? Pois trabalhos, miserias, e cativeyro não erãõ bastantes causas para hum pranto? Sim erãõ: logo, se elles não choraõ á vista destas afflicções, como chorãõ na lembrança de Siam? Porque erãõ peccadores presos

na Babylonia do peccado, e a penitencia de hum peccador, o pranto de hum homem não nasce tanto de conhecer as miserias de Babylonia, como de se lembrar dos gostos de Siam; erãõ enfermos, e não os provocãõ ao remedio da enfermidade no pranto só o conhecimento do mal presente, foy necessaria tambem a lembrança do bem passado. Quem vive preso em Babylonia, quem vive peccador no mundo, para chorar lhe he necessario huma lembrança de Siam, para se arrepende lhe he necessario lembrar de Deos. Até nisto nos não ha de faltar o Euangelho. Para se curar a Lazaro, fez-se primeyro lembrança do bem passado, que era ser querido; e logo se confessõu o mal presente, que era estar enfermo. Tanto importa huma lembrança de

Siam, tanto importa
hãa lembrança de Deos:
*Flevimus: cum recor-
daremur Sion.*

S. V.

82. **P** Assẽmos do en-
fermo ao en-
fermeyro. E que hade
fazer o Prégador, que
he o enfermeyro, para-
que se não erre a cu-
ra da sua parte? Não
hade ter duas coufas.
A primeyra he, que
não hade ter enfermi-
dade; porque se Chri-
sto diz, que guiar hum
cego a outro cego he
ruína de ambos, curar
hum enfermo aos ho-
mens enfermos, que fe-
rá se não ruína de to-
dos? O Prégador tem
duas coufas; tem ser
ouvinte, e tem ser Pré-
gador: he Prégador a
respeyto do povo, a-
quem ensina o que ha
de fazer; e he ouvinte
a respeyto de Deos,
que lhe diz o que de-
ve obrar; e hum Pré-

gador não préga bem
por ser bom Prégador,
préga bem por ser bom
ouvinte: não satisfaz
com prégar o que fa-
be; satisfaz com fazer
o que ouve: este he
o Sermão mais efficaç.
La dizia Isaias a Deos:
Senhor, muytos annos
ha que eu prégo a esta
gente, e ella se não
converte, nem cre o
meu ouvir: *Quis cre-* Isai. 53.
didit auditui nostro? I. No-
tavel frase do Profeta!
Ninguem cre o meu
ouvir? E o ouvir co-
mo se póde crer? Se
differa Isaias: ninguem
cre o meu fallar, nin-
guem cre o que digo,
estava bem; mas dizer:
ninguem cre o que ou-
ço: *Quis credidit au-*
ditui nostro? Sim; por-
que era Isaias Prégador
Santo, era Prégador
verdadeyro, e hum Pré-
gador verdadeyro, e San-
to não préga com o que
diz, préga com o que
ouve: a melhor Rhe-
torica para persuadir
ao

ao povo he fazer hũ Pré-
gador o q̄ ouve a Deos:
o bom Prégador he
o bom ouvinte; porif-
so Isaias, para encarecer
a dureza daquelle povo,
não se diffinio Préga-
gador, por entender o
que fallava, diffinio-se
Prégador, por obrar o
que ouvia: *Quis cre-*
didit auditui nostro? Isto
he o que deve ter o
Prégador da Igreja, e
isto tinhaõ as enfer-
meyras de Lazaro. A
doença de Lazaro nem
a tinha Martha, nem
Maria; e como não ti-
nhão enfermidade, fa-
cilmẽte fizeraõ recorrer
o enfermo a Deos: *Ecce,*
quem amas, infirmatur.

83. A segunda coufa,
que se requer no Pré-
gador, como enfermey-
ro, he, que hade ter
odio, e não hade ter
odio: hade ter odio á
enfermidade, e não ha-
de ter odio ao enfer-
mo: não hade mole-
star o enfermo, hade
destruir a enfermidade.

Tom. I.

Diz S. Paulo, que, sen-
do Christo innocente,
o Padre o fizera pec-
cado: *Eum peccatum* 2. Co-
rinth. 5. 21.
fecit. Parece que não e-
stã boa esta grammatica;
porque, sendo Christo
innocente, havia dizer
S. Paulo, que Deos o
fizera peccador; mas di-
zer, que o fez pecca-
do: *Eum peccatum fe-*
cit? Duvida he esta,
que S. João Chrysofost. D. Joa.
Chry-
mo julgou por grande. sofost.
Ora dobremos a folha
nesta duvida, e vamos a
casa de Pilatos. Propoz
este presidente aos Jude-
os Christo, e Barabbas, e
pergütou-lhes, qual que-
riaõ, que soltasse? Pedi-
raõ elles, q̄ soltasse a Ba-
rabbas, e crucificasse a
Christo: *Crucifige, cru-* Luc.
23. 21.
cifige eum. Não me
queyxo agora dos Ju-
deos, que o pedem,
queyxo me de Deos, que
o permite. Senhor,
permittis, que concor-
ra voffo Filho com Ba-
rabbas, e que fique li-
vre Barabbas, e morra
voffo

E 2 voffo

vosso Filho? Sim; agora entendo eu o texto de S. Paulo. Christo não era peccador, representava o peccado: *Eum peccatum fecit*: Barabbas não era peccado, era peccador: *Erat propter seditionem, & homicidium, missus in carcerem*. Ahim! Pois na ordem do decreto de Deos não se crucifica o peccador, crucifica-se o peccado: Christo representava o peccado, Barabbas era e representava o peccador; pois para haver de ficar livre Barabbas, hade-se crucificar Christo; porque, para viver o peccador, não se hade crucificar o peccador, hade-se crucificar o peccado: *Crucifige eum. Eum peccatum fecit*.

84 Eis aqui o que Deos permittio naquela figura, para ensinar aos Prégadores a sua obrigação. O Prégador, como bom enfermeyro,

hade destruir a doença, não hade molestar o doente; hade matar o peccado, sem cortar o peccador. Em hum lançol representou Deos a S. Pedro muytos animaes, e mandandolhe, que os mataffe: *Occide*; Açt. 10. 13. não fez menção do lançol. Pois porque não manda rasgar o lançol, se manda matar os animaes? Porque o lançol representava o peccador, e os animaes representavaõ os peccados; e Deos manda, que se matem os peccados, mas não manda, que se corte o peccador: porisso sem se offender o lançol, se haõ de matar os animaes: *Occide*. Em huma parábola explicou Christo esta obrigação. Comparou o Prégador ao que semea: *Exiit, qui seminatur, seminare semen suum*; e não o comparou ao que lavra. Pois se compara o Prégador ao homem, que semea, por-

porque o não compara ao homem, que lavra? Porque entre o que lavra, e o que semea, ha esta differença; o que lavra fere a terra com o ferro do arado, o que semea aprobevta a terra com os graõs de trigo; e o Prégador não hade lavrar, hade semear; hade semear lançando na terra o trigo da palavra de Deos, não hade lavrar ferindo a terra com o ferro da murmuração. Na lavoura temporal não se póde semear ograõ, sem lavrar com o arado; mas na lavoura Euangelica bem se póde semear a doutrina, sem molestar com o ferro, bem se póde curar a enfermidade, sem se molestar o enfermo. Assim o fizeraõ as duas enfermeyras do nosso Euangelho. Tratáraõ bem o peccador, dandolhe o nome de amado; tratáraõ mal o peccado,

dandolhe o nome de enfermidade: *Ecce, quem amas, infirmatur*.

S. VI.

85 **M**uyto me dilatey nos peccados de enfermidade, ferey breve nos peccados de morte, e nos peccados de sepultura. Peccado de morte, peccador morto he aquelle, que, estando com peccado, lhe não busca o remedio: tanto que se não busca o medico, he final, que morreo o doente do corpo; tanto que se não busca a Deos, he final, que morreo o enfermo da alma. No nosso Euangelho temos a prova. Enfermou Lazaro, e avifáraõ as irmãas a Christo de sua enfermidade. Morreo Lazaro, e não avifáraõ as irmãas de sua morte. Pois se avifáraõ, que Lazaro enfermou, porque não avifáraõ, que La-

zaro morreo? Porque esta differença ha entre o peccador de morte, e o peccador de enfermidade; busca a Deos o peccador de enfermidade, e não busca a Deos o peccador de morte; porisso se não avisou a Christo de Lazaro morto, porisso se avisou de Lazaro enfermo: *Ecce, quem amas, infirmatur.*

86 Nesta casta de peccados cahem ordinariamente os poderosos. São os seus peccados peccados de morte, não pela materia do peccado, mas pela difficuldade do remedio. O doente mortal não pôde tomar os medicamentos, o peccador poderoso aborrece os remedios; e aborrecer os remedios he final de morte. Diz S. Paulo, que ha muytos peccadores, que o seu fim he a morte: *Quorum finis interitus.* Que peccadores de morte se-

Philip.
3.19.

raõ estes? O mesmo S. Paulo o diz: *Inimicos crucis Christi.* Os peccadores de morte, diz Paulo, são os inimigos da Cruz de Christo. E que tem o ser inimigo da Cruz, para fer hum homem peccador de morte? Direy: fer hum homem inimigo do Juizo de Deos, he temer o seu castigo; mas fer hum homem inimigo da Cruz de Christo, he aborrecer o seu remedio. Todo o nosso remedio está na Cruz de Christo; pois peccador, que aborrece o remedio; peccador, que he inimigo da Cruz, he peccador de morte: *Quorum finis interitus.* O enfermo, que aborrece o remedio, como pôde cobrar saude? Difficultosa he a saude de hum poderoso, se o seu mal tras consigo aborrecer o seu remedio. No Bautista estava o remedio do peccado de Herodes; e que fez He-

rôdes, senão matar o Bautista, e fer inimigo do seu remedio? Em fim era peccado de poderoso, era peccador de morte, que aborrece o remedio, e já não busca o medico: *Lazarus mortuus est.* Mas que remedio terá este peccado de morte? Eu lhe não acho outro, senão remedio de resurreyção, e este só Deos lho pôde dar, porisso me não occupo em lho persuadir, porque me não compete. Para resuscitarem os mortos do corpo, diz S. Paulo; que se ha de tocar huma trombeta; porque para homens mortos he necessaria voz de trombeta, não basta voz de Prégador. Até Christo, para resuscitar hoje a Lazaro morto, não applicou qualquer voz, deu hum brado muyto grande: *Voce magna clamavit: Lazare veni foras.* Tom. I.

§. VII.

87 **O** Terceyro, e ultimo peccado he o peccado de sepultura, e para melhor dizer, he o peccado de Religiao: Peccador sepultado he aquelle, que offende a Deos, vivendo recolhido; he aquelle, que vivendo fóra do mundo, que deyxou, vive como se estivera no mundo, de que fugio. Este he o mayor peccado de todos, quantos ha. O mayor peccado, que ha, he o peccado original, como raiz de todos. E quem cometteo este peccado? Quem? Hum Adam recolhido; hum Adam fechado no Paraíso; hum Adam, que peccou no lugar, em que Deos o recolheo; hum Adam, que viveo mal no lugar, onde devia viver bem; que não podia nascer o mayor peccado. Senão no lugar
E 4 gar

gar da mayor virtude. Os outros homens peccadores são filhos de Adam huma só vez; porque o peccado, que elle cometeo recolhido no Paraíso, herdaõ elles recolhidos no ventre: os Religiosos peccadores são filhos de Adam duas vezes; a primeyra em quanto homens, que herdã, sendo recolhidos no ventre, o peccado, que cometteo Adam fecho no Paraíso; a segunda em quanto Religiosos, que imitaõ no Paraíso da Igreja a seu Pay Adam peccador recolhido no Paraíso da terra.

88 Que o homem siga o mundo, e fuja de Deos no caminho do mundo, he digno de lastima; mas que fuja de Deos, e siga o mundo no caminho de Deos, he digno de castigo. Que hum homẽ fuja de Deos, vivendo divertido nos Paços do mundo, he grande miseria; mas

que hum homem fuja de Deos, vivendo sepultado entre quatro paredes da terra, he grande cegueyra. Fugio Jonas de Deos, que o mandava prégar a Niniue, e foy-se embarcar a Joppe: hindo navegando ordenou Deos huma tormenta, daqual resultou, que Jonas foy lançado ao mar. Não reparo no castigo, reparo no tempo. Duas jornadas fez Jonas fugindo de Deos, huma por mar, outra por terra; huma embarcado, outra quando se veyo embarcar; pois se são dous os caminhos, porque Jonas foge a Deos, hum por terra, outro por mar, como o castiga Deos no mar, e o não castiga na terra? Direy; porque fugir de Deos na terra, he cousa tão ordinaria, que já entã a não castigava logo Deos; mas fugir de Deos no mar, fugir de Deos Jonas já embarcado, he

o castigo

culpa, que Deos já entã logo castigava. Que Jonas fuja de Deos naterã, não he muyto, porque isso fazem todos os peccadores; mas que Jonas embarcado, que Jonas entre quatro taboas, q̃ Jonas recolhido no navio, que Jonas Religioso na não, de pois de deyxar a terra, embarcado no mar, e recolhido na Religiaõ, ainda fuja de Deos? O que grande culpa digna de tal castigo! Que Daniel em Babylonia adore a Deos, como se estivera em Jerusalem? Grande acção! Mas que Judas em Jerusalem venda a Deos, como se estivera em Babylonia? Grande delicto!

89 Porém que remedio terá este delicto? Difficultoso remedio por certo! Além da culpa da Religiaõ fer grande pela obrigação do estado, he mayor pela difficuldade do remedio. Não

ha enfermidade mais incuravel, não ha peccado mais difficultoso de remediar, do que o peccado da sepultura, do que a culpa da Religiaõ. No mesmo Evangelho temos a prova. Para curar Christo o filho da viuva de Naim, bastou huma palavra do Senhor: *A-Luc. 7. dolescens, tibi dico, surge.* Mas para resuscitar a Lazaro, foraõ grandes as circunstancias, que precederaõ. Primeiramente o Senhor chorou: *Lacrymatus est JESUS.* Depois affligio-se: *Premens in semetipso.* Logo orou ao Padre: *Pater gratias ago tibi.* E ultimamente bradou: *Voce magna clamavit.* Pois que differença he esta? Para resuscitar a quelle moço basta huma só voz, e para resuscitar a Lazaro tantas diligencias, chorar, affligir-se, orar, e bradar? Sim; porque aquelle mo-

moço era peccador morto no mundo; porém Lazaro era morto na Religião; era amigo de Deos: *Lazarus amicus noster dormit.* Aquelle moço era figura de hum peccador morto; Lazaro era figura de hum peccador sepultado; e vay tanto de hum peccador a outro, que o peccador do mundo, que o peccador morto, refuscita-o Christo logo: *Tibi dico, surge*; porém o peccador da Religião, o peccador sepultado, não refuscita logo, porque custa muyto: custa lagrimas: *Lacrymatus est JESUS*; e custa vozes: *Voce magna clamavit.* Eis aqui o que custa refuscitar hum Religioso: eis aqui o que custa refuscitar hum morto sepultado. Mas ainda affim que remedio? Que remedio? A peccado de sepultura remedio de sepultura.

90 Peccou hum Religioso na Religião? Pois tenha o remedio na Religião; e senão vede. Estando Lazaro na sepultura, o Senhor lhe mandou, que sahisse vivo: *Lazare, veni foras.* Pois se Christo quer refuscitar a Lazaro, mande tirar o corpo morto, ou amortalhado, e fóra da sepultura lhe dará a vida; mas darlhe vida na sepultura? Sim; porque deste modo se cura o peccado da Religião, desta sorte se cura o peccado da sepultura, na mesma sepultura: *Lazare, veni foras*

S. VIII.

91 **E** Is aqui, fieis, a Lazaro enfermo, a Lazaro morto, e a Lazaro sepultado; nem amocidade o livrou de ser enfermo; nem o illustre o isen-

isentou de ser morto; nem o ser amigo de Deos o privilegiou de ser sepultado. Eis aqui como o remedio daquelle peccado de enfermidade consistio em buscar apresença do medico: *Ecce, quem amas, infirmatur.* Eis aqui como o remedio daquelle peccado de morte consistio no clamor das vozes: *Voce magna clamavit.* Eis aqui como o remedio daquelle peccado de sepultura consistio na mesma sepultura: *Lazare, veni foras.* E se isto vos intimey aos ouvidos, mais efficaz Prégador ferey, se volo propuzer aos olhos; e até nisto seguiremos o nosso Evangelho. Querendo o Senhor persuadir aquelle povo, e desenganar aquella gente com a vista de Lazaro morto, com a vista de Lazaro sepultado, depois de enfermo, man-

dou tirar a pedra: *Tollite lapidem.* Como se differa aquelle povo: eis aqui amocidade enferma, desenganayvos moços; eis aqui o illustre morto, desenganayvos nobres; eis aqui o amado de Deos sepultado, desenganayvos Religiosos; porque se enfermam os moços, que segurança podem ter os velhos? Se morrem os nobres, que esperaõ os humildes? E se se sepultaõ os Religiosos, que será dos peccadores? Isto disse Christo antigamente a todos os estados, mostrando a figura de Lazaro, quando se tirou a pedra. Isto mais justificadamente quero eu propor a vossos olhos, correndo-se aquella cortina, para ver se se movem vossos coraçoes.

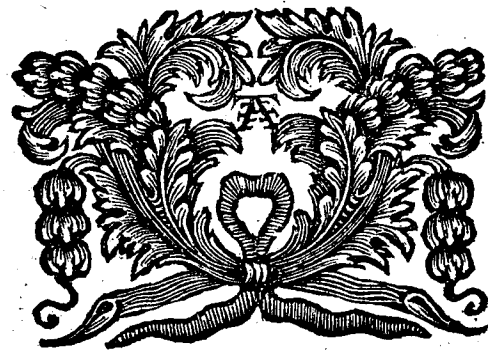
92 Eis ali, fieis, o nosso amigo Lazaro. Eis ali o amado de Deos: *Hic est Filius* Matth. me-17-15.

meus dilectus. Eis ali a mais florida mocidade : *Ego flos campi.* Eis ali o mais illustre do mundo : *JESU filij David.* Eis ali finalmente o nosso Lazaro enfermo : *A planta pedis usque ad verticem, non est in eo sanitas.* Desta sorte caminhais , meu Deos , para remediar minhas culpas , padecendo minhas enfermidades : *Infirmi- tates nostras accepit.* Melhor Adam , porque Adam , quando sahio do Paraíso , trouxe consigo a culpa , e deyxou no Paraíso a arvore da sciencia ; mas vós , melhor Adam , levais com vosco a culpa dos homens , e a arvore da Cruz. Melhor Noë , porque Noë se livrou a si dentro na Arca , quando todos se perderão no diluvio das agoas ; mas vós , melhor Noë , vos condenastes á vossa Arca da Cruz , para nos li-

vrar a nós do diluvio de sangue. Melhor Isaac , porque Isaac subindo ao monte levou a lenha , mas não perdeu a vida ; e vós , melhor Isaac , haveis de perder a vida , e levais o lenho. Melhor Jacob , porque Jacob levantou as varas junto dos rios de agoa ; e vós , melhor Jacob , levantai a vara junto do rio de sangue. Melhor Joseph , porque Joseph foy vendido , mas depois foy Vice-Rey ; e vós , melhor Joseph , fostes vendido , e depois crucificado. Melhor Moyses , porque Moyses , quando para morrer subio ao monte , deyxou a vara na Arca ; e vós , melhor Moyses , quando para morrer subís ao monte , levais ás costas a vara. Melhor Samsam , porq̃ Samsam levou em seus braços as portas , para livrar a vida propria ; e vós , melhor Samsam , sobre vossos hom-

hombros levais a porta do Paraíso , para remediar a vida alhea. Melhor David , porque David com o baculo acometeo o Filistheo ; e vós , melhor David , cõ esse baculo destruis a Lucifer. Finalmente melhor Lazaro , porque Lazaro padeceo a sua enfermidade , a sua morte , e a sua sepultura ; vós padeceis a nossa sepultura , a nossa morte , e a nossa enfermidade ; curando ,

qual outro Eliseo , com o lenho dessa Cruz a amargura de nossas agoas , e a enfermidade de nossas culpas ; curando nesse Calvario as enfermidades daquele Paraíso ; curando o mal da arvore da culpa , com essa medicina da arvore da vida ; curando aquella arvore do peccado , com essa arvore da graça , seguro penhor da eterna Gloria. *Ad quam nos perducatur. &c.*



SER-



SERMÃO DE S. ISABEL RAINHA DE PORTUGAL.

Com o Santissimo Sacramento exposto.

No ultimo dia do seu oytavario; no
Real Mosteyro de S. Clara de
Coimbra.

Simile est regnum caelorum thesauro abscondito in agro. Matth. 13.

S. I.

93



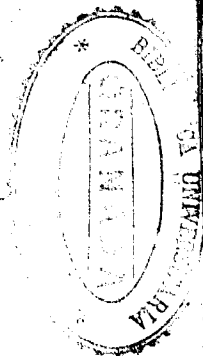
Odo o intēto da Igreja nos festivos applausos de seus Santos he a

edificação de seus fieis. (Senhor) Aquellas estatuas, que se punhão antigamente no Capitolio de Roma, não eraõ tanto para viva memoria dos passados,

dos, como para suave estímulo dos futuros. Aquellas cinzas, em que se resolveo a Féniz, não ficáraõ só em memoria da Féniz, que acabou, tambem ficáraõ em principio da Féniz, que renasceo: feraõ as cinzas estéreis, em quanto á vida, mas faõ fecundas, em quanto á resurreyção. Todos vivemos do exemplo: achou Roma, que, para fundar Capitaês, havia fundir estatuas: achou a natureza, que, para fazer Féniz, havia guardar cinzas. A fama he como a natureza: vendo a natureza, que senão podia perpetuar nos individuos, tratou de se prolongar nas geraçoens: assim com discreta emulação a fama, vendo que senão podia perpetuar nos Heróes, tratou de se eternizar nas estatuas: emfim a fama inventou as estatuas, a natureza guardou as

cinzas, para que das cinzas nasça huma Féniz segunda, como a primeyra, e das estatuas nasça hum Heróe presente, como o passado.

94 O mesmo passa na virtude: a Igreja como Mây, qual outra natureza, guarda as cinzas, guarda os corpos daquelles filhos seus, que foraõ Féniz na virtude, paraque das cinzas de huma Féniz possaõ renascer outras: Roma Catholica, mais acertada que a Gentilica, guarda as estatuas, e as faz Imagens de seus Santos, para que os possaõ imitar seus filhos. Este he tambem o fim da Igreja em seus Sermoens: não he o fim das Imagens só a memoria dos passados, he tambem a imitação dos presentes; não he o fim dos Semoens só o louvor dos Santos, he juntamente a edificação dos fieis. Esta doutrina



na sendo a mais certa, não he menos verdadeyra a que se segue agora.

95 Dous são os polos, em que se funda toda a maquina de hum governo, assim Politico, como Catholico, preceyos, e exemplos: o preceyto he violento, o exemplo he suave; o preceyto constringe, o exemplo incita; o preceyto he espada, o exemplo he espelho; e são mais fecundos os vidros que os ferros; o ferro quando muyto prende hum, o vidro quando menos representa mil; o preceyto quando muyto lembra a hum o que deve fazer, o exemplo quando menos desperta a muytos, que fação o que devem.

Joann. 11. 11. *Lazarus amicus noster dormit;* e chegando Christo lhe mandou, que acordasse: Ibi. 43. *Lazare, veni foras.* A

estas vozes do Senhor obedeceo, e sahio Lazaro: *Statim prodiit, Ibi. 44. qui fuerat mortuus.*

Resuscita depois o mesmo Christo, e com elle, diz o Euangelista, que resuscitárao muytos Santos, que dormiaõ: *Matth. 27. 52. Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt.* E bem!

Manda Christo a Lazaro, que resuscite, e resuscita só Lazaro? Resuscita Christo, e resuscitaõ com elle tantos Santos? Porque razaõ? Porque vissem o que póde o preceyto, e o que póde o exemplo: põe Christo hum preceyto de resurreyçaõ, e resuscita hum; dá Christo hum exemplo de resurreyçaõ, e resuscitaõ muytos: esteve a resurreyçaõ taõ estéril no poder do preceyto, que não teve mais que hum filho, hum Lazaro: *Prodiit, qui fuerat mortuus.* Esteve a resurreyçaõ taõ fecunda no poder

der do exemplo, que teve muytos filhos, muytos Santos: *Multa corpora Sanctorum... surrexerunt.* Vay muyto de Christo, que manda resuscitar, a Christo, que resuscita; porque Christo, que manda resuscitar, verá o seu preceyto obedecido em hũ; Christo, que resuscita, verá o seu exemplo imitado em muytos.

97 Ainda digomais. Lazaro resuscitou, mas resuscitou preso: *Joann. 11. 44. Prodiit ligatus.* Os Santos resuscitáraõ, mas resuscitáraõ livres: *Matth. 27. 53. Exeuntes venerunt.* E porque razaõ? Perguntára eu agora. Sabem porque? Porque a resurreyçaõ nos Santos foy filha do exemplo; e como o exemplo seja mais suave, assim como deu a vida, deu aliberdade: *Exeuntes venerunt.* A resurreyçaõ de Lazaro foy filha do preceyto; e como o preceyto seja violento, dá vida, mas deyx a em Tom. I.

prisoens: *Prodiit ligatus.* Eis aqui o que he o preceyto; eis aqui o que he o exemplo. Temos fundado o Sermão; porque se a Igreja Catholica na celebridade de seus Santos intenta a edificaçaõ de seus fieis, e para com os homens podem mais os exemplos que os preceyos, segura temos hoje a nossa edificaçaõ na nossa celebridade com hum taõ soberano exemplo. Ora vede.

§. II.

98 **C**elebra hoje, e celebrouto do este oytavario, este Real, como Religioso Convento, as memorias da Serenissima Rainha de Portugal S. Isabel: segura temos logo a nossa imitaçaõ nos seus exemplos. Ainda dos exemplos nem todos tem a mesma felicidade, antes se hums são fecundos, outros são esté-

féreis ; mas nelles a esterilidade, ou afecundidade não procede das virtudes, que tem, nasce dos fugcytos, em que estão. Huma virtude em hum pobre, em hum mendigo, he exemplo, mas he exemplo estéril ; huma virtude em hum Principe, em hum soberano, he exemplo, mas he exemplo fecundo : até nas virtudes ha fortuna, e ha desgraça : huma virtude, que havia ser fecunda pelo ser, que tem, o he pelo lugar, em que está.

99 A mesma imagem, que veneramos no Altar, he aquella, a que não assistimos em casa do imaginario; porque vay muyto de imagem, que está em hum banco humilde, a imagem, que está em hum Altar soberano. Assim são as virtudes: em hum pobre são imagens em casa do imaginario; nos Princepes são imagens

no Altar da Igreja. A mesma luz, que está no Sol, he a q̄ está na Lua, e nas Estrellas; com tudo o Heliotrópio não segue a Lua, não segue as Estrellas, mas segue o Sol. Pois, flor entendida, se fois amiga de luzes, porque não seguís a Lua, assim como seguís o Sol? Porque até no insensivel de huma flor ha o conhecimento desta politica; não segue a luz, porque he luz, segue-a, porque he luz do Sol. Esta verdade provada com tantas razoens, authorizou Christo com a sua doutrina.

100 Mandá Christo, que o sigamos, mas adverte logo, que o havemos seguir no caminho da Cruz: *Si quis vult post me venire, tollat crucem suam, & sequatur me.* Notavel circumstancia! Manda, que o sigamos, e que o sigamos na Cruz! E porque não noutra qual-

Matth.
16. 24.

quer parte? Porque não manda, que o sigamos no Presépio, imitando a sua pobreza? Que o sigamos para o Egypto, imitando o seu desterro? Que o sigamos para o deserto, imitando o seu jejum? Manda, que o sigamos no caminho do Calvario? No caminho da Cruz? Sim; porque na Cruz tinha Christo o seu Reyno: *Regnavit à ligno Deus.* No Calvario havia ser acclamado Rey: *Rex Judæorum.* E como tudo, o que elle queria de nós, era, que nós o imitassemos a elle, achou, que mais efficazes para nós eraõ os seus exemplos em quanto exemplos de Rey; do que em quanto exemplos de Santo: Christo no Presépio, no Egypto, no deserto, era Santo, mas não era conhecido Rey? Na Cruz era Santo, e como Rey estava conhecido; e sendo as virtudes as mes-

Tom. I.

mas, ha nellas tão grande circumstancia, pela efficacia de persuadir o titulo de Rey, que achou Christo, que só no titulo de Rey estava segura a imitação dos homens: eu o mostro.

101 Converteo-se o Bom Ladrão, e foy o primeyro inventor dos memoriaes de lembrança: *Domine, mememento mei.* Porém dizeme, homem. Que he o que pedes? Lembrança? Se estás em tão miseravel estado, se estás em tantas penas, porque não pedes áquelle Senhor, que te tire dessa Cruz? Respondo. Porque, tanto que se converteo o Bom Ladrão, logo conheceo a Christo como Rey: *In regnum tuum.* Ibi. e como vio, que estava na Cruz o Rey, logo houve por bem de ficar na Cruz o vassallo: a Cruz em Dinhas coube por castigo, e acabou por imitação: tão suave, e efficaç he o

F 2 exem-

exemplo do Rey, que assim faz abraçar até as Cruzes: *Tollat crucem suam, & sequatur me.*

102 Sendo pois, como eu dizia, o intento da Igreja nas festas de seus Santos a conversão de seus fieis; augmentando-se esta, como temos dito, mais pelos exemplos que pelos preceitos; sendo, como acabámos de dizer agora, os exemplos mais efficazes nos Reys que nos vassallos; por consequencia certa se collige, e a nossa piedade assim o infere, que não ha tempo, em que se convertaõ a Deos mais as almas, do que nestes dias, que se dedicaõ a esta Santa Rainha; pois a efficacia de seus exemplos se nos assegura na Magestade de sua virtude; e para que saybaõ o que haõ de imitar, nossas almas, vamos vendo em Isabel os seus exemplos: comecemos pelo

primeyro, e figamos logo nelle o norte do nosso Euangelho.

S. III.

103 **S**imile est regnum caelorum thesauro abscondito. No achar de hum thesouro ha muyta diversidade: ha huns, que achaõ o thesouro do mundo, e não achaõ o thesouro do Ceo: ha outros, q̄ achaõ o thesouro do Ceo, e não achaõ o thesouro do mundo: ha outros finalmente, que querem achar ambos os thesouros. Os que achaõ o thesouro do mundo, e não achaõ o thesouro do Ceo, são os peccadores ricos; e destes foy o rico avarento; não achou o thesouro do Ceo, achou sim o thesouro do mundo, e perdeu-se: *Sepulchus est, in inferno.* Os que achaõ o thesouro do Ceo, e não achaõ o thesouro do mundo, são os Santos pobres, e destes

foy o pobre Lazaro; não achou o thesouro do mundo, mas achou o thesouro do Ceo, e falou-se: *Factum est, ut portaretur in sinum Abrahae.* Os que querem achar os thesouros do mundo; e os thesouros do Ceo, são os peccadores ambiciosos, que tudo querem gozar, e destes foy Judas; quiz achar o thesouro do mundo nas mãos dos Fariseos, e o thesouro do Ceo na companhia de Christo; e como quiz usar de dous thesouros, condenou-se: *Laqueo se suspendit.*

Matth.
27.5.

104 Pois se são tres os modos, com que se achaõ os thesouros, de que modo, quizera eu saber, achou o seu thesouro a Rainha Santa? Achou por ventura o thesouro do mundo sem o thesouro do Ceo? Não; porque he verdade, que foy rica, mas não foy avarenta; achou o thesouro do Ceo sem o thesou-

ro do mundo? Não; porque he verdade, que foy Santa, mas não foy pobre: achou logo o thesouro do Ceo, e o thesouro do mundo? Sim achou: achou o thesouro do mundo, como Rainha, e achou o thesouro do Ceo, como Santa. Parece terrivel a consequencia; porque parece se segue, que achou Isabel os mesmos dous thesouros de Judas. Ora digo que sim, mas de modo diferente; porque não usou, como Judas, destes dous thesouros Isabel: e se não vendeu o thesouro do mundo

105 Judas traydor achou o thesouro do Ceo, e o thesouro do mundo; mas achou o thesouro do mundo no thesouro do Ceo; vendeo a Christo, que era thesouro do Ceo: *In quo sunt omnes thesauri, e logo teve dinheyro, que he o thesouro do mundo.* *Constituerunt ei triginta argenteos.* Grande malda-

Colof.
2.3.

Matth.
26.15.

del' Ifabel gloriosa achou
também o thesouro do
mundo, e o thesouro
do Ceo; mas achou q
thesouro do Ceo no the-
souro do mundo; veni-
deo os bens, que são o
thesouro do mundo:
*Vendit universa, que
habet;* e logo achou as
virtudes, que são o the-
souro do Ceo: *Et emit
agrū illum.* Grande
virtude! Eis aqui por-
que hos salvamos; eis
aqui porque nos perde-
mos: se achamos o the-
souro do mundo no the-
souro do Ceo, perdemo-
nos, como Judas; se a-
chamos o thesouro do
Ceo no thesouro do
mundo, salvamos, co-
mo Ifabel.

Esta he huma
das grandes virtudes da
nossa Rainha Santa, este
hum dos seus grandes
exemplos; e tao gran-
de, que de algum modo
faltou neste particular S.
Pedro. Chamou Christo
a Pedro, que andava
pescando no mar de Ga-

lilea, e logo lhe adver-
tiu, que o chamava
para pescador dos ho-
mens. *Venite post me, & Matth.
faciam vos fieri piscato- 4.º 19.º
res hominum.* Ouvio Pe-
dro a voz, e logo deyxan-
do as redes seguiu ao Se-
nhor: *At illi contumens, re- Ibi. 20.
lictis retibus, secuti sunt
eum.* Vejo que ninguem
repára neste Texto, ten-
do muyto em que repá-
rar: deyxá Pedro as re-
des: *Relictis retibus?*
Notável aççãõ em occa-
siãõ semelhante! E bem!
Para que chamou Chri-
sto a Pedro? Para pes-
cador, o mesmo Senhor
o disse: *Faciam vos fi-
eri piscatores.* Pois se
Pedro vay para pesca-
dor, como deyxá as re-
des: *Relictis retibus?*
Porque Pedro hia para
pescador da Igreja, e
entendeo, que na pes-
caria de Deos não ser-
viaõ redes do mundo;
ficáraõ no mundo as re-
des, e foy para Deos o
pescador: *Relictis reti-
bus, secuti sunt eum.*

1.º de 107.º O

107.º O' Ifabel nisto
aventajada a Pedro! Re-
des são dos homens os
thesouros do mundo;
não ha quem senão pren-
da em laços de prata; não
ha quem se não áte em
cadeas de ouro: vos em
tudo prodigiosa: tudo
destes a Deos; destes vos
a vós, e destes o vosso
thesouro: na conversão
de Pedro fez-se Pedro
Religioso, mas não fez
religiosas as suas redes:
vós, Serenissima Rainha,
fizestes-vos Religiosa a
vós, e fizestes religiosos
os vossos thesouros. Os
thesouros, ainda que são
amigos de nossas vidas,
são inimigos de nossas
almas: para nos serem
uteis haõ de ser como as
agoas, que sahem do
mar, e tornaõ para o
mar. São as agoas cor-
rentes, as que bebidas
dão vida; mas possin-
do-se encharcadas dão
morte; assim são os the-
souros. Os thesouros sa-
hem de Deos, Deos os
dá; Deos os reparte; e
são Tom. I.

senão tornaõ para Deos,
são thesouros encharca-
dos, que possuidos ma-
taõ; mas se tornaõ pa-
ra Deos, são thesouros
correntes, que dispen-
didos dão vida. Defor-
te que os thesouros, que
no mundo são inimigos
das almas, tornando pa-
ra Deos, de inimigos se
fazem amigos.

108.º A espada do Gi-
gante pendurou David
no Templo de Deos.
E que mysterio teve
pendurar aquella espada
naquelle Templo?
Dedicar a Deos a espada
de hum Gigante? Ra-
ra respondermos a du-
vida havemos primey-
ro saber quem era o Gi-
gante, e que figurava a
espada: na opiniaõ dos
DD. o Gigante era figu-
ra deste mundo, a espada
era a arma, com que o
mundo nos vence. O
que discreta aççãõ foy
logo a de David, fazer,
que fosse a migh a espada
inimiga! Não achou me-
dhor arbitrio, que tirar

F 4

la

la do lado do Gigante, e pendurala no Templo de Deos; e senão vede. **Quiz David** em certa occasião armas para vencer seus contrarios, e não achou melhor arma, que a espada do Gigante; que elle tinha posto no Templo: *Non est huic alter similis.* Muyto bem: a espada, que em hum tempo foy espada do Gigante contra David, agpra he espada de David contra os irmãos do Gigante? E quem lhe mudou o odio em amizade? Quem? O lugar: a espada lá no mundo, lá com o Gigante, he contrária; a espada cá no Templo, cá com Deos, he amiga: *Non est huic alter similis.* Grande acção de David Rey de Israél! Mas ainda mais glorioso exemplo de Isabel Rainha de Portugal! Os thesouros são inimigos da virtude; Isabel os fez amigos; tirou-os lá da bolsa do mundo, lá do

1. Reg. 21.9. *Non est huic alter similis.*

lado do Gigante, e aqui os pôz no Templo, aqui os dedicou a Deos. Semelhante he o Ceo ao thesouro: *Simile est regnum calorum thesaurorum*; e he semelhante ás redes: *Simile est regnum calorum sagenæ.* Pedro não fez, que ás suas redes fossem redes do Ceo; Isabel fez, que o thesouro fosse thesouro de Deos; achou o thesouro do Ceo, e o thesouro do mundo thesouro do Ceo: *Simile est regnum calorum thesaurorum.*

Matth. 13.47.

S. IV.

109. **O** Segundo exemplo, que nos deo, e em que mostrou ser grande a Rainha Santa, foy a penitencia. Eraõ nella continuos os jejuns, ordinarios os cilícios, multiplicadas as disciplinas: sendo sempre grande Santa, obrava como festiva fido grande peccadora.

dora. Gloriosa Rainha, quem vos obrigou a tão rigorosa penitencia? Se de menina fostes Santa, se de menina fostes justa, quem vos obrigou a ser penitente? Ouço, que me respondeis: o ser Rainha. Ha dous generos de penitentes; ha penitentes de culpa; e ha penitentes de Magestade; penitentes de culpa devem ser os peccadores; penitentes de Magestade devem ser os Reys: os Reys, por mais justos que sejaõ, sempre devem ser penitentes; porque, quando a penitencia não cahe sobre culpas proprias de suas pessoas, sempre vem a cahir sobre as culpas alheyas de seus vassallos.

Apoc. 6. 12.

110. No dia do Juizo, diz S. João, que hade apparecer o Sol vestido de cilicio: *Tantumquam saccus cilicinus.* Vestido o Sol de cilicio? Quem obrigou o Sol a fazer naquelle dia aquel-

la penitencia? Se elle não tem sombras, retrato das culpas, se elle tem luzes, copia da graça, porque se veste de cilicio? Que se vestisse a lua, bem estava; porque era justo, que fizesse penitencia, senão pelas culpas, que faz, ao menos pelos delictos, que ve, e dissimula; que fizessem penitencia as estrellas, justo era; pois com tal desigualdade de influxos estão todos os dias influindo desgraças nos entendidos, e fortunas nos nescios; mas o Sol, planeta o mais puro, penitente? Sim; porque he o Rey de todos os planetas, e quem lhe deo a Magestade, logo o obrigou á penitencia: não faz penitencia o Sol, porque tenha culpas; mas faz penitencia o Sol pelas de seus vassallos: *Tantumquam saccus cilicinus.* Desde o Ceo a terra está verificada esta verdade: no Ceo o Sol Rey

Rey dos astros vestido de cilicio; na terra a Rosa Rainha das flores cercada de espinhos. Formosa gentil, quem vos condenou a esses espinhos? Quem vos obrigou a essa penitencia? Quem? O ser Rainha do campo: a Magestade, q̄ ella goza sobre as flores, a obrigou á penitencia, que ella faz entre os espinhos. O' Isabel! O' Rosa! O' Sol! O' Sol vestido de cilicio! O' Rosa coroada de espinhos! O' Isabel cuberta de mortificaçoens! Obrigouvos a vossa Magestade a essa penitencia, obrigouvos a vossa virtude a esse exemplo. Se faz penitencia huma Rainha Soberana, que deve fazer huma grande peccadora? Que deve fazer huma creatura humilde? Unio Isabel gloriosamête o campo com o Ceo em sua penitencia; porque tambem unio o Ceo com o campo em sua femelhança: *U-*

mile est regnum caelorum thesauo abscondito in agro.

§. V.

112 **O** Terceyro exemplo foy o defengano. Morto El-Rey Dom Dionysio esposo desta Serenissima Rainha, ella se recolheo a huma camara, onde cortou os cabellos, deyxou as joyas, renunciou a purpura, e vestida no habito de Santa Clara se fez filha de Saõ Francisco; e nesta acção deyxou o mundo, que já dantes tinha deyxado pela Santidade de sua vida. Os outros Santos deyxão o mundo huma vez, Isabel o deyxou duas, e da segunda deyxou o mundo já deyxado da primeyra. O' que acção tão heróica! O' repetir as virtudes he augmento da Santidade, e credito do amor. Depois da Magdalena se inclinar sobre o sepulchro de Christo,

Gregor.

Christo, segunda vez se tornou a inclinar; e a razão dá Saõ Gregorio: *Quod est quod iterum se inclinat? Sed amanti semel aspexisse non sufficit; quia vis amoris intentionem multiplicat acquisitionis.* O seu amor foy a causa desta repetição. O thesouro do nosso Euangelho, sendo thesouro escondido: *Thesauo abscondito*; logo se tornou a esconder: *Quem, qui invenit homo, abscondit.* Pois se a Magdalena, depois de inclinada, se inclina; se os justos escondem os thesouros escondidos; q̄ muyto que Isabel deyxou o mundo já deyxado?

113 Ora que deyxou o mundo sendo Santa, bem está; mas que deyxou o mundo sendo Rainha? Que busque a Deos no estado da bonança? Que busque os apertos da Religião, quem goza a Magestade do Paço? Que busque o fayal, quem veste a purpura?

Grande maravilha! As aves naõ se recolhem, senão quando vem armar as tempestades; os homens naõ buscão a Deos, senão quando estão nas tormentas; e já se nas tormentas buscáráo a Deos, fora menor a queyxa; mas o peor he, que se estão cruzando os ventos, sem que se crucifiquem os homens. Bem grande tempestade fazia no mar, e bem descançado dormia o Profeta Jonas: *Dormiebat sopore gravi.* Naõ sey que tem isto do mundo, que nem na tormenta acordamos, como Jonas, nem na bonança nos recolhemos, como os peyxes: dayme attençaõ.

114 Resoluto Deos a dar hum castigo universal ao mundo, para que se conservassem as reliquias delle, mandou fazer huma arca, em que entrou todo o genero de creaturas, que havia na terra, menos os peyxes. Parecervos-

ha,

ha, que este Texto tem pouca difficuldade, e não deyxá de ter grande duvida. Pergunto: não queria Deos dar hum castigo universal a todas as creaturas? Não queria tambem, que todas se tornassem a reformar? Sim queria; pois se para se reformárem, entraõ na arca as mais creaturas todas, porque não entraõ juntamente os peyxes? Direy: porque aquelle castigo era hum diluvio, era hum mar de agoas; e em tempo de tantas agoas, não ha peyxes tão catholico, que deyxes as agoas, e se venha recolher á arca. Ainda não dice tudo: aquelle diluvio era tormenta, e era bonança; era bonança para os peyxes, era tormenta para as outras creaturas; pois recolhem-se na arca as outras creaturas, porque algumas se convertem, e se reformã com as tormentas; mas não

se recolhem os peyxes, porque ninguem se recolhe a Deos na bonança. O' gloriosa Isabel! No diluvio das felicidades, no mar das riquezas, nas ondas da Magestade, vos recolhestes a este Religioso Convento, verdadeyra arca do diluvio, descansando já agora neste monte, como antigamente a arca nos de Arménia, por generoso dispendio de vossos descendentes; que até em feu sangue vay Isabel dando-nos exemplos a nós, e gastando os thesouros com Deos: *Simile est regnum caelorum thesauro.*

§. VI.

115 **O** Quarto exemplo foy o amor, que teve á Religião de São Francisco; e neste amor nos deo hum grande exemplo de virtude. Antes q̄ discorra o ponto fundado a doutrina no Evangelho.

gelho. Diz Christo, que achando hum homem o thesouro em hum campo, fora, e venderá tudo o que tinha, para comprar aquelle campo, e possuir o thesouro: *Vadit, & vendit universa, quae habet, & emit agrum illum.* Reparo naquelle verbo: *Vendit*; vendeo; e não fora melhor, que desse? Se todo o fim era ganhar o thesouro, era alcançar o Ceo, e hum dos meyo, por onde o Ceo se alcança, he a esmola, não era melhor dar logo o que tinha aos pobres? He necessario vendelo? Sim; porque a perfeyta caridade, a perfeção do amor, não consiste tanto em dar, como consiste em vender. Não cuideis, que he isto paradoxo; eu me explico.

116 Quem dá huma esmola a hum pobre, té grande caridade, porque dá aos pobres os seus bens; mas quem

vende ao pobre huma esmola, tem mayor caridade, e faz mayor virtude; porque como o vender seja contrato, dá elle ao pobre os seus bens, e toma do pobre os seus males. Este he o mayor ponto da caridade; e esta foy a caridade de Isabel: não deu os seus bens a São Francisco, vendeolhos; e como Francisco era pobre, que havia dar a Isabel? Eu o direy: Isabel deu a Francisco a coroa de ouro; Francisco deu a Isabel a coroa de espinhos: Isabel deu a Francisco o sceptro; Francisco deu a Isabel as disciplinas: Isabel deu a Francisco o cinto de pedras; Francisco deu a Isabel o cordão de esparto: Isabel deu a Francisco a purpura; Francisco deu a Isabel o sayal: glorioso vender! Excessivo amor!

117 Sendo tão enca-recido o amor de Jonathas

nathas para com David, reparo eu em huma palavra, que parece defacredita este amor. Falla nelle a Escritura, e diz affim: *Dilexit eum Jonathas, quasi animam suam.* Aquelle adverbio *Quasi*, põe limites no amor deste Principe, se bem se adverte; mas quem poz termos a este amor, sendo tão grande? Quem fez limitado este amor, sendo tão extremo? Se bem o considerarmos, tinha todas as circumstancias de grande; era amor com desigualdade, pois era dedicado a hum pastor; era amor com perigo, pois era encontrado á vontade de Saül; era amor com ausencias, pois andava desterrado sempre David; era amor com liberalidade, pois chegou a dar seus proprios vestidos: logo em que esteve este limite? Em que esteve aquella *Quasi*? Sabem em que? Eu o direy: obri-

gou o amor a Jonathas, que dèsse os seus vestidos a David; mas o amor, que fez a dadia, não o obrigou á troca: eis ahi logo porque naquella occasião não foy o amor grande, antes foy amor cõ limite: *Dilexit quasi.* Tanto que Jonathas vio a David, logo lhe deu os seus vestidos; mas aqui parou o amor, aqui parou a affeyção; fez a primeyra fineza, mas não fez a segunda; deu os vestidos proprios, mas não recebeu os alheyos; deu ao Pastor a purpura, mas não tomou do Pastor a famarra: pois se fazeis a primeyra fineza, porque não fazeis a segunda, Principe de Israel? Porque esta gloriosa acção estava guardada para a Serenissima Rainha de Portugal; só ella, cujo amor era grande, cuja caridade era excessiva, soube fazer esta troca. Bem: ditõ seja Deos,

Deos, que nesta fineza vê huma imitação do seu amor nos homens.

118 Falla o Profeta Zacharias daquelle Divinissimo Sacramento, e diz affim: *Quid enim bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?* Que cousa ha tão bella, como o Sacramento do Altar? Ora comparemos, como compararão já muytos, o Sacrificio do Altar com o Sacrificio da Cruz. E bem! Não he tam bom, e tão bello o Sacrificio da Cruz como o Sacrificio do Altar? Quem o duvida? O mesmo corpo, e sangue, que se offereceo em hum, se dá em outro; como diz logo o Profeta, que o Sacrificio do Altar leva ventagem, e he mayor que o Sacrificio da Cruz: *Quid enim bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?* Direy: não he mayor o

Sacrificio do Altar que o Sacrificio da Cruz na entidade; mas he mayor hum que o outro na fineza: e a razão he; porque no Sacrificio da Cruz Christo deu-se aos homens, mas não recebeu os homẽs; Christo na Cruz deu-se a si, e não nos recebeu a nós; porém no Sacramento do Altar recebe-nos a nós, e dá-se a si: *In me manet, & ego in illo.* E he tão grande a circumstancia de amor em dar mais, recebendo menos, que na mesma igualdade de sacrificio achou o Profeta ventagem de Sacrificio: *Quid enim bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?* Gloriosa Rainha, excedestes a Jonathas, imitastes a Christo. Dános Christo a nós o precioso de seu corpo, e recebe em si o humilde de nosso barro: *In me manet, & ego in illo.* Deo esta gloriosa

Zachar.
9.17.

Joann.
6.57.

fa Rainha a Francisco as suas joyas, e tomou de Francisco o seu burel : *Vendit uniuersa, quæ habet, & emit agrum illum.*

§. VII.

119 **O** Quinto, e ultimo exemplo, que nos dá a Rainha Santa Isabel, he o exemplo da humildade. Grande exemplo! Assim como a soberba he o mayor peccado, assim a humildade he a mayor virtude; a soberba he o mayor peccado, porque faz todas as obras más; a humildade he a mayor virtude, porque faz todas as obras boas; mas nem a soberba, nem a humildade se dão a conhecer pelo que são, dão-se a conhecer pelo fundamento, que tem: a soberba em hum vil, em hum rustico, tem

menos fundamento, e porisso he mayor culpa; a humildade em hum grande, em hum Principe, tem menos fundamento, e porisso he mayor virtude. Que se mostre abatido pela sua humildade, quem nasceu grande pela sua soberania! Relevante virtude! Efficaz exemplo! Pois desta forte se humilhou Isabel: sendo filha de Princeses soberanos, se fez filha de Francisco pobre: quando a purpura a tinha subido ao Throno Real, se recolheu a hum Mosteyro humilde; e para que? Senão para q̄ a nossa imitação tivesse nesta virtude o melhor exemplo.

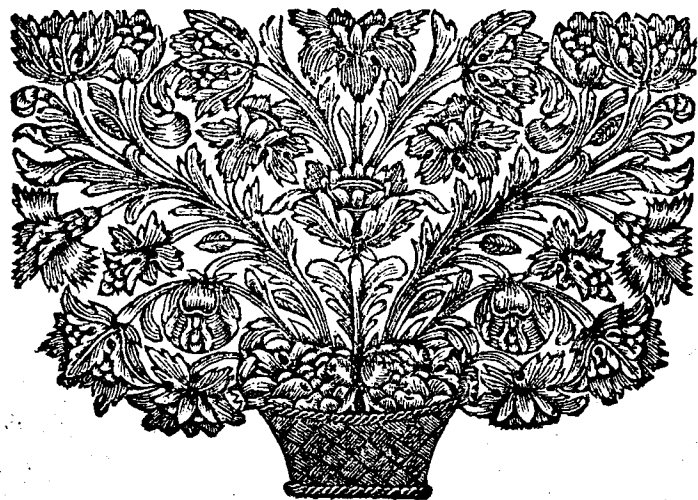
120 Das agoas nascerão os peyxes, e nascerão tambem as aves: *Producant aquæ reptile animæ viventis, & volatile super terram;* Genef. I. 20. Porém com muyto desigual fortuna; as aves deyxarão as agoas, e cor-

cortando os ares se remontarão sobre a terra; os peyxes não deyxarão as agoas, e ficarão habitando naquella sepultura de crystal. Notavel caso! Se sobem as aves, porque não sobem os peyxes? E já q̄ não podem subir os peyxes, porque não ficão com elles as aves? Já que nascerão todos no mesmo elemento, porque não occupaõ todos o mesmo lugar? Direy: porque as aves nascerão com azas, e sem ellas nascerão os peyxes; e quem nasce com fundamentos para subir, não se accomoda bem com ficar; aquem a natureza deu azas para se remontar soberano, não se accomoda com ficar nas agoas humildes. Mas isto, que não fizeram as aves, fez a Rainha Santa; isto, que não fez a Aguia, fez Isabel; ella nascendo,

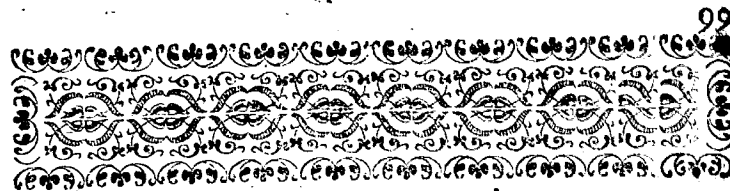
e vivendo na soberania, buscou a humildade; ella vestindo a purpura, que a elevava ao Throno da Magestade, se veyo sepultar no campo da Religião: *Simile est regnum calorum thesauo abscondito in agro.*

121 Estes forão os exemplos, que entre outros muytos nos deyxou a Rainha Santa, e os que poude expor o meu engenho ás vossas atençaens: o que importa he, que todos nos vejamos nestes exemplos como em espelhos; e se quem se vê no fragil de hum vidro se compõe; nós vendo-nos neste espelho, porque nos não emendaremos? Quem se vê em hum espelho emenda os defeytos do seu ornato; quem se vê nestes espelhos hade emendar os erros de sua vida, para que desta forte consiga a

Igreja o intento , que já que nos dais os exemplos; não nos falteis com a intercessão, para guardar cinzas de suas que imitando-vos neste Féniz, e logre o fruto mundo por graça, vos de seus Sermoes, e acompanhemos no outro por huma eternidade de Gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*



SER-



SERMÃO

EM DIA
DE

S. THOMÉ

Com o Santissimo Sacramento exposto.
No Mosteyro de S. Agostinho da Serra de Conegos Regulares do mesmo Patriarcha: na occasião, em que se havia acabado o seu edificio.

Nisi videro in manibus ejus fixuram clavorum... & mittam manum meam in latus ejus, non credam. Joann. 20.

S. I.

122



IO antigamente o Profeta (Senhor) Vio antigamente Tom. I.

o Profeta a acção, que havia fazer o Verbo Divino depois de encarnado, na eminencia de hum monte, no levantado de huma ferra, e chamoulhe obra, chamoulhe edificio

G 2

ficio

Habac. 1.5. ficio : *Opus factum est in diebus vestris, quod nemo credet, cum narrabitur.* Attentay, diz elle, farfe-ha em vossos tempos, e em vossos dias huma obra, que lhe hão de negar o credito aquelles, que lhe ouvirem as noticias; ninguem se ha de resolver a crella, ainda que ouça muytas vezes narralla: *Quod nemo credet, cum narrabitur.*

123 Verdadeyramente, que cumprida temos hoje esta profecia, executada temos hoje esta visaõ. A morte, que teve, o Sacrificio, que offereceo, o Verbo Divino humanado no Monte Calvario, foy obra, que fez, foy edificio, que fabricou: não foy aquella acção fõmente morrer, foy juntamente edificar. Andava o homem pela culpa não fõmente fõra da graça de Deos, em que fora creado, mas tambem fõra de sua casa, isto he, fõ-

ra do Paraíso, casa, que Deos lhe dera depois de sua creação: *Emisit eum Dominus Deus de paradiso voluptatis.* Pois como pela Redempção houvesse de ser posto o homem naquelle primeyro lugar, que teve, foy necessario ao Senhor morrer, e edificar; morrer para pela morte o tornar á graça, que teve; edificar para pelo edificio o restituir á casa, que perdeo; e como não podia ser esta casa aquelle Paraíso, que teve o primeyro homem, que fez Christo? Já o disse: morreo, e edificou; morreo na Cruz para lhe perdoar, supposto andava criminoso; edificou em si para o recolher, supposto andava desterrado.

124 Disse Christo ao Bom Ladrão: *Hodie mecum eris in paradiso.* Serás hoje comigo no Paraíso. Dous Paraísos assentaõ os D. D. que hã; hum he o Paraíso terrestre,

restre, em que esteve Adão; outro he o Paraíso celeste, em que estaõ os Bemaventurados. Agora pergunto: qual d'elles Paraísos prometteo Christo ao Bom Ladrão, o celeste, ou o terrestre? Responde-se communmente, que nem o Paraíso celeste, nem o terrestre lhe promettera o Senhor, supposto lho prometter naquella hora: *Hodie.* Pois valhame o mesmo Deos! Que Paraíso foy aquelle, que prometteo o Senhor ao Bom Ladrão: *Mecum eris in paradiso?* Seria por ventura o Senhor, que entãõ morria na Cruz, o mesmo Paraíso, em que o Ladrão havia de entrar? Não me atrevera eu a dize-lo, se o não patrocinára S. Ambrosio. Não era o Paraíso terrestre, porque d'elle estava já lançado o genero humano; não era o celeste, porque nelle não tinha entrado ain-

da o Verbo Divino; que Paraíso logo foy este, em que Christo recebeo o Bom Ladrão? S. Ambrosio diz humas admiraveis palavras, de que podemos tirar huma ajustada reposta. Falla elle com o Ladrão animando-o, e diz assim: *Noli timere ne tu cadas in paradiso, sicut cecidit Adam; ceciderat caro antequam susciperetur à Christo.* Poucas, mas admiraveis palavras. Não temas (diz o Santo) não temas cahir, Dimas, assim como cahio Adão: sabes porque cahio? Porque não foy recebido em Christo: *Ceciderat caro antequam susciperetur à Christo.* Bem dito. Huma cousa diz, outra suppõe; diz, que cahio Adam, porque não foy recebido em Christo; e suppõe, que não hade cahir o Ladrão, porque he recebido do Senhor. Andava o homem privado da graça, e desterrado

rado do Paraíso ; pois como houvesse o homem pela ley da graça de ser restituído áquelle lugar, que teve na ley da natureza; foy necessario a Christo, que fizesse em si hum edificio, e padecesse na Cruz huma morte; que padecesse na Cruz huma morte, para o tornar á graça; que fizesse em si hum edificio, para o restituir ao Paraíso.

125 Houve-se Deos na Redempção do mundo, como se houvera na criação d'elle. Na criação do mundo, quando o homem foy creado, fez Deos hum Paraíso na terra, em que o homem foy posto: na Redempção do mundo, quando o homem foy resgatado, fez Deos hum Paraíso em si, em que o homem fosse recolhido: *Suscipere tur á Christo*. Aquelle Paraíso ahi mesmo tinha a arvore da vida,

e tinha a arvore da sciencia: d'elle manavão rios de agoa, que regavão toda a terra. Este Paraíso segundo, tinha em si a arvore da sciencia, cifrada no Verbo Divino, tinha a arvore da vida escrita na Cruz sagrada: d'elle corria rios de sangue; com que se remirão os peccados do mundo. Fechou-se a porta daquelle primeyro Paraíso; quando houve o homem de ser expulzado; abriu-se a porta deste segundo Paraíso, quando houve o homem de ser admittido.

126 Falla S. João da lançada, que se deu a Christo, e diz assim: *Unus militum lanceá Joann. 19. 34. latus ejus aperuit*. Particular modo de fallar! *Aperuit?* Abrio? Disse-ra eu, que ferio o peyto; mas que abrio o lado? Sim; porqué aquella lançada não foy instrumento, que ferio o peyto de hum corpo; foy

foy chave, que abrio as portas de hum edificio: e como era edificio aquelle corpo, não se havia dizer, que o ferira a lança, porque o edificio não se fere; havia dizer-se, que a lança o abrira, porque o edificio abre-se: *Aperuit*. Haverá quem o diga? Não tenho eu menor abono, que a authoridade de S. Agostinho meu Padre: *August. Vigilanti verbo usus est Evangelista: non dixit vulneravit, sed aperuit, ut vitæ ostium panderetur*. Não usou o Evangelista, diz Agostinho, do verbo, ferio, usou da palavra, abrio, para mostrar, que se não ferio o peyto de hum corpo morto, mas antes se abrirão as portas de hum edificio da vida: *Ut vitæ ostium panderetur*. E quando S. Agostinho naquelle corpo considerou portas, que muyto, que eu naquelle corpo considere edificio. *Procede sem Tom. I.*

pre Deos com grande providencia. No principio do mundo edificou hum Paraíso, para recolher o homem, que creou; na Redempção do mesmo mundo edificou outro Paraíso, para recolher o homem, que remio: naquelle primeyro edificio se fecharão as portas em razão da morte: *Morte Genes. morieris*. Neste segundo edificio se abrirão as portas em razão da vida: *Ut vitæ ostium panderetur*

127 Que bem nos explica este edificio áquelle Divinissimo Sacramento! O Divinissimo Sacramento se chama retrato, e memoria da Payxaõ: *Recolitur memoria passionis*. Mas se perguntáres quando foy intituido? Dirvos-ha a Igreja, que foy hum dia antes do Sacrificio da Cruz: *Pridè quam pateretur*. E isto como pôde ser? *Se ede he retrato da Payxaõ,*

xaõ, parece que havia ser depois della: o retrato sempre he depois do original; porque á imitação do original se faz o retrato: logo este retrato como se fez antes: *Pridiè quàm pateretur?* Direy: he verdade, que commumente sempre depois do original se faz o retrato; porque este se obra á imitação daquelle; mas só em huma materia, só em hum caso se faz o retrato antes de se fazer o original; e he no caso, e na materia dos edificios: na materia de edificar primeyro se faz o retrato, que he o debuxo, depois se faz o original, que he o edificio: nas outras materias primeyro se faz o original, e depois o retrato, porque o retrato se faz á imitação do original; mas na materia de edificar primeyro se faz o debuxo, depois o edificio, porque o edificio se faz á imitação

do debuxo: logo como o sacrificio do Altar fosse debuxo, e o sacrificio da Cruz fosse edificio, foy depois o sacrificio da Cruz, como edificio, foy antes o sacrificio do Altar, como debuxo: *Pridiè quàm pateretur.* Tudo he copia, a que retrata, e a que debuxa; mas com esta diversidade, que a copia, que retrata, retrata o que se tem feyto; a copia, que debuxa, retrata o que se hade fazer; e como a copia, que debuxa, retrata o que se hade fazer, havendo o Senhor de edificar na Cruz, quiz primeyro debuxar o edificio no Sacramento: *Pridiè quàm pateretur accepit panem, &c.*

128 Eis aqui a obra de que fallava o Profeta dizendo, que senão havia de crer, quando se chegasse a contar: *Opus factum est in diebus vestris, quod nemo credet cum narrabitur.* Verdadey,

deyramente, que cumprida temos hoje esta profecia. Depois do Senhor ter aperfeyçoada toda a obra, e acabado todo o edificio pelo acto de sua Resurreyção, se divulgáão as noticias delle; mas nem os Apostolos créaõ o que as mulheres contavaõ: *Non crediderunt illis;* nem S. Thomé creio o que os Apostolos diziaõ: *Non credam.* Não fiou o credito do edificio senão da vista dos seus olhos: *Nisi videro.* Bem sey eu, que diz S. Gregorio, que mais nos aproveytou a nós a infidelidade de Thomé, que a fidelidade dos mais Apostolos; mas com tudo, supposto prégio a auditorio fiel, aproveytarnos-ha hoje a infidelidade de Thomé mais para edificar, que para crer. S. Thomé no modo de ver o edificio, e Christo no modo de o mostrar a Thomé, nos ensinarão hoje o modo, e o fim de edificar. E

Luc.
24.11.

Gregor.

não pareça temeridade, collegir os acertos de hum edificio das duvidas de huma fé; porque se a fé sabe crer, tambem sabe edificar. Lá disse S. Agostinho meu Padre, que onde faltava a razão do caso, havia supprir a edificação da fé: *Ubi deficit ratio (diz o Santo) ibi est fidei edificatio.* Logo, se a fé edifica, não será temeridade, que ella nos ensine a edificar. Vamos com o Euangelho.

August.

S. II.
129 **N** *Isi videro in manibus ejus fixuram clavorum.* Quiz ver S. Thomé as chagas, para crer a Resurreyção. E para que hade ver as chagas? No corpo de Christo estavão os dotes da Gloria, e estavão as chagas da Cruz; tanto testemunhavaõ a Resurreyção do Senhor estas chagas, como aquelles dotes; pois

pois se o intento de Thomé he saber sómente se Christo resuscitou, porque deseja ver as Chagas de Christo crucificado, e não os dotes de Christo glorioso? Porque no modo de ver nos quiz ensinar o modo de edificar: não quiz Thomé ver glorias, porque glorias admirão; quiz ver chagas, porque chagas edificaõ: ver hum corpo humano cõ dotes de gloria he cousa, que admira os olhos; mas ver hum corpo glorioso com chagas de Cruz he cousa, que edifica os animos; pois quiz-nos ensinar a edificar no modo de ver; porque assim como elle no modo de ver buscou chagas, que edificassem, e não glorias, que admirassem; assim nós no modo de edificar não havemos fazer obras, que admirem os olhos, havemos fazer obras, que edifiquem os animos.

130 Vendo S. Pedro no Thabor aquellas glorias, se resolveo a edificar naquelle monte: *Faci-* Luc. *ciamus tria tabernacula.* 9.33. Mas o Euangelista julgou esta resolução por ignorancia: *Nesciens* Ibi. *quid diceret.* E em que esteve a qui o erro, em que esteve a ignorancia? Na conveniencia da obra? Não; porque desinteressado edificava quẽ, esquecendo-se de si, se lembrava do Senhor: *Unum tibi.* Logo em Ibi. que esteve a ignorancia, em que esteve o erro? No lugar do edificio: he verdade, que estava decretado já, que havia Christo fazer o seu tabernaculo em hum monte; mas este não era o monte Thabor, era o monte Calvario; era o monte Calvario, porque nelle havia obrar o Senhor para edificar os homens; não o monte Thabor, porque nelle resplandeceo o Senhor, para admirat o mun-

mundo; pois nisto esteve a ignorancia de Pedro, em querer edificar no Thabor para admiração dos olhos os tabernáculos, que se haviaõ fazer no Calvario para edificação dos animos: *Nesciens quid diceret.* Aparecer hum Principe como Christo á vista dos seus vestido de luz, que cousa mais para admirar os olhos? Mas apparecer hum Principe como Christo á vista dos seus cuberto de sangue, que cousa mais para edificar os coraçõens? Pois tam justa, e acertada acção he esta de obrar para edificar, que fallando Christo, e Pedro na fabrica da obra, tam discretas foraõ as palavras do Senhor, porque traçava a obra no Calvario, onde havia edificar os animos: *Dicebant excessum ejus: ipsum audite:* quanto foraõ nescias as palavras de Pedro, porque de-

lineava a obra no Thabor, onde havia admirar os olhos: *Faciamus* Ibi. 33. *bic: nesciens quid diceret.*

131 Mas se o Euangelista naquelle monte notou o erro, eu nesta serra admiro o acerto. Que vejamos já o erro do mundo emendado pelo acerto da Religião? Que edificando o mundo palacios para o vicio, haja quem edifique casa para Deos? Que obra mais para edificar os animos? Que edificio mais para converter os coraçõens? Bem sey eu, que os olhos dos homens não haõ de tomar estas obras pelo que ellas tem de santas, mas pelo que ellas tem de admiraveis; porque já Seneca antigamente tinha esta queyxa: *Miramur parietes tenui* Senec. *marmore indutos, cum sciamus quale sit, quod absconditur; scimus sub illo auro feda ligna latita-*

tirare. He possível (diz Seneca) que nós outros os mortaes, sabendo o que he hum edificio, sabendo, que debayxo daquelle ouro flamante estaõ humas madeyras toscas, nos admiremos, e pasmemos de ver humas paredes rudes vestidas de finos marmores? Ora parece grande a femração dos mortaes; mas não he senão grande a razaõ dos homens. Tudo hade ter hum edificio, hade ser bom, e hade ser bello; mas pela belleza hade admirar os olhos, pela bondade hade edificar os animos.

132 Casa, e edificio saõ as especies daquelle Divinissimo Sacramento, debayxo das quais quiz o Senhor ficar com nosco recolhido. Ouvi agora o Profeta Zacharias: *Quid enim bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?* Que cousa (diz o Profe-

ta) taõ boa, e taõ bella como o paõ dos escolhidos? E bem! Não bastava, que fosse bom, não bastava, que fosse bello? He força ser juntamente bello, e bom: *Quid bonum, quid pulchrum?* Sim; hade ser bom, e hade ser bello: como hajão as obras de edificar, e de admirar, he necessario, que sejão boas, e que sejão bellas; boas para nos edificarem pela bondade; bellas para nos admirarem pela formosura. Ha-se Deos taõ pontual nas suas obras, que não só as faz boas em si, mas juntamente bellas para nos; e senão vede.

133 Formada Eva, vio o pomo da arvore da sciencia, e disse, que era bom, e formoso: *Bonum ad vescendum, & pulchrum oculis.* Ha tal modo de ver! Quando Deos o vio disse só, que era bom: *Vidit Deus quòd esset bonum.*

Pois

Pois como diz Eva, que he bom para o gosto, e formoso para os olhos: *Bonum, & pulchrum?* Os olhos de Deos virão menos, que os olhos de Eva? Não; mas saõ mais curiosos os olhos de Eva, que os olhos de Deos: os olhos do mundo não buscaõ as obras só pela bondade, mas tambem pela formosura: *Bonum, & pulchrum.* E como o saber de Deos conhece, e comprehende o genio dos homens, ainda que elle olhe só para a bondade, quer tambem nas suas obras formosura para a nossa vista; porisso fabricando aquella casa do Divinissimo Sacramento: *Sapientia edificavit sibi domum;* Tratou de a fazer boa, e de a fazer bella; boa para edificação de nossas almas: *Quid bonum?* Bella para admiração de nossos olhos: *Quid pulchrum?*

Proverb.
9.1.

134 O' quantas almas

edificadas, ó quantos olhos admirados considero eu hoje! Edificar hum coro para louvar a Deos, fabricar huma casa para continuar a virtude! Que mayor bondade para edificar as almas: *Vidit quòd esset bonum?* Ornallo com tanta grandeza, fazello com tanta curiosidade! Que mayor formosura para admirar os olhos: *Pulchrum oculis?* Mas deste modo obra edificando, quem tomou as liçoens de Thomé vendo: *Nisi videro fixuram clavorum.*

§. III.

135 **E***T mittam matus ejus.* Que quey-
ra S. Thomé ver as feridas, que Christo recebeo vivo, está bem; mas porque não hade ver tambem a ferida, que Christo recebeo morto? He a duvida tirada do Texto *Nisi vide-*

videro (diz elle) *fixuram clavorum*. Diz, que quer ver a ferida dos cravos, mas a da lança não, contenta-se só com metter a mão no peyto: *Et mittam manum meam in latus ejus*. Pois se quer ver as chagas, que os cravos fizeraõ, porque não vê tambem a chaga, que fez a lança? Porque nos ensinou a edificar com excellencia: ensinounos primeiramente vendo, e ensina-nos agora não vêdo; ensinounos vendo as chagas, quando nos ensinou a obrar com edificação; ensina-nos agora não vendo o peyto; quando nos ensina a obrar sem reparo. Hum superior, quando governa os subditos, hade ter os olhos abertos para governar com acertos; mas hum superior, quando edifica para Deos, hade ter os olhos fechados para não reparar em inconvenientes.

136 Com aquelle sangue, e agoa, que sahio do peyto de Christo, diz S. Cypriano, que edificou o Senhor a sua Igreja: *Sanguis, & aqua fluebant, unde sibi Ecclesiam Sanctam fabricabat*. Não reparo por hora em edificar o Senhor a sua Igreja com sangue, e agoa; reparo em edifficalla com sangue, e agoa do peyto. Que razão haveria para que este edificio se fizesse com o sangue do peyto, e não com o sangue do braço? O sangue do braço sahio do corpo vivo, o sangue do peyto sahio do corpo morto: pois foy mais acertado edificar a Igreja com o sangue do peyto morto, que com o sangue do braço vivo? Sim; porque o corpo morto edifica com olhos fechados, o corpo vivo edifica com olhos abertos; e he taõ necessario não ter, quem edi-

edifica, os olhos abertos, que sendo o edificar mais obra do poder, que do amor, não edificou o sangue do braço poderoso, porque sahio de hum corpo vivo, que tinha os olhos abertos; edificou o sangue do peyto amante, porque sahio de hum corpo morto, que tinha os olhos fechados: *Sanguis, & aqua fluebant, unde sibi Ecclesiam Sanctam fabricabat*.

137 E noto eu, que, como dizem muytos S.S. P.P. era cego aquelle soldado, que deu a lançada: e porque razão cego? Porque havia abrir o edificio: *Latus ejus aperuit*. Se aquelle soldado tivera vista, havia ver o corpo morto, e reparar, que já não podia lançar sangue; e feyta esta consideração, suspendia-se aquelle golpe; e o golpe suspendido, nem a Igreja fora fabricada, nem aquelle Sacramento nos fora da-

do: vede, que inconvenientes se seguiuõ, se tivera vista aquelle soldado: pois, porque não houvesse nelle o reparar, foy acerto não haver nelle o ver; para não reparar o seu diffcurso, foy necessario não verem os seus olhos. Já quando S. Joaõ no Cenaculo debuxou este edificio do peyto, e mostrou com a cabeça, onde se havia abrir com a lança: *In Joann. caena super pectus ejus; 21.20.* fechou os olhos: *Recubuit*. De modo que para se fazer este edificio, concorreraõ olhos fechados pelo sono, olhos fechados pela natureza, e olhos fechados pela morte; olhos fechados pelo sono, os de Joaõ, que debuxou: *In caena super pectus ejus recubuit*. Olhos fechados pela natureza, os do soldado, que abriu: *Unus militum lancea latus ejus aperuit*. Olhos fechados pela morte, os de

de Christo, que edificou: *Sanguis, & aqua fluebāt, unde sibi Ecclesiam Sanctam fabricabat.*

138 He taõ grande a conveniencia de se fecharem os olhos, quando se obraõ os edificios, que parece não se fizera o primeyro edificio do mundo, se não fechára os olhos o primeyro homem da terra. O primeyro edificio, que houve no mundo,

Genef.
2.22.

foy o de Eva: *Ædificavit Dominus Deus costam. in mulierem.* E como fez Deos este edificio? Ouvi o Texto:

Ibi. 21. *Immisit ergo Dominus Deus soporem in Adam.*

Influiu sono em Adam: e paraque? Que razaõ ha paraque Adam durma, quando Eva se edifica? Direy: havia Adam concorrer para aquelle edificio, dando em seus ossos a materia, de que elle se havia fazer: *Tulit unam de costis ejus.* E para-

Ibi. 21.

que Adam não reparasse em dar os materiaes para o edificio, foy necessario, que Deos lhe fechasse os olhos com o sono: *Immisit Dominus soporem in Adam.* Fez o Senhor esta consideração: eu hey de fazer este edificio; Adam hade concorrer para elle; os homens sempre repáraõ nos gastos, sempre põe inconvenientes nas obras; pois paraque não hajaõ aquelles reparos, durma Adam, que como elle não vir, logo o edificio se fará, como cerrar os olhos, logo não reparará nos inconvenientes: *Immisit Dominus soporem in Adam.*

139 O' como he acertado fechar os olhos aos inconvenientes, paraque não haja estorvo nas obras! Huns olhos fechados em nada reparaõ, tudo obraõ. Que bem executaráõ esta politica, ainda que a não entenderão, os Fariseos!

os! Entre as varias injurias, que fizeraõ a Christo, huma dellas foy taparlhe os olhos:

Luc.
22.64.

Velaverunt eum. E porque fenaõ queyxa o Senhor desta affronta? Porque não estranha esta injuria? Porque aquelle véo nos olhos, ainda que da parte dos Judeos era affronta, da parte do Senhor era conveniencia: estava elle resolutto a fazer aquella maravilhosa obra do Calvario; e era grande conveniencia, que os Judeos lhe estorvassem o ver, quando elle estava já resolutto a obrar: o Senhor via, que o affrontavaõ os mesmos, que remia: via, q̄ aquelles, porquem dava a vida, eraõ os que lhe davaõ a morte. Ha mayores inconvenientes? Não: pois para o Senhor poder obrar, grande conveniencia foy o não ver; porisso quey-xandose de outras muytas injurias, se não quey-

Tom. I.

xa da que lhe fizeraõ os Judeos, tapandolhe os olhos: *Velaverunt eum.*

140 Affim se houve Deos, havendo de fazer o edificio para o homem; e assim se hade haver o homem, quando fizer o edificio para Deos. Quando o homem edificar para Deos, quando obrar na casa do Senhor, hade ter os olhos fechados aos inconvenientes, hade obrar não vendo as difficuldades, porque não estorvem as difficuldades do mundo as obras de Deos. Peccou Adam, e logo Deos o lançou fóra do Paraíso:

Emisit eum Dominus de paradiso. E bem! Porque lançou Deos fóra do Paraíso a Adam? O mesmo Senhor o diz: *Né*

fortè sumat de ligno vitæ. Está bem; mas ainda fica a mesma difficuldade; porque se Deos poz hum Cherubim á porta do Paraíso, para

Genef.
3.23.

Ibi. 22.

H que

que Adam não entrasse; podia-o pôr junto da arvore da vida, para que Adam não comesse; pois porque o não poz, deyxando ficar Adam no Paraíso, para que trabalhasse? Não tinha Deos posto Adam para trabalhar, e obrar nelle? Sim: *Ut operaretur*. Logo porque não continúa na obra depois do peccado? Ora vede: *Aperti sunt oculi amborum*. Tinha já Adam naquelle tempo abertos os olhos; e no Paraíso de Deos podia obrar Adam com os olhos fechados, mas já não pôde obrar Adam com os olhos abertos; já não pôde Adam obrar, supposto chegou a ver; se tem olhos abertos para ver as cousas do mundo, hade ter logo as mãos atadas para obrar na casa de Deos. Nas obras do mundo bem pôde succeder o côtrario; porque ahi de ordinario as

Genes.
2.15.Genes.
3.7.

nossas mãos obraõ onde os nossos olhos vem; e assim se para as cousas do mundo abrimos os olhos, para ellas applicamos as mãos: notavel successo. Abertos os olhos se vio Adam despido, e logo tratou de se vestir. Vede como se applicáraõ as mãos a obrar, onde os olhos se applicáraõ a ver; mas era com o fim na conveniencia propria, e não na honra de Deos. Pois, diz o Senhor, vá Adam fóra do Paraíso, que como chegou a ver, já não serve para na minha casa obrar, pois só cuida em si: *Emisit eum Dominus de paradiso*.

141 Mas porque razão na casa de Deos se hade obrar com os olhos fechados? Responde. Porque se obra com mais liberalidade, e com muyto descanso. Provemos esta segunda parte. Dizia Job: *Somno meo requiescerem cum* Job. 3. 13. 14. *regi-*

regibus, qui edificant. Descançarem com os Reys, que edificaõ. Dizyme, Santo Job: se elles edificaõ, como descanso? Que Paços são esses, que se edificaõ descansando? Sabeis quais? Dizem alguns D.D. que são aquellas Paços, que se edificaõ para a virtude; e edificar para a virtude de casa, não he edificar com trabalho, he edificar com descanso: faziaõ aquelles Reys seus edificios com tal fantidade, que na mayor força das obras lhes considerava Job o muyto descanso dos animos: he verdade, que os via occupados em edificar; mas pela qualidade do edificio, que faziaõ, lhes conheceo a quietação, com que edificavaõ: *Somno meo requiescerem cum regibus, qui edificant.* Com tanto descanso edifica, quem edifica para Deos. Po-

Tom. I.

is, para que mostre o descanso, he necessario, que feche os olhos; porque quando os olhos se fechaõ, he final, que os animos descansão; e tambem he final, que as mãos se alargaõ.

142 Tudo havemos dar a Deos, e assim he necessario, que fechemos os olhos, quando fizermos as offertas; porque mais daõ os olhos fechados, que os olhos abertos: os olhos, que vem, daõ pouco, os olhos, que não vem, daõ tudo. *Ecce nos reliquimus omnia*, Dizia S. Pedro a Christo. E em que funda S. Pedro dizer, que deyxou tudo? Como julga, que deyxou todas as cousas, se deyxou só humas redes? Porque as deyxou, quando as não via: notay. Pedro deyxou lançadas as redes ao mar, e não tiradas á praya; deyxou redes lançadas, e não redes

Matth.
19. 27.

H 2 re-

Matth.
4.18.

recolhidas : *Mittentes rete in mare*; e quem dá redes lançadas, como não sabe o que tomarão, não vê o que dá; e quem não vê o que dá, com razão julga, que deyxá tudo em deyxar humas redes : *Relictis retibus. Ecce nos reliquimus omnia*. Se Pedro deyxára as redes recolhidas, differa, que deyxava pouco, porque via o que deyxava; mas como deyxou redes lançadas ao mar, onde as não via, julgou, que era certo deyxar tudo, quem não via o que deyxava: creceo a fineza na diminuição da vista; sabia S. Pedro, que quem dava sem ver, dava tudo, e julgou, que elle deyxava tudo, porque, quando deyxou, nada vio: *Mittentes rete in mare. Ecce nos reliquimus omnia*. O' como cresce a dadiva, quando se diminue a

Ibi.20.

vista, logo sóbra a dadiva.

143 De suas mãos lançou Christo sómente fangue; de seu peyto lançou fangue, e juntamente agoa : *Exi-^{Joann.}vit sanguis, & aqua. 19.34. Muyto dá hum peyto aberto; mas muyto mais haviaõ dar humas mãos rotas: logo como deraõ as mãos menos, dando sómente fangue, e como lançou o peyto mais, dando fangue, e agoa juntamente? Porque o peyto deu quando os olhos estavaõ fechados com a morte, as mãos deraõ, quando os olhos estavaõ ainda abertos com a vida; e até em Christo, sendo a mesma liberalidade, ha dar mais, e dar menos; quando vivo, tendo os olhos abertos, daõ suas mãos menos, pois daõ sómente fangue; quando morto, tendo fechados os olhos, dá seu peyto mais, pois dá fan-*

fangue, e agoa : *Exi-^{vit sanguis, & aqua.}vit sanguis, & aqua. Andão os olhos encontrados com as mãos; se os olhos se fechaõ, as mãos se abrem; se os olhos se abrem, as mãos se fechaõ: se os olhos se abrem para ver, as mãos se fechaõ para poupar; e se os olhos se fechaõ para não ver, as mãos se abrem para dar. Nem neste pensamento nos hade saltar o nosso Euangelho.*

144 As feridas dos cravos, diz S. Thomé, que hade tocar com o dedo : *Et mittam digitum meum in locum clavorum*. Mas a ferida da lança, diz, que hade tocar com a mão: *Et mittam manū meam in latus ejus*. E porque razão hade tocar as feridas dos cravos com hum dedo só, e a ferida da lança com a mão toda? Direy: Porque elle vio as feridas dos cravos, e não vio a ferida da lança, como já ouvimos: assim!

Tom. I.

Pois porisso as chagas dos cravos, que vio, com hum só dedo toca; e a chaga da lança, que não vio, com toda a mão apalpa. Quando vemos, damos a Deos hum só dedo : *Digitum meum*; quando nao vemos, damos a Deos toda a mão: *Manum meam*. O' como vejo hoje dada toda a mão a Deos! Mas isto não o fizeraõ olhos abertos, obráraõ-no olhos fechados, fechados para não ver inconvenientes, fechados para mostrar descanço, fechados para augmentar liberalidades: fechados para não ver inconvenientes, porque eraõ muytos os que tinhaõ estas obras, e se elles se viraõ, nunca ellas se edificáraõ; fechados para mostrar descanço, porque sem haver oppressão se obrava todo o necessario : *Et requiescerē cum regibus, qui aedificant*. Fechados para augmentar a liberalidade,

H 3 por-

porque, sem reservar nada, se gastou tudo: *Ecce nos reliquimus omnia.* O' que prodigio! O' que affombro! Mas sempre obra affombrando quem obra, como Thomé, não vendo: *Et mittam manum meam in latus ejus.*

§. IV.

145 **V** Enit JESUS, *Januis clausis.*

Já Thomé no modo de ver nos ensinou o modo de edificar; agora o Senhor no modo de mostrar o seu edificio, nos ensina o fim de edificarmos as nossas obras: vejamos o como. Veyo o Senhor buscar a Thomé ao retirado de huma casa, fechadas as portas: *Januis clausis.* E bem! Não era mais acertado mostrar o Senhor a Thomé aquelle edificio de seu corpo no publico de huma cidade, onde o vissem todos, que

no recolhido de huma casa, onde o viaõ poucos: Não; porque o Senhor não edificou para os olhos do mundo, edificou para os olhos de Deos: esta he a mayor excellencia do edificar; edificar para os olhos de Deos, e não para os olhos do mundo: tornemos ao Paraíso. Edificou Deos o primeyro edificio do mundo, que foy Eva:

Aedificavit costam in mulierem; e fez, que dormisse Adam: *Immisit soporem in Adam.*

Genes. 2.22. Ibi. 21.

Ponderemos outra vez este sono. E, para que faz Deos, que durma Adam, quando quer edificar a Eva? Para nos ensinar naquelle edificio, que fez, os edificios, que havemos obrar. Quando Deos edificou Eva, dormia Adam; porque para os olhos de Adam não fez Deos o edificio de Eva. De modo que naquelle caso via Deos o edi-

ificio feyto aos seus olhos, e não aos olhos de Adam. Era Adam hum mundo pequeno, figura deste mundo dilatado; pois, quando o mundo não vê, supposto que Adam dorme, entã edifica o Senhor, para nos ensinar, que havemos edificar nossas obras respeytando os olhos de Deos, e não os olhos do mundo: *Immisit soporem in Adam. Aedificavit costam in mulierem.*

146 Assim no-lo ensinou Deos no Paraíso, e assim o fez Christo no monte Calvario. Quando edificou a sua Igreja com sangue, e agoa: *Sanguis, & aqua fluebant, unda sibi Ecclesiam Sanctam fabricabat;* era já naquelle tempo, em que o Senhor tinha espirado, e o mundo estava cuberto de trévas: *Tenebrae factae sunt super universam terram.* Pois a-

Matth. 27.45.

Tom. I.

gora, Senhor, edifica is a Igreja, quando o mundo está em trévas? Quando o mundo não vê? Não era melhor, quando o mundo visse o edificio, que obrais? Não, diz Christo; porque eu não edifico para os olhos do mundo, edifico para os olhos de Deos: he verdade, que agora com as trévas não vem os homens o edificio, que faço; mas isso he o que eu quero: quero, que o veja Deos, e que o não veja o mundo; as trévas, as escuridades estorvaõ a vista do mundo, mas não estorvaõ a vista de Deos; pois agora edifico; agora que Deos vê, ainda que haja trévas; agora que o mundo não vê, supposto ha escuridades: *Tenebrae factae sunt super universam terram.* Tanto se recata Christo dos olhos do mundo, por se communicar todo aos olhos de

H 4 Deos;

Deos. Aquelle Divinissimo Sacramento se chama Mysterio escondido: *Mysterium absconditum*. Pois a mayor fineza do amor se recata á luz dos olhos? Sim; porque he obra de Christo; e Christo em suas obras busca o escondido, e não o publico; não o publico, por fugir aos olhos do mundo; sim o escondido, por apparecer aos olhos de Deos; mostra-se aos olhos de Deos, que sempre julgaõ bem; esconde-se aos olhos do mundo, que sempre sentençaõ mal: *Mysterium absconditum*.

147 O' que bem tomada lição! O' q' bem seguido exemplo! Que bem tomada lição de Deos! Que bem seguido exemplo de Christo! Podéra a minha Religião fazer este edificio, edificar estas obras, no povoado de huma cidade, e não no retira-

do desta Serra; mas isso fora edificar aos olhos do mundo, não aos olhos de Deos; e edificar aos olhos de Deos, he de Religiosos, edificar aos olhos do mundo, he de peccadores. Ouvei huma sentença de Christo, por boca do Profeta coroadado. Diz elle deste modo: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores*. Em minhas costas edificáraõ os peccadores. Reparo: pois edificáraõ sobre as costas de Christo? E porque razão? Porque queriaõ edificar aos olhos do mundo, e não aos olhos de Deos: deu Christo as costas ao mundo; e que fizeraõ entaõ os peccadores? Edificáraõ nellas; porque assim ficava o seu edificio aos olhos do mundo, que seguia a Christo: *Ecce mundus totus post eum abiit*. E não ficava aos olhos de Christo, que deyxava o mundo;

Psal. 128.3.

Joann. 12.19.

Ibi. 16. 28. mundo: *Relinquo mundum, & vado ad Patrem*. De modo que para o seu edificio ser visto do mundo, e não ser visto de Deos, nas costas de Christo edificáraõ; porque desta forte não o via Christo, pois lhe ficava feyto nas costas, e via-o o mundo, porque lhe ficava posto diante dos olhos: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores*. E se deste modo edificaõ os peccadores, de que modo haviaõ edificar os justos? Da forte, que agora vemos: edificáraõ aos olhos de Deos neste retiro, e não aos olhos do mundo lá nesse povoado; que assim edifica para Deos, quem assim toma liçoens de Christo: *Venit JESUS, januis clausis*.

148 **A** *Efer manum tuam, & mitte in latus meum*. Todos os D.D. aqui perguntãõ: porque razão

se deyxou o Senhor tocar de Thomé: *Mitte in latus meum*; não se deyxando tocar da Magdalena: *Noli me tangere*? Responde-se commumente, e he resposta muyto conforme á razão, que se não deyxou tocar da Magdalena, porque ella cria; deyxouse tocar de Thomé, porque elle duvidava. De modo que o tocar a Christo a Magdalena, supposto cria, era para augmento de sua graça; em Thomé, supposto duvidava, era para remedio de sua culpa; e o Senhor primeyro obra para remedio da culpa, que para augmento da graça. Boa lição de edificar. Mais agrada a Deos quem edifica para remedio, que quem edifica para augmento.

149 Vay a Igreja contando os instrumentos da morte de Christo, e diz, que foy doce o ferro

ferro dos cravos, e o peso do lenho da Cruz: *Dulce ferrum, dulce lignum.* Mas quando falla na lança, chamalhe cruel: *Lancea mucrone diro.* Reparo: os cravos ferirão o sensível de hum corpo vivo; a lança ferio o insensível de hum corpo morto: logo se o Senhor sentio os cravos, e não sentio a lança, como he cruel a lança, e como são doces os cravos? Direy: toda a differença, na estimação dos tormentos, esteve na qualidade das feridas: a ferida dos cravos foy para remedio, a ferida da lança foy para augmento: foy para augmento a ferida da lança, porque se deu, quando já os homens estavaõ resgatados: foraõ para remedio as feridas dos cravos, porque se derão antes dos homens estarẽ consummadamente remidos; pois nesta

diversidade das feridas estava a varia estimação dos tormentos: cravos, que obraõ para remedio, são doces *Dulce ferrum.* Lança, que obra para augmento, he cruel: *Lancea mucrone diro.* De modo que a ferida da lança foy para augmentar a graça aos homens remidos, a ferida dos cravos foy para remediar a culpa dos homens, q se resgatavaõ; e he tão grande excellencia obrar para remediar, que ficou sendo cruel para o Senhor o ferro da lança, que ferio para augmento: *Mucrone diro*; e foylhe agradavel o ferro dos cravos, que ferio para remedio: *Dulce ferrum.*

150 Muyto agrada a Deos o edificar para remedio: tanto, que ainda aquelle Divinissimo Sacramento, que elle obrou para augmento de nossa graça, quiz ficasse em memoria

ria da Payxaõ, que elle padeceo para remedio de nossas culpas: *Recolitur memoria passionis ejus.* O' que bom exemplo! Mas ó que boa imitação! Naquelle Capella nos rigores do inverno cantavaõ os Religiosos os louvores a Deos: havia mayor incommodidade? Havia mayor falta? Não. Mas bendito sejais, Senhor, que ordenastes o nosso remedio em nos dares casa para vosso louvor! Porém assim havia edificar hum Prelado para remedio dos subditos, supposto vós, como melhor Prelado, o obrastes para remedio dos peccadores: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.*

S. VI.

151 **D**ominus meus, & Deus meus. Desta sorte bráda Thomé; e porque ra-

zaõ, Sagrado Apostolo? Que achastes de Senhor em hum homem crucificado? Não responde S. Thomé; mas por elle responde S. Bernardo: *In his foraminibus passer invenit sibi domum.* Sabeis porque lhe chamou, Senhor, Thomé? Porque nelle achou casa para si: *Invenit sibi domum.* Como se differa Thomé consigo: este homem acabou a obra da Redempção do mundo; eis aqui vejo, e apalpo os sinaes della; eis aqui entro na casa para meu remedio edificada, e acabada; pois homem, que acaba tal edificio, homem, que aperfeyço a tal casa, não he qualquer homem, he Senhor: *Dominus meus.* O' como tendes razão Thomé! Quem começa huma obra, quem principia hum edificio, terá muyto de Deos; mas quem acaba hum edificio, quem aperfey-

feyçoa huma obra, tem muyto de Deos, e muyto de Senhor: *Dominus meus, & Deus meus.*

152 Nos primeyros dias da creação do mundo, não dá Moyfes a feu Artifice outro nome, mais que o de

Genef. 1.3.2.1. *Dixit Deus. Creavit Deus.* Mas no settimo dia já lhe dá mais hum titulo, e chama

Genef. 2.4. *In die, quo fecit Dominus Deus.* Pois atégora sómente

Deos: *Dixit Deus;* agora já Deos, e Senhor: *Dominus Deus?* Porque razão? A Escritura o diz em huma

Ibi. 2. *Complevit Deus die septimo opus suum.* No dia settimo acabou a sua obra; pois no dia settimo comeca o feu senhorio:

In die, quo fecit Dominus Deus. Seja só Deos quando começa, que quẽ começa tem muyto de Deos; mas seja Senhor, quando acaba; porque quem acaba tem tam-

bem muyto de Senhor: em quanto começa, e faz esta maquina universal do mundo he Deos sómente Deos: *Dixit Deus. Creavit Deus.* Mas quando acaba, e aperfeyçoa este géral mappa da terra, he hum Deos Senhor: *Dominus Deus.* Lançar alicerces será final de Divindade; mas co-roar edificios he final de senhorio. Pois como Thomé achasse perfey-tamẽte a cabada a casa da Redempção: *Invenit sibi domum;* aquelle, de quem duvidava, que fosse homem, confessou logo, que era Senhor: *Dominus meus.*

153 *Et Deus meus.* E porque razão tambem Deos? Chama Deos aquem apalpava homẽ? Santo Agostinho nesse Padre diz humas palavras, com que responde á duvida, e nos confirma o Sermão: *Novo genere vestigia vulnerum Divinitatis*

August.

per-

perhibent testimonium. Sabeis (diz Agostinho) quem lhe deu o testemunho de Deos? As chagas de crucificado: do passivel de homem inferio o impassivel de Deos; e isto porque razão, grande Padre? Continúa elle: *Quia templum erat indumentum corporis vulnerati.* Porque era Templo de Deos aquelle corpo de chagas: misterioso dizer. Era Templo de Deos aquelle corpo edificado para remedio dos homens; entrou nelle Thomé, e logo louvou a Deos; *Deus meus.* Começou Thomé ensinando-nos a fazer os nossos edificios, e acaba agora ensinando-nos a fazer nossas obrigaçoens: entrou (diz Agostinho) Thomé naquelle Templo, e como elle era edificado para remedio, não poz os olhos na humanidade, porque era cousa da terra, poz os olhos

na Divindade, porque era cousa de Deos: *Deus meus.*

154 Querendo Noë saber o estado, em que estava a terra depois de cessar o diluvio, diz o Texto, que abriu o tecto da Arca: *Aperiens Noë tectum arcae,* ^{Genef. 8.13,} *aspexit, viditque quod exiccata esset superficies terræ.* Notavel modo de ver! Se elle quer ver a terra, como olha pelo tecto? Se sahio pela janella o corvo, porq̃ não olha pela janella Noë? Respondo: era aquella Arca edificada para remedio do mundo; estava dentro della Noë enclaustrado; e quem entrou, e se enclaustrou em edificio feyto para remedio, veja muyto embora a terra, mas hade ser pondo os olhos no Ceo: *Aperiens tectum.* Era terra o que queria ver Noë, mas accomodou a vista ao edificio, em que estava: o edificio, em

em que estava, era Santo ; porisso o modo , com que vio, foy Religioso. Quando o edificio , em que estamos , he para nosso remedio, o modo, com que virmos , hade fer para nossa salvação.

155 Noë assim se houve , e assim se houve Thomé: Noë , querendo ver a terra, poz os olhos no Ceo, Thomé, querendo ver o corpo, poz os olhos em Deos: Noë, como estava dentro da Arca , feyta para remedio do mundo, o que vio foy a terra ; mas o que mostrou ver foy o Ceo : *Aperiens testum.* Thomé , como tinha entra-

do no peyto edificado para remedio dos homens , o que vio foy corpo ; porém o que annunciou foy Deos: *Deus meus.* Senhor , que edificio melhor para o nosso remedio, que hum coro para vosso louvor? Hum coro feyto para edificação, e edificado para remedio ? Hum coro edificado, não aos olhos do mundo , mas aos vossos olhos? Pois fazey agora, que delle não ponhamos os olhos na terra , onde ha diluvios ; mas no Ceo , onde ha serenidades ; porque assim nos conservaremos em graça , que he penhor seguro da Gloria. *Ad quam, &c.*



SER-



SERMÃO
DA
QUARTA SEXTA FEYRA
DA
QUARESMA,
Prégado na Capella Real.

*Jesus ergo fatigatus ex itinere, sedebat
sic supra fontem. Joann. 4.*

§. I.

156 **G**Rande batalha de Politicos, grande contenda de Estadistas (Muyto Altos, e Poderosos Princepes, e Senhores nossos) Grande

batalha de Politicos, grãde contenda de Estadistas, sobre qual seja mais danoso, sobre qual seja mais prejudicial á Republica : fer hum Principe, e hum Ministro vagaroso , ou fer qualquer delles apressado ? Grande inconveniente he fer o Ministro , ou

o Principe vagaroso ; porque os vagares estorvaõ as execuçoens , e execuçoens estorvadas são ruínas certas. Arruina-se hum Principe , perde-se hum Ministro , quando não obra por vagaroso , o que resolutamente tinha decretado. Não só Principes , mas também Ministros são os Anjos : Ministros lhes chamou David : *Qui facis Angelos tuos Spiritus, & Ministros.* E depois lhe deu o mesmo nome S. Paulo : *Omnes sunt administratorij Spiritus.* Principes lhes chamou Daniel , segundo a exposição de Origenes : *Daniel Principes esse testatur , quos Angelos Moyses nominârat.* O primeyro pois destes Principes , e destes Ministros , que intentou hũa facção muyto grande , foy Lucifer ; e não era facção de menos peso , que ser Deos : *Similis ero Altissimo.* Mas que succedeo

a este Principe ? Que aconteceu a este Ministro na resolução , que tomou ? Que ? A mayor ruína , que houve ; a mayor perda , que se sabe : e isto como ? Não era fabio ? Não era animoso ? Sim ; pois como cahio ? *Quomodo cecidisti ?* Elle , que nos deu a duvida , nos dará a resposta : *Sedebo in monte testamenti.* Assentarmehei no monte do testamento , diz Lucifer. Ha tal caso ! Em occasião de tanto negocio , em tempo de tão grande facção , quando não queria menos , que ser Deos , quando não aspirava a menos , que à Divindade , intenta descançar , diz , que hade assentar-se : *Sedebo ?* Pois de vagares que se haõ de seguir , senaõ ruínas ? Como hade ficar hum Principe , e hum Ministro tão vagaroso , que se quer assentar , senaõ arruinado : *Cecidisti ?* Altivo foy o pensamento ; mas

mas não foy politico o modo : foy altivo openfamento ; porque era de querer subir ao mais alto : *Similis ero Altissimo.* Não foy politico o modo ; porque era querer subir para descançar : *Sedebo in monte testamenti.* E tanto que Isaias o vio com vagares , logo o julgou capaz de ruínas : *Quomodo cecidisti ?*

157 Mais politico andou Lucifer no segundo pensamento , que teve , de enganar a nossos primeyros pays ; porque em fim conseguiu , o que intentou. Mas que faria Deos para estorvar seus pensamentos , e para castigar seus delictos ? Ouvi : *Super pectus tuum gradiéris.* Andará sobre teu peyto , lhe diz Deos. E bem ! A hum Ministro tão sagaz , a hum Politico o mais astuto : *Serpens erat callidior ;* este he o castigo , que selhe põe ? Andará sobre o

teu peyto , andarás a rasto : *Super pectus tuum gradiéris ?* Sim ; porque para destruir hum Ministro sagaz , he bom remedio condenallo a que seja vagaroso ; pois perderá por vagaroso , o que resolveo por fabio ; porque o ser vagaroso he tão improprio do ser de hum Principe , ou de hum Ministro , que para Deos destruir a Lucifer os pensamentos , houve de condenallo a vagares : já descanços o destruíraõ no Ceo : *Sedebo in monte testamenti ;* pois vagares o destrúam na terra : *Super pectus tuum gradiéris.* Ser hum Ministro , ou hum Principe na resolução fabio , mas na execução vagaroso , não ha mayor inconveniente ; não ha mayor detar. Não se perde menos por hum vagar , que huma primacia.

158 Daquelles dous moços , que contenderaõ no ventre de Thamar,

Psal. 103. 4.

Hebr. 1. 14.

Origen. Homil. 35. in Luc.

Isai. 14. 14.

Ibi. 12.

Ibi. 13.

Genes. 3. 14.

Ibi. 1.

mar, deu-se o Principado a Phares, e negou-se a Zara. E bem! Zara não foy mais valeroso, não foy mais atrevido, que Phares? Sim foy: lançou primeyro o braço, que Phares sahisse. Pois, se elle levou a primazia no valor, porque a não leva no morgado? Hade fer o segundo na casa, sendo o primeyro no valor? Sim; porque foy unico no descanço, e no vagar. Diz o texto, que apenas tinha o braço fóra, quando logo o

Genef. 38. 29. *recolheo: Illo vero retrabente manum.* Ah, sim? E Zara sendo tão ousado, que lança primeyro o braço; he tão vagaroso, que busca outra vez o ventre? Recolhe-se para o descanço em materia de tanto peso, em negocio de tanta importancia? Pois perca por vagaroso, o que começava a ganhar como resolutivo. Quando já tinha hum braço de

canço de hum ventre? Pois de vagares que se haõde seguir, senão perdas? Nem Zara foy amante, nem Politico; não foy amante, porque fugio com o braço, tendo recebido huma prenda; não foy Politico, porque descançou com o braço, hindo conseguindo huma victoria. Que páre o Sol, para se conseguir huma victoria, está bem; porque he para dar luz ao vencimento; mas parar o braço, hindo-se alcãçando hum triunfo, está mal, porque he dar lugar ao contrario: *Illo retrabente manum, egressus est alter.* Que Zara perca hum morgado por hum vagar! Hum senhorio por hum descanço! Ha tal desgraça! Não se perde menos por hum descanço no obrar, que huma primazia no ser: *Illo vero retrabente manum, egressus est alter.*

§. II.

§. II.

159 **M**As he grande inconveniente o ser hum Principe, e hum Ministro vagaroso, igual inconveniente he ser apressado. A razão he; porque a pressa estorva a consideração, e onde falta a consideração, he certo o erro. Com pouca pressa creou Deos o homem, tanto, que Tertulliano o reconheceo todo occupado, todo entregue a considerações: *Video, diz este Padre, totum Deum occupatum.* E em que? Em conselhos para fazer o homem: *Faciamus hominem.* E bem! As outras creaturas produzio Deos só com huma palavra, e o homem com tanta consideração? Sim: creava Deos o homem para Principe: *Et praesit;* e no modo de o fazer, lhe ensinou o modo de governar: deulhe o

Tertul-
lian.Genef.
1. 26.

Ibi.

fer, e o ensino: ainda não digo bem: deulhe o ensino no fer, pois que no modo de lhe dar fer, lhe debuxou o modo de ter governo: deulhe o fer com conselho, e ensinoulhe, que o governo havia fer com consideração: *Video totum Deum occupatum. Faciamus hominem... Et praesit.* Sem sahir dos dias da criação he de notar, que a luz, quando foy feyta, ainda sahio com trévas, & dellas a dividio o Senhor depois: *Divisit lucem a tenebris.* E porque não sahio logo perfeyta? Porque foy feyta com huma palavra: *Fiat lux;* E até, sendo Deos o Artifice, não sahio perfeyto o que se fez com huma palavra. Se isto passa em Deos, que será nos homens? O que elles fazem com hũa palavra, que trévas trará comfigo, quando, sendo quem a fez a palavra de Deos, trouxe ainda

Ibi. 4.

Ibi. 3.

Tom. I

I 2 tré-

trévas a luz: *Divisit lucem a tenebris?* He grande incômodo, he grande inconveniente em hum Ministro o ser apressado. Não pôde huma acção ter mayor causa para ser ruim, que o ser feyta com pressa.

160 Notaveis palavras foraõ as que disse Christo a Judas no Cenaculo: *Quod facis, fac citius.* E bem! Para que se hade apressar Judas? Vós, Senhor, haveis de ser o vendido, e Judas hade ser o apressado? Sim, diz Christo: este discipulo, que desculpa pôde dar dos erros, que commette, se eu lhe dey meu corpo, e lhe lavey seus pés? Nenhuma desculpa tem. Pois para que tenha alguma desculpa no offender, tenha alguma pressa no obrar. Houve-se Christo como fino amante (que sempre o amante anda a buscar desculpas, quando o amado anda a cometer erros) porisso lhe diz:

apressa-te; porq̃, como a pressa seja a mayor causa de huma acção ser ruim, terás desculpa do erro na pressa da acção; desculparás o ser ingrato, com o ser apressado: se hasde fazer isso, não confidêres, que terás entãõ culpa no erro, e culpa na consideração; apressa-te antes, porque terás assim, se culpa no erro, desculpa na pressa: *Quod facis, fac citius.* Pressa nas acçoens, pressa nas obras! O' que grande difficuldade para serem perfeytas! O' que grande inconveniente para serem acertadas!

§. III.

161 **P**orem se tanto a pressa, como o vagar he prejudicial no Principe, e no Ministro; que remedio pôde haver para evitar este prejuizo? Que? Ser apressado, e vagaroso: hade ter o Principe, e

o Ministro vagares, e rem humas, e descansarem outras? Direy: são os Seraphins Ministros de Deos; e como cada huma em si, tem grandes dannos; tomadas ambas juntas, tem grandes proveytos. Os grandes medicos de dous venenos mortaes fazem huma medicina salutifera; os politicos de duas circunstancias dânofas, como são pressa, e vagar, devem fazer huma circumstancia necessaria, como he apressado vagaroso, ou vagaroso apressado. Aquelles Seraphins, que apparecerãõ no Throno de Deos, tinhaõ seis azas: *Sex ale uni, & sex ale alteri.* Quatro azas estavaõ em descanso, e duas estavaõ sempre em voos: *Duabus velabant faciem ejus, & duabus velabant pedes ejus, & duabus volabant.* Pergunto: se com humas estavaõ quietos, como com outras estavaõ voando? Que mysterio tem voando humas, e descansarem outras? Direy: são os Seraphins Ministros de Deos; e como hum Ministro deva ser vagaroso, e apressado, os Seraphins para serem apressados, com humas azas voavaõ; para serem vagarosos, com outras azas descansavaõ: explicarão o officio, que tinhaõ, pela figura, com que estavam: nem todas as azas voando; porque serão só apressados: nem todas as azas descansando; porque serão só vagarosos. Pois que? Azas voando, e azas descansando; apressados, e vagarosos, que esta he a melhor politica. Descancem as azas dos pés: *Velabant pedes ejus*; porque passios si ludos requerem-se no Ministro. Descancem as azas da cabeça: *Velabant faciem ejus*; porque a consideração do Ministro hade ser vagarosa, e a cabeça do

Ijai. 6.
2.

Ibi.

Princepe assentada. Mas voem com as azas dos braços, e do coração: *Duabus velabant*; porque o Ministro hade executar diligente, o que resolveo vagaroso: *Duabus velabant, duabus velabant, & duabus volabant*.

162. Este nosso corpo humano he hum jeroglyphico da Republica do mundo, onde os seus Ministros são as suas arterias: se os pulsos não batem, se as arterias não bólem, he suffocação dos espiritos, vay-se arruinando o corpo: se os pulsos batem com força, e a arteria está apressada, he febre, está o corpo enfermo. Demodo, que nos pulsos a muyta pressa he doença, o total descanso he morte: porisso, para andarem bem, haõde andar ao compasso: nem de todo vagarosos, que he morte; nem de todo apressados, que he febre. Af-

sim as Republicas do mundo: se os seus Princepes, que são as suas arterias, estão em total descanso, suffoca-se a Republica, e vay morrendo; se os Princepes andaõ com muyta pressa, altera-se a Republica, e vay enfermado: he morte o muyto descanso, he descomposição a muyta pressa: haõde ser os Princepes, e os Ministros como os pulsos, apressados, e vagarosos, que he como hoje nos propoem o Euangelista S. João a Christo: *Fatigatus sedebat*. Parece havia de dizer: *Fatigatus venit*. Chegou fatigado; mas fatigado estava: *Fatigatus sedebat*? Sim; porque Christo he Rey, e Ministro; e como se ja propriedade de Ministro, e Rey, ser vagaroso, e apressado juntamente, porisso Christo, que tinha tanto de Rey, e Ministro, ajuntou os vagares com as pres-

pressas, os descansos com as fadigas: quando apressado: *Fatigatus*, entãõ vagaroso: *Sedebat*; e quando vagaroso: *Sedebat*, entãõ apressado: *Fatigatus*. E pois Christo nesta parte teve tanto de Rey, e tanto de Ministro, o mostrar como hoje foy Ministro perfeyto, e Rey justificado com a Samaritana, será o assumpto deste Sermão Vamos com o Euangelho.

S. IV.

163. **F**atigatus. Logo, se Christo estava fatigado, he, porque veyo depressa. Assim o dizem os DD. Porem se os passos apressados são improprios na Magestade, como se apressou o Senhor, tendo tanto de Rey? Porisso mesmo; porq̃ era Rey, porisso se apressou. O verdadeyro Rey, quando for para remedio dos vassallos, hade at-

Tom. I.

tentar primeyro pelo q̃ a necessidade pede, do q̃ pelos privilegios, que a Magestade logra. Myleriosa visaõ foy aquella, ja outra vez neste lugar explicada, que teve o Profeta Malachias: *Orietur vobis... Sol justitiae, 4.º 2.º & sanitas in pennis ejus*. Quem já mais vio o Sol com azas? Quem nasceo Sol, que viva com penas, está bem; mas com azas? Quem luzio para merecer, nunca teve azas para voar: logo se o Sol, como Monarca, deve dar passos; como diz o Profeta, que lhe vio voos: *Et sanitas in pennis ejus*? Porisso mesmo, porque he Monarca, trazia a saude nas azas; porisso renunciou os passos vagarosos da Magestade, e tomou os voos apressados do remedio: em nós estava a necessidade, nelle vinha a saude; pois que? Havia de andar? Isso era muyto bom para a Magestade da

I 4 pessoa;

peessoa ; mas era muyto máo para o acháque dos vassallos. E noto eu (esta he a minha duvida) que andando não se cança tanto o corpo, movendo-se fomite os pés; mas voando cança-se o corpo mais, batendo-se as azas; pois está muyto bem, traga azas o Sol, que traz remedio: venha voando para chegar cedo, e cançando-se por cuidar, que vem tarde: deve cançar-se, e affligir-se por cuidar, que chega tarde; deve voar, e apressar-se por querer chegar cedo. Isto he o que faz hum Principe, que he Sol, ou hum Sol, que he Principe: *Orietur vobis Sol iustitiae, & sanitas in penis ejus.* E se isto he proprio do Sol, se isto he proprio do Principe, quem tem tanto de Principe, quem tem tanto de Sol, como Christo, trazendo nas azas a faude da Sama-

ritana, q̄ havia fazer, senão voar, correr, cançar-se, affligir-se: *Fatigatus?* E he digno de se notar, que diz o Euangelista, importava ao Senhor passar por Samaria: *Oportebat eum transire per Samariam.* Joann. E 4.4. de huma acção de importância, que havia resultar ao bom Principe, senão cançados, e fadigas: *Fatigatus?*

§. V.

164 **S** *Edebat.* Errada parece esta acção em occasião como esta. Não hia o Senhor a remediar a Samaritana? Não era esta a causa de suas fadigas? Sim; pois porq̄ razão se assenta: *Sedebat?* Porque era Rey; e no caminho se apressa, para se conformar com a necessidade da Samaritana; na fonte se assenta, para contemporizar com a Magestade da pessoa. He justo, que

que os Princeses se fatiguem, e cansem para remediar a seus vassallos; mas não hade ser com total dispendio da Magestade Real: já que a Magestade da pessoa fica posposta, e preferida a necessidade dos vassallos no caminho, agora assente-se o Senhor na fonte, espere, que a Samaritana o busque; porque he justo, que aquelle Rey, que já satisfez á obrigação, em se apressar no caminho: *Fatigatus;* conserve tambem a Magestade, em se assentar na fonte: *Sedebat.* Temos em proprios termos o caso no Paraíso.

Genes.
3.9.

165 Nelle dava vozes, e dava passos Deos embusca de Adam: *Adam ubi es?* E bem! Sabia Deos o lugar, em que estava Adam? Sabia. Tinha descido do Ceo á terra embusca d'elle? Tinha. Pois se tinha descido do

Ceo á terra embusca de Adam, porque não vay Deos logo ao lugar, em que Adam estava, e assim escusava dar vozes: *Ubi es?* Porque não convinha á Magestade Divina. Houve-se Deos nesta occasião com muyta propriedade de Rey. Descer hum Deos do Ceo á terra embusca de Adam, e áquellas horas: *Ad auram post meridiem?* Ibi. 8. Parece pouca authoridade, parece muyto amor. Pois vendo Deos, que hia o amor victorioso, e a authoridade vencida, que fez? Or. Id. Poz-se a passear no Paraíso, para que Adam o buscasse, e não elle a Adam; porque era justo, que aquelle Deos, que desceo do Ceo á terra por satisfazer á necessidade de Adam, que estava despido, esperasse no Paraíso, por conservar a Magestade, que hia desauthorizada. Se Deos fora ao lugar,

lugar, em que Adam estava, que diria Adam? Isso he authoridade de Senhor? Isso he gravidade de Rey? Hum Deos, que he tudo, busca a hum homem, que he nada? Pois, porque isso se não diga, pare Deos, ponha-se a passear o Senhor; porque se já tem satisfeito á obrigação na pressa: *Ad auram post meridiem*; conserve agora a Magestade com o passeio: *Deambulantis in paradiso*. E Adam que fez? Diz o texto, que temeo, ouvindo a voz:

Ibi. 10. *Vocem tuam audivi in paradiso, & timui*. Pois teme a hum Deos, que o fez? A hum Deos, que o chama? O' fiéis! Considerou Adam bem o caso: crear-me Deos, e chamar-me, tudo he amor; mas passear pensativo, e esperar, que eu o busque? Não me vir buscar este Deos? Isso já não he amor, he Magesta-

de; não he ser amante, he ser Rey, he ser Senhor. Deste modo considerou Adam; e porque assim o considerou, por isso temeo: *Vocem tuam audivi in paradiso, & timui*. Deve haver temor nos vassallos, e nasce elle do respeito, e da gravidade dos Princepes: haõde esperar estes, que os vassallos os busquem, e não buscarem elles aos vassallos. Se eu me não enganano, temos segunda, e grande prova desta verdade no monte Calvario.

166. Estando o Senhor na Cruz, disse: *Sitio*. Tenho sede. E bem! Pede Christo agoa aos Fariseos? A agoa era alivio, elles davaõ-lhe tormentos; pois quem dava tormentos, havia concorrer com alivios? Não: que mysterio logo teve pedir agoa: *Sitio*? Direy. Pelas agoas se entendem os povos *Aqua populi sunt*. E como os Judeos tinham dito

Ioann.
19.28

Apoc.
17. 15.

Matth.
27.42.

dito a Christo, que descesse da Cruz, se era Rey: *Si Rex Israël est, descendat nunc de Cruce*. Achou Christo como Rey, que mais razão era, que os povos subissem á Cruz em busca delle, que elle descer da Cruz em busca dos povos: explicou Christo a obrigação pela sede: *Sitio*; porque mais obrigação era dos povos hirem buscar na agoa a Christo na Cruz, sendo Rey, do que Christo descer da Cruz a buscar na agoa os povos, sendo vassallos; porisso não desceo, porq̃ era improprio ao ser de Rey, descer a buscar os vassallos; porisso pedia, que subisse a agoa, porque he obrigação dos vassallos hir buscar o Rey: os Judeos differão, que, se era Rey, descesse: *Si Rex est, descendat*; e Christo, porque era Rey, lhes disse, que subissem: *Sitio*. Bom fiador tenho

deste pensamento em meu Padre Santo Agostinho. Falla meu grande Patriarcha explicando esta sede, e diz assim: *Ipsos ille sitiebat*. Tinha Christo sede dos vassallos: porque? Porque queria, que subissem, que elle não havia descer a buscallos, sendo Rey: *Si Rex Israël est*. E se he tanto de Rey, que os vassallos o busquem; que muyto era, que Christo se assentasse esperando, que a Samaritana o buscasse a elle: *Sedebat*.

August.

§. VI.

167. *S*ic. Assim. Como? De que modo? Não o diz o Evangelista, e com razão; porque como Christo era Rey, e descansava: *Sedebat*; das Magestades, e Ministros não se hade saber o modo, com que descansava. Assistião ao leyto de Salamão sessenta fortes

Cant.
3-7.

tes Varoens de Israél: *En letulum Salomonis sexaginta fortes ambiūt ex fortissimis Israél.* Reparo assim. Que Salamao tivesse estas guardas no exercito, era acertado; porque he bem haja guarda onde ha perigo: que as tivesse ás portas do Paço, era razão; porque se devem differençar as casas dos Reys das casas dos vassallos: mas guardas no leyto? Sim; porque o leyto he lugar do descanço; e de nenhuma couza se devem os Reys guardar com mais vigias, doque de chegarem os vassallos a saber o modo, com que descança o Principe. A razão he; porque o modo de descancar he huma acção natural; por huma acção natural facilmente se conhece o negocio; e nos Reys o negocio conhecido, he ficar a Magestade dominada: vede se ha mayor in-

cōveniente, que ter hum Principe as portas do natural abertas, para lhe dominarem a Magestade?

168 Quando Christo estava na Cruz inclinou a cabeça: *Inclinato capite.* Mas que razão ^{Joann. 19-30.} houve para inclinar a cabeça? A razão foy, querer remediar hum inconveniente futuro. Sabia o Senhor, que lhe haviaõ de abrir o peyto, conheceo o grande inconveniente, que he ter o Rey o peyto aberto; e assim tratou de ver se podia ficar cuberta com cabeça aquella porta, que se havia de abrir com a lança, Como Christo era amante, e era Rey, quiz haver-se como Rey, e como amante; para se haver como a mante, deyxou abrir o peyto com a lança; para se haver como Rey, tratou de cubrir o coração com a cabeça: *Inclinato capite.* E noto eu

Ibi. 34.

eu dizer o Euangelista, que sahio logo sangue, e agoa do lado: *Et continuò exiit sanguis, & aqua.* Reparo na palavra: *Continuò*; que quer dizer logo, e continuamente. Mas porque razão? Respondo: era Christo Rey, que tinha o peyto aberto, e sabia de quanta importancia era, não verem os vassallos o coração do Rey, porque lhes não conhecessẽ o natural; e assim quiz, que logo, e continuamente estivesse a sahir sangue, e agoa, para que a agoa, e sangue tapassem o peyto aberto, e ficasse o coração escondido. Se o sangue, e agoa não sahira logo, ou parára, vira-se claramente o coração de Christo; e assim, para q̄ isso não succeda (diz o Senhor) faya logo, e não páre a corrête, para q̄ tape o sangue, e a agoa, o que abriu o ferro da lança: *Et continuò exi-*

vit sanguis, & aqua. Pois como seja de tanta importancia ao Rey não lhe verem o coração, por lhe não conhecerem o natural, e este pelo modo de descancar se alcança facilmente, aquellas guardas, que havia ter Salamao no campo, as poz no leyto; porque mais perigo corre hum Rey descancando, que batalhando; pois batalhando póde-se ver o modo de brigar, que isso he honra; mas descancando não se deve ver o modo de descancar, que isso he perigo. E por evitar este perigo, vendo o Euangelista, que Christo era Rey, disse o descanço: *Sedebat*; mas calou o modo: *Sic.*

S. VII.

169 **S**upra fontem. E para que se assentou Christo sobre a fonte? Haveria para isso algu-

alguma razão particular? Sim; porque como Christo era Rey, e Ministro, havendo de julgar a Samaritana perdida, quiz ver primeyro na fonte a sua pessoa retratada; porque hum Rey, e hum Ministro, que houver de julgar as pessoas dos outros, hade ver primeyro a sua pessoa. Formou Deos a Eva de huma costa de Adam. E porque a não fez da terra? Adam de terra, e Eva de Adam? Sim; porque Adam era Rey; e como Deos sabia, que era necessario a hum Rey o ver-se a si, para poder julgar os outros, que fez com huma açcaõ formou huma mulher, para se augmentar o mundo, e para se ver Adam; porque era bem, que Adam, que havia exercitar o governo nos outros, visse a sua pessoa em Eva; se Eva fora feyta da terra, tivera Adam companhia, mas

não tivera retrato; pois como fosse necessario, que se augmentasse o mundo, e que Adam se visse; forme-se Eva de Adam, diz Deos; porque assim terá elle companhia em quanto homem, e terá retrato em quanto Rey. E Adam, que entendeu esta politica, logo disse a Deos: Senhor, já me vejo, já me conheço, já sey o que sou: *Hoc nunc os ex ossibus meis, & caro de carne mea.* Genes. 2. 23.

170 Tanto importa o ver-se a si, quem hade julgar os outros. Tornemos ao Calvario. Aquelle inclinar da cabeça: *Inclinato capite*; Joann. 19. 30. dizem muytos, que foy acceytar Christo o Reyno. A razão a meu ver he; porque quando o Principe houver de acceytar o Reyno, hade pôr juntamente os olhos na sua pessoa: porque deve pôr os olhos em si, quem acceytar ter poder nos outros; porisso

isso Christo, em materia de Reyno com aquella cabeça, com que acceytou o governo dos outros, com essa vio a pessoa propria: *Inclinato capite*. E se he proprio de Rey, e Ministro ver, e conhecer a sua pessoa, quando hade julgar os mais; porisso Christo não quiz julgar a Samaritana no mundo perdida, sem ver a sua pessoa na fonte retratada: *Supra fontem*. Digamos alguma cousa mais além do thema.

§. VIII.

171 **D**A mihi bibere. Estando Christo assentado, chegou a Samaritana á fonte, e o Senhor lhe fez esta petição: *Da mihi bibere*. Não reparo na petição, reparo no modo della: *Da mihi bibere?* Dame de beber? E porque não disse o Senhor, dame a-

goa: *Da mihi aquam?* Porq̃ era Rey, e Ministro; e hū Ministro, e Rey deve pedir o necessario, e evitar o superfluo. Esta differença acho eu entre o pedir agoa, e o pedir de beber: quem pede de beber, pede o necessario; porque pede remedio á sede: quem pede agoa, pede o superfluo; porque hade beber a necessaria, e lançar fóra a que sobeja: pois como Christo fosse Rey, quiz pedir o necessario, e evitar o superfluo; para evitar o superfluo, não pedio agoa; para buscar o necessario, pedio de beber: *Da mihi bibere*.

172 Tendo Christo necessidade de dinheiro para dar o tributo a Cezar, mandou a S. Pedro, que fosse ao mar lançar o anzol: *Matth. Vade ad mare, & mitte hamum.* 17. 26. Reparay, Senhor, que Pedro não he pescador de

Matth.
4. 18.

de cana, he pescador de rede *Mittentes rete*: Pois se Pedro he pescador de rede, porque o fazeis pescador de cana: *Mitte hamum*? Porque quer buscar o necessario, e evitar o superfluo: era necessario a Christo somente aquelle peyxe, que tinha na boca o dinheyro; pois porisso manda pescar com cana, e não manda pescar com rede; porque trazem todo o peyxe as redes, e tira hum só peyxe a cana; e como hum peyxe somente era necessario; quiz o Senhor, como bom Rey, buscar o necessario, e evitar o superfluo; para evitar o superfluo, não mandou pescar com rede; para buscar o necessario, mandou pescar com cana: *Mitte hamum*.

173 O' quantos Ministros neste mar do mundo, podendo deitar o anzol para trazer o necessario; lan-

çaõ as redes para pescar o superfluo! Quando Pedro era pescador do mundo, lançava redes: *Mittentes rete*; porque está a politica do mundo muy vestida de superfluidades; mas agora, que he pescador de Christo, lança anzol; porq' a politica de Deos com o necessario se contenta. E se basta fer de Deos Ministro para ter obrigação de buscar só o necessario, e evitar o superfluo; Christo, que nesta occasião álem de Ministro, se mostra Rey, e Senhor, para evitar o superfluo não pede agoa, para buscar o necessario pede de beber: *Da mihi bibere*.

Matth.
4. 18.

§. IX.

174 **D** *Edisset tibi aquam vivam*. Agoa promete o Senhor á Samaritana; e para que? Supposto que o Senhor tinha pedi-

pedido de beber, seria isto por ventura pagar? Digo, que, ainda que não fosse paga, sempre era obrigação. Tinha o Senhor pedido de beber á Samaritana: *Da mihi bibere*. E como Christo era Rey, achou, que tinha obrigação de tratar tambem da Samaritana: *Dedisset tibi*; supposto tinha já tratado de si: *Da mihi*. Que tratar hum homem somente de si, será bom para as cousas do Ceo, mas he muyto máo para as cousas do Reyno. Diferente se houve a resposta de Christo da petição do Bom Ladrão. Fez o Bom Ladrão a Christo esta petição: *Memento mei, dum veneris in regnum tuum*. E qual seria a resposta do Senhor? Ouvi: *Hodie mecum eris in paradiso*. Diferente está o despacho da petição. Não pede Dimas o lugar no Reyno?

Luc. 23.
42.

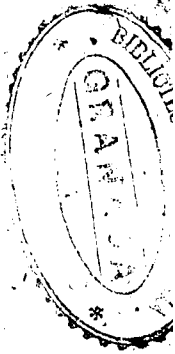
Ibi. 43.

Tom. I

Pede: pois porque lho promete Christo no Paraíso: *In paradiso*? Direy: o Bom Ladrão foy homem, que tratou de si somente: *Memento mei*; e achou Christo, que homem, que tratava só de si, era muyto bom para o Ceo, era muyto máo para o Reyto; e porque era máo para o Reyno, porisso lho nega; porque era bom para o Ceo, porisso lho concede: *In paradiso*. De si trata somente o Ladrão: *Memento mei*; mas Christo julgou, que, supposto elle tratava só de si, era melhor para Santo, que para Ministro; e assim pedindo elle o Reyno: *In regnum tuum*; o Senhor lhe concede o Paraíso: *Hodie mecum eris in paradiso*. E he digna de reparo aquella palavra: *Mecum*: Serás comigo. E bem! Não havia estar com os Santos? Sim: logo como

K

Ihe



lhediz: estarás comigo: *Mecum eris?* Porq̄ como Dimas tratou de si só, achou Christo, que os Santos naõ quereiaõ estar com elle; porisso lhe naõ diz: estarás com os outros; porisso só lhe diz: estarás comigo: *Hodie mecum eris.*

175 E se isto passa nos homens particulares, que será nos Princeses? Naõ causa menor danno nos Princeses o tratarem só de si, que naõ tratarem tambem os outros delles: vem-se desamparados dos outros os Princeses, e Ministros, que trataõ só de si. Clamava Job em huma occasiaõ, e dizia desta maneyra: *Somno meo requiescerem.* Em meu sono descãçaria. E com quem, Job? *Cũ Regibus, & Consulibus terræ, qui ædificant sibi solitudines.* Com os Reys, e Ministros da terra, que edificaõ para si de-

sertos. Difficultoso empenho he edificar de sertos; mas quaes saõ os Reys, quaes os Ministros, que edificaõ estes desertos: *Solitudines?* Quaes? Os que edificaõ só para si. *Ædificant sibi.* Aquelles Reys, q̄ edificaõ só para si, estes saõ os que edificaõ desertos: *Ædificant sibi solitudines;* porque como elles edificaõ só para si, naõ edificaõ os outros para elles, e como os outros naõ edificaõ para elles, os que edificãraõ só para si Palacios, fizeraõ-os desertos. Fallar Job neste sentido, bem o mostra no que vay dizendo. Descançaria, diz Job; com aquelles Reys, e Ministros, ou tambem com os Princeses, que possuem muyto ouro, e enchem as suas casas de prata: *Aut cum Principibus, qui possident aurum, & replent domos suas argento.*

De-

S. X.

Deforte, que considerou Job, que era o mesmo descançar com Princeses, que enchem suas casas de prata: *Replent domos suas argento;* que descançar com os Reys, que fazem seus Palacios desertos: *Qui ædificant sibi solitudines.* E com razaõ; porque nos Princeses o mesmo he serem os seus edificios cheyos, que serem seus Palacios huns desertos edificados; o mesmo he encher hum edificio, que edificar hum deserto: *Ædificant sibi solitudines... qui replent domos suas argento.* Porisso, para naõ fazer desertos os seus Paços, achou Christo, como bom Rey, que supposto haver tratado já de si: *Da mihi bibere;* era justo tratar da Samaritana: *De diffet tibi aquam vivam.*

Tom. I.

176 **F**Inalmête: *Qui autem biberit ex aqua, quam ego dabo ei, non sitiet in æternum.* Reparo nesta ultima palavra: *In æternum?* Sim; porque he Rey, porisso faz esta mercê taõ dilatada. As mercês dos outros homens, naõ importa, que acabem logo; porque deraõ como homens; mas as mercês dos Reys, haõde durar muyto; porque deraõ como Reys. Do Lado de Christo sahio o Sacramento depois de morto: *E latere Christi exierunt Sacramenta.* Reparo: o sangue, que sahio do corpo, quando vivo, naõ se diz, que he Sacramento, e he Sacramento o sangue, que sahio do corpo, quando morto? Sim; porque quando Christo morreo, entaõ aceytou o

K 2

Rey-

Job. 3.
13.

Ibi. 14.

Ibi. 15.

Joann.
19.30.

Reyno, como já mostrey, com a inclinação da cabeça: *Inclinato capite*. De modo que, quando estava morto, era já Rey; porque na morte tinha aceytado o Reyno. Ahfim! Pois hum Rey, que hade dar, senão Sacramento, q̄ he beneficio eterno: *Æterni testamenti*. Quando está vivo, quando ainda não tem aceytado o Reyno, lance sangue, q̄ nos resgate por huma vez; mas quando he Rey, de-nos

fanguê, que dure para sempre: *Æterni testamenti*; que este he o dar de hum Rey, que este he o dar de hum Princepe: *Non sitiet in æternum*. Assim nós fazíamos merecer, como bons vassallos deste Princepe, e deste Rey, o premio, que elle nos promette pelos nossos serviços, pois he hum premio tambem eterno; qual nos espera na Bemaventurança: *Ad quam nos perducatur, &c.*



SER-



SERMÃO DO MANDATO,

Na Freguezia de Santiago de Coimbra.

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.

Joann. 13.

§. I.

177



Este he aquelle tão sabido, como saudofo Euangelho, que sendo hum catalogo das finezas de Christo, he
Tom. I.

juntamente o embaraço do juizo dos homens. (Senhor) Passarey hoje em silencio todos aquelles exordios, com que os Pregadores neste dia costumão dar principio ao Sermão, e sómente supprey,
K 3 que

que o amor de Christo sempre foy hum, sempre foy o mesmo, tanto no fim, como no principio; nem podia crescer, nem se podia augmentar; porque ou consideremos a Christo em quanto Deos, ou em quanto homem, he certo, que em quanto Deos, era o seu amor infinito na entidade, e em quanto homem, era o seu amor infinito no merecimento; e como se não podem augmentar os infinitos, sempre o seu amor em quanto homem foy hum, sempre o seu amor em quanto Deos foy o mesmo; nem o amor Divino podia crescer, nem o amor humano se podia augmentar.

178 Com tudo este amor, que sempre foy o mesmo, dividio hoje o Evangelista em dous: explicou o amor de Christo pelo estylo dos homens: fallou no pri-

meyro amor, que fora: *Cum dilexisset*; e fallou no segundo amor, que era: *In finem dilexit*. O que supposto, agora entra o embaraço todo do nosso juizo: e em que excedeo este amor, que he, áquelle amor, que foy? Este amor nas vespervas da morte, áquelle amor no decurso da vida? Em que excedeo este: *Dilexit*, áquelle: *Dilexisset*? Varias são as repostas, que os Prégadores dão a esta pergunta: como não posso expor todas ellas nesta hora, ouçamos duas, que são as mais vulgares, e depois darey eu a minha, que entendo não he commua. Para todas nos hade dar clausulas o thema, comecemos pela primeyra.

§. II.

179 **A** Primeyra razão, que dão neste dia os Prégadores para-

paraque este amor, que he, exceda áquelle amor, que foy; paraque este: *Dilexit*; exceda áquelle: *Dilexisset*; funda-se na primeyra clausula do thema: *Sciens JESUS quia venit hora ejus*. Sabia o Bom JESUS, que era chegada a hora de morrer; e que ainda assim se resolvesse a amar: *Dilexit*? Excessivo amor! Que conhecendo Christo, que este amor lhe havia tirar a vida, amasse ainda assim até a morte: *In finem*! Extremoso affecto! Muytos amaraõ, e porque amaraõ morrerão: a Dina amou Sichem, e morreo Sichem, porque amou a Dina: a Dalila amou Samsam, e morreo Samsam, porque amou a Dalila: a Thamar amou Aman, e morreo Aman, porque amou a Thamar. O mesmo passa nas letras humanas: a Hélena amou Paris,

Tom. I.

e se a não amara, nem Paris padecera a morte, nem Troya se defizera em cinzas: todos estes amantes morreraõ, porque amaraõ; porém amando não conheciaõ, que haviaõ morrer, que se o conhecerão, pôde ser, que não amaraõ.

180 Aquelles dous celebres homens pay, e filho, Abraham, e Isaac, que caminhavaõ para o monte, caminhavaõ cõ huma notavel differença; o pay caminhava conhecendo, que havia matar; porém o filho caminhava ignorando, que havia morrer; que tal como isto he o amor humano, obra, caminha, ama; porém se talvez tem o conhecimento de que hade offender a vida alhea, nunca tem o conhecimento de que pôde perder a propria. Não assim o Senhor: amou, e morreo conhecendo, que morria,

K 4

por-

porque amava : a vontade tinha o affecto, o juizo conhecia a morte : qual a borboleta, que morre no mesmo fogo, que galantea, assim o Senhor conhecia, que acabava no mesmo amor, q̄ tinha: qual o Sol, que communica os seus ardores, conhecendo o seu occaso, assim o Senhor busca aos homens, onde tem o seu fim : *In finem dilexit.* E que assim o conheça, e que ainda assim busque, caminhe, e ame? O' amor sobre infinito excessivo!

181 Quando Adam comeo no Paraíso do pomo vedado, conforme o conceyto do Doutor das gentes, conheceo, e vio claramente todos os trabalhos, que lhe havião vir, todos os males, que lhe havião succeder, e todas as miserias, que havia passar : *Adam non est seductus.* Pois se elle tudo isto conhece, por-

que cóme? Porque amava muyto a Eva: responde Lyra: *Propter amorem mulieris.* Amava elle, e conhecia a formosura presente, conhecia os males futuros; e poude mais o seu amor, que o seu conhecimento; poude mais o fogo, que a luz; poude mais o fogo amoroso, em que ardia, do que a luz entendida, que o alumia-va: tinha elle naquele caso dous espelhos diante de si, hum era Eva amada, outro era o pomo prohibido: olhava Adam para Eva, e nella via a sua companhia; olhava para o pomo, e nelle via o seu desterro: *Emisit eum Dominus de paradiso:* Olhava Adam para Eva, e nella via as suas flores; olhava para o pomo, e nelle via os seus espinhos: *Spiritus & tribulos germinabit tibi:* Olhava para Eva, e nella via o seu

seu descanso; olhava para o pomo, e nelle via os seus trabalhos: *Ibi. 19. In sudore vultus tui vesceris pane:* Olhava para Eva, e nella via o compendio de suas ditas; olhava para o pomo, e nelle via a cifra de suas miserias: *Ibi. 18. Comedes herbam terræ:* Olhava para Eva, e nella via o prado de seus risos; olhava para o pomo, e nelle via o valle de suas lagrimas: *In hac lacrymarum valle:* Olhava para Eva, e nella via a sua vida; olhava para o pomo, e nelle via a sua morte: *Morte morieris:* Olhava para Eva, e nella via os seus ossos; olhava para o pomo, e nelle via as suas cinzas: *Pulvis es.* E foy tal o amor daquelle primeyro Pay, que não pudérão os conhecimentos do seu juizo impedir os impulsos da sua vontade, nem as cinzas, nem a morte, nem as lagrimas, nem as miserias, nem os trabalhos, nem o desterro, nem os espinhos, pudéram diminuir o amor, ainda que os propunha o entendimento: emfim amou, e comeo; e morreo, porque comeo, e porque amou: *Propter amorem mulieris.*

182 Isto succedeo ao primeyro Adam no Paraíso, e isto succedeo tambem ao segundo Adam em Jerusaleem. Amava Christto a synagoga, e amando conhecia, se não as cinzas, a morte, conhecia as lagrimas, e o suor, não de agoa, mas de fangue, conhecia os espinhos, não nos pés, mas na cabeça: tudo isto conhecia, e com tudo isto, ainda assim amava: *In finem dilexit.* Que fuja Elias de Jezabel, conhecendo, que Jezabel quer dar a morte a Elias? O' que fraqueza de hum Pro-

Profeta! Que fuja David de Absalam, conhecendo, que Absalam quer dar a morte a David? O' que cobardia de hum Principe! Porém Christo melhor Principe, melhor Profeta, não foje da synagoga, que qual Jezabel lhe quer tirar a vida; nem foge do homem, que qual Absalam lhe traça a morte; antes em lugar do retiro manifesta mais o amor: *In finem dilexit*. E não só conheceo a morte, mas conheceo as affrontas, as injurias, os agravos, que haviaõ acompanhar essa morte; e era tal o conhecimento, com que conhecia essa femrazaõ, que não só via ingratos aos estranhos, mas tambem aos seus domesticos: via, que os Fariseos o haviaõ blasfemar; via que os Ministros da synagoga o haviaõ offender; esta era a femrazaõ dos

estranhos: via, que hum Discipulo o havia negar, outro o havia vender; esta era a femrazaõ dos domesticos: tudo isto via, e ainda assim se não retirava; tudo isto conhecia, e ainda assim amava: *Sciens dilexit*.

183 Não o fizestes vos assim, David. Vay David fallando no Psalmo 54. e nelle faz hum catalogo dos seus trabalhos, e diz, que se seus inimigos o affrontassem, o injuriassem, o amaldiçoassem, tudo havia soffrer, tudo havia supportar; porém acrecenta, que se havia retirar, que se havia esconder: *Si inimicus meus maledixisset mihi, sustinuissem utique. Et si is, qui oderat me, super me magna locutus fuisset: abscondissem me forsitan ab eo*. Notavel caso! Não he este David aquella capitaõ, que venceo exercitos, dequey-

Psal. 54. 13.

queyxou leoens, matou urfos, e degolou gigantes? Pois se este he, como agora se retira de hum maldizente? Como agora, quem não fugio das armas, se retira das injurias? Porque este era o termo, aonde chegava a paciencia; este era o limite, aonde chegava o amor de David; ouvir as affrontas, e retirar-se; ver as injurias, e esconder-se: *Abscondissem me*. As injurias, podem ter duas presenças; ou podem estar presentes no entendimento, que as conhece; ou podem estar presentes nos olhos, que as vem: David podia acabar consigo conhecellas representadas no seu juizo; mas não pode acabar consigo vellas representadas nos seus olhos; porisso se retira, porisso se esconde: *Abscondissem me forsitan ab eo*. Não assim o Senhor; hoje co-

nhece, e vê; vê com os seus olhos, o que está conhecendo com o seu juizo: ali vê o homicida, ali vê o blasfemo, ali vê o negativo, ali vê o traydor; tudo isto vê, tudo isto conhece, e não se retira, como David, antes ainda ama melhor, que Adam: *In finem dilexit eos*. O' que grande amor, ajudado de huma grande sabedoria! *Sciens JESUS quia venit hora ejus*.

S. III.

184 **E** Sta he a razão, que se dá, para ser excessivo o amor de Christo. Porém eu digo, que não nasceo este excessivo desta razão; não foy hoje o amor de Christo grande pela circunstancia de ser sabio; não foy o conhecimento o que hoje apurou o affecto; a razão he esta; porque he verdade;

de, que Christo conheceu a morte, com todas as injurias, que a acompanhavaõ; mas tambem he sem duvida, que conheceu a resurreyção, com todas as Glorias, que a seguião: conhecia, que havia morrer; mas tambem conhecia, que havia resuscitar; e quem duvida, que o conhecimento da morte não cresce pelo conhecimento da resurreyção? Morrer hoje conhecendo, que heyde resuscitar ámanhaã, he huma fineza grande; mas este conhecimento da resurreyção faz não subir aquelle conhecimento da morte.

185 Vejamos na campanha de Marte explicadas as finezas do amor. Resoluta Judith valerosa em livrar Bethulia cercada, sahe a campo: apenas a encontraõ as sentinellas, quando logo a levão ao exercito; olha Ho-

lofernes, e depois da vista se segue a affeyção: recolhida Judith na tenda do general, este se deyta no leyto, e ao primeyro sono lhe corta Judith a cabeça, e recolhido o despojo em Bethulia, se celebra o triumpho, e com tal excessõ de gosto, que dura por tres mezes a celebridade da victoria: *Per tres menscs gaudium hujus victoriae celebratum est.* Notavel applauso na verdade! Que fez Judith? Degolou a hum capitão sem armas, despidõ, e pelo sono quasi morto: pois isto he victoria, que se celebre por tanto tempo? Ora deyxemos por hora a Judith, e consideremos a Gedeão.

186 Sahe este valeroso capitão de Israél contra os Madianitas, e com poucos companheyros derrota innumeraveis soldados; e com ser taõ notavel a

Judith.
16.24.

victoria não lemos que fosse muyto applaudido o triumpho. Pois que differença he esta? Comparemos a Judith com Gedeão: Judith venceo a hum homem dormindo; Gedeão venceo a tantos homens acordados: Judith venceo a hum homem no leyto; Gedeão venceo a tantos homens no campo: Judith venceo a hum homem despidõ; Gedeão venceo a tantos homens armados; pois porque he mayor o triumpho de Judith, que o trofêo de Gedeão? A razão he esta; Judith entrou na batalha sem conhecimento da victoria; Gedeão entrou na campanha com noticia do vencimento: assim lho disse Deos: *Tradam in manu tuâ Madian;* e como Gedeão teve conhecimento certo da victoria, porisso não foy taõ celebrada a gala do triumpho: batalhar

Judic. 7.
7.

conhecendo, que heyde vencer, não he o mayor credito do valor; batalhar conhecendo, que heyde triunfar, não he o mayor abono da valentia; porisso em Gedeão o conhecimento da victoria diminuiu a celebridade do triumpho: muyto foy, que Gedeão, vendo as armas, vendo os soldados, ainda assim acometesse; mas esta resolução de valor não ficou acreditada de excessiva, pela noticia, que Deos lhe tinha dado da victoria: *Tradam in manu tuâ Madian.*

187 Senhor, se eu comparar o conhecimento de vossa morte com outro qualquer conhecimento humano, não ha duvida, que he a vossa fineza mayor, que a de quantos Martyres houve, e pôde haver; porém, se fizer a comparação entre vós e vós, não ha duvida, que se não acreditou de

de excessivo hoje o vosso amor pelo conhecimento da morte; porque este se achava acompanhado do conhecimento da vossa refurreyção: hoje conheceis a batalha, mas também conheceis a victória; conheceis o perigo, mas também conheceis o vencimento; conheceis, que haveis de morrer, mas também conheceis, que haveis de refuscitar; e assim como o acto da restituição diminúe a culpa do latrocínio, assim de algum modo o conhecimento da refurreyção diminúe o conhecimento da morte.

188 Parece, que o entendeo assim David, e parece, que o entendeo assim o Euangelista: ouçamos a David. Vay fallando David do Sol, e diz, que elle conheceo o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum.* Bem está: já que Da-

vid quer dar conhecimento ao Sol, porque lhe não havia dar todo o conhecimento? Se diz, que elle conhece o occaso, porque não diz, que elle conhece o Oriente? Se diz, que elle conhece a morte, que hade ter na noyte, porque não diz, que elle conhece a refurreyção, que hade ter na manhaã? He certo, que o Sol vay; mas também he certo, que o Sol torna: pois se se diz delle, que conhece, que hade morrer, e que hadeahir; porque senão diz também delle, que conhece, que hade viver, e tornar? Porque não fallava David do Sol material, que caminha pelo Ceo; fallava do Sol de Justiça, que hoje assiste no Cenaculo; e como David queria encarecer o amor de Christo, calou hum conhecimento, e fallou no outro; calou o conhe-

hecimento da refurreyção, e fallou no conhecimento da morte: *Sol cognovit occasum suum.* Se David fallára em ambos os conhecimentos, não ha duvida, que hum conhecimento diminúia o outro; o conhecimento da refurreyção diminúia o conhecimento da morte; pois, porque se não saiba esta diminuição nos conhecimentos, e fiquem em pé os excessos do amor, não diga, que o Sol conhece, que hade tornar; diga, que o Sol conhece, que hade morrer: *Sol cognovit occasum suum.*

189 Temos ouvido a David; ouçamos agora o Euangelista. Começa o Euangelista a historia de hoje, e diz, que o Senhor conheceo a sua morte: *Sciens quia venit hora.* Pois porque não diz, que conheceo a sua refurreyção? Se diz, que

elle conheceo, que era Deos: *Sciens quia à Deo exivit:* Se diz, que elle conheceo, que era Omnipotente: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus.* Se diz, que elle conheceo que o havia entregar: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum:* Se diz, que elle conheceo, que havia morrer; porque não diz, que elle conheceo, que havia refuscitar? Respondo: porque todo o intento do Euangelista era encarecer o amor de Christo; e se o amor se encarecia pelo conhecimento da morte, diminúia-se pelo conhecimento da refurreyção; e o Euangelista, como hom Chronista do affecto de seu Mestre, disse tudo aquillo, que o podia encarecer, e calou aquillo, que de algum modo o podia diminuir; porisso cala o conhecimento da refurreyção,

ção, e diz o conhecimento da morte: *Sciens quia venit hora*. Logo não foy o conhecimento o que fez hoje subir ao amor.

190 Ainda se confirma melhor esta minha opinião; porque este conhecimento de Christo, ou o consideremos como Deos, ou o consideremos como homem, sempre o acompanhou, como Deos de sua eternidade, como homem de sua Conceição: pois, se o conhecimento da morte sempre acompanhou a Christo, como he logo o conhecimento da morte o que acredita hoje a fineza do amor? Em Christo (como nós supponmos) houverão dous amores, ou hum amor partido em dous; pois, se o conhecimento acompanhou sempre a ambos os amores, não pôde acreditar hum, sem acreditar o outro; e

assim aquelle conhecimento, que acredita o amor, que he, tambem acreditou o amor, que foy; aquelle conhecimento, que authoriza o *Dilexit*, tambem authorizou o *Dilexisset*. Emfim o *Sciens*, que a ambos faz companhia, a nenhum pôde dar excessão: cessem logo daqui em diante os Prégadores de encarecer em Christo o seu amor pela sua sabedoria: *Sciens dilexit*.

§. IV.

191 **A** Segunda razão, que offerecem tambem neste dia os Prégadores, para exceder o amor do fim ao primeyro amor, o *Dilexit* ao *Dilexisset*, funda-se na segunda clausula do thema: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*. Sabia Christo, que estava para se ausentar dos

dos homens, e ainda assim os amou; e amor, que assim se sabe conservar na ausencia, he sem duvida o mais excessivo amor. Boa razão parece esta: muitos inimigos tem o amor; mas entre todos o que mais o destróe, he a distancia do lugar: assim como meter terra em meyo acaba os desgostos, e extingue os odios, assim diminúe os affectos. O amor nos olhos nasce, e nos olhos morre: nasce nos olhos, que vem; morre nos olhos, que não vem: os nossos olhos são juntamente berço, e tumulo do amor: se os nossos olhos vem, são berço, porque o amor ahi começa, ahi nasce; se os nossos olhos não vem, são tumulo, porque o amor ahi acaba, ahi morre: assim como a Féniz morre, e nasce no mesmo lugar; assim o amor começa,

e acaba nos mesmos olhos.

192 Pintou a antiguidade cego ao amor; mas que razão teria para esta pintura? Se lhe deyxou os ouvidos, porque lhe tirou os olhos? Se o amor ouve, porque não vê? Direy: o ouvir he hum sentido, que se exercita de mais perto; o ver he hum sentido, que se estende a mais longe; porisso o amor conserva o ouvir, porque se conserva nos pertos, e porisso não tem o ver, porque se perde nos longes. He tão certo este discurso, que pondo-se o amor entre longe, e perto, conserva-se no perto, e acaba no longe; e pondo-se o mesmo amor entre o mais, e menos perto; perde-se no menos, e conserva-se no mais perto. Raro successo foy o que aconteceu a Isaac.

193 Estava resoluta a dar a benção a seu filho primogenito Esaú, quando se apresenta junto do leyto seu filho segundo Jacob: o velho Isaac, que por cego fazia a figura do amor, se vio embarçado: ouviu, e o que ouviu era a voz de Jacob: *Vox quidem, vox Jacob est: apalpou, e o que apalpou crão mãos de Esaú: Sed manus, manus sunt Esaú.* A voz, que ouvia, lhe dizia, que não deesse o morgado, pois o não queria dar a Jacob; as mãos, que apalpava, lhe diziaõ, que deesse a benção, supposto a queria dar a Esaú. E que fez neste caso Isaac? Governou-se pelo que apalpava, e não pelo que ouvia: e isto porque razão? Porque entre o apalpar, e o ouvir ha esta differença: o que se ouve está mais longe; o q se apalpa está mais perto; e como Isaac

Genef.
27. 22.

Ibi.

estava cego, e amante, he o amor taõ inimigo dos longes, e taõ contrario das ausencias, que não se governa Isaac pelo que ouve, porque o que se ouve está mais distante; governa-se pelo que apalpa; porque o que se apalpa está mais perto: *Manus, manus sunt Esaú.* Jacob ouvido já está mais distante, que Esaú tocado; e porque o Jacob, que se ouve, está mais longe, e o Esaú, que se apalpa, está mais perto, porisso Isaac, figura excellente do amor, se esquece daquelle Jacob distante, que ouve, e se lembra daquelle Esaú proximo, que apalpa: *Accessit, & osculatus est eum... benedicens illi.*

Ibi. 27

194 Taõ inimiga como isto he a distancia do amor; e bem se prova esta semrazaõ da ausencia com hum exemplo da natureza. O Sol, como amante

da Lua, sempre lhe comunica os seus rayos, sempre lhe comunica as suas luzes; porém tanto que a terra se mete de permeyo, tanto que a terra se põe entre a Lua, e o Sol, faz cessar a communicaçãõ entre o Sol, e a Lua. Isto, que ordinariamente succede por defeyto da natureza, he o que succede tambem por penção do amor: por mais que resplandeça o Sol, por mais que se abraze o amante, se se põe terra em meyo, se ha ausencia, nem a Lua recebe resplandores, porque para ella o Sol já não arde, nem o querido recebe finezas, porque para elle o afeyçoado já não ama: he como Isaac, que se esquece do que ouve, porque está mais longe, e se lembra do que apalpa, porque está mais perto. O ausencia contraria do que

Tom. I.

rer! O' distancia inimiga do amor!

195 Não se praticou esta doutrina em Christo Senhor nosso: na sua ausencia, *Ut transeat*, manifestou mais o seu affecto, *Dilexit eos*; e pela fineza da ausencia medem hoje os Prégadores o excesso do amor; pois sendo a ausencia inimiga do amor, como atégora ouvimos, essa mesma ausencia, que diminúe o amor dos homens, afina hoje o amor de Christo. Que apenas se põe Pedro de longe, e se aparta: *Sequebatur eum à lon-* Matth. 26. 58.
ge; quando logo se esquece, e nega: *Non novi hominem.* O' que Ibi. 72.
grande descredito do amor dos homens! Comparemos agora este: *A' longè* do Discipulo, com aquelle: *Ut transeat* do Mestre: aparta-se Pedro de Christo, e já não ama Pedro: aparta-se Christo

Lz

de

de Pedro, e ainda ama Christo: tanto tinha de ausencia este: *Ut transeat*, como aquella: *A' longè*; com tudo hum *Longè* em Pedro, lhe enfraquece o affecto, e hum *Transeat* em Christo, lhe augmenta o amor: assim como a mesma medicina a hum mata, a outro dá vida; assim como a mesma luz a huns olhos cega, e a outros dá vista; assim a mesma ausencia teve contrarios effectos; em Pedro causou esquecimento, em Christo conservou lembrança; taõ excessivo como ilto foy o amor deste Senhor: *Ut transeat. Dilexit.*

§. V.

196. **P**Orém não he esta ainda a causa da sua fineza; não he a ausencia a causa do seu excessõ; porque, se fallarmos com propriedade, Christo ho-

je não esteve ausente, esteve para se ausentar: *Ut transeat*; e vay muyta differença de quem está para se ausentar, a quem está já ausente: que quem já está ausente ainda ama? Grande fineza! Porém que ama quem está para se ausentar? Que faça finezas quem está para se partir? Digo, que não he o mayor excessõ do amor. A candeia, quando está para acabar, sempre dá mayores luzes: assim no-lo prova a experiencia; pois se a luz da candeia, quando acaba, mais alumea, tambem o fogo do amor, quando se despede, mais se abraza. A pedra arrojada, quanto mais se chega ao fim, mais cresce no impulso, e no movimento; pois se o amor he peso: *Amor meus pondus meum*; se Christo he pedra: *Pe-*

tra autem erat Christus; chegado hoje ao fim: *In*

In finem; quem duvida, fallando naturalmente, que havia crescer o impulso, que havia ser mayor o movimento, que haviaõ ser mayores as finezas: *Dilexit eos*? Tanta he a força de huma despedida amorosa, que nella o mayor amor, que não se aparta, obra menos, e o menor amor, que se aparta, obra mais.

1. Reg.
20.41.

197 Naquellas despedidas de Jonathas, e David, chorou mais David do que Jonathas: *Fleverunt pariter*, David autem amplius. Pois, se David ama menos, como chora mais? E se Jonathas ama mais: *Jonathas diligebat David valde*; como chora menos? Porque Jonathas he o que fica; David he o que se aparta: *Surrexit David, & abiit*; e nas vespervas de huma despedida amorosa, não correm as finezas tanto por conta de quem ama, como Jonathas, quan-

Ibi. 19.
1.

Ibi. 20.
43.

to correm por conta de quem se despede, como David: Jonathas amava muyto: *Diligebat valde*; David chorou mais: *David autem amplius*; porque esta fineza do pranto, este excessõ das lagrimas, não corre por conta de Jonathas, que ama a David; corre por conta de David, que se despede de Jonathas: entre dous coraçoes amantes, muyto obra o coração, que ama, mas mais obra o coração, que se despede; e como David se havia despedir logo, porisso chora mais: finezas na despedida não provão excessõs no amor; aquelle Jonathas, que amou mais, chorou menos, aquelle David, que amou menos, chorou mais: *Fleverunt pariter*, David autem amplius.

198 Aquella fineza, que se obra nas vespervas de huma ausencia,

nem sempre foy prova de hum grande amor : não he certo nascer de hum coração excessivamente affeyçoado, porque pôde nascer de hum coração naturalmente enternecido. Morreo Abner, e não lemos, que David chorasse a morte lastimosa deste capitão valeroso : ordenou-se o enterro, acompanhou David o esquife, e chegãdo á sepultura, lançado na cova o defunto, fecharãdo com huma pedra aquella ultima casa, e á vista desta piedosa cerimonia, diz o Texto, que chorou David : *Flevit super tumulum Abner*. E bem ! Amava David a Abner ? Sim ; porque o sentimento, que teve, foy prova do amor, que tinha ; pois se amava a Abner, porque razão não chora, quando o vê morto, e só se banha em lagrimas, quando o vê sepultado ? Cresceo o amor de David, tan-

to que entrou na sepultura Abner ? Não ; porque hum sepultado mais incita a ser esquecido, do que provoca a ser amado : logo porque razão chora na sepultura aquelle David, que não chora na morte : *Flevit super tumulum* ? Porque quando morreo Abner, e quando hia para enterrar, ainda David o tinha diante dos olhos, ainda o tinha presente ; porém na sepultura,ahi foy a despedida,ahi começou a ausencia ; e aquella grande fineza das lagrimas não foy filha do amor, que se o fora,ferião ellas derramadas na morte ; foy filha da ausencia, e porisso forãdo derramadas na sepultura : a fonte daquellas lagrimas não estava no coração affeyçoado, estava no coração enternecido ; e porque não estava no coração affeyçoado, porisso não se chora Abner morto ;

to ; e porque estava no coração enternecido, porisso se chora Abner sepultado ; fechou-se o tumulo de Abner, e logo se abriu o coração de David : *Flevit super tumulum Abner*.

199 As finezas de hum coração, que se despede, não qualifica o amor, em que o coração se abraza ; não são tanto filhas do affecto, como filhas da brandura ; assim o vimos em David para com Jonathas ; assim o vimos em David para com Abner, e assim o podemos considerar no melhor filho de David, Christo Senhor nosso : grandes finezas, grandes maravilhas obrou nas vesperas da sua ausencia : *Ut transeat* ; porém, como na despedida não ha coração, que naturalmente se não enterneça, e que se não mova, foy toda a fineza deste amor nesta

hora mais natureza, que excesso : ora notem. Entre as finezas do amor ha esta differença : a fineza ou se pôde acomodar ao genio do coração amante, ou se pôde oppor á natureza do coração affeyçoado ; se ella se accomoda ao genio, he fineza pequena, se ella se oppoem ao coração, he fineza grande : se a fineza se accomoda com nosco, he muyto o que diminúe ; se ella nos repugna, he muyto o que cresce : vejamos isto em hum successo maravilhoso.

200 Manda Deos a Abraham, que sacrifique seu filho : *Tolle filium tuum, & offeres eum in holocaustu*. Obedeceo o Patriarcha ao preceyto Divino, levando o filho ao monte ; e levantando o cutelo para dar o golpe, lhe mandou o Senhor, que o não executasse : *Non extendas manum tuam super*

Genes. 22.2.

Ibi. 12.

per puerum. Obedeceo Abraham ao preceyto, e recolheo a espada. Atéqui o successo, no qual vimos duas obediencias; a primeyra, em que o pay obedecia para dar ao filho a morte; a segunda, em que o pay obedecia para conservar no filho a vida. Pergunto agora: qual destas duas obediencias foy mais estimada? Diz o Texto, que a fineza de querer dar ao filho a morte:

Ibi. 16. *Quia sicisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo, benedicam tibi.* E bem! Houveraõ aqui duas obediencias? Houveraõ, huma de matar, outra de não matar; pois porque se hade agradecer a primeyra, e não a segunda? Porque se hade agradecer a obediencia de hum Abraham, que quer matar, e porque se não hade agradecer a fineza de hum Abraham, que não mata? A razão he; por-

que a obediencia segunda, com que Abraham não mata, accomodou-se com o coração do Patriarca, porque naturalmente não ha pay, que não queyra conservar a seu filho a vida; porém a primeyra obediencia repugnava á natureza, oppunha-se ao coração, porque não ha pay, que queyra entregar seu filho á morte; e vay tanta differença de obediencia a obediencia, que a obediencia, que se accomoda com a natureza, he huma fineza tão pequena, que se passa em silencio; e a obediencia, que repugna ao coração, he huma fineza tão grande, que se encõmenta ao encarecimento: *Quia fecisti hanc rem, &c.*

201 E se as finezas, que se accomodaõ ao coração, não são tão grandes finezas, como se vio na segunda obediencia de Abraham, que

que não teve premio: se as que se obraõ nas despedidas, pôdem nascer da ternura, e não do amor, como se vio em David, que chorou a Abner sepultado, e não a Abner morto: se não são prova do mayor amor, como se vio no mesmo David, que na despedida de Jonathas chorou mais, amando menos: bem se segue, que o amor, que Christo nos mostrou nesta hora, sabendo que se ausentava, não podia crescer por esta circunstantia; e assim aquelle: *Ut transeat*; não podia qualificar este: *Dilexit*. Cessem logo daqui em diante os Prégadores de encarecer o grande amor de Christo nesta hora, pelo conhecimento da sua ausencia: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat... in finem dilexit.*

§. VI.

202 **M**As se nem o conhecimento da morte, nem o conhecimento da ausencia, bastáraõ para qualificar de extremo este amor do fim; qual será a razão porque o *Dilexit* excede ao *Dilexisset*? Porque o amor do fim se mostra mais fino, que o primeyro? Parece-me, que heyde descobrir a razão, ajuntando a primeyra palavra do thema com a ultima: *Sciens eos dilexit*. Amou Christo hoje aos homens conhecendo-os. Huma das cousas, que neste Euangelho mais me admira, e deve a todos admirar, he as muytas, e notaveis imperfeyçoens, que Christo affirma dos homens. Diz, que Pedro o hade negar: *Non cantabit gallus, donec ter me neges.* Diz, que

Joann. 13. 38.
Ju-

Ibl. 21. Judas o hade vender: *Unus ex vobis tradet me.* Diz, que todos os mais o haõde defamparar, e fugir: *Venit hora... ut me solum relinquatis.* Põdem haver mayores imperfeçoens? E ainda fallando dos homens, que não eraõ seus Discipulos, diz, que são taõ imperfeytos na vida, como negras as sombras da noyte: *Hæc est hora vestra, & potestas tenebrarum.* Pois se os homens são tais, Senhor, como vós dizeis, para que os amais? E se os amais, parece que tendes pouca razão no que dizeis.

Luc. 22. 53. 203 Não he o amor a-quelle taõ destro artifice, que melhor que o fabuloso Protheo sabe variar as formas? Melhor que o cançado Alquimista sabe fazer ouro fino de grossyeyro ferro? Melhor que o perito Apelles, sabe colorir as ima-

gens, que ama? Melhor que o polido Timanthes, sabe aperfeçoar as estatuas, que adora? Amando o feo, não lhe parece bello? Amando o cobarde, não lhe parece valente? Amando o nescio, não lhe parece entendido? As folhas da mudança não lhe parecem troncos da firmeza? He certo: logo se o amor sabe fazer estas, e outras mayores metamorphoses, porque razão, amando Christo hoje tanto aos homens, os defeytos, que lhe haviaõ parecer perfeçoens, lhe parecem defeytos? A ignorancia, que lhe havia parecer discricião, lhe parece ignorancia: *Nescis modò?* O defcuydo, que lhe havia parecer vigilancia, lhe parece defcuydo: *Non potuistis una hora vigilare mecum?*

204 Ora a razão he (e daqui hade nascer a minha) a razão he; por-

porque amar o feo, parecendo bello; amar o máo, parecendo bom; amar o Polifemo, parecendo Narciso; amar a Lia, parecendo Rachel; amar o Cain, parecendo Abel; amar o Esaú, parecendo Jacob; isto he cousa ordinaria no amor: porém amar o Esaú conhecendo, que he Esaú; amar o Cain conhecendo, que he Cain; amar a Lia conhecendo, que he Lia; amar o Polifemo conhecendo, que he Polifemo; isto he taõ pouco ordinario no amor, que antes lhe repugna. Porém toda esta repugnancia venceo hoje o amor de Christo nesta hora ultima, amando os máos conhecendo, que erão máos, amando os imperfeytos conhecendo, que erão imperfeytos: *Sciens eos dilexit.* E nisto, digo eu agora, esteve hoje toda a fineza, e todo o excessõ deste

amor de Christo; em obrar finezas de amor para com os objectos do odio. Dayme attenção.

205 Amar o bom, amar o fiel, amar o agradecido, he amar o que se deve amar; porém amar o máo, amar o traydor, amar o ingrato, he amar o que se deve aborrecer; e hum tal amor he taõ grande, como defusado; mas lá descubro eu algumas sombras delle em David. Acabada a batalha de Gelboé, onde pereceo a familia de Saül, David, como piedoso Rey, perguntou se acaso ficára vivo algum descendente de Saül, porque lhe queria fazer mercê: *Su- perest aliquis de domo Saül, ut faciam cum eo misericordiam?* Notavel pergunta! Este homem, aquem David queria fazer favor, que era a Saül? Era seu neto; e que era a Jo-

Ibi.

nathas? Era seu filho: assim o diz o Texto: *Supereſt filius Jonathæ.* Pois não era mais acertado fazerlhe bem por amor do pay, do que por amor do avô? Não era mais juſto premiallo por reſpeyto de Jonathas, do que por reſpeyto de Saül? Não; porque Jonathas era amigo, Saül era ingrato; e fazer bem por amor de Saül era amar o que ſe devia aborrecer; e hum coração tão piedoſo, tão fino, como o de David, ama pelos motivos do odio; ama os deſcendentes de Saül, não pelo que tem de Jonathas amigo, mas pelo que tem de Saül ingrato: *De domo Saül.* Affim obrou antigamente o coração de David; affim obra hoje o coração de Chriſto: David por amor de Saül, Chriſto por amor dos homens, ambos ingratos, ambos inimigos.

206 A materia, em que arde o amor humano, ſão as perfeições, que vê. Arde-raõ Aman pela belleza de Thamar; Samsam pela graça de Dalila; Jacob pela formoſura de Rachel; e finalmente em Troya, quando Sinon poz o fogo, já Hélena tinha cauſado o incendio: porém a materia, em que hoje ardeo o amor de Chriſto, forão os noſſos defeytos; a lenha, em que hoje ſe acendeo, forão as noſſas culpas; o oleo, em que hoje ſe ateou, forão as noſſas fealdades. O' que excessivo amor! O amor grande, o amor excessivo comparaſe nas Eſcrituras ao fogo do inferno: *Dura ſicut infernus æmulatio.* E que ſemelhança tem, ou póde ter o inferno com o amor? Será porque affim como o amor conserva vivos os que abraza, affim

Cant. 8. 6.

affim o inferno conserva vivos os que queyma? Muytas chamas, nenhumaſ cinzas? Será porque, affim como o amor abraza ſem diſtinção de fugeitos, affim o inferno queyma ſem differença de peſſoas? Boas razoens ſão eſtas; mas não he eſta ainda a razão: pois qual ferá? Direy: o fogo do inferno he tal fogo, que a materia, em que arde, ſão as culpas dos condemnados; pois affim o amor, para ſer grande, hade ſer tal amor, que a materia, em que ſe abraze, haõde ſer os defeytos do amado: no inferno quanto mais culpa mais fogo; no amor quanto mayor defeyto mayor incendio: arde, e cresce o fogo do inferno nos delictos, affim como arde, e cresce o fogo do amor nos defeytos: *Dura ſicut infernus æmulatio.* Mas hum amor tão grande,

e tão notavel, quẽ o teve, ſenão Chriſto? Amar hoje a Pedro, que o nega; amar a Judas, que o vende; amar aos Diſcipulos, que o deyxão; amar aos homens, que o crucificação, que he, ſenão fineza do amor com objectos do odio? Que he, ſenão amar o que devia aborrecer? Que he, ſenão fazer bem pelo motivo de Saül? Que he, ſenão abrazaſe nas fealdades, affim como o inferno arde nas culpas: *Sicut infernus æmulatio?*

207 La comparou a Eſpoſa o fogo do amor ao fogo da lampada: *Lampades ejus, lampades ignis.* Mas, com licença deſta Alma, a comparação não foy cabal. Confesso, que affim he o amor pequeno; mas não he affim o amor grande: o amor pequeno he como o fogo da lampada, porque eſte fogo arde, em quanto tem azeite para

Cant. 8. 6.

ra arder; mas tanto que toca a agoa, que o ofende, logo se apaga: assim o amor pequeno ama, em quanto vê prendas para amar, mas em tocando os agrávos, logo se lhe extingue as chamas: porém o amor grande, como mais fino, e experimentado, depois de arder no azeite das correspondencias, passa a abraçar-se na agoa das offensas. Lá disse S. Agostinho meu Padre, que o amor era doença da alma: *Morbis animæ*. E assim he na verdade, porque do mesmo modo, que a doença cresce pelos excessos do doente, cresce o amor pelos defectos do amado.

208 Meu Deos, foy o vosso amor, que tanto vos abraçou, que vos fez despir: *Ponit vestimenta sua*. Mas não foy fogo da lampada, porque o não apagou a agoa dos meus delictos; foy fogo do inferno, porque ardeo na semrazão de minhas culpas: foy amor hydropico, quanta mais agoa mais sede; quanta mais culpa, mais fogo. Que Abel clame contra Cain, que lhe tira a vida, isso he fer innocentemente, mas não he fer amante. Que Jacob se queyxe de Laban, que o trata com enganos, isso he fallar com razão, mas não he servir com amor. Que David volte as costas a Saül, quando lhe despede a lança, isso he conveniencia da vida, mas não he fineza da vontade. Porém que Christo, em lugar das accusações do delicto, peça perdão para os culpados: *Pater dimitte illis?* Que, em lugar da queyxa dos enganos, publique amizade a Judas: *Amice, ad quid venisti?* Que, em lugar de voltar as costas, dé o peyto á lança:

Augu-
stin.

Joann.
19.34.

ça: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit?* Que he isto senão amar o que devia aborrecer? A' Senhor, não ardestes hoje como arde a Feniz: a Feniz para se abraçar busca as madeyras mais odoríferas; mas vós hoje não vos abrazaes nas fragancias de nossa vontade, ardestes na corrupção de nossos vicios: conhecendo, que os homens erão máos, amastes os homens: *Sciens eos dilexit.*

209 E nisto cuydo fica patente o excesso de hum amor a outro amor, do amor ultimo ao amor primeyro, do *Dilexit* ao *Dilexisset*. E senão pergunto: como amárão estes dous amores, sendo na realidade só hum? Como? O amor primeyro amou os bons; amou o que se devia amar. Não quero para prova deste pensamento mais que o catalogo da Es-

critura. Apparecerão diante do primeyro amor Abel, e Cain; e quem levou os olhos a Deos? Abel: *Respexit Dominus ad Abel*. Apparecerão depois Isaac, e Ismael; e quem foy o preferido? Isaac: *Ejice ancillam hanc, & filium ejus*. Apparecerão mais Jacob, e Esaú; e quem foy o amado? Jacob: *Dilexi Jacob*. Apparecerão finalmente David, e Saül; e qual foy o escolhido? David: *Inveni virum secundum cor meum*. Assim foy antigamente; mas não he assim hoje: assim amou o amor primeyro; mas não amou assim o amor segundo: trocarão-se hoje os objectos, para crescerem as finezas: hoje Saül he o que rouba o coração; Esaú he o que logra o amor; Ismael he o que possui as preferencias; Cain he o que leva os olhos. O dia, que nos deu o pensamento, nos hade dar

Genef.
4.4.

Genef.
21.10.

Malach.
1.2.

Actos.
13.22.



dar a prova.

210 Estando Christo esta noyte no Horto com tres Discipulos, por hum descuydo leve deu a Pedro huma reprehensão áspera: *Simon, dormis?* Chegou Judas, e, commettendo elle a culpa mais grave, o Senhor lhe deu o titulo mais amoroso: *Amice, ad quid venisti?* Que he isto Senhor? Judas estimado, Pedro reprehendido? Vamos adiante. Entrão em casa do Pontifice Pedro, e Joaõ, e o Senhor não olhou para Joaõ, olhou para Pedro: *Respexit Petrum.* Isto como pôde ser? Não olha o Senhor para Joaõ, que lhe assiste, e olha para Pedro, que o nega? Ajuntemos os dous sitios, o Horto, e o Paço. Deforte que no Horto he amigo Judas, e não Pedro; no Paço olha para Pedro, e não para Joaõ? Porque? Porque na verdade o

objecto do primeyro amor no Horto era Pedro, e não Judas; porque Pedro não tinha ainda negado, e Judas já tinha vendido: no Paço era Joaõ, e não Pedro; porque Joaõ tinha seguido, e Pedro tinha negado; e este primeyro amor amava os bons, amava o que se devia amar; porém o segundo amor, que he o de que fallão aqui os Euangelistas, para augmentar as finezas, trocou os objectos: no Horto em lugar de Pedro poz a Judas; no Paço em lugar de Joaõ poz a Pedro; e assim amou o que se devia aborrecer: Judas, que vende, he o que logra o amor: *Amice*: Pedro, que nega, he o que leva os olhos: *Respexit Petrum.*

211 Obrou aqui o amor Divino por seus extremos, o que ordinariamente faz a justiça

ça humana por suas conveniencias: deu os lugares aos que os não merecião; no Horto deu o titulo a Judas, que se devia a Pedro; no Paço deu a Pedro os olhos, que se devião a Joaõ: no Horto Pedro, que defende, merecia o titulo de amigo; no Paço Joaõ, que assiste, merecia os olhos do Senhor, e assim havia ser, se hoje amára o amor primeyro; se hoje amára aquelle amor, que olhou para Abel, aquelle amor, que escolheo a David; mas como hoje ama o amor segundo, tudo se troca: o que se prefere, he Saül; o que se vê, he Cain; o que se ama he Judas; o para quem se olha, he Pedro; porque este amor segundo tem por emprego das finezas o objecto do odio, e ama o que devia aborrecer. Provemos esta fineza racional com huma figura insensivel.

Tom. I.

No principio do mundo appareceo diante dos olhos de Deos a luz acompanhada das trévas, e poz o Senhor os olhos sómente na luz: *Vidit Deus lucem quod esset bona.* Hoje no Horto apparecerão outra vez juntas a luz, e as trévas; a luz erão os Discipulos: *Vos estis lux;* as trévas erão Judas com os Fariseos: *Hæc est hora vestra, & potestas tenebrarum.* E que fez Christo? Já está dito: não fez caso das luzes, parecerão-lhe bem as sombras, e chamou a Judas amigo: *Amice.* Pois que differença he esta tão notavel? Que diversidade he esta tão grande? No principio parece-lhe bẽ a luz, no fim parecem-lhe bem as sombras? Isto meu Deos he variedade, ou he mudança? Não; he explicar o que temos dito: no principio, quando amava o primeyro amor,

M pa

parecia bem o que devia parecer bem, parecia bem a luz: no fim, quando ama o segundo amor, parece bem o que devia parecer mal, parecem bem as trévas; ellas são as buscadas, ellas são as preferidas, ellas são as amadas.

212 Nas historias humanas se conta, que hum Principe tivera o veneno por sustento da vida. Tal parece hoje este amor; o veneno dos agravos he o alimento das suas finezas; assim se emprega no veneno, como se fora antidoto; assim ama aos máos, como se fossem bons; assim galantea as sombras, como se fossem luzes. Que a borboleta busque a candeia namorando os raios, bem merecem esses galanteos aquelles luzimentos; mas que Christo, que antigamente se inclinou para a luz, hoje se pague tanto

das sombras: *Amice? Grande, e excessivo amor! In finem dilexit eos.*

S. VII.

212 **P**Orém tenho contra esta doutrina hum argumento grande. O primeyro amor tambem amou homens máos conhecendo, que erão máos: amou a Adam desobediente, amou a David adultero, amou o povo de Iiraél idolatra: logo amar os máos não he excessão só do amor segundo, tambem foy fineza do amor primeyro. Confesso, que a duvida he grande; mas na resposta della está a melhor cõfirmção do meu assumpto, e o mayor encarecimento deste amor. He verdade, que o primeyro amor amou homens máos; mas conhecendo, que elles havião ser bons: amou a Adam desobediente; mas sabia; que elle ha-

havia chorar arrependido: amou a David adultero; mas sabia, que elle havia ser penitente: amou o povo; que idolatrou no deserto; mas sabia, que elle havia adorar a Arca: tal foy o primeyro amor: amava os máos; mas tinha dous conhecimentos, hũdo que elles erão; outro do que elles havião ser: hum conhecia, que elles erão máos; outro conhecia, que elles havião ser bons; e que conhecendo, assim os amasse, não he muito: mas o amor de hoje amou os máos conhecendo, que erão máos, e q̃ nunca havião ser bons: amou a Judas traydor conhecendo, que era traydor, e que sempre havia ser traydor: amou a Judas conhecendo a sua culpa, e a sua impenitencia; a culpa fazia que elle fosse máo; a impenitencia fazia que elle nunca fosse bom: e

Tom. I.

que assim conhecesse, e que assim amasse? Grande maravilha! Que eu ame hum delicto, que hoje he delicto, e amanhã hade ser virtude, passe; porque alivio o disfavor de presente com a esperança de futuro; mas que eu ame hum delicto, que sempre hade ser delicto, hum máo que sempre hade ser máo? O prodigio! Que eu sacrifique o meu cuidado a quem me nega toda a esperança? O affombro!

214 Consideremos a Jacob exemplo do amor; e consideremos a Deos fonte da caridade. Jacob servio a Labão os primeyros sette annos; servio mais os segundos; e porque não servio os terceyros? Porque se despedio logo do serviço de Labão? Se serve a primeyra, se serve a segunda, porque não serve a terceyra vez? A razão he

M 2 fa

facil: Labaõ tinha sómente duas filhas, Rachel, e Lia, para dar a Jacob por esposas; e se Labaõ não tem mais que duas filhas, Jacob não tem mais que dous tempos; se Labaõ não tem mais que dous premios, Jacob não faz mais que dous serviços; porque em Jacob não tendo que esperar, logo deyxá de servir. Eis aqui o que he Jacob: o que he Deos ouçamo-lo. Deos nesta vida ama de algum modo também os peccadores, porque: *Omnes homines vult salvos fieri*; e na outra vida não ama os condemnados: ama os peccadores, que estão na terra, mas não ama os peccadores, q̄ estão no inferno: pois porque razão? O peccador está no estado da culpa; o condemnado tem só de mais o estar no estado do castigo; o mal do castigo he muyto me-

1. Ti-
moth.
2. 4.

nor, que o dá culpa: porque razão logo aquelle Deos, que ama o peccador, não ama também o condemnado? Respondo: porque o peccador de tal sorte he máo, que pôde fer bom; porém o condemnado de tal modo he máo, que sempre he, e hade fer máo; e Deos, quando ama os máos, he no lugar, onde elles pôdem fer bons, não no lugar, onde elles sempre haõde fer máos. De sorte (ajuntemos agora os passõs) de sorte que Jacob, e Deos fim amão, mas ambos com esperança; Jacob com esperança do premio; Deos com esperança da emenda: tanto que Jacob vê, que já não ha premio, deyxá de servir; tanto que Deos vê, que já não pôde haver emenda, deyxá de amar. O' amor de Christo! O' amor deste dia! Só vos fois amor; servistes, e amastes

stes sem esperança: servistes a Judas, lavando-lhe os pés, sem esperança de premio; amastes a synagoga, pedindo-lhe perdão a voßo Pay, sem esperança de emenda. O' excessõ! O' prodigio!

215 Nesta noyte teve Christo dous Discipulos máos, e peccadores; hum, que o negou, e este foy Pedro; outro, que o vendeo, e este foy Judas; e só a Judas chamou amigo: *Amice*. Porque razão? Porque Pedro era máo, que havia fer bom: *Flevit amarè*; e Judas era máo, que sempre havia fer máo: *Laqueo se suspendit*; e o amor não se qualifica de fino em amar hum peccador, q̄ hade fer penitente; apura-se em amar hum peccador, que sempre hade fer peccador: qualifica-se em amar o erro sem esperança de arrendimento, porisso chamou amigo a Judas,

Luc.
22. 62.

Matth.
27. 5.

e não a Pedro: *Amice*. Donde se segue, que se aquelle amor primeyro amou delinquentes, he porque os havia ver emendados; mas este amor segundo sem a esperança da emenda amou os peccadores; e isto he fer hoje amado o que havia fer aborrecido; he fer o objecto do odio objecto do amor: *Sciens eos dilexit*.

216 Mas porque não havia fer assim? Porque não havia fer hoje o objecto do odio objecto do amor, se o objecto do amor havia sido objecto do odio? E se não cõrramos a cortina, e vejamos o theatro. Hoje amou Christo aos homens; e amar elle aos homens, que foy, senão amar o que devia aborrecer? Hoje aborrecerão os homens a Christo; e aborrecerem elles a Christo, que foy, senão aborrecerem o que deviã amar? Bem

digo eu logo, que se trocárão os papeis, que se variarão os objectos; o amor tomou o papel do odio, e amou o que devia aborrecer; o odio tomou o papel do amor, e aborreceo o que devia amar. Vistes já levar o culpado o bẽ, e padecer o innocente o mal? Pois o mesmo succedeo hoje; o odio culpado levou o objecto bom, e o aborreceo, o amor innocente ficou com objecto máo, e o amou.

117 O' cruz! O' lança! Chama a Igreja á cruz lenho suave: *Dulce lignum*; e á lança ferro cruel: *Mucrone duro*. Pareciame amim, que havia ser o contrario: seja cruel a cruz, porque magoou o corpo vivo, e seja suave a lança, pois já não doeu ao corpo morto; mas ao contrario? Suave a cruz, e cruel a lança? Porque razão? Ora vejaõ: a cruz deu os bra-

ços a quem lhe voltou as costas; e dar os braços a quem me despreza, a quem me dá as costas, he amar o que devia aborrecer: a lança meteo o ferro a quem lhe offerencia o peyto; e meter eu o ferro a quem me dá o peyto, a quem me ama, he aborrecer o que devia amar: pois cruz, que assim ama, he cruz suave; lança, que assim aborrece, he lança cruel. Que he a cruz, senão hum symbolo do amor de Christo? Que he a lança, senão huma figura do odio dos homens? E com muyta razão, pois a cruz, e Christo amaráõ as costas, que deviã aborrecer; a lança, e o homem aborrecerão o peyto, que deviã amar: trocados estãõ logo hoje os objectos. Mas que se segue daqui? Que assim como hoje o odio dos homens foy o mayor odio; assim o amor de Christo

flo foy o mayor amor; e nisto excedeo este *Dilexit* áquelle *Dilexisset*, que he o meu argumento.

218 Tenho exemplo, e tenho prova para concluir: ouçamos primeyro o exemplo. A luz pequena dá vista, porque sem luz não podemos ver; a luz, que he grande, e excessiva faz-nos cegar. Pois a luz tiranos a vista? A luz cega-nos os olhos? Isso fazem as sombras, e as trévas: pois o mesmo, q̄ faz a escuridade densa, hade fazer a luz grande? Sim; porque huma qualidade, que he grande e excessiva, não faz o seu effeyto, faz o effeyto do seu contrario; e assim quando a luz grande não faz o seu effeyto, que he ajudar a vista, faz o effeyto da sombra, que he cegar os olhos. O gosto pequeno faz o seu effeyto, que he rir; mas, se o gosto he grande, não faz o seu effeyto, faz o effey-

Tom. I.

to da pena, que he chorar. O mesmo passa no amor, se o amor he menor, segue, e ama o seu objecto, que he o bom; mas, se o amor he mayor, e excessivo, deyxã o seu objecto, e ama o objecto do odio, que he o máo. Tal foy como este o amor de Christo esta noyte; foy luz grande, foy gosto excessivo, foy amor mayor, e porisso não seguiu o objecto proprio, buscou o objecto alheo.

219 Ouçamos agora a prova. Diz o mesmo Senhor por S. Mattheus, que no inferno haverãõ lagrimas nos olhos, e tremor nos dentes: *Ibi erit fletus, & stridor dentium.* Matth. 8.12. O chorar entendo eu; porq̄ onde ha dores, he força q̄ hajaõ lagrimas; mas o tremer, e o bater os dentes he o que não entendo, nem posso entender: não he o inferno hũ Mongibello de fogo, hum Vesuvio de incendios, e hũ Etna de chamas? Pois onde ha tan-

M 4

to

tô fogo, como pôde haver frio? Onde ha arder em chamas, como se pôde bater os dentes: *Stridor dentium*? Porque o fogo do inferno he hum fogo grande, he hum fogo excessivo, e como o fogo faz abraçar, como o frio faz tremer, não só faz o effeyto proprio, faz tambem o effeyto alheo; não só faz o seu effeyto, mas o effeyto do seu contrario: sendo fogo faz o effeyto do frio: *Stridor dentium*. A' fogo do amor de Christo, agora vos torna a considerar de novo semelhãte ao fogo do inferno: *Dura sicut infernus emulatio*. Fez em vos effeyto contrário o excesso, com q̄ hoje nos amastes, porisso hoje vos empenhastes mais em nos amar, quando nos devicis aborrecer; e assim, se o fogo do inferno he mais activo, que outro qualquer fogo, a chama de-

ste voffo amor foy mais activa, que a de outro qualquer amor: *In finem dilexit eos*.

220 Porém se Christo hoje, Catholicos, amou o que devia aborrecer; se hoje os homens aborreceraõ o que deviaõ amar; não imitemos nós o odio dos homens, já que não podemos igualar o amor de Christo: amemos sim o que devemos amar; aborreçamos o que devemos aborrecer: amemos o que devemos amar, que he Deos; aborreçamos o que devemos aborrecer, que he o mundo, paraque com o aborrecimento do mundo fujamos de tudo, que he culpa, com o amor de Deos aspiremos a tudo, que he virtude, e desta sorte hircmos cada vez mais augmentando a graça, atéque nos vamos coroar na Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*

SER-



SERMÃO

DA

SOLEDADE

DE

MARIA SANTÍSSIMA,

Prégado na Sé de Coimbra.

*Plorans ploravit in nocte, & lacrymæ ejus
in maxillis ejus: non est qui consoletur
eam ex omnibus charis ejus.*

Thren. I.

S. I.

221



PENAS estranhas, lástimas alheas, bẽ as pôde acompanhar o

coração, mas não as sabe explicar o juizo. Quando Rachel chorou a morte dos innocentes, forão claras as suas lagrimas, mas forão confusas as suas vozes: *Ululatus multus: Rachel* Matth. 2. 18.
plq-

plorans. Eis ali a confusão das vozes: *Ululatus*: Eis aqui a clareza das lagrimas: *Plorans.* Pois se o coração se explica com tanta clareza de lagrimas, como se confunde o entendimento com tantos embarços de vozes? Direy: porque o sentimento, que mostrou Rachel, era da perda, que tinha Lia, pois os Innocentes eraõ filhos de Lia, e não de Rachel; e como a perda era estranha, como a dor era alhea, soube-a Rachel sentir, mas não a soube discursar: interpretou Rachel a dor de Lia melhor com o coração, que com o juizo; melhor com as lagrimas, que com as vozes: dor de Lia bem a pôde Rachel sentir, mas não a sabe Rachel dizer: *Ululatus multus: Rachel plorans.*

222. Donde se infere, que só aquelle, que teve a perda, soube de-

clarar a dor: andaõ sempre unidos, o coração, e o juizo, e de quem foy o coração para sentir a perda, def-se hade fer o juizo para declarar a lastima. Estando Christo no theatro de suas glorias, explicando o successo de suas penas, ouvio-se hum voz do Ceo, que disse: *Hic est Filius meus dilectus... ipsum audite.* Grande difficuldade! Pergunto: quantos eraõ, os que fallavaõ naquelle monte? Eraõ tres: era Christo, era Moyses, era Elias: o Texto o diz: *Moy-* Ibi. 3. *ses, & Elias cum eo loquentes.* Pois se estavaõ tres a fallar, como diz o Pay, que hum só se hade ouvir: *Ipsam audite?* Porque a pratica era da morte de Christo: *Dicebant excessum* Luc. 93. 1. *ejus;* e pratica da morte de Christo, não se hade ouvir da boca de Elias, não se hade ouvir da boca de Moyses, ha-

hade-se ouvir da boca do mesmo Christo. Bem discreto Prégador era Elias; bem efficaz Orador era Moyses; porém naquelle caso, como nenhum delles havia de padecer no Calvario, era bem que nenhum delles se ouvisse no Thabor: só se hade ouvir Christo, que hade padecer; só se hade ouvir no Thabor, quem hade padecer no Calvario: *Ipsam audite.*

223. Desta grande difficuldade, e deste grande embarço, q̄ tem o nosso juizo, em explicar com discursos proprios os males alheos, me quizera eu hoje livrar com acerto, já que o fey temer com razão. Se na morte de Christo nem se hade ouvir Moyses, nem se hade ouvir Elias; como na Soledade de Maria se hade ouvir, quem nem temo zelo de Elias, nem o espirito de Moyses? Esta consideração me

fez reparar, em que teve dous respeytos o sacrificio do Calvario; teve fer morte de Christo; e teve fer remedio dos homens: a mayor difficuldade, que tem o nosso juizo em explicar este sacrificio, he, quando o consideramos como morte, e não quando o consideramos como remedio; he facil dizer o que Christo remediou; he difficultoso explicar o que Christo padeceo.

224. Em quanto Elias viveo, mandoulhe Deos, que prégasse; e no Thabor não mandou aos Apostolos, que o ouvissem: pois porque razão se não hade ouvir no Thabor Elias morto, se Deos queria, que se ouvisse em Judéa Elias vivo? Porque Elias vivo prégava em Judéa o remedio, que Deos havia de dar ao mundo; Elias morto praticava no Thabor a morte, que Christo havia de pade-

Luc.
9. 31.

cer no Calvario: *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem*; e achou Deos, que era Elias bom Prégador para representar o sacrificio da Cruz, em quanto remedio; porisso o mandou prégar em Judéa; mas que não era tão bom Prégador para praticar do sacrificio da Cruz, em quanto morte, porisso o não mandou ouvir no Thabor.

225 Esta consideração dos dous respeytos, que eu fiz no sacrificio da Cruz, faço tambem agora na Soledade da Senhora: esta Soledade tem dous respeytos; tem o ser pena para a Virgem, e tem o ser remedio para os homens; e porque he difficuloso empenho explicar esta Soledade, em quanto foy pena, explicalla-hey hoje, em quanto foy remedio. Este he todo o empenho do meu Sermão; peço que

com attenção me oução, que eu prometto, que me desempenhe.

§. II.

226 **P**elo peccado de Adam ficáraõ os homens não só peccadores, mas impenitentes: por aquelle peccado ficámos rebeldes a Deos, e inimigos da penitencia: ficámos manchados da culpa, e endurecidos para o remedio: tanto que o nosso barro peccou, logo se endureceo; e sênaõ pergunto: tantas vezes, que Deos dava por boca de tantos Profetas, porque causa não foraõ ouvidas? Donde nasceo esta resistencia do homem ás vozes de Deos? Nasceo sómente da nossa culpa? Não; porque peccador estava Adão, e ainda assim ouviu as vozes de Deos: *Vocem tuam audivi, & timui*.^{3. 10.} Desorte que o homem aindaque se aparte de Deos.

Deos pelo peccado; Deos sempre está junto do homem pela Immenfidade; o homem aindaque se aparte de Deos pela culpa, Deos sempre está perto do homem pela Misericordia. Pois se não nasceo da culpa a resistencia do homem, pergunto, donde nasceo? Direy: nasceo da sua dureza: o nosso barro se fez duro, tanto que se fez peccador: o barro endurece-se no fogo; e no fogo de nossa ambição, nas chamas de nossos appetites se endureceo o barro de nossa natureza. Veyo Deos ao mundo para resgatar ao homem; encarnou, nasceo, prégo, morreo, sacrificou seu Corpo, deu sua vida, derramou seu Sangue: todos estes prodigios bastáraõ para satisfação de nossa culpa; mas parece, que não bastáraõ para a brandar nossa dureza.

227 Depois de Chri-

sto morrer, mandáraõ os Judeos pôr guardas na sepultura: *Custodite, si cut scitis*.^{Matth. 27. 65.} Ha tal odio Homens, que he isto? Se o mayor odio não passa da morte, como chega o vosso odio á sepultura? Ora dobreemos aqui a folha. Resuscita Christo, eis que Thomé se põe incredulo; eis que os Discipulos de Emmaús se mostraõ desconfiados: *Tardi corde ad credendum*.^{Luc. 24. 25.} Apostolos, Discipulos, Fariseos, que modo he este de proceder? Se já estais resgatados, se já estais remidos, se Christo já está morto, se Christo já está resuscitado, porque perseguis a Christo morto, ó Fariseos? Porque duvais de Christo resuscitado, ó Discipulos? O Senhor deu a razão, e tambem aprova ao penfamento: *Exprobravit incredulitatem eorum, & duritiam cordis*.^{Marc. 16. 14.} Pela morte de Christo

sto ficou remida a nossa culpa, mas ficou in-teyra a nossa dureza; ficámos resgatados, mas ainda ficámos endurecidos; deu satisfação o Senhor á culpa do homem, mas ainda o homem ficou com a dureza no coração: *Et duritiam cordis.*

228 E como para nossa salvação não bastasse satisfazer-se nossa culpa, mas fosse também necessario abrandarem-se nossos corações; que remedio haveria para abrandar nossa dureza, estando já satisfeyta nossa culpa? Direy: he ponto de Fé, que só Christo foy o Redemptor de nossa culpa; porque, sendo a culpa infinita no genero de offensa, o Redemptor havia ser infinito na qualidade do merecimento; mas neste ponto de Fé entra a piedade a dizer, que também a Senhora abrandou nossa dureza

nesta occasião. Que o Filho banhado em sangue fizesse na morte hum sacrificio a Deos, para satisfazer nossa culpa, não ha duvida; mas que a Mãy banhada em lagrimas: *Plorans*; fizesse hum sacrificio a Deos para abrandar nossa dureza, he toda a difficuldade deste Sermão. Huma Mãy arrazando os olhos em agoa, rompendo os ares com suspiros pela morte de seu Filho, ó que grande remedio para nossa impenitencia! O' que grande sacrificio para abrandar nossa dureza! Em provar esta proposição consiste a difficuldade deste assumpto; por ser nova a proposição, prova-la-hey com Texto da Escritura, com exemplo da natureza, confirmala-hey com prova da razão, com a obrigação da Senhora, e ultimamente com as palavras do Thema.

Co-

Comecemos pela prova da Escritura.

§. III.

229 **M** Andou Deos Moyses ao Egypto, para que fosse resgatar seu povo: entra o Vice-Deos, levanta a Vara, obra prodigios, cobre-se a terra de animaes, converte-se a agoa em sangue, vestem-se os ares de luto, e quanto mais obrava Moyses, tanto mais resistia Faraó: applica Deos então o ultimo remedio, manda matar todos os primogenitos do Egypto, desperta Faraó ás vozes das mãys, que choravaõ seus filhos: *Ortus est clamor magnus*; e dá logo licença para que se vá o povo Israëlitico: *Egre-dimini à populo meo, vos, & filij Israëb.* Monarca do Egypto, que medo he este agora? Se Faraó não larga o povo, vendo tantos

Exod.
12. 30.

Ibi. 31.

prodigios, vendo a terra privada dos frutos, vendo o ar cuberto de sombras, vendo o mar convertido em sangue; como larga o mesmo povo, só por ouvir as vozes de humas mulheres: *Ortus est clamor magnus?* Respondo: porque o mal de Faraó era dureza de coração: *Induravit Dominus cor Pharaonis*; e hum coração duro, quando se não abrandava, vendo convertidas em sangue as agoas do mar, vendo vestidas de sombras as luzes do Sol, vendo privadas dos frutos as arvores da terra, não ha outro remedio para q' elle se abrande, senão fazer que huma mãy se lastime: só as vozes de huma mãy são golpes, que abrandão a dureza de hum coração: huma mãy sem filho bannha o rosto com lagrimas, rompe os ares com vozes, e com estes golpes lastimosos se en-

Exod.
11. 10.
24.

enternecem os corações duros. Assim se abrandou a dureza de Faraó, e com mais razão se póde assim abrandar a dureza de nosso coração. Veyo o verdadeyro Moyses, Christo, ao Egypto deste mundo, para nos resgatar de nosso cativeyro; obrou prodigios, obrou milagres, cobrio-se a terra de sombras: *Tenebræ factæ sunt*; converteo-se o mar de sua humanidade no sangue de sua Payxaõ; e sempre ficou inteysra a dureza de nossos corações: *Exprobravit duritiam cordis*. Pois coração, que se não abrandava, vendo prodigios do Filho, para se abrandar he necessario, que ouça vozes, e que veja prantos da Mãe: *Ortus est clamor: Plorans ploravit*.

Matth.
27.45.

239. Vimos esta manhã no Calvario a morte de hum innocente; mas sendo a morte lasti-

mosa, não foy o morto lastimado; foy a morte lastimosa por causa de nossas culpas; não foy o morto lastimado em razão de nossa dureza; pois se nos não enterneceo o coração aquella morte, voltemos os olhos, e abrandará nossa dureza aquella Soledade: na morte ficou nossa dureza, remediou-se nossa culpa: olhem logo para a Soledade, que ali se se não resgata nossa culpa, abrandava-se nossa dureza. Tanto que os filhos de Israel passaram o mar vermelho, logo murmurarão contra Deos: *Murmuravit o-* Exod.
mnis congregatio filiorū 16.2.
Israël. Ha tal murmuração! E o que admira mais he fer em tal tempo! Não estava já este povo resgatado do Egypto? Não tinha já passado o mar vermelho? Sim tinha: pois de que nasce logo esta murmuração á vista daquelles beneficios? De que? Da du-

dureza deste povo. E que remedio poria Deos a esta dureza? A Escritura o diz: *Respexerunt ad solitudinem: Ecce gloria Domini apparuit in nube*. Estavaõ os filhos de Israel ingratos, estavaõ endurecidos, estavaõ rebeldes: pois que remedio para esta rebeldia, para esta ingraticão, para esta dureza? Que remedio? Olhar para aquella Soledade: *Respexerunt ad solitudinem*: ali veráõ a gloria de Deos pósta em huma nuvem: *Et ecce gloria Domini apparuit in nube*. Desorte que Deos resgatou o povo do Egypto por meyo de hum homem, que mandou áquella terra: *Ingrederere ad Pharaonem*; e abrandou a dureza daquelle povo por meyo de huma nuvem pósta na Soledade: *Respexerunt ad solitudinem*. O que grande exemplo do nosso ca-

Ibi. 10.

Exod.
6. 11.

fo! Resgatou Deos ao homem do peccado por meyo de hum homem. Deos, que mandou á terra; porém, depois do homem resgatado, remediou a dureza do mesmo homem por huma mulher, nuvem da gloria de Deos, pósta na dor de sua Soledade: *Respexerunt ad solitudinem*.

231 Isto, que estamos aqui tratando por novidade, he o que succede todos os dias no mundo: e agora entra o exemplo da natureza. Nasce o Sol, e como Principe das luzes da terra deste mundo as trévas: porém neste beneficio, que recebe a terra do Sol, tenho por sua parte huma queyxa, contra a terra: ve-se a terra luzida, ve-se a lumiada, ve-se sem trévas, ve-se com luzes; e com que agradece a terra este beneficio da luz? Com se endurecer aos raios do Sol.

pois barro desagradecido, terra ingrata, porque te endureces? Depois de tantos benefícios, ficas com tanta dureza? Ora que remedio põe a natureza a este desagradecimento da terra? Eu o direy: depois de sepultado o Sol nas ondas do mar, fahê a Lua na escuridade da noyte, e aquella terra, que ficou endurecida aos rayos do Sol, logo se abranda com a humidade da Lua: estes dous planetas aperfeyçoão a terra; o Sol a illustra, a Lua a abranda. O mesmo succedeo na Redempção: fahio o Sol de Christo, introduzio a luz da graça, desterrou as trévas da culpa; porém á vista de tantos beneficios do Sol, endureceo-se mais o barro do homem: pois para esta dureza de nossa terra não ha outro remedio, senão, tanto que se sepultar o Sol de Christo, appa-

recer a Lua de Maria, para que a noyte de sua tristeza, com o pranto de sua Soledade, abra de a dureza de nossa terra: estes dous planetas remedeão o homem; o Sol de Christo o illustra, a Lua de Maria o abranda: o Sol de Christo o illustra com seus rayos em sua morte; a Lua de Maria o abranda com seu pranto em sua Soledade: *Plorans ploravit in nocte.*

§. IV.

232 **T** Endes ouvido a prova da Escritura, e o exemplo da natureza; quereis agora a prova da razaõ? Ouvi. O remedio de nossa culpa dependia de huma satisfacção infinita: o remedio de nossa dureza estava em vermos huma lastima grande; no sangue de Christo estava a infinidade de nossa satisfacção:

ficção: na Soledade da Senhora estava a lastima de seu desamparo; pois derrame o Filho sangue para resgatar o homem; derrame a Mãy lagrimas para abrandar os coraçoes. Disse esta Senhora (como se refere) a Santa Brizida, que ella, e seu Filho remiraõ o mundo com hum só coração: ora vejamos o que este coração obrou. Ferio hum soldado o peyto de Christo, e lançou o coração sangue, e agoa: *Exiuit sanguis, & aqua*; e com estar já a este tempo remido o mundo, dizem os DD. que ali se recopilou a nossa redempção. Dificulto agora: ali recopilou-se a redempção? A redempção foy obra da só por meyo do sangue: como logo fahio do coração sangue, e agoa? Que fahisse sangue, bem está; mas fahir agoa tambem, porque razaõ? Porque a-

Tom. I

quelle coração, que se ferio com a lança, era juntamente coração do Filho, e da Mãy; como coração do Filho, derramou sangue para remir o peccado; como coração da Mãy, derramou agoa para abrandar o peccador: o mesmo golpe ferio o coração de ambos, e o mesmo coração de ambos remio o mundo; em quanto coração do Filho, derramou sangue, fatisfacção infinita de nossas culpas; em quanto coração da Mãy, derramou lagrimas, remedio efficaz de nossa dureza.

233 Para concluirmos este discurso, e este pensamento falta a prova do Thema, e a prova da obrigaçã da Senhora, que prometti. Para a prova da obrigaçã, que tem quem remedeia, heyde propor huma duvida. Como podia a Virgem abrandar nossa dureza, se ella

N 2 tem

tem a dureza de pedra? Desta Senhora entendem todos os PP. da Igreja aquelle Texto do Profeta: *Emitte agnum Domine dominatorem terræ, de petra deserti.* Pois se a Senhora he pedra, como pôde abrandar durezas? Como pôde huma pedra abrandar pedras? Direy: nós somos pedras por natureza; a Senhora he pedra por obrigação; pois tem obrigação de fazer-se pedra; para abrandar as pedras. Diz S. Paulo de Christo; que sendo elle innocente, Deos o fizera peccado: *Eum, qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit.* Pergunto; que fim era o de Christo? Era remediar peccados: pois para elle remediar peccados faz-se peccado: *Eum peccatum fecit.* Sim; que esta he a obrigação de Redemptor; tomar em si o que quer remediar em

nós: quer Christo remediar peccados? Pois hade fazer-se logo peccado: quer Christo remediar peccados; que são peccados por natureza? Pois elle hade ser peccado por obrigação: *Eum peccatum fecit.*

234 Do mesmo modo; que se houve o nosso Redemptor, se houve esta Senhora: o Redemptor de peccados, Christo, tomou sobre si nossos peccados para os remir: *Peccatum fecit:* a Senhora tomou sobre si nossas durezas para as abrandar: *De petra deserti.* Bem ditto, pedra de deserto; porque abrandou nossa dureza na sua Soledade; e senão vede: *Emitte agnum, de petra deserti.* O Cordeyro todo he brandura; a pedra toda he dureza; pois como pôde da dureza da pedra nascer a brandura do Cordeyro? Porisso mesmo; porque ella tomou sobre si as

nossas durezas, havemos nós de nascer com a sua brandura: todos somos filhos de Maria Santissima, e assim como nasceo Cordeyro o seu Filho natural, assim devem nascer cordeyros os seus filhos adoptivos; havemos de nascer cordeyros com a sua brandura, porque ella se fez pedra tomando a nossa dureza; e não em outra occasião, mais que naquella, em que foy pedra do deserto, na noyte da sua Soledade: *Plorans ploravit in nocte. Petra deserti.*

235 Fechemos o discurso com a prova do Thema. Conforme ao que diz Jeremias, naquella occasião todo o povo estava gemendo: *Omnis populus ejus gemens:* até o infensível estava chorando: *Via Sion lugent.* Homens, mulheres, que pranto he este? Se não chorastes, quando Deos vos

deu o castigo, como chorais agora, quando vos lembra o golpe? Porque vemos a Jerusalem solitaria: *Quomodo sedet sola civitas;* porque vemos a Jerusalem chorosa: *Plorans ploravit in nocte.* E como Jerusalem era sua mãy, as lagrimas de huma mãy posta em huma soledade, fizerao sentir o racional: *Omnis populus gemens;* fizerao chorar o infensível: *Via Sion lugent.* Enterneceu-se o coração daquelles homens, abrandou-se a dureza daquellas pedras, vendo as lagrimas daquella mãy, considerando a tristeza daquella soledade: *Plorans ploravit in nocte.* O que grande argumento para a nossa brandura! O que grande motivo para a nossa penitencia! Veremos a melhor Mãy na mayor Soledade? Veremos na mayor Soledade o mayor pranto? Nossa Mãy Solitaria

Ijai.
16. I.

Ibi. r.

2. Corinth.
5. 21.

Thren.
I. II.

Ibi. 4.

litaria ? Grande argumento para gemermos penitentes : *Omnis populus gemens !* Nossa Mãe chorosa ? Grande motivo para se abraçar a pedra de nosso coração : *Via Sion lugent !*

236 Temos visto com a Escritura, com o exemplo, com a razão, com a obrigação, com o thema, que a Igreja nos representa esta Soledade para abraçar os nossos corações. E sendo todo o fim desta Soledade fazer esta Mãe affligida hum sacrificio para abraçar nossa dureza, assim como fez o Filho hum sacrificio para satisfazer nossa culpa; tendo nós visto todos estes dias o que padece o Filho naquella sacrificio, que fez no monte, he razão, que vejamos agora algumas penas (porque he impossivel vermos todas) que teve

esta affligida Mãe no grande sacrificio, que fez em sua Soledade. Vamos com o thema sem nos apartarmos do assumpto.

§. V.

237 **P** *Lorans ploravit in nocte.* Chorou Jerusalem material a falta de seus filhos, que offenderão a Deos: chora com mais razão a Jerusalem espiritual a falta de seu Filho, a quem offenderão os homens. Mas senão chorou, quando acompanhava a seu Filho morto: *Fletem non lego*; como agora chora, quando considera a seu Filho sepultado? Porque mais justificadas são as lagrimas no estado da sepultura, do que no estado da morte; mais razão he, que se chore o sepultado, do que o morto. Acompanhava a Viuva de Naim com suas la-

Ambros.

Luc.
7.13.

grimas a seu filho morto, e encontrando-a o Senhor lhe disse, que não chorasse: *Noli flere.* Senhor, porque não hade chorar esta mulher? Que causa pôde haver para que hum Mãe não chore a seu filho? De outro modo vos houvestes vós com a Magdalena. Chegou este Senhor para resuscitar a Lazaro, e vendo que a Magdalena chorava, não lhe prohibio o pranto; mas acompanhou-a com suas lagrimas: *Ut vidit e-*

Joann.
11.33.
35.

am plorantem... lacrymatus est Jesus. Logo que differença he esta? Manda, que não chore a Mãe, e permite, que chore a irmã? Approva o pranto, com que a Magdalena se lastima de Lazaro, e reprova o pranto, com que a Viuva acompanha o filho? Porque razão? Porque a Viuva chorava hum filho morto; a Magdalena

chorava hum irmão sepultado; e da differença dos motivos tirou Christo a justificação do pranto: não são tão justificadas as lagrimas, que chora a Mãe pelo filho morto, como são justificadas as lagrimas, que chora a Magdalena pelo irmão sepultado: na Viuva havia mayor razão, mas havia menor causa: na Magdalena havia mayor causa, mas havia menor razão: na Viuva havia mayor razão, porque emfim era Mãe; mas havia menor causa, porque seu filho estava sómente morto: na Magdalena havia menor razão, porque era sómente irmã; mas havia mayor causa, porque seu irmão estava já sepultado; e aquelle Senhor, que conhece bem a justificação das lagrimas, manda que não chore a Mãe, que vê a seu filho no estado da morte: *Noli flere; e*

consente, que chore a Magdalena, que confidéra a seu irmão no estado da sepultura: *Ut vidit eam plorantem... lacrymatus est Jesus.*

238 Mas porque razão, sendo a morte hum dos mayores males da vida, se hade chorar o sepultado, e não o morto? A razão he esta: pela morte tira-se a vida, mas ainda se conserva a companhia: pela sepultura acaba-se a companhia, ainda que se não tire a vida: pelo golpe da morte acaba a vida; pela sepultura começa a soledade; e chorar huma morte, he acção de animo humilde; chorar huma soledade, he acção de animo soberano. Quando morreo o famoso Capitão Abner, mandou David aos soldados, e ao povo, que fossem chorando diante do esquife, em que aquelle Capitão cami-

nhava para a sepultura: *Plangite ante exequias* 2. Reg. Abner; e David hia no ultimo do enterro, e não diz a Escritura, que David chorasse: *Porrò David sequebatur feretrum.* Pois, Monarca de Israel, se o caso he tanto para chorar, que mandais chorar a os outros, vós porque não chorais tambem? Ora vamos seguindo o enterro, e veremos o successo. Chegárao á sepultura, enterrárao a Abner, e tanto que David o vê sepultado, não póde suspender o pranto: *Cumque sepelissent Abner, levavit David vocem suam, & flevit super tumulum Abner.* Que diversidade tão grande he esta? Não chora David aquelle Capitão morto, e chora-o sepultado? Sim; porque isto he ter David hum animo Real, hum coração soberano; não chora ao primeyro golpe, chora ao segundo; não

não chora ao golpe da morte, chora ao golpe da sepultura: não chora ao golpe da morte, porque ainda admitte companhia: chora ao golpe da sepultura, porque já entra na soledade: vendo a Abner morto, não chorou aquelle coração, porque se houve ainda como coração de Rey: considerando a Abner sepultado, chorou aquelle coração, porque era já coração solitario: *Flevit super tumulum.*

239 O' Filha de David! Assim como herdastes delle a fortaleza contra o rigor da morte, assim herdastes delle a brandura contra o desamparo da sepultura! O' Mãy! O' mulher! O' mulher forte, vendo o Filho morto! O' Mãy enternecida, considerando o Filho sepultado! Hum mar de lagrimas he o vosso pranto na vossa Soledade. Ora vejão: hum

rio estava naquelle: *Plorans*; outro rio estava naquelle: *Ploravit*; e hum rio junto com outro rio, já não he rio, he mar: corriaõ aquelles dous rios dos olhos, e ajuntavaõ-se nas faces: *Et lacryma ejus in maxillis ejus*; pois rios, que nascendo nos olhos se ajuntão nas faces, já não são rios de pranto, são mar de lagrimas. Quando Deos quiz fazer o mar disse assim: *Congregentur aque... in locum unum.* Ajuntem-se em hum lugar as agoas: desorte que as agoas espalhadas pela terra eraõ fontes, eraõ rios; mas juntas em hum lugar já não são fontes, já não são rios, são mar: pois se agoas juntas em hum lugar da terra fazem hum mar de agoas: *Congregentur aque*; com muyta mais razão as lagrimas juntas nas faces da Senhora fazem hum mar de lagrimas: *Et lacryma ejus in maxillis ejus.*

ejus. O' affligida Senhora, foy hum mar o voffo pranto: *Plorans ploravit*; porque foy hum mar a voffa dor: *Magna est velut mare contritio tua.*

240 E ver o mar da graça feyto hum mar de lagrimas! Ver o mar das virtudes alterado com huma tempestade de dores! Grande espectáculo para mover nossos coraçoes! Lastimoso objecto para abrandar nossa dureza! Nas vesperas do Juizo final, diz S. Lucas, que andarão os homens affligidos, pasmados, e attonitos: *Et in terris pressuræ Gentium.* E quem hade causar esta penitencia, mais nascida do medo, que do arrependimento? O mesmo Euangelista o diz: *Præ confusione sonitûs maris, & fluctuum.* Pois se entraõ hum mar por embravecido nos hade fazer sentir, hoje com mais razão hum mar por

lastimoso nos hade fazer abrandar: se naquella dia nos havemos de affligir, ouvindo os ecos daquellas ondas; agora porque nos não havemos de enternecer, ouvindo os suspiros daquellas lagrimas? *Plorans ploravit in nocte.*

S. VI.

241 **E** *T lacrymæ ejus in maxillis ejus.* Nas faces paravaõ as suas lagrimas; e porq̃ paravaõ as suas lagrimas nas faces? Porque eraõ lagrimas de Soledade: esta differença ha entre as lagrimas da Soledade, e as lagrimas do amor; as lagrimas do amor saõ lagrimas derretidas, como abraçadas no fogo do mesmo amor; as lagrimas da Soledade saõ lagrimas congeladas, como postas no frio da mesma Soledade; e como na Senhora houvesse Soledade, e houvesse amor, tinha

tinha lagrimas derretidas nos olhos, como amante: *Plorans*; e tinha lagrimas congeladas nas faces, como solitaria: *Et lacrymæ ejus in maxillis ejus.* Dous estados tiveraõ as lagrimas da Magdalena em semelhãte occasiã: o primeyro foy estarem apresentadas aos pés de Christo, quando com ellas derretidas em seus olhos entrou na casa do Fariseo: *Lacrymis capit rigare pedes ejus*: O segundo foy levallas congeladas em seus cabellos: *Capillis capitis sui tergebat*; na occasiã, em que se apartou de Christo: *Vade in pace.* Mas porque hade haver esta differença? Direy: porque assim como foraõ diferentes os estados de sua pessoa, assim foraõ diferentes os objectos de seu pranto: a Magdalena para explicar o seu amor, *Dilexit*, apresenta lagrimas derretidas; para signifi-

car a sua Soledade, *Vade*, leva lagrimas congeladas: entra em casa do Fariseo, como amante, para sahir, como solitaria: quando entra, como amante, traz lagrimas derretidas nos seus olhos: *Capit rigare*: quando se aparta, para hir viver solitaria, leva lagrimas congeladas nos seus cabellos: *Capillis tergebat*: com as lagrimas congeladas nos cabellos se entrega a Discipula á Soledade de seu Mestre: *Vade in pace*: com as lagrimas congeladas nas faces sente a Mãe a Soledade de seu Filho: *Lacrymæ ejus in maxillis ejus.*

242 Porém estas lagrimas congeladas nas faces não foraõ só para explicar a sua soledade; foraõ tambem para abrandar a nossa dureza: mais nos abrandão, mais nos movem as lagrimas, que se congelaõ, do que as lagrimas, que se choraõ; porque
mais

Thren.
2. 13.Luc. 21.
25.

Ibi.

Luc.
7. 38.

Ibi.

Ibi. 50.

mais nos move, e mais nos abranda hum desamparo da Soledade, do que hum sentimento do amor. Quando Deos bateo ás portas daquella Alma dos Cantares, a razão, que allegou para que ella abrisse, foy dizerlhe, que trazia a cabeça chea de orvalho: *Aperi mihi... quia caput meum plenum est rore.* Cõmumente os Doutores entendem por este orvalho as lagrimas: *Quia caput meum plenum est lacrymis*; trasladaõ elles: pois como allim? Diz aquella Alma, que traz as lagrimas na cabeça? Não era melhor dizer-lhe, que as trazia nos olhos? Não; porque a tenção de Deos era, que aquella Alma se abrandasse, e lhe abrisse: *Aperi mihi*; e achou, que para huma alma abrir, e se abrandar, eraõ mais efficazes as lagrimas congeladas nos cabellos, do que

derretidas nos olhos; porisso lhe não diz, que as traz nos olhos; porisso lhe diz, que as traz nos cabellos: *Quia caput meum plenum est lacrymis.* Lagrimas congeladas na cabeça pelo frio da noyte allega aquella Deos, que quiz abrandar huma alma: lagrimas congeladas no rosto pelo rigor da Soledade applica aquella May, que quer abrandar nossa dureza: *Et lacrymæ ejus in maxillis ejus.*

§. VII.

243 **N**on est qui *consoletur eam.* Temos vislo como a Virgem Santissima tratou de abrandar nossa dureza com o excesso de seu pranto; vejamos agora brevemente como quer abrandar nossa dureza com a falta de seu alivio: *Non est qui consoletur eam.* Não havia quem consolasse a Jeru-

Jerusalém, diz o Profeta; porém acho eu, que dou alivios para a pena de sua Soledade tinha esta Senhora, e mais não aliviavaõ a sua pena. O primeyro era ter consigo o retrato de seu Filho: O segundo era considerar o corpo de seu Filho na sepultura. Começemos por este segundo.

244 Era alivio de sua pena o estar seu Filho na sepultura: e isto como podia ser? Vede o como: Christo na morte padeceo o effeyto da morte; mas na sepultura não padeceo o effeyto da morte; porque o effeyto da morte he apartar-se a alma do corpo; e o corpo, e alma de Christo apartaraõ-se; e defuniraõ-se. Na sepultura não padeceo o effeyto da sepultura; porque o effeyto da sepultura he apartarem-se e corromperem-se as

partes do corpo; e o corpo de Christo não se corrompeo: alivio era logo para a Senhora ver, que seu Filho, tendo o effeyto da morte, não tinha o effeyto da sepultura. Porque razão logo chora a seu Filho sepultado? Porque ainda que o Filho não teve os effeytos da sepultura, teve todos os seus apparatus; e ver aquellas mortallas, considerar aquella cova, imaginar naquella pedra, bastava para estar magoado hum coração amoroso. Do sacrificio de Isaac chegou a dizer Guerrico Abbade, que se lastimára o mesmo Deos: *Solus Deus doluit.* E bem! Se o sacrificio se não fez, que causa teve Deos para se lastimar? Se não morre Isaac, de que se lastima Deos: *Solus Deus doluit?* Respondo: he verdade, q̄ ali não houverão effeytos de sacrificado; mas houverão apparatus de sacrifici-

crifício ; não houveraõ effeytos de sacrificado , porque Isaac não perdeu a vida : houveraõ apparatus de sacrificio , porque houve lenha , houve fogo , houve espada ; e baltava ver Deos aquella espada , aquelle fogo , aquella lenha , para logo se lastimar ; porque hum coração amoroso como era o de Deos , tanto se magôa de ver o golpe , como de considerar os apparatus. E se magoáraõ a Deos os apparatus do sacrificio , sem haver o effeyto do sacrificio ; bem dizia eu , que haviaõ lastimar á Senhora aquelles apparatus de sepultado , ainda que não houvessem os effeytos da sepultura .

245 O' que grande exemplo para nõsso coração ! He verdade , que Christo já não padece ; he verdade , que já não ha effeytos de morte ; mas ainda a Igreja nos representa os apparatus de morto : ainda vemos

a cruz , os cravos , a lança , e os espinhos ; e se já não ha morte , que nos lastime , ainda ha apparatus , que nos magoem. O golpe dalança , que se deu no Lado de Christo , dizem os DD. q̄ sentio a Senhora muyto ; e mais o Senhor já o não sentio , quando se lhe deu : e a razão he ; porque para hum coração se mover , e lastimar , não he necessario , que o golpe magoê , basta , que se represente ; baltãõ apparatus de morte , baltãõ apparatus de sepultura , para que não hajaõ alivios na Senhora : *Non est , qui confoletur eam.* Passemos a o outro alivio .

246 O segundo alivio , que podia haver para a Senhora , era ter diante dos olhos o retrato daquelle Filho , que chorava sepultado . De dous modos se pôde retratar hum original ; ou se pôde retratar na fecundidade da natureza ;

za , ou se pôde retratar no artificio da pintura : ha retrato natural , e ha retrato artificial : os retratos , ou os inventou a pena para alivio do sentimento , ou os intentou a natureza para continuação da especie : os retratos , q̄ a natureza intenta , são os naturaes ; os retratos , que inventou a pena , são os artificiaes : ambõs estes retratos de algum modo tinha a Senhora na sua Soledade , para alivio de sua dor . Comecemos pelo primeyro retrato .

247 Na cruz vendo Christo , que se lhe acabava a vida , houve de dar substituto á filiação , para que se conservasse de algum modo a maternidade , e assim destinou a Joãõ por filho de Maria : *Ecce filius tuus* : Razão tinha logo para seu alivio a Senhora ; porque ainda que Joãõ não fosse retrato natural de seu Filho , com tudo ,

como de algum modo substituiu aquella filiação , bem podia de algum modo aliviar esta dor . Os filhos adoptivos inventou-os a piedade , porque de algum modo substituissem os naturaes : quizeraõ os homens com a adopção consolar a esterilidade . Logo porque não alivia a Senhora com este retrato adoptivo a falta do retrato natural ? Porque ausencias de Christo não se substituem com presenças de Joãõ . Lá faltou Moyfes a os Israelitas em certa occasião , e elles pediraõ a Araõ , que em lugar de Moyfes lhes fizesse deoses : *Fac nobis deos* ; porque bem

Exod. 32. 1.

Joann. 19. 26.

póde o homem substituir a Deos, porque não tem a sua natureza as perfeições Divinas; porisso os Israelitas, vendo que lhes faltava hum homem, pediraõ hum Deos; porisso a Senhora, vendo que lhe faltava hum Filho Deos, se não alivia com a filiação de hum homem: ausencias de Christo não se remedeão com presenças de Joaõ: não póde Joaõ substituir a Christo. A Lua não recebe luzes das estrellas, recebe luzes do Sol: Maria Santissima não recebe alivios de Joaõ, que he estrella: *Fulgebunt quasi stella*; recebe alivios de Christo, que he Sol: *Orietur vobis sol*. Sentimentos grandes não se aliviaõ com substituições improporcionadas. Muytos annos chorou nosso Pay Adam a morte de seu filho Abel. E bem! Não remediou Deos esta falta?

Não houve quem substituisse este filho? Sim houve: em lugar de Abel deu o Senhor a nossos Pays seu terceyro filho Seth: *Posuit Deus semen aliud pro Abel*. Pois se Abel está substituido, de que vive Adam lastimado? Se possuiu a Seth em lugar de Abel, porque he chorado Abel á vista de Seth? Porque vistas de Seth não consolaõ ausencias de Abel: era Abel por suas excellencias muyto amado de seus pays; e aindaque Seth viesse em lugar de Abel, podia Seth de algum modo occupar o lugar, mas não podia enxugar o pranto. Pois, se as ausencias de Abel se não aliviaõ com as presenças de Seth, bem digo eu, que as ausencias de Christo se não aliviaõ com as presenças de Joaõ: podia Joaõ de alguma forte occupar o lugar; *Eccæ filius*

Genes.
4.25.

lius tuus; mas não póde de algum modo aliviar a Soledade: *Non est qui consoletur eam*.

S. VIII.

248 **P** Orém que não podesse aliviar o retrato adoptivo, bem está; mas porque não aliviará á Senhora aquella retrato, que no extenso de hum panno com a tinta do sangue debuxou a dor? Diante dos olhos em hum lenço tem desfigurada a figura de seu Filho; e este póde ser hum grande alivio para a sua grande pena. Os estragos do odio são alivio ao sentimento do amor: as penas diante dos olhos aliviaõ a dôr na imaginação. Quiz hum Anjo aliviar a Christo no Horto: *Apparuit illi Angelus confortans eum*; e para lhe segurar o alivio, e

Luc.
22.43.

o conforto, houve de lhe representar o Calis de sua Payxaõ. Parece improporcionado o instrumento do alivio; porque se Christo estava triste, e o Calis representava tormentos, como podiaõ tormentos aliviar tristezas? Porque as tristezas estavam na imaginação, os tormentos representavaõ-se diante dos olhos; e os tormentos pôstos diante dos olhos aliviaõ as penas imaginadas no juizo: no juizo considerava o amor o que havia passar; no Calis representava-se o que o odio havia fazer; e nas crueldades do odio se defasogaõ os sentimentos do amor. Pois se ver o Calis conforta o Filho; ver o retrato lastimoso no lenço branco, porq̃ não alivia a Mãe? A razão he; porque o Filho tomou os tormentos por parte da conveniencia, e a Senhora

tomou os tormentos por parte da crueldade.

249 Dous respey-
tos tinha a Payxão de
Christo; hum por par-
te do odio dos Jude-
os, porque nella se
mostrou a crueldade de-
sta gente; outro por
parte do amor de Chri-
sto, porque nella se
mostrou a convenien-
cia dos homens: neste
caso o Senhor tomou
os tormentos por parte
da nossa conveniencia;
e como nelles estava
o nosso remedio, nel-
les achou o Senhor co-
mo bom amante o seu
conforto: *Apparuit An-
gelus confortans eum.*
A Senhora tomou os
tormentos por parte da
nossa crueldade; e co-
mo nelles se via o n-
osso odio, nelles augmen-
tou a Senhora o senti-
mêto, e onde se augmen-
ta o sentimento mal se
póde achar o alivio.
Lá chorou Jacob, ven-
do a vestidura de seu
filho Joseph; que como

a via despojo da cru-
eldade, era para elle
augmento da pena;
como era indicio do
odio, mal podia fer a-
livio da dor: logo se Ja-
cob, exemplo da for-
taleza, não poude suf-
pender o pranto, ven-
do na vestidura do seu
Joseph o fangue: co-
mo havia a Senhora,
ainda sendo exemplo da
constancia, aliviar as la-
grimas, vendo no retrato
de seu Filho as chagas?
O' como he sem alivio
esta dor! *Non est qui
consoletur eam.*

250 E se esta dor
não tem alivio, antes
augmenta o pranto,
porque desperta as me-
morias, assim hoje a
nossa dor, vendo o
mesmo retrato, hade
augmentar as lagrimas,
porque nos hade mo-
ver o coração. Lá disse
Deos (como fallando
com as creaturas, ven-
do o miseravel estado,
em q̄ puzera a Adam
a sua culpa) estas duas
só,

só, mas muyto myste-
riosas palavras: *Ecce*
Adam. Eis aqui Adam,
ó creaturas do mundo,
eis aqui o estado, em
que o poz a sua culpa,
eis aqui a miseria, em
que o poz ò seu pec-
cado: mova-vos este
espectaculo, abrande-
vos esta vista. E o mes-
mo, que antigamente
disse Deos no Paraíso,
fallando com as creatu-
ras sensitivas, posso eu
com mayor razaõ, e
com mayor lastima di-
zer hoje, fallando com
os meus ouvintes, pa-
ra os mover a o senti-
mento: *Ecce Adam.*
Eis aqui, fieis, o vosso
Adam; não Adam de
culpas proprias mancha-
do; mas Adam de cul-
pas alheas opprimido.
Eis aqui aquelles pés,
que tiverão os cravos
em lugar de espinhos:
Ibi. 18. *Spinæ, & tribulos
germinabit tibi.* Eis a-
qui aquellas columnas,
que cahindo por terra
em Jerusalem, levant-

Genes.
3.22.

Ibi. 18.

táraõ aquelle edificio,
que tornou á terra no
Paraíso: *Donec rever-*
tavis in terram, de qua
sumptus es. Eis aqui a-
quelle peyto, que com
os rios de seu fangue,
qual outro Paraíso, re-
gou as quatro partes do
mundo. Eis aqui aquel-
las mãos, que se esten-
deraõ na arvore da
cruz para remir, assim
como Eva estendeo a
mão á arvore da scien-
cia para peccar. Eis
aqui aquelle rosto sagra-
do, que com o fuor
de seu fangue aliviou,
e enxugou o de agoa,
que corria de nosso ro-
sto: *In sudore vultus tui*
vescêris pane. Eis aqui
aquella cabeça, que to-
mou por coroa os es-
pinhos, que nós tive-
mos por castigo. Eis
aqui, fieis, o estado,
em que puzeraõ as
nossas culpas a o nosso
Adam: *Ecce Adam.* E
se vos não move, co-
mo devia, esta lastima,
demos huma volta ao

Ibi. 19.

Ibi.

confessamos infinidade de do, e que não podia no ser, confessemos excessão no amor, he justo; mas de huma creatura, que he nada, dizer-se, que o seu amor he muyto: *Dilexit multum?* He caso, que acho contrariado em muytos lugares fabidos. Se lermos o amor de Abraham, acharemos, que elle amou; mas não acharemos, que amou muyto a seu filho Isaac: *Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac*; lhe disse Deos. Se lermos o amor de Rebecca, acharemos, que sem amar muyto, amava a seu filho Jacob: *Rebecca diligebat Jacob*. Se lermos o amor, que teve Jacob a seu filho Joseph, veremos, que o amava mais, mas não o amava muyto: *Israël diligebat Joseph super omnes filios suos*. Se lermos o amor de Samsam, veremos, que quanto tinha de crescido, tinha de descuyda-

do, e que não podia fer muyto, sendo mentiroso: *Quomodo amas me? Per tres vices mentitus es mihi*; lhe dizia Dalila. Se lermos o amor de David, acharemos, que amava, sem se dizer, que amava muyto a Micol: *Dilexit David Michol*. Se lermos os Cantares, acharemos, que até aquella Alma querida se não confessava muyto namorada: *Inveni, quem diligit anima mea*. Se lermos ultimamente os amores de Jacob, acharemos, que muyto fervio, mas não acharemos, que muyto amou: *Quam diligens Jacob*. E hum dia, que o seu amor cresceo, não foy no ser, foy no parecer; não foy na realidade, foy na apparencia: *Videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine*. Finalmente he esta doutrina tão verdadeyra, que sendo com tanto exemplo en-

ca-

carecida, he tambem com hum Texto de Christo authorizada.

Joann. 13. 34. 252 *Mandatum novum do vobis: Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos*. Hum preceyto novo vos ponho (diz Christo a seus Discipulos) e he que vos ameys vós outros, assim como eu vos amey a vós. Reparo nas primeyras palavras, logo repararey nas ultimas: *Mandatum novum: Preceyto novo? Lá mandava Deos no Levitico, que nos amasse-mos: Diliges amicum tuum, sicut te ipsum*. Pois, se amarem-se os homens he preceyto antigo, como diz Christo, que he mandamento novo: *Mandatum novum?* Respondo: Porque este preceyto, ainda que não he novo pelo amor, he novo pelo exemplo. Diz Christo, que nos amemos, assim como elle nos amou: *Sicut dilexi vos*. E como

Tom. I.

Christo nos amou muyto em sua vida, vem a dizer o preceyto, que não só nos amemos, mas que nos amemos muyto; e se o amor he preceyto antigo: *Diliges*; o amar muyto he mandamento novo: *Mandatum novum*. Amarem-se os homens, quando naturalmente se aborrecem, he preceyto: *Diliges*. Amarem-se os homens muyto, quando ordinariamente se amaõ pouco, he novidade: *Mandatum novum*. E he de notar (vay o reparo das ultimas palavras) que poz Christo o exemplo no seu amor passado, e não no seu amor presente. *Sicut dilexi vos*: Assim como eu vos amey: e porque não diz, assim como eu vos amo: *Sicut vos diligo?* Porque não poem o exemplo no amor, que he, e porque razaõ o põe no amor, que foy: *Sicut dilexi?* Porque,

O 4 ain-

ainda que em Christo sempre o amor foy grande; com tudo o amor segundo, que naquella occasião elle tinha: *In finem dilexit*; foy mayor, que o amor primeyro, que elle teve: *Cum dilexisset*: E havendo Christo de nos pôr seu amor por exemplo, não nos pôe o exemplo no mayor amor, que era o presente; mas sim no menor amor, que foy o passado. Desconfiou de que nós amasse-mos, como elle amava, que era muyto; confiou que nós amasse-mos, como elle amou, que foy menos: e como desconfiou de nós, que amasse-mos, como elle amava, não nos poz o exemplo no amor, que tinha; como confiou de nós, que amasse-mos, como elle amou, poz o exemplo no amor, que teve: *Sicut dilexistis vos.*

253 Logo, se he no-

vidade amarmos muyto, se de todos aquelles, que amárao, explicando-se, que foy o feu amor fino, se não diz, que foy o feu amor muyto, como amou muyto em tão breve tempo huma peccadora? Como amou muyto em tão poucas horas huma penitente: *Dilexit multum*? Como? Deyxando tudo, e entregando-se toda. A Magdalena entregou-se toda, quando se prendeo com seus cabellos, e deyxou tudo, quando se defenganou com este mundo; e nestas duas cousas esteve a valentia do feu amor; em deyxar tudo de tal modo, que ficou pobre; e em se entregar toda de tal modo, que ficou presa. Muyto amou o Principe Jonathas ao Pastor David: assim o encarece a Escritura: *Jonathas diligebat David valde.* Pergunto: e em que esteve a grandeza desta affectação?

ção? Em que esteve o augmento desta amizade? Por ventura Jonathas obrou tanto, que se possa dizer delle, q̄ amou muyto: *Diligebat valde*? Sim: obrou Jonathas de tal modo, que deyxou tudo, e se entregou todo: entregou-se todo, quando atou a sua alma á alma de David: *1. Reg. 18.1. Anima Jonathæ conglutinata est animæ David.* Deyxou tudo, quando a David deu os seus vestidos: *Expoliavit se tunicâ, qua erat indutus, & dedit eam David, & reliqua vestimenta sua.* E hum Principe como Jonathas, que deyxou tudo, e se entrega todo de tal modo, que fica preso, não ama pouco, ama muyto: *Diligebat valde.* Que Jonathas se prenda? Que Jonathas se despoje? Que se prenda de modo, que nada da alma deyxasse livre: *Anima Jonathæ conglutinata est?* Que se despoje desorte,

que nada dos vestidos deyxasse reservado: *Expoliavit se?* Grande amor! Valente amizade! *Diligebat valde!*

254 Mas igual valentia, semelhante grandeza confidéro eu hoje: pois confidéro derramados a os pés da formosura Divina todos aquelles despojos, que authorizárao a belleza humana; e vejo servir de laços para o amor santo, aquelles cabellos, que serviraõ de prisoeiros ao amor profano; porque ata o amor Divino a seus prisioneiros com aquellas mesmas cadeas, com que prende o amor profano a seus cativos. Quando Lazaro sahio da sepultura, diz a Escritura, que veyo preso: *Statim prodiit, qui fuerat mortuus, ligatus.* E bem! Que Lazaro estando morto esteja preso, passe; mas vir preso, quando sahe vivo? Se Christo lhe deu na sepultura a vida, porque

1. Reg. 18.1. *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David.*

Ibi.4.

1. Reg. 19.1.

Joann. 11.44.

que lhe não deu nella a liberdade? E se o Senhor quer, que elle faya preso, hade vir Lazaro ao estado da vida com as próprias prisoens, que teve no estado da morte? Sim; que tais costumes, como estes, tem o amor Divino; sabe prender a seus vassallos no estado da graça, no augmento da vida, com aquellas próprias cadeas, com que o amor profano prendia a seus escravos no estado da culpa, na miseria da morte. He morte aquelle amor, com que amamos este mundo; he vida aquelle amor, com que amamos, ou resuscitamos a Deos; pois com aquellas cadeas, com que nos enlaça o amor humano, como a mortos, com essas próprias nos prende o amor Divino, como a vivos: *Statim prodit, qui fuerat mortuus, ligatus.* Ditoa mudança sem varieda-

de, mudarem-se os presos, sem se variarem as prisoens! Prender-se agora huma penitente a Deos com os próprios cabellos, com que já em quanto peccadora se prendera ao mundo? Grande dita! Depois de despojada ficar presa? Grande excessão!

255 Lá se jactava S. Pedro de haver deyxado todos os bens da terra: *Ecce nos reliquimus omnia.* Pois se esta acção foy grande em S. Pedro, que feria em huma alma, que não só se despojou, mas juntamente se prendeo? Em huma occasião pediu huma alma a Deos, que a levasse presa para seguir seus passos: *Trahete me: post te curremus.* Cant. I. 3. E em outro dia foy necessario, que huns soldados lhe tirassem a capa: *Tulerunt pallium meum.* Alma sey eu, e he a Magdalena, que não foy necessario, que

ou-

outrem a despojasse, pois ella se despojou, como Jonathas: *Expoliavit se tunicâ;* nem foy necessario, que seu esposo a prendesse, pois ella se prendeo, como amante: *Conglutinata est.* E quem deste modo se prende, quem daquella sorte se despoja, com esta ventajem ama, com este excessão quer: *Dilexit multum.*

256 Verdadeyramente, que não sendo eu inclinado a compor os assumptos de meus Sermoes das finezas de algum amor, acho, que hoje he obrigação, e acerto, nas maravilhas deste amor fundar os discursos deste Sermão. O primeyro Prégador, que prégou a Conversão da Magdalena, foy Christo; o thema, que tomou, foy o amor que esta Santa teve: *Dilexit multum.* Fundou o Senhor o seu Sermão sobre aquella duvida, que pro-

poz ao Pariseo, perguntando-lhe qual amava mais, se aquelle, a quem se perdoava muitos peccados, se aquelle, a quem se absolvio poucas culpas? Pois se este foy o estylo, que Christo seguiu nesta occasião, obrigação, e acerto será, seguir eu hoje os passos do melhor Prégador, que houve: e assim o assumpto deste Sermão será buscar a causa, e propriedade da grandeza deste amor: *Dilexit multum.* O thema nos dará as repostas, o Evangelho nos fundará as duvidas: vamos com elle.

§. II.

257 **M**ulier, quæ erat in civitate peccatrix. Esta palavra, peccadora: *Peccatrix;* como não explique a materia das culpas, dizem os Expositores, que mostra a grandeza dos peccados. Pois

is

is valhame Deos! Porque se não dizem os erros, em que cahio? Porque se não relatao as culpas, que commetteo? Porque foraõ muytos os erros, e foraõ muytas as culpas. Assim havia fer. Eu não louvo os peccados, encareço a penitencia, e digo, que era forçã ter sido grande peccadora, quem havia fer muyto amante. Depois de Christo resuscitar perguntou a S. Pedro se o amava mais que todos: *Simon Joannis, diligis me plus his?* Ha tal pergunta, e em tal occasiã? Porque lha não fez o Senhor antes de morrer? Porque lha fez depois de resuscitar? E já q̄ faz a pergunta neste tempo, pergunte-lhe se o ama; mas perguntar-lhe se o ama mais, que os outros: *Plus his?* Tem por ventura Pedro alguma razaõ para amar agora mais? Sim; e he o ter offendido muyto:

Joann.
21. 15.

tinha Pedro negado a Christo; pois porque o offendeo, porisso lhe pergunta se o ama; e porque o offendeo mais, que os outros, porisso lhe pergunta se o ama mais, que elles: *Simon Joannis, diligis me plus his?* He taõ certo crescer o amor no estado da graça, quanto cresceo o odio no estado da culpa, que achou Christo era infallivel amar com excessõ: *Plus his*: quem tinha offendido com demazia: *Non novi.* Que o ter Pedro offendido muyto d'esse occasiã a Christo lhe perguntar, se o amava mais? He pensamento, q̄ S. Agostinho meu Padre authoriza: *Ter negaverat timor, ter confessus est amor.* Tres vezes confessou o amor, porq̄ tres vezes tinha negado o odio. Porque se multiplicou o odio na culpa, diz meu grande Padre, porisso se multiplicou o amor na confissão. Pedro

Matth.
26. 72.

August.

dro tres vezes nega, e tres vezes ama; porque quantas vezes negou peccador; tantas vezes devia confessar amante: *Ter negaverat timor, ter confessus est amor.*

258 O' que grande excellencia da Magdalena! Crescer tanto o seu amor, quanto tinha crescido a sua culpa! Porque tinha sido grande peccadora, porisso foy muyto amante: *Dilexit multum.* Se foy grande a vontade em peccar, porque não hade fer grande a vontade em querer? Porque se não hade medir o amor, que he, pela culpa, que foy; se pela culpa, que foy, se mede o premio, que se dá? Falla S. Paulo a os Romanos, e diz-lhes assim: *Ubi abundavit delictum, superabundavit & gratia.* Notavel dizer! Sabeis onde ha muyta graça (diz S. Paulo) onde houveraõ muy-

Roman.
5. 20.

tos peccados: mede Deos o favor pelo delicto, mede o premio pela culpa; se foy grande a culpa, que chorastes, foy grande a graça, que conseguistes: *Ubi abundavit delictum, superabundavit & gratia.* E se se mede pela culpa a graça, que conseguimos, porque se não hade medir pelo peccado o amor, que temos? Assim o medio Christo. A cruz sagrada de Christo chama-se commumente vara, e balança; e acho eu muyta razaõ em se chamar a cruz balança, e vara; porque com ella como vara, e nella como balança pesou, e medio Christo nossos peccados, e achando, que eraõ infinitos na offensa, medio, e pesou tambem o seu amor, e achou, que era infinito na estimaçãõ; porque só com a infinidade de seu amor, se podia resgatar o imenso de nossas culpas: medio,

dio, e peſou Chriſto noſſas culpas, e ſeu amor; porque aindaque elle não tinha peccados proprios, baſtou tomar á ſua conta os erros alheos, para medir o amor pelos peccados; e ſuppoſto eraõ muytos os peccados, que havia remir, era neceſſario ſer infinito o amor, que os houveſſe de reſgatar. Se Chriſto encarnára, não havendo peccados, baſtára, que foſſe pouco o amor de Chriſto; porque era amor no eſtado da innocencia; mas como encarnou, havendo culpas, para a ſatisfação foy neceſſario ſer ſeu amor infinito; porque era amor no eſtado da penitencia.

259 Eſta differença acho eu entre o amor do innocente, e o amor do penitente: o amor do innocente he hum acto remiſſo, com que elle ama pouco; o amor do penitente he

hum acto intenſo, com que elle ama muyto. Já fez antigamente eſta differença S. Pedro Damiaõ: *Devotior eſt fervidus pœnitens, quam tepidus innocens.* Mais devoto, diz o Santo, he o penitente abrazado, que o innocente tepido: he tepido o innocente, porque ſeu amor he remiſſo: he abrazado o penitente, porque ſeu amor he intenſo. Alguma couſa diſto havemos achar em David. Falla Deos de David, e diz aſſim: *Inveni virum ſecundum cor meum.* Achey hum homem á medida do meu coração. E hem! Pelo ſeu coração mede Deos a David? E porque o não mede por ſua Juſtiça? Porque o não mede por ſua Miſericordia? E ſe hadé medir por ſeu coração algum homem, porque razão he ſó David? Não eſtava ahi Abraham? Não eſtava ahi Ja-

Petr.
Dami-
an.

Ag.
13.22.

Jacob? Não eſtava ahi Joſeph? Pois porque razão mede Deos pelo ſeu coração mais a David, que a eſtes Patriarcas? Porque eſtes Patriarcas erã innocentes, e David foy penitente; e ſó o amor de hum penitente ſe mede pelo coração de hum Deos amante. He tão verdadeyramête amante hum penitente, que, ſendo David Rey, o medio Deos pelo peyto, e pelo coração, como a amante, e não pela Juſtiça, ou pela Miſericordia, como a Princepe: havia David ſer o mayor penitente; poriſſo Deos o medio logo pelo mayor coração. Tãõ grande he o amor de hum penitente, que ſendo infinito o coração de Deos, por eſte coração ſe mede aquelle amor; porque hum amor, que he muyto, ſó ſe mede por hum coração, que he infinito: *Inveni virum ſecundum*

cor meum. Aſſim medio Deos a David pelo coração: aſſim medio S. Paulo a graça pelo peccado: aſſim medio Chriſto o ſeu amor por noſſas culpas: aſſim medio a Magdalena o ſeu amor pelos ſeus erros; e porque tinhaõ ſido muytos os ſeus peccados: *Mulier, que erat in civitate peccatrix;* poriſſo foy muyto o ſeu amor: *Dilexit multum.*

§. III.

260 **U**T cognovit. Conhecendo a Magdalena, que eſtava Chriſto em caſa do Farifeo, logo ſe reſolveo a hir buſcallo áquella caſa. E porque não espera, que a buſque Chriſto? Quando peccou David, para ſe converter esperou, que Deos o mandaffe avisar pelo Profeta Nathan: *Miſit Dominus Nathan ad David.* Negou S. Pedro,

2. Reg.
12.1.

dro,

dro, e esperou para se arrepender, que Christo o avisasse de sua culpa com os olhos de sua Misericordia: *Conversus Dominus respexit Petrum.* Peccador foy S. Paulo, e para que se convertesse, foy necessario, que o Senhor o chamasse: *Saule, Saule, quid me persequeris?* Aquella ovelha perdida no deserto se perdeu, e o Pastor nesse mesmo deserto a buscou: *Vadit ad illam, quae perierat.* Pois se os mayores gigantes da santidade, se os mayores penitentes da Igreja esperaraõ, que os buscase Deos; porque não espera a Magdalena, que a busque Christo? Que esperando todos, que Deos os avise, haja huma alma, que não espere, que Deos a busque? Grande amor! Grande affeyção: *Dilexit multum!* Mas assim o havja fazer a mayor penitente,

supposto que assim o obrou a primeyra peccadora.

261 Peccou Adam, e custou vozes o achallo Deos: *Vocavit Deus Adam, & dixit ei: Ubi es?* Mas apparecendo no Tribunal Divino, e dando-lhe o Senhor em cargo a culpa, que commetteo na desobediencia, elle se escusou com Eva, e a esta disse Deos: *Quare hoc fecisti?* Reparo em toda esta acção, e pergunto: chamou Deos a Eva? Não: chamou Deos a Adam? Sim: *Ubi es?* Pois se Deos chamou sómente a Adam; se Deos não chamou a Eva; porque razão vem Eva, quando Deos só chama a Adam: *Ubi es?* Porque Eva tinha tanto de entendida, que para buscar a Deos não foy necessario ser chamada: para vir Adam, Deos o busca, Deos o chama: *Ubi es?* Mas para vir Eva nem

Deos

Deos a chama, nem Deos a busca: estava peccador Adam, estava peccadora Eva; para vir a Deos Eva peccadora, não he necessario que Deos chame a Eva; para vir a Deos Adam peccador, he necessario, que Deos busque a Adam: *Vocavit Deus Adam, & dixit ei: Ubi es?*

262 Assim succedeo na criação do mundo, e assim succedeo na redempção delle: na criação do mundo de dous peccadores, que houve, hum esperou, que Deos o chamasse, e foy Adam, outro não esperou, que o chamasse Deos, e foy Eva: na redempção do mundo os Apostolos, os mayores Santos esperarão, que Christo os chamasse: *Venite post me;* a Magdalena, a mayor peccadora não esperou, que a chamasse Christo: *Ut cognovit.* Eva se resolveo a buscar a Deos,

Matth.
4.19.

a Magdalena se resolveo a buscar a Christo; como obrou entã a primeyra peccadora Eva; assim obrou depois a mayor penitente Maria. Que sejam necessarias vozes de Deos para que responda, ou acuda Samuel innocente; e que não sejam necessarias vozes de Christo para que accuda Maria peccadora! Que sejam necessarios recados para os banquetes, que Deos nos offerece; e que não haja recado para que a Magdalena chegue ao banquete, em que Christo assiste! Grande maravilha! Que haja huma alma, que batendo-lhe Deos á porta, ella a não abra; e que haja outra alma, que abra sem Deos com a voz lhe bater! Grande amor! O mais que Deos quer de nós he, que quando elle bater, nós lhe abramos: *Ut, cum pulsaverit, confestim aperiant ei.* Mas

Luc.
12.36.

Tom. I.

P

que

que sem elle bater lhe quizellê a Magdalena abrir! Grande affeyção: *Dilexit multum!* De dous modos nos chama Deos nesta vida; ou com a sua voz, ou com o nosso discurso: bate Deos á porta de huma alma; e quando chama a ella com a voz, quem duvida, que chama a minha com o discurso? Porque se elle bate áquella para que lhe abra, tambem bate á minha para que responda.

263 Lá mandou Christo a S. Pedro, que o seguiffe: *Sequere me.* E voltando S. Pedro o rosto, vio que S. João tambem seguia: *Conversus Petrus vidit illum discipulum, quem diligebat Jesus, sequentem.* E bem! Se Christo só a Pedro manda, que o siga: *Sequere me;* como o segue tambem João: *Sequentem?* Porque Christo tambem mandou a João que o

seguiffe; mas com esta differença, que a João mandou-o seguir com o discurso, a Pedro mandou-o seguir com a voz: *Sequere me;* porque se Christo manda com a voz, que o siga Pedro, quem duvida, q̄ manda com o discurso, que o siga João? E só o Apostolo do entendimento podia seguir a vocação do discurso: *Vidit discipulum sequentem.* O' que entendida vocação! O' que discursada obediencia! A os outros Santos chamou Deos com a voz: *Venite;* e porque chamou a estes com a voz, chamou a Magdalena com o discurso; e porque Deos a chamou com o discurso, porisso ella respondeo com o entendimento: *Ut cognovit.* Que Eva na occasião, que quiz ser entendida, fosse a mayor peccadora; e que Maria seja a mayor penitente na occasião, que foy en-

entendida! Que Rachel chore as lagrimas, que outrem havia chorar, he piedade; mas que Maria responda ás vozes, a que outros haviaõ acudir, he entendimento. Que a Esposa siga as ovelhas, sendo ignorante: *Si ignoras te, abi post vestigia gregum!* Grande obediencia! Mas que Maria busque o Cordeyro, sendo entendida: *Ut cognovit!* Grande amor: *Dilexit multum!* E mayor ainda, se considerarmos o lugar.

264 Buscar a Deos, quando Deos está só, isso fazem muytos; mas buscar a Deos, estando acompanhado, isso faz a Magdalena: apparecer em hum concurso com os cabellos soltos, hir a hum convite com os olhos chorosos, he acção, que acho contrariada em S. Pedro. Negou Pedro, e para haver de chorar a culpa houve de deyxar o Pa-

ço: *Egressus foras, flevit amarè.* Que he isto? *26.75.* Porque não chora Pedro no lugar, onde negou? Era justo, que vissem a penitencia aquelles, que viraõ a culpa; pois, se commetteo no Paço a culpa, porque não faz no Paço a penitencia? Porque se envergonha a gravidade de Pedro (disse hum Expositor) de o verem chorar os olhos dos Fariseos: *Verrecundiã egressus est.* Era Pedro já homem de dias, tinha-se offerecido a morrer, e teve pejo de que o vissem chorar. Como se differa Pedro: he conveniente á minha alma a contrição; he proprio á minha contrição o pranto; mas o pranto, que he proprio á contrição, he improprio ao credito: e assim eu heyde chorar, para ver a Deos; mas não heyde chorar, onde me vejão os homens; pois que remedio?

Cant.
I. 7.

dio? Chorar, e escon-
der; porque deste mo-
do no pranto me verá
Deos arrepender, e no
retiro me não verá os
homens chorar: *Egref-
sus foras, flevit amarè.*
Agora a o nosso caso.

265 Pois porque ra-
zão, quando Pedro pa-
ra chorar fuge do Paço,
Maria para chorar bus-
ca o banquete? Porque
tem muyto amor: *Di-
lexit multum*; e chora
muytas culpas: *Pecca-
trix*; e tanto a grande-
za do amor, como a
multidão dos peccados
lhe fizeraõ, que fugisse
os lugares escondidos,
e buscasse os lugares
publicos. Aquelle tem-
po, em que Christo pa-
deceo a sua morte, era
a occasião, em que os
Judeos celebravaõ a sua
festa: *Ante diem festum
Paschæ*. Pois não hou-
ve outra occasião mais
accomodada? Não hou-
ve outro tempo de me-
nos concurso? Hade
padecer Christo nas ves-

peras de huma festa as
affrontas de huma mor-
te? Sim, diz Hugo
Cardeal: *In die festo* Hug.
Card.
*moritur, ut magis in
spectaculo haberetur.*

Tinha Christo muyto
amor, e como tinha
muyto amor, buscou pa-
ra morrer grande con-
curso: padecia por to-
dos os peccados, e quiz,
que o vissem todos os
olhos: peccados publi-
camente commettidos,
haõde ser publicamente
resgatados; amor ex-
cessivamente muyto, ha-
de buscar concurso ex-
cessivamente grande:
taõ fóra esteve Christo
de buscar o escondido
de hum lugar, onde o
vissem poucos, que an-
tes buscou o publico de
huma festa, onde todos
o vissem: *In die festo
moritur, ut magis in
spectaculo haberetur.* Se
se permite comparação
entre o Divino, e o hu-
mano, eu não vi mayor
semelhança, eu não vi
mayor conformidade. O
dia,

dia, em que Christo sa-
tisfez peccados alheos,
era a occasião, em que
os Fariseos offerenciaõ
hum sacrificio a Deos;
o dia, em que a Magda-
lena chorou peccados
proprios, era a occasião,
em que hum Fariseo of-
ferenceo hum banquete
a Christo: no publico
daquella festa satisfez
Christo muytos pecca-
dos, e mostrou grande
amor; no publico deste
banquete chorou a Ma-
gdalena muytas culpas,
e mostrou grande affey-
ção: *Dilexit multum.*
Isto não fez Pedro;
mas isto fez a Magdalena:
a gravidade de homem
prohibio a Pedro cho-
rar diante dos Judeos;
o pejo de mulher não
estorvou á Magdale-
na chorar em presença
dos convidados. Que se
volte El-Rey Ezechias
para a parede, para que
o não vejaõ chorar os
do Paço: *Convertit fa-
ciem suam ad parietem...*
Et flevit fletu magno; e

que não cubra o rosto
huma mulher, para que
a não vejaõ chorar os do
convite? Que tema A-
dam apparecer diante
de Deos despido: *Ti-* Genef.
3. 10.
*mui, eò quòd nudus es-
sem, Et abscondi me;* e
que não tema huma
mulher apparecer dian-
te de Deos desauthori-
zada? Que seja taõ ven-
turosa a Samaritana, que
ache a Christo só: *Dis-* Joann.
4. 8.
*cipuli ejus abierant in
civitatem;* e que seja
taõ amante a Magdale-
na, que busque a Chri-
sto acompanhado? Que
diga David, que he
bemaventurado aquelle,
cujos peccados são per-
doados, e escondidos:
Beati, quorum remissa Pfalm.
31. 1.
*sunt iniquitates, Et quo-
rum tecta sunt peccata;*
e que haja huma alma
fanta, que faz seus pec-
cados publicos só por-
que sejaõ perdoados?
Grande acção! Valente
amor! Mas tanto ama:
Dilexit multum; quẽtan-
to entende: *Ut cognovit.*

Isai.

38. 2. 3.

S. IV.

266 **L** *Acrymis capit rigare pedes ejus.* Tanto que chegou a Magdalena a os pés de Christo, diz o Evangelista, que, contrito o coração, começárao a chorar os olhos: *Lacrymis capit rigare.* Verdadeiramente que, supposta a contrição, parece que era elcufado o pranto. Quando David se arrependeo, não diz o Texto, que chorou, e mais foy grande penitente David: logo para a Magdalena fer boa penitente, não lhe bastava a mudança da vida? Não lhe bastava o conhecimento da verdade: *Ut cognovit?* Pois porque razão chora tanto? Porque ama muyto: *Dilixit multum;* e quem era tão amante, havia chorar para fer grande penitente: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pul-*

chra ut luna, electa ut sol? Estas palavras applicação os DD. á Virgem Santissima; porque ella foy em sua Conceição Aurora, em sua Natividade Lua, e em sua Assumpção Sol; com tudo S. Agostinho meu Padre, S. Jeronymo, S. Gregorio applicação este lugar a huma alma, que deyxando o mundo se converte a Deos: o que supposto, pergunto: não lhe bastava a esta alma fer Lua: *Pulchra ut luna?* Não lhe bastava fer Sol: *Electa ut sol?* He necessario fer tambem Aurora: *Quasi aurora?* Não lhe bastava fer Lua na mudança da vida? Não lhe bastava fer Sol no conhecimento da verdade? Mas he lhe necessario fer tambem Aurora na propriedade do pranto? Sim; porque pouco importa a huma alma para fer amante, mudar de vida como Lua, conhecer a Deos como Sol,

August.
Hieron.
Gregor.

se não chorar as culpas como Aurora. Seja huma alma, que se converte a Deos, Lua na mudança, Sol no conhecimento; mas hade fer tambem Aurora no pranto: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol.* Eis aqui os requisitos, que Deos pedia naquella alma penitente, com quem se desposava nos Cantares, achados com ventagem nesta alma penitente, com quem se desposa hoje no Evangelho. Eis aqui a graça da mudança na formosura da Lua: *Pulchra ut luna.* Eis aqui a eleyção da vida na escolha do Sol: *Electa ut sol.* Eis aqui a penitencia das culpas no pranto da Aurora: *Quasi aurora.*

267 Agora verdadeiramente acho eu mais que nunca explicado na Magdalena aquelle sonho de Mardoqueo,

Tom. I.

quando viu huma fonte, que de fonte se tornava em rio, de rio se mudava em luz, e de luz se convertia em Sol: *Parvus fons, qui crevit in fluvium, & in lucem solemque conversus est.* Disse Mardoqueo, que toda esta visão se entendia da fortuna de Esther; mas eu digo, que toda ella se explica na Conversão da Magdalena. Começou a Magdalena em pequena fonte: *Parvus fons;* como se entende da palavra: *Capit:* tornou-se em dilatado rio: *Crevit in fluvium;* como mostra aquella palavra: *Rigare:* converteo-se o rio em luz: *In lucem;* que foy a mudança que fez como Lua: *Pulchra ut luna:* e ultimamente se converteo em Sol: *Solemque conversus est;* que foy o conhecimento de Christo, que como Sol teve: *Electa ut sol.* Ha mayor proprie-

Esth.
10. 6.

P 4

prie-

priedade? Ha mayor femelhança? Não. Ainda que esta visãõ não estiveſſe bem entendida, eſtá ao menos bem variada; porque ſe lá a fonte ſe converteo em Sol: *Fons in ſolem converſus eſt*; aqui o Sol ſe converteo em fonte: *Lacrymis cepit rigare*. Que quando o Sol eſtiver eclipsado, quando eſtiver enſanguentada a Lua, cayaõ as eſtrellas do Ceo, he juſto; porque não ha eſtrellas onde ha deſgras; mas que eſtando o Sol tão bello, como penitente, que eſtando a Lua tão formoſa, como mudavel, cayaõ as eſtrellas? Ora o certo he, que para a Magdalena eſte foy o ſeu dia de Juizo; porque eſte foy o ſeu dia de entendimento: *Ut cognovit*; e ſe para moſtrarem o dia do Juizo cayem as eſtrellas do Ceo, para authorizar o dia do entendimento

haõde cabir as lagrimas dos olhos: *Lacrymis cepit rigare*.

268 Agora confiderando eu eſtas lagrimas, acho, que foraõ mais finas, e perfeytas as lagrimas choradas na Converſão da Magdalena, que as lagrimas choradas na converſão de Pedro; porque as lagrimas de Pedro foraõ choradas na auſencia de ſeu Meſtre: *Egreſſus foras, flevit amarè*; as lagrimas da Magdalena foraõ choradas na prezença de Chriſto: *Cepit rigare pedes ejus*; e mais amantes ſão as lagrimas choradas na preſença do bem, que ſe ama, que as lagrimas derramadas na auſencia do bem, que ſe quer: a razão he; porque as lagrimas na auſencia ſão choradas de hum coração, que ſente a falta do bem, que ſe quer; as lagrimas na preſença ſão choradas de hum coração, que ſe

Matth.
26.75.

ſe alegra á viſta do bem, que ama; e muyto mais amantes ſão as lagrimas, que ſe acompanhaõ com o goſto, que as lagrimas, que ſe unem com o ſentimêto.

269 Soube Chriſto a morte de Lazaro, e alegrou-ſe: *Gaudeo*; e depois chorou, conforme o meſmo Texto: *Lacrymatus eſt*. Ha tal contradição de affectos? Lagrimas, e goſto? E bem! Se ainda agora ſignifica o goſto: *Gaudeo*; como ja derrama o pranto: *Lacrymatus eſt*? He porque quer acreditar eſte pranto com aquelle goſto. Chorar quando o coração ſente, iſſo fazem todos para diminuir o ſentimento; chorar quando o coração ſe alegra, iſſo faz só Chriſto para acreditar o amor. Queria o Senhor chorar lagrimas amantes, e para chorar lagrimas amantes, houve de chorar lagrimas

alegres: *Gaudeo*. Antes de chorar não moſtrou, que ſentia, mas moſtrou, que ſe alegrava; para que precedendo a alegria ſe acreditaffe o pranto: *Lacrymatus eſt*. Eſta excellencia tiveraõ as lagrimas de Chriſto choradas por Lazaro; e eſte exceſſo leváraõ as lagrimas da Magdalena ás lagrimas de Pedro: eſtas foraõ choradas na auſencia com dor; por iſſo foraõ lagrimas de mar ſalgado: *Flevit amarè*: aquellas foraõ choradas na preſença com alegria; por iſſo foraõ lagrimas de fonte doce: *Cepit rigare*. E ſe as lagrimas de Chriſto, por ſe acompanharem de goſto, moſtraraõ a grandeza de ſeu amor: *Ecce quomodo amabat eum*; as lagrimas da Magdalena, por ſe unirem com alegria, moſtraraõ a valentia de ſua affeyção: *Dilexit multum*.

Joann.
II. 36.

270 Mas qual será a razão desta excellencia? Qual será a razão de serem melhores as lagrimas, que o gosto chora, do que as lagrimas, que o sentimento derrama? A razão he esta: quem chora estando alegre, entristece com o pranto a sua alegria; quem chora estando triste, alivia com o pranto o seu sentimento; e mais agrada a Deos huma alegria entristecida, q̄ hum sentimento aliviado. Duas obediencias em hum só sacrificio teve Abraham; a primeyra quando Deos lhe mandou, que sacrificasse o filho: *Tolle filium tuum... & offeres illum in holocaustum*; a segunda quando lhe mandou, que suspendesse o golpe: *Non extendas manum tuam super puerum*. Taõ verdadeira obediencia foy a primeyra, como a segunda; com tudo não falla Deos na segunda,

Genes.
22. 2.

Ibi. 12.

e paga-se muyto da primeyra: *Nunc cognovi, quòd times Deum*. E porque razão? Direy: houve grande differença nestas duas obediencias: a primeyra obediencia foy para matar o filho Isaac; e como elle significasse riso, o entregallo á morte era obediencia, que offerecia a Deos hum riso no sacrificio mortificado, huma alegria na morte entristecida: a segunda obediencia foy para suspender o golpe da espada; e como Abraham tinha sentimento da morte do filho, era obediencia, que offerecia a Deos huma tristeza no perdaõ diminuida, hum sentimento no preceyto aliviado; e he tão grande a differença, que vay entre offerecer a Deos hum sentimento aliviado, ou huma alegria entristecida, que havendo duas obediencias, huma de sacrificar, outra

de

de não matar; não falla Deos nesta, porque teve o sentimento diminuido com o alivio; e agrada-se daquella, porque teve o gosto mortificado com o preceyto. Que o justo Abraham obedeça ao preceyto de não matar o filho, que sentia morrer, pequena obediencia, pois alivia o sentimento; mas que o justo Abraham obedeça ao preceyto de sacrificar o filho Isaac, que significa riso, grande obediencia, pois entristece o gosto: *Nunc cognovi, quòd times Deum*. Chorar estando triste he diminuir a pena; chorar estando alegre he diminuir o gosto; mas nestas diminuições ha grande differença; diminuição no sentimento pelo alivio he acção, de que Christo se paga pouco; diminuição no gosto pela tristeza, he acção, de que Christo se paga muyto.

271 Lá fallou o Senhor com os Patriarcas, q̄ apparecerão no Thabor: *Loquebantur cum illo.. & dicebant excessum ejus*; e não fallou com o Anjo, que appareceo no Horto: *Apparuit illi Angelus, confortans eum*. E bem! Tanto estima Christo os Patriarcas, que lhes communica o successo de sua morte; e tão pouco lhe agrada o Anjo, que lhe não responde á piedade de sua embayxada? Porque razão? Porque os Patriarcas com a pratica da morte entristeceraõ a alegria das glorias no Thabor; o Anjo com as palavras da embayxada aliviou o sentimento da morte no Horto; os Patriarcas fizeraõ, q̄ a alegria do Thabor ficasse entristecida com suas palavras; o Anjo fez, que o sentimento do Horto ficasse aliviado com sua pratica; pois porisso não responde

de

de ao Anjo, que lhe alivia o sentimento: *Angelus confortans eum*; porisso falla com os Patriarcas, q̄ lhe entristecerão a gloria: *Dicebant excessum ejus*. E se a Christo agrada menos hum sentimento aliviado, se lhe agrada mais hum gosto entristecido, menos haviaõ agrada a Christo as lagrimas de Pedro, porque eraõ choradas com o sentimento da ausencia: *Egressus foras, flevit amarè*; mais lhe haviaõ agrada as lagrimas da Magdalena, porque eraõ choradas com o gosto da presença: *Lacrymis capit rigare pedes ejus*. E quem buscou meyo para agrada mais, era porque tinha hum coração, que amava muyto: *Dilexit multum*.

§. V.

272 **C** *Apillis capitis sui tergebat*. Finalmente tanto cho-

rava com os olhos, quanto alimpava com os cabellos. Porém pergunto: onde agradavaõ mais a Deos aquellas lagrimas: postas nos cabellos, ou choradas nos olhos? Digo, que eraõ mais agradaveis a Deos as lagrimas nos cabellos; porque as lagrimas postas na cabeça são lagrimas estimadas, as lagrimas postas nos olhos são lagrimas sentidas; e a Deos mais lhe agrada hum sentimento estimado, que hum sentimento sentido.

273 Falla Zacharias do Divinissimo Sacramento do Altar, e diz assim: *Quid bonum ejus*, Zachar. *& quid pulchrum ejus*, 9. 17. *nisi frumentum electorum*? Ha por ventura cousa tão boa, ha por ventura cousa tão bella, como o pão dos escolhidos? O Profeta faz a pergunta, e eu lhe respondendo: pois o sacrificio da Cruz não he tão bom, não he tão bello? No Sacramento morre Christo

sto em representação; na Cruz morreo na realidade; pois agrada mais a Deos o Sacrificio do Altar, onde em representação morre, que o Sacrificio da Cruz, onde morre na realidade? Sim; porque na Cruz estava a morte sentida, no Sacramento está a morte estimada; na Cruz estava a morte com sentimento, no Sacramento está a morte com estimação: estava na Cruz a morte com sentimento, porque ahi foy pa decida: está no Sacramento a morte com estimação, porque ahi está lembrada: *Recolitur memoria passionis*; e agrada a Deos muyto mais a sua morte estimada na memoria do Sacramento, do que sentida no tormento da Cruz: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum*? Esta ventajem leva a morte no Sacramento á morte na Cruz; e este excessõ

levão tambem as lagrimas nos cabellos ás lagrimas nos olhos: as lagrimas nos olhos são lagrimas sentidas, as lagrimas nos cabellos são lagrimas estimadas; e hum sentimento estimado he muyto mais agradavel a Deos, que hum sentimento sentido.

274 Bem entendeo esta verdade o mesmo Christo, quando era amante daquella Alma dos Cantares: bateo em certa occasião á porta da Esposa: *Aperi mibi*; e o Cant. 5. q̄ allegou para lhe abrir, 2. foy trazer a cabeça chea de orvalho: *Quia caput meum plenum est rore*. Ibi. Os DD. entendem por este orvalho as lagrimas: e bem! Pois não era melhor allegar, que as trazia nos olhos, do que dizer. que as trazia na cabeça? Não; porque nos olhos eraõ lagrimas sentidas, na cabeça eraõ lagrimas estimadas; e mais se paga

ga o amor das lagrimas postas na cabeça, onde estão estimadas, q̄ das lagrimas choradas nos olhos, onde estão sentidas. Queria Christo allegar a mayor fineza de seu amor, e para isso allegou a mayor estimacão de sua pena; e para allegar a mayor estimacão de sua pena, disse, que trazia o pranto na cabeça: *Caput meum plenum est rore.* Pois se a mayor fineza do Esposo foy estimar as suas lagrimas, pondo-as na cabeça; a mayor fineza desta Esposa foy estimar o seu pranto, pondo-o nos seus cabellos: *Capil-*

lis capitis sui tergebatur. E se tanto se aventajou na fineza, que muyto avultasse no amor? *Dilexit multum.* Mas porisso mesmo, porque foy muyto o amor, os peccados, que se lhe perdoárao, foraõ tambem muytos: *Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum.* E os nossos ferãõ da mesma forte perdoados, ainda que muytos sejão, se imitarmos a esta Santa no amor, que he a melhor disposiçãõ para a graça, com que seguramos a eterna gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



SER-



SERMÃO

DE

S. ANDRÉ

APOSTOLO,

Prégado na Capella Real.

Ambulans Jesus juxta mare Galilææ, vidit duos fratres, Simonem, & Andream, mittentes rete in mare, & ait illis: Venite post me. Matth. 4.

S. I.

275

Inquieta cousa he o amor; inquieta cousa he tambem a Ma-

gestade. (Muyto Altos, e Poderosos Princeses, e Senhores nossos) Inquieta cousa he o amor; inquieta cousa he tambem a Magestade. O amor he inquieto por sua

fua natureza; a Magestade deve ser inquieta por sua obrigação: he inquieto o amor, porque tem diversos pensamentos; deve ser inquieta a Magestade, porque tem muytos cuidados. Tanto que Deos fez a Adam universal Rey do mundo todo, logo juntamente o fez vigia do Paraiso: *Ut custodiret illum*. Pois, Senhor, de quem o hade elle guardar? Naquelle tempo nenhum animal o havia offender, nem havia homem, que ali podesse entrar: logo porque hade ser Adam vigia? Porque he Rey; não vigiava Adam pelo que temia, porque não havia quem o podesse offender; vigiava Adam pelo que era, porque não descansava quem hade governar. Não ha cousa mais inquieta, que huma vigia; não descansa até que a venhão render; pois para Deos mostrar

a Adam, que não havia ter descanso até render a vida, tanto que lhe deu o titulo de Rey, logo lhe vinculou o trabalho de vigiar: *Ut custodiret*.

275 Como madrastra se houve sempre a Coroa com os Reys, havendo-se sempre como mãy a natureza com os animaes. Não ha animal, ou seja racional, ou seja bruto, a quem a natureza, dando-lhe o dia para o trabalho, lhe não dê a noyte para o descanso; porém a Coroa de tanto peso he para os Reys, que fazendo-os iguaes com os outros homens em trabalhar de dia, os faz desiguaes dos outros em não descansar de noyte. Lá buscou aquella Alma a seu Esposo no seu leyto, e queyrou-se de o não achar: *In lectulo meo per noctes*

quasi vi quem diligit anima mea: quasi vi illum, & non inveni.

Cant.

3. 1.

Po-

Porém se elle era Salamaõ Rey de Israël, se tinha o peso do governo, mal o podia ella achar no descanso do leyto: aquelles desconcomodos do amor nascião do cuydado de Rey. Bem fundada queyxa era esta da Esposa: *Non inveni*, se Salamaõ seu Esposo fora semente Esposo; mas, como era juntamente Rey, era razão, que por acudir a os cuydados de Rey, faltasse ás assistencias de Esposo: *Quasi vi illum, & non inveni*.

277 Quatro são os elementos neste mundo, de que se compoem todo o misto; e por terem a seu cargo as varias geraçoens, com que o mundo se vay refazendo, não vereis ar, que se não mova, não vereis fogo, que não queyme, não vereis terra, que não produza, não vereis agoa, que não corra; sempre

Tom. I.

estão os elementos em hum movimento continuo. Se os elementos suspenderaõ suas operaçoens, todos os viventes pereceraõ, os homens morreraõ, os brutos se consumiraõ, as plantas não cresceraõ, e finalmente seria huma ruina universal de todo este mundo; que se não segue menos do descanso de huma cousa commua, que a destruição de hum universo.

278 Tanto que Christo espirou na Cruz, logo se rasgou o véo do Templo, em final de que acabava a Republica dos Judeos, conforme diz S. Ambrosio. *Ambrosio*. Não reparo no final, reparo no tempo: já que rasgar-se o véo do Templo he final de se acabar o Reyno dos Judeos, porque razaõ este véo se não rasgou, tanto que Christo nasceo; ou porque se não rasgou, tanto que Christo subio

Q

á

á Cruz? Depois de Christo espirar, depois de inclinar a cabeça, então he que acaba o Reyno, então he que se raíga o o véo: *Velum Templi scissum est?* Sim; porque como Christo era Rey daquelle Reyno: *Rex Judæorum*; logo se rasgou o véo, logo se acabou o Reyno, tanto que descançou o Príncipe: *Inclinato capite*. Tanto que para o descanço se inclinou a cabeça do Rey, logo para a ruína declinou o corpo do Reyno: *Inclinato capite. Velum templi scissum est.*

279 Não observa neste particular a Política, o que ensina a Filosofia: na Política para se moverem os entes moveis politicos, que são os Ministros, he necessario, que se mova o primeyro motor, que he o Rey: na Filosofia para se moverem os entes moveis físicos, que são as creaturas, não he

necessario, que se mova o primeyro motor, que he Deos. Neste mundo pequeno, que he o homem, tanto que o coração, que he o Rey, deyxá de bater, logo as arterias, que são os Ministros, deyxão de pulsar; e suspenso o movimento das arterias, suspenso o movimento do coração, destróe-se o homem todo; tudo se destróe, suspenso o movimento do coração, que he Rey.

280 Quando vos parece, que se representou a Nabuco a destruição da sua Monarquia? Representou-se-lhe porventura, estando elle despachando no throno, ou estando pelejando na campanha? Não. Pois quando? Quando estava descançando no leito; que só nos descanços do Rey se representaõ hem as ruínas do Reyno. Quando elle descançava, e não em outro tempo, se lhe fez aquella

la representação, para que no seu descanço visse elle a sua ruína. Pois como do descanço do Príncipe se figa a ruína do Imperio, querendo Christo formar o Imperio de sua Igreja, começou a instituição delle não com o focego de hum Rey, q̄ descança, mas com o movimento de hum Rey, que cuida, e para cuydar passeá: *Ambulans Jesus.*

281 Mas porque não havia succeder no remedio, o que succedeo no castigo? Porque não havia succeder no remedio do mundo, o que succedeo no castigo delle? Quando Deos houve de castigar a Adam, e nelle todo o mundo, poz-te aquella Divina Magestade a passear primeyro no Paraíso: *Cum audissent vocem Dei deambulantis in paradiso.* Os passos são improprios a Deos, que, além de immutavel, he immenso; pois que razão haveria

para que Deos passeasse? Direy: como todas as occasioens do governo de Deos seião para exemplo do governo dos homens, havendo de castigar Deos a Adam, quiz, que ao castigo da justiça precedessem os passos da consideração. Naquelle caso havia muyto que considerar: era o primeyro castigo, que dava a Justiça de Deos, nelle se castigava o primeyro homem Rey do mundo, e todas estas circunstancias pedião muytos passos, e muytas consideraçoens. Assim Deos, que em tudo he igual, houve-se agora em remediar o mundo, como se tinha havido em castigallo: precederão passos de Deos para haver de lançar de si o primeyro Ministro, e o primeyro homem, que era Adam; pois precederão tambem passos para haver de chamar a si o primeyro Ministro, que

Genes.
3. 8.

foy Pedro, e o primeyro Apostolo, q̄ foy André.

282 Deforte que deyxada a materia dos casos, naõ houve mais differença, que na multiplicação dos individuos; na creação em hum só individuo, que foy Adam, estava o primeyro Ministro, e o primeyro homem do mundo, e para o castigar precederaõ passos no Paraíso: *Cum audissent vocem Dei deambulantis in paradiso*. Pois justamente na redempção, sendo dous os individuos, Pedro, e André, hum o primeyro Ministro, outro o primeyro Apostolo da Igreja, para os chamar precederaõ passos no mar de Galilea: *Ambulans Jesus juxta mare Galilææ*. Porém sendo estes dous irmãos taõ unidos na vocação, a Igreja os dividio na festa; lá tem o primeyro Ministro, que foy Pedro, a sua festa a 29. de Junho, e o primeyro

Apostolo, que foy o Glorioso S. André, tem a sua festa hoje o ultimo de Novembro.

283 E verdadeiramente, que naõ vi eu Euangelho mais encontrado com a vida deste Glorioso Santo; tem S. André encontrado o Euangelho de sua vocação com o decurso de sua vida; e quando naõ seja todo o Euangelho, por me faltar tempo, o que me abone este discurso; algumas palavras delle, e seraõ todas as do thema, me haõ de servir para desempenhar o pensamento. Começemos.

S. II.

284 **A**mbulans Jesus juxta mare Galilææ. Passando, e considerando junto do mar, como já disse, chamou Christo a dous irmãos Pedro, e André: mas naõ me admiro eu agora tanto dos passos, como

como me admiro das consideraçoes. He sentir de S. Pedro Damiaõ, que o passear dá indicio de grandes consideraçoes em materias de grande importancia: *Ambulamus aliquando, cum cogitationibus detinemur*. Agora pergunto: e porque razaõ nos passeos considera Christo? Podia elle errar? Naõ, que era a summa Sabedoria; pois se he summamente sabio, se naõ póde errar, q̄ consulta? Que considera? Direy: considera naõ para se resolver a si, mas para nos ensinar a nós: chamava elle para seus Ministros estes dous irmãos; e para nos ensinar, que os lugares haõ de ser dados com consideração, naõ se resolveo logo, considerou primeyro.

285 Tanto que a mãy dos filhos de Zebedeo fez a sua petição, logo o Senhor lhe disse, que naõ sabia o

que pedia: *Nescitis quid petatis*. Commum ^{20.22.} he o lugar, nova hade ser hoje a explicação delle. Para sabermos em que esteve a ignorancia do pedir, havemos saber primeyro qual foy a fórma da petição: *Dic ut sedeant hi duo filij mei*, disse ella. Pergunto agora: esteve por ventura a ignorancia em pedir para seus filhos? Naõ; que quem podia amparar os proprios, naõ havia pedir para os estranhos. Esteve logo a ignorancia em pedir, q̄ se assentassem: *Ut sedeant?* Naõ; porque se S. Joã teve confiança para se encostar no peyto, como havia ser ignorancia querer-se assentar ao lado? Pois se a ignorancia naõ esteve naquelle: *Duo filij mei*; se naõ esteve naquelle: *Sedeant*; em que esteve logo a ignorancia daquella petição? Sabéis em que? Esteve naquelle: *Dic*. Dizey,

Petr.
Dami-
an.

Ibi. 25.

que se affentem. Pedir huma mulher, que os officios principaes de hum Reyno, que as cadeyras mais importantes de hum Governo, que os lados ambos de hum Principe, se defsem sem mais consideração, que a de huma palavra: *Dic ut sedeant*; foy ignorancia, foy erro: *Nescitis quid petatis.*

286 Este beneficio bem o podia Christo fazer, sem primeyro considerar; bem o podia fazer com acerto, sem preceder a consideração, supposto era summamente sabio; com tudo como elle, governando o mundo, ensinava os Princeses, julgou por ignorancia o pedir a hum Rey, q̄ desse, dizendo, os officios, que elle hade prover, considerando. Crear huma creatura, fazer hum mundo, cousa he pertencente á Omnipotencia; isso faz Deos com

huma palavra: *Fiat.* Genes. Mas fazer hum Adam, I. crear hum Ministro; isso faz Deos com muyta consideração: *Faciamus.* Pois como se haja de considerar, o que se hade prover; porisso o Senhor julgou por ignorancia pedir, que se desse, dizendo, o que se havia dar, considerando; e porisso hoje considerando escolhe Ministros, e passeando chama Apostolos: *Ambulans Jesus juxta mare Galilææ.*

287 Boa doutrina he esta (já entramos nas apparentes implicações do Euangelho) Boa doutrina he esta; mas tendo lugar em S. Pedro, parece, que não tem lugar em S. André. Que Christo considere, que Christo passe para escolher a S. Pedro, justa consideração era esta; porque naquêlle tempo ainda Pedro vivia no mundo; mas passear, considerar para escolher

por

por Apostolo a Santo André? Não era elle já Santo? Não era homem de virtude? Não era discipulo do Bautista? Joann. I. 40. Pois sobre haver tanta virtude na vida, ainda ha conselho na eleyção: *Ambulans?* Sim; porque bem póde hum homem ser muyto virtuoso, e mais não ser bom Ministro; bem póde ser de boa vida, e mais não ser de bom governo: não quero eu dizer, que a virtude não he parte effencial de hum Ministro; porque mal póde governar o mundo bem, quem governa a sua consciencia mal; mas digo, que não basta a virtude, he necessario saber governar; não basta a santidade, he necessaria a prudencia.

288 Dous Discipulos de Christo concorrerão para a dignidade do Apostolado, que estava vaga pela trayção de Judas, Jo-

Tom. I.

seph, e Matthias. Elegeo-se Matthias, e ficou de fóra Joseph: *Cecidit fors super Matthiam.* Não duvido eu, que fosse grande a santidade de Matthias; mas Joseph era tão grande Santo, q̄ por antonomasia se chamava o Justo: *Qui cognominatus est Justus.* Pois porque se não escolhe este? Porque se não elege hum homem, cuja virtude he tanta, que até anda vinculada ao seu nome? Cornelio à Lapide explica esta doutrina com humas palavras, de que foy cortado o nosso pensamento. Sabeis, diz elle, porque se elegeo Matthias, e não Joseph? *Aptior enim est qui habet talentum regendi, & gubernandi, quod magis in prudentia, quam in sanctitate consistit.* Admiraveis palavras! Mais Santo era Joseph do que Matthias; mais prudente era Mat-

thias

Act. I. 26.

Ibi. 23.

A Lap. in Act. cap. I. v. 23.

thias do que Joseph; e Deos, que dá os officios de sua Igreja não tanto pela virtude, como pelo talento, deyxou de fóra a Joseph, ainda que se chamava Justo, e escolheo a Matthias, porque era prudente: *Cecidit fors super Matthiam.* Bem póde hum homem ser muyto Santo, ser muyto virtuoso, ser grande penitente, e mais não ser bom Ministro; ser muyto penitente, ser muyto virtuoso, basta para se salvar a si; mas não basta para nos governar a nós.

Luc.

23. 42.

Ibi. 43.

289 Lá pedio o Bom Ladrão hum lugar no Reyno: *Memento mei, cum veneris in regnum tuum;* e o Senhor lho deu no Paraíso: *Hodie mecum eris in paradiso.* Senhor, este despacho não está conforme com aquella petição; este homem não pede só salvação, pede tambem governo; não pede só

lugar no Ceo, péde-o tambem no Reyno; pois se elle he já grande penitente, se elle he já grande Santo, porque lhe não dais hum lugar no Reyno? Porque lho dais no Paraíso? Porque o Senhor conhece as consciencias, e conhece os talentos: vio que aquelle homem era homem de virtude, supposto ser tão grande a dor, e penitencia na sua conversão; mas tambem vio, que não era homem de governo, supposto haverem sido sempre furtos as occupaçoens de sua vida; pois neste caso de-se-lhe o Paraizo, e negue-se-lhe o Reyno; a sua virtude, a sua penitencia bástão para ser Santo; mas não bástão para ser Ministro; não bástão para ter cadey-ra no Reyno, bástão para ter lugar no Ceo: *Hodie mecum eris in paradiso.*

290 A

290 A salvação depende da boa vontade; o governo depende do bom entendimêto: melhor se salvou quem melhor quiz; melhor governou quem melhor soube. Porisso para remir este mundo veyo a pessoa do Entendimento, que he o Verbo, e não a pessoa da Vontade, que he o Espirito Santo; porque como esta pessoa não vinha ao mundo para se salvar a si, e vinha para nos governar a nós, como não vinha tratar da sua salvação, e vinha tratar do nosso remedio, era mais accommodada a pessoa do Entendimento, de que depende o governo, do que a pessoa da Vontade, de que depende a salvação. Quantos homens tem havido no mundo de grande virtude, que não forão de bom governo? Que homem de melhor vida, que o Summo Sa-

cerdote Heli? Mas não bastárao os acertos de sua vida, para estorvar os desconcertos de seu governo; vivia bem o pay, viviaõ mal os filhos; e nesta differença, o viver bem o pay procedia delle ser bom homem; o viverem mal os filhos procedia delle ser máo Ministro. Pois, como só a perfeição da vida não basta para os acertos do governo, querendo Christo fazer a André Apostolo, ainda sobre as experiencias da virtude, se não resolve sem os passos de muyta consideração, e de muy maduro conselho: *Ambulans Jesus juxta mare Galilææ.*

S. III.

291 **V** Idit duos fratres, Simonem; qui vocatur Petrus, & Andream fratrem ejus, mittentes rete in mare. Vio o Senhor a dous ir-

irmãos, Pedro, e André, que estavaõ lançando no mar as redes. Esta he a segunda implicação. Que o Senhor chamasse a Pedro, quando elle estava pescando no mar, bem está; mas a André? Não era elle discipulo do Bautista? Era: pois já que o Senhor o hade chamar para o Apóstolado, chame-o quando elle vive no Collegio do mesmo Bautista; mas chamallo quando elle pesca no mar de Galiléa? Sim: Santo André em casa do Bautista vivia como Santo para Deos, no mar de Galiléa estava como unido com seu irmão; e Deos, que estima muyto a virtude em seu serviço, estima mais a uniaõ em seu governo. A primeyra acção do mundo perdido foy dividirem-se os dous irmãos Caim, e Abel; pois a primeyra acção do mundo re-

mediado, seja unirem-se os dous irmãos Pedro, e André.

292 Na morte de Christo ficou inteysra a veste interior deste Senhor: *Non scindamus* Joann. 19. 24. *eam*; differaõ os soldados; e rasgou-se o véo interior do Templo: *Velum templi scissum est*; disse o Evangelista. Pergunto: e que mysterio teve rasgar-se o véo interior do Templo, e ficar inteysra a veste interior de Christo? Direy: pela morte de Christo começava a sua Ley, e acabava a Ley da Synagoga; acabava a Ley Escrita, e começava a Ley da Graça; pois para se mostrar, que começava a Ley nova, fique inteysra a veste de Christo; e para se mostrar, que acabava a Ley velha, seja dividido o véo do Templo. Na divisaõ do seu véo se representou a os Judeos a destruição do seu Reyno:

no: *Velum templi scissum est. Ut regnum manifestaretur destruedum*: Diz Santo Ambrosio. Na uniaõ de sua veste, mostrou Christo a conservaçaõ de sua Igreja: *Tunicam milites dividere noluerunt, unitatem Ecclesiae firmantes*: Disse o meu S. Prospero. Pois, como na divisaõ do véo se visse a destruição da Synagoga, e na uniaõ da veste se visse a firmeza da Igreja, querendo o Senhor unir aquella veste, que andava mais chegada a seu corpo, havendo de chamar os Ministros mais chegados a seu lado, não os chama, quando estaõ apartados, chama-os quando estaõ unidos: *Vidit duos fratres.*

S. IV.

293 **E**T ait illis: *venite post me.* Chamou o Senhor a

Santo André, e disse-lhe, que o seguisse: *Venite post me.* Esta he a terçeyra implicação. Que Christo chamasse a Pedro, está bem; porque, como sua tençaõ era tirar os homens do caminho do mundo, e pollos no caminho do Ceo, vivendo Pedro no mundo, era força, que Christo o chegasse a chamar, para que elle o podesse seguir; mas chamar a André: *Venite*? Não era elle já Santo? Não era justo? Não era discipulo? Sim era; pois se Christo não chama os Santos, chama os peccadores; se não chama os que já seguem a Deos, chama os que ainda seguem o mundo: *Non veni vocare justos, sed peccatores.* Se Santo André já não era peccador, pois já era Santo; já não seguia o mundo, pois já seguia a Deos, porque o chama Christo? Porque de dous

dous modos se busca a Deos; ou buscais a Deos, hindo do mundo para Deos; ou o buscais, hindo de Deos para Deos; hir do mundo para Deos, isso fazem os grandes peccadores, que renunciando o mundo se convertem a Deos; hir de Deos para Deos, isso fazem os grandes Santos, que não contentes com o aperto de huma Religião, buscaõ os mayores apertos de outras. Desorte que huns vão do mundo para Deos, e são os que trataõ do remedio de sua vida; outros vão de Deos para Deos, e são os que trataõ dos augmentos de sua virtude. Estes dous estados abraçaraõ estes dous irmãos; Pedro foy do mundo para Deos, e tratou do remedio de suas culpas; o Glorioso Santo André foy de Deos para Deos; foy do Collegio do

Bautista para o Collegio de Christo, e tratou do augmento de sua santidade.

294 Acção he esta, que vejo fomite obra da em Santo André, e representada nos Serafins. Aquelles Serafins de Isaias, tantas vezes explicados, com duas azas, diz o Profeta, que voavão: *Duabus volabant*. E bem! Voar he hir de huma parte para outra; pois que jornada fazião estes Serafins? Vinhaõ por ventura de Deos para o mundo? Não; porque os Anjos bons não fazem esta troca: vinhaõ logo do mundo para Deos? Menos; porque não são elles capazes deste desengano: pois que fazião logo voando? Que? Hiaõ de Deos para Deos. Representavão estes espiritos abrazados aquelles varoens justos, que não contentes com servirem a Deos em hum estado per-

perfeito, o querem seguir em outro estado de mais perfeição. Quem trata da emenda de sua vida, mudando de estado, vay do mundo para Deos; quem augmenta a sua virtude, mudando de estado, vay de Deos para Deos; e como os Serafins não possã emendar a sua vida, por incapazes de culpa, não representão os que vão do mundo para Deos; porém como os Serafins estejão no estado da graça, pôdem pela grandeza de seu amor representar aquelles, que vão de Deos para Deos pelo augmento de sua virtude. Assim estavaõ aquelles Serafins voando de Deos para Deos: *Duabus volabant*. Assim obrou André vindo de Deos para Deos; deyxando o Collegio do Bautista, por seguir os passos de Christo: *Venite post me*. O que augmentada virtude! O

que obra do Espirito Santo!

295 Entre todos os Profetas só Eliseo teve o espirito dobrado: *Fiat in me duplex spiritus tuus*. E bem! Não estava ahi o levantado Isaias? O mysterioso Daniel? O triste Jeremias, ou outros Profetas grandes? Pois se estes tiverão hum espirito sómente; porque razão teve Eliseo o espirito dobrado? Porque os outros Profetas todos, forão sómente Profetas de Deos, não conheciaõ outro Mestre, só de Deos forão discipulos; porém Eliseo foy primeyro discipulo de Elias, e depois foy Profeta de Deos; teve dous Mestres, pois porisso teve dous espiritos; quando veyo para Profeta de Deos, já tinha sido discipulo de Elias; e se elle multiplicou os estados da vida, que muyto lhe multiplicasse Deos

Deos o espirito da virtude : *Fiat in me duplex spiritus tuus?* E se este espirito foy dado a Eliseo, o mesmo foy dado a André ; mas que muyto se dobrasse o espirito a quem affim augmentou a virtude, não hindo só do mundo para Deos, mas hindo de Deos para Deos ? *Venite post me.*

S. V.

296 **N** Isto da vocação Divina, com que Deos nos está chamando todas as horas, ha muytos modos de ouvir, e acudir a Deos ; ha huns, que nem ouvem, nem acodem ; ha outros, que ouvem mal, e acodem peor ; ha outros, que ouvem bem, e acodem mal ; ha outros, que ouvem bem, e acodem bem. Os que nem ouvem, nem a-

codem, são aquelles, que de tal modo estão inclinados para as cousas do mundo, e nellas divertidos, que nem attendem, nem ouvem a Deos ; estes são os gentios, que occupados em adorarem os idolos da terra, não ouvirão a voz de Deos, que foy no mundo :

In omnem terram exiit sonus eorum. E neste estado estava antigamente o povo de

Israël, quando, dizendo-lhe Deos por Jeremias, que levantassem os olhos das cousas da terra : *Leva oculos tuos in directum* ; se

queyxa o Senhor de o não ouvirem : *Vocem meam non audisti.* E na verdade que assim

como ha olhos, que não vem, me parece ha tambem ouvidos, que não ouvem. Lá disse huma hora Chri-

sto : *Qui habet aures audiendi, audiat.* Quem tem ouvidos de ouvir,

ouça,

ouça. Superflua parece aquella particula : *Audiendi.* Quem tem ouvidos de ouvir ? Sim ; porque ha homens, ha peccadores, que tem ouvidos, mas não são os seus ouvidos de ouvir. Estes são os que nem ouvem, nem acodem a Deos.

297 Os que ouvem mal, e acodem peor, são aquelles, que tendo conhecimento de Deos, de tal modo interpretão as suas leys, que mais verdadeiramente são servos do demonio, que discipulos de Christo. Estes são os hereges, que ouvem a Deos ; mas ouvem tão mal, que Deos diz huma cousa, e elles ouvem outra. Neste estado estavaõ os Fariseos, quando clamando Christo ao Pay : *Eli, Eli : hoc est : Deus meus, Deus meus* ; elles entendiaõ, que chamava a Elias : *Eliam vo-*

cat iste. He verdade, que ouviraõ estes a voz de Christo ; mas ouvirão mal ; que a voz dizia Deos, e elles entenderaõ, que dizia Elias, e se puzeraõ a zombar do Senhor, e de sua palavra : *Videamus an veniat Elias liberans eum.* Eis aqui os que ouvem mal, e acodem peor.

298 Os que ouvem bem, e acodem mal, são os Catholicos, que crendo verdadeiramente na Fé de Christo, ouvem bem ; mas occupados nos affectos do mundo, e tratos d'elle, se ouviraõ bem em crer a Fé, acodem mal em obedecer a Christo. Estes representava aquella Alma, que ouvindo a voz de Deos : *Vox dilecti mei pulsantis* ; se escusou com a occupação de lavar os pés, em que se representavaõ os affectos, e tratos do mundo : *Lavi pedes meos.* Bem ouvio esta

Matth.

27. 46.

Ibi. 47.

Pfalm.

18. 5.

Jerem.

3. 2.

Ibi. 13.

Matth.

13. 9.

Ibi. 49.

Cant.

5. 2.

Ibi. 3.

esta Alma fiel a Deos; com verdade, com mas ouviu bem, e acudiu mal. Deste modo são também aquellos Religiosos, que ouvindo a voz de Deos, que manda deyxar o mundo, e tomar cada hum a sua cruz; elles buscáráo a cruz da Religião, mas nella conservão os tratos do mundo; estes ouvirão bem, e acudirão mal. Quem ouviu melhor, que aquelle Religioso Judas? Deyxou o mundo, buscou o Collegio de Christo; mas nelle conservou a co-biça, nelle conservou a avareza; ouviu bem, mas acudiu mal.

299 Os que ouvem bem, e acodem bem, são aquelles Santos, são aquelles justos, que tanto que ouviraõ, logo acudirão a Deos, como foy Samuel. E acudirão do modo, que ouvirão: ouvirão, que se havia de seguir a Christo com pureza,

com verdade, com abstinencia, e seguirão como verdadeyros, como puros, e como abstinentes. Desta classe são estes dous irmãos Pedro, e André; ouvirão bem: *Venite post me; acudirão bem: Relictis retibus, secuti sunt eum.*

S. VI.

300 **P** Orém ainda S. André fez mais que ouvir bem, e acudir bem, em acudir ao Senhor; porque não só acudio elle, mas levou consigo a seu irmão Pedro. Antes de entrar no Apostolado fez o officio de Apostolo: o officio de Apostolo he prégar a vinda do Messias; pois isto prégon Santo André, antes de ser Apostolo: *Invenimus Messiam.* Teve o tra-

Joann.
I. 41.

trabalho, antes que tivesse a dignidade. Excellencia he esta, que só acho em Santo André, e em Christo.

301 Lá quizerão em certa occasião fazer a Christo Rey, e o Senhor fugio deste titulo: *Fugit iterum in montem ipse solus.* Pergunto: era este titulo devido a Christo? Era: recebeo-o o Senhor depois na cruz? Recebeo; pois se elle hade receber depois este titulo na cruz, porque o não recebe no banquete? Porque quiz ter o trabalho, antes que tivesse o titulo. Derramar fangue para dar faude aos enfermos, sustentar os pobres, dar a vida pelos vassallos, trabalhos são todos estes de quem tem o officio de Rey; pois antes de ter o Senhor este titulo, teve todos aquelles trabalhos; quiz ter primeyro o trabalho na vida, e depois o ti-

Tom. I.

tulo na morte.

302 Isto mesmo, que Christo praticou em sua vida, o havia annuciado antes em sua Encarnação o Anjo S. Gabriel á Senhora. *Parvulus natus est tibi filius, et vocabis nomen eius Iesum: Dareis á luz de vosso ventre hum Filho, que terá por nome JESUS. Agora ouçamos como continúa: Et dabit illi Deus sedem David: E o Eterno Pay lhe dará depois a investidura do seu Reyno, fazendo-o assentar no throno Real de David. E bem! Como assim? Christo não nasceo já Rey, e com o direyto todo ao Reyno de Israél? He certo: lá o publicáraõ em Jerusaleem os Magos: *Ubi est, qui natus est Rex Judæorum?* Logo como diz o Anjo, que primeyro na Circumcisaõ terá o nome de JESUS, e depois a investidura do Reyno de Israél? Direy: porq̃ na*

Luc.
I. 31.

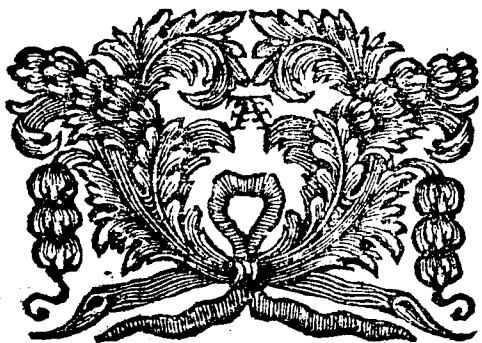
Ibi. 32.

Matth.
2. 2.

R Cir-

Circumcisaõ , quando recebeo aquelle nome, he que derramou a primeyra ves o seu sangue, e começou a padecer; e antes de padecer entendeo o Anjo , que não havia o Senhor querer reynar : porisso disse, que primeyro havia ter o trabalho, e depois o Reyno: *Vocabis nomen ejus Iesum.. Et dabit illi Deus sedem David, Et regnabit.* E isto mesmo , que fez Christo, como verdadeyro Mestre, fez André como verdadeyro Discipulo; antes de ter o Apostolado de Christo, con-

verteo a seu irmão S. Pedro. Mas porque não havia servir primeyro com tanta pontualidade, quem depois havia acudir com tanta diligencia: *Relictis retibus secuti sunt eum.* O ponto he, que todos nós imitemos a este sagrado Apostolo, para que promptamente acudindo á vocação de Deos, com que nos não falta, façamos efficazes os auxilios de sua Divina Graça, com que logremos huma eternidade de Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



SER-



SERMÃO DO MANDATO,

Prégado na Sé de Coimbra.

Venit ergo ad Simonem Petrum.

Joann. 13.

§. I.

303



Quelle amoroso Euangelho, que agora cantou a Igreja, he a mysteriosa historia do amor de Christo. (Senhor) Aquelle amoroso Euangelho, que a-

Tom. I

gora cantou a Igreja, he a mysteriosa historia do amor de Christo. O Historiador, que a escreveo, he o Euangelista S. Joaõ: mas verdadeyramente que não sey como a escreveo, se como Historiador, se como Logico? Não sey se este Euangelho he historia, ou se he argu-

R 2 men-

mento? Eu tenho para mim, que he tudo; he argumento, e he historia; he historia pelo que conta, he argumento pelo que infere. Vay o Euangelista escrevendo, e diz, que nas vésperas da Paschoa, sabendo o Senhor, que era chegada a hora, em que havia partir deste mundo para o Pay, como amasse a os seus, que estavaõ no mesmo mundo, agora no fim ainda os amou: *Ante diem festum Paschæ, sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Atéqui o Euangelista como Historiador, agora como Logico; atéqui conta, agora infere, e diz: *Venit ergo ad Simonem Petrum.* Por tanto lavou o Senhor os pés de Pedro. E bem! Se o Euangelista tem contado a historia, porque

infere agora a consequencia? Respondo: porque esta he a consequencia, que se infere daquella historia. A historia diz, que Christo era Sabio: *Sciens.* Que Christo era amante: *Dilexit.* Que Christo estava para se ausentar: *Ut transeat.* E tendo o Euangelista escrito estes antecedentes, era força, que delles inferisse aquella consequencia: *Venit ergo.* Porque a consequencia do abatimento, a conclusão da humildade: *Venit ergo ad Simonem Petrum;* bem se infere do antecedente da sciencia, do antecedente do amor, e do antecedente da partida. Assim veremos hoje com algum assombro, e com muyta novidade, huma consequencia collegida de tres antecedentes: e como os antecedentes são tres, ainda que a consequencia seja só huma, contará o argument-

Joann.
13. 1.

mento do Sermão de tres argumentos, que ferão tres enthymemas. Comecemos pelo primeyro.

§. II.

304 **O** Primeyro antecedente, de que consta o nosso primeyro enthymema, he a sabedoria do nosso Divino Amante: *Sciens quia venit hora.* Desta sabedoria inferio o Euangelista a sua consequencia. Daquelle *Sciens,* inferio este *Venit.* De hum *Venit,* outro *Venit.* Do *Venit* da sciencia: *Sciens quia venit;* inferio o *Venit* da humildade: *Venit ergo ad Simonem Petrum.* Porque de Deos entendido bem se infere Deos humilhado; de Deos sabio bem se infere Deos abatido.

305 Vay o Euangelista S. Lucas escrevendo aquelle notavel successo de Christo per-

mento no Templo, e depois de contar as entendidas perguntas, e admiraveis repostas, que o Senhor deu a os Mestres da Ley, e fez a os Doutores da Synagoga, diz, que chegou a Senhora, e S. Joseph ambos queyxosos, e que o Senhor se tornára com elles para Nazareth, e ali os servira: *Et erat subditus illis.* Luc. Mysteriosa advertencia! ^{2. 51.} E bem! Antes de Christo se perder no Templo não obedecia a seus Pays? Sim obedecia. E depois dahi a muytos annos não lhes obedecio sempre? Sim obedecio. Pois como adverte agora o Euangelista, que, quando sahio do Templo, sahio para servir: *Et erat subditus illis.* Porque tinha dito, que entrou no Templo para ensinar: *Invenerunt illum in templo sedentem in medio* Luc. ^{2. 46.} *Doctorum;* e quem entrou para ensinar: *In*

medio Doctorem; havia fahir para servir: *Et erat subditus illis*. Vós meu Deos entraes no Templo para mostrar, que fois entendido? Pois haveis fahir do Templo para mostrar, que fois humilde; entraes no Templo para manifestar, que fois sabio? Pois fahi do Templo para manifestar, que viveis abatido. Entraes para ensinar, fahistes para servir; que a grande humildade he consequencia de grandes entendimentos. Deste modo o considerou David.

2. Reg. 306 *David sedens in cathedra sapientissimus, ipse est quasi tenerrimus ligni vermiculus*. Ha tal comparação! David (diz elle fallando de si mesmo) he semelhante áquelle insecto, que vulgarmente chamamos traça, ou porque roe as madeyras, ou porque come os pannos. Desta forte se

comparou David. Pois se David, se confidéra assentado em huma cadeyra: *Sedens in cathedra*; porque se não compára ao Leão, que tem sempre, os olhos abertos? Se se confidéra entre os homens o mais sabio: *Sapientissimus*; porque se não compára á Aguia, que tem os olhos mais claros? Mas compára-se a hum animal de poucos sentidos, e de nenhuma advertencia? Sim; porq̄ tantoque se conheceo entendido, logo se comparou humilde; tantoque se definio sabio, logo se assemelhou abatido; do que entendeo inferio o que era: como entendeo muyto, inferio, que era pouco: *David sedens in cathedra sapientissimus, ipse est quasi tenerrimus ligni vermiculus*. Não são os homens como David, nem como Deos. O que são os homens he pouco, o que sabem he nada;

e.

e havendo de abater-se pelo pouco que são, ordinariamente se enfoberbecem pelo nada que sabem. David por saber muyto tanto se humilhou, que inferio, que era nada; e o homem de ser nada tanto se enfoberbece, q̄ infere, que sabe muyto. He a nossa sabedoria como a onda empolada; pouca agoa, e muyto vento. Adam até hontem era nada, hontem era terra, hoje he homem, e já quer ser como Deos: *Eritis sicut dii, scientes*. Não assim o segundo Adam, Christo Senhor nosso: sempre foy tudo, sempre soube tudo, e hoje se abateo, como David se comparou. David, estando na cadeya: *Sedens in cathedra*; se compára ao animal mais limitado: *Quasi tenerrimus ligni vermiculus*. Christo; levantando-se da cadeyra: *Surgit à cena*; se mostrou servo

Tom. I.

o mais humilde: *Cœpit lavare pedes discipulorum*. Esta he a consequencia daquelle antecedente; inferir da cadeyra a agoa, inferir da sciencia a toalha, inferir do conhecimento o lavatorio, inferir do *Sciens*, o *Venit ergo*.

307 Eu tinha para mim atégora, que o abatimento nascia da fraqueza do coração; mas daqui em diante confesso, que nasce da valentia do entendimento. Eu considerava, que a humildade nascia de hum animo muyto apoucado; mas agora conheço, que nasce de hum discurso muyto entendido. Aquelle Joseph, que estava no throno do Egypto, vendo a seus irmaos todos juntos, depoz a magestade de seu officio, e logo se abateo, logo se inclinou, logo chorou: *Osculatus est omnes fratres suos, & ploravit super singulos*. Que

Genes. 45. 15.

R4 he

he isto Joseph? Conheceis vós, que fois hum Vice-Rey do Egypto? Conheceis, que estes homens são huns pobres Pastores de Canaan? Conheceis vós, que fois o primeyro Ministro de Faraó? Conheceis, que estes homens são huns pobres filhos de Israel? Pois se assim o conheceis, para q̄ vos humilhais? Temeis, que elles vos tornē a vender? Temeis, q̄ elles vos tornem a perseguir? Não: pois se não ha temor, para que he essa humildade? Se não ha medo, para que he esse abatimento? Mas eu já me não admiro de Joseph, admiro-me dos irmãos. Declarado Joseph com seus irmãos, e dizendo-lhes: *Ego sum Joseph*; elles ficaram pasmados, e attonitos, sem algum se abater obsequioso, ou se humilhar reverente. Pois homens, vós não sabeis, e não vedes o que he Joseph? Olhay para

Ibi. 3.

essa famarra, olhay para aquella purpura, e já que vos não pondeis de joelhos a Joseph vendido, prostray-vos por terra a Joseph sublimado; se vos não humilha a vossa maldade, abata-vos a sua fortuna. Desferte, que os irmãos, que se haviaō abater, não se abatem? Joseph, que se não havia humilhar, se humilha? Porque razão? Direy: porque os irmãos eraō muyto ignorantes, e tanto, que nunca conheceraō a Joseph; Joseph era muyto entendido, e tanto, que logo conheceo os irmãos: *Fratres ipse cognoscens, non est cognitus ab eis*; 42.8. e como os irmãos ignoraraō, porisso se não abatēraō; como Joseph conheceo, porisso se humilhou: nos irmãos estava o temor: *Nolite pavere*; porisso se não humilharaō; porque a humildade não nasce da fraqueza do coração: em

em Joseph estava o conhecimento: *Ipsē cognoscens*; porisso se abateo; porque a humildade nasce da valentia do juizo: quem mais entende, mais se abate; quem melhor conhece, melhor se humilha. Tanto que a Magdalena entendeo, logo se humilhou; tanto que a cabeça foy entendida: *Ut cognovit*; logo essa mesma cabeça ficou humilhada: *Non cessavit osculari pedes meos*. O' Magdalena! O' Joseph! O' abatimento! O' humildade! Não nascēs, ó abatimento, de Joseph cobarde, nascēs de Joseph discreto: *Ipsē cognoscens*. Não nascēs, ó humildade, da Magdalena medrosa; nascēs da Magdalena entendida: *Ut cognovit*.

Luc.
7. 37.

Ibi. 45.

308 Nas Historias humanas se conta, que Mercurio era hum ministro, que servia aos Deoses, e que o mesmo Mercurio era Deos da

Sabedoria. Pois ao mesmo homem se hade attribuir o saber, e o servir? Sim; porque o servir he consequencia do saber: se o saber denota sciencia, se o servir denota humildade, aquelle homem, que tem a sciencia, hade ter a humildade; aquelle Mercurio, que sabe, he o que serve. Tanto se abate, quem tanto entende. Lá disse David, q̄ o Sol conhecera o seu Occaso: *Sol cognovit occasum suum*. Não posso deyxar de reparar nestas palavras. Se o Sol conhece o seu Occaso, bem se collige, que conhece tambem o seu Oriente: logo porque callou David o conhecimento, que o Sol tem do seu Oriente, e fallou só do conhecimento, que o Sol tem do seu Occaso: *Sol cognovit occasum suum*? Porque o Sol no Oriente he Sol, que sobe; o Sol no Occaso he Sol, que desce;

Psalm.
103.
19.

e o bom, e verdadey-
ro conhecimento não
he aquelle, que se se-
gue do subir; he a-
quelle, a que se segue o
descer: o Sol no Ori-
ente he Sol, que sobe
ao Zenith; o Sol no
Occaso he Sol, que des-
ce ao mar; e David,
como tão experimen-
tado em huma, e outra
materia, na humildade,
e na sabedoria, quiz,
que a humildade do Oc-
caso fosse consequencia
do conhecimento do
Sol: *Sol cognovit occa-
sum suum.* O' Sol sobre
as agoas do mar! O'
Sol sobre as agoas da
bacia! Vossa humildade
foy enlaçando o vosso
conhecimento: *Sol co-
gnovit occasum suum.*
Vosso abatimento foy a
consequencia da vossa
sabedoria: *Sciens Jesus.*
Venit ergo.

309 Notavel cousa
he, que tomasse o ho-
mem a noyte para o des-
canço, e o dia para o
serviço! Isto parecerá

acaço, mas he mysterio;
porque a noyte da ig-
norancia, para que ha-
via servir, se não para
tempo de descansar, e
o dia da sabedoria, que
hade fer sennaõ tempo
de fervir? E sennaõ ve-
de. Hoje descansáraõ os
homens: *Dormite jam,* Matth.
& requiescite; porque
estavaõ na noyte da ig-
norancia: *Quod ego fa-* Joann.
cio, tu nescis modò. 13. 7.
Hoje servio Christo:
Mittit aquam in pel- Ibi. 5.
vim; porq̄ estava no dia
da sciencia: *Sciens Jesus* Ibi. 1.
quia venit hora ejus.
Assim como o fervir he
consequencia do dia,
assim o humilhar-se he
consequencia da saba-
doria: *Sciens. Venit*
ergo.

310 Quando os Pa-
stores se resolvêraõ a
hir ver a Christo nas-
cido, não propuzeraõ
vello só como homem,
assentáraõ comsigo vel-
lo tambem como Verbo:
Transseamus usque Be- Luc.
thlehem, & videamus 2. 15.
boc

boc verbum. E que fi-
nal tivêraõ elles para
conhecerem este Ver-
bo? O Anjo lho deu:
Hide, achareis hum me-
nino envolto em pan-
nos: *Invenietis insau-*
tem pannis involutum.
Pois os pannos haõ de ser
final do Verbo? Sim;
porque o Verbo da sa-
bedoria conhecc-se pe-
los pannos da humil-
dade. A humildade da-
quelles pannos foy o
final deste Verbo: *Vi-*
deamus Verbum... pan-
nis involutum. A humil-
dade desta toalha, he
consequencia daquelle
Sciens: Cum accepisset
linteum, præcinxit se.
Pannos, e toalha, ou são
final de hum Verbo:
Videamus Verbum; ou
são consequencia de hum
Sciens: Sciens Jesus.
Tomemos agora as ve-
las a este discurso todo,
e concluamos o nosso ar-
gumento.

311 Pois, se de Chri-
sto entrar no Templo
para ensinar, inferio S.

Lucas, que sabio para
servir: *Et erat subdi-*
tus illis. Se vendo-se
David na cadeyra, se
definio por humilde:
David sedens in cathe-
dra... quasi ligni vermi-
culus. Se Joseph se hu-
milhou, porque conhe-
ceo: *Ipse cognoscens.* Se
a Magdalena se abate,
tanto que entende: *Ut*
cognovit. Se o Mercurio
do faber he o Mer-
curio do fervir; se o
Sol no mesmo Occaso,
em que conhece, se hu-
milha; se o dia da sci-
encia he o tempo do ser-
viço; se nos pannos a-
batidos está o final do
Verbo encarnado; com
grande advertencia o
Euangelista S. João da
sabedoria collegio o a-
batimento, da sciencia
inferio a humildade, da-
quelle antecedente ti-
rou esta consequencia,
daquelle: *Sciens Jesus*
quia venit hora ejus;
concluiu este: *Venit*
ergo ad Simonem Pe-
trum.

§. III.

312 **O** Segundo antecedente, de que consta este segundo enthymema, he o amor de Christo. Diz o Evangelista, que elle nos amou: *In finem dilexit eos*. E vós, Senhor, resolveis-vos a amar? Pois haveis-vos abater. Resolveis-vos a querer? Pois haveis-vos humilhar. Seja a primeyra prova desta verdade huma grande authoridade de meu Padre S. Agostinho. Quiz Agostinho definir o seu amor, e disse, que o seu amor era o seu peso: *Amor meus pondus meum*. E como póde ser peso o amor de Agostinho? Se o amor he fogo, que sobe, como diz Agostinho, que o amor he peso, que desce? Porque o amor não tomou toda a natureza do fogo; não tomou do fogo o subir, tomou do

fogo o arder; tomou do fogo o abraçar-se, e tomou do peso o abater-se; e Agostinho, como Santo, não definiu o seu amor pelo fogo, que o abrazava, definiu-o pelo peso, que o abatia: *Amor meus pondus meum*. Passemos da authoridade á Escriitura.

313 Resolve-se Jacob a amar a Rachel, e resolve-se Samsam a amar a Dálila; e que succedeo a Jacob? Que succedeo a Samsam? Notavel successo! Samsam geme na casa dos Filistheos, Jacob serve na casa de Labaõ; Samsam na casa dos Filistheos geme abatido; Jacob na casa de Labam serve humilhado; e isto porque? Porque Samsam amou, e o amor foy o que o abateo; Jacob quiz, e o amor foy o que o humilhou: hum era Pastor, outro era Capitaõ; e, ou estejais no campo, ou estejais na

na campanha, sempre o amor vos hade humilhar, sempre o amor vos hade abater; se estais no campo, o amor vos hade humilhar, como fez a Jacob; se estais na campanha, o amor vos hade abater, como fez a Samsam.

314 Lá differaõ os Antigos, que o amor era ave; e que ave será o amor? Será Cisne pelo candido? Será Aguia pelo agudo? Não; pois que ave será? Não sey se o diga; mas he força dizello: o amor he como o Corvo; o Corvo no corpo morto a primeyra cousa, com que entende, he com os olhos; assim o amor: tanto que matou, e rendeo o amante, a primeyra cousa, com que entendeo, foy com a vista: rendeo a Samsam, e tirou-lhe os olhos: *Eruerunt oculos ejus*: Rendeo a Jacob, e tirou-lhe o sono dos olhos: *Fugiebatque somnus ab*

oculis meis: Rendeo hoje a Christo, e poz-lhe nos olhos hum véo: *Cæperunt velare faciem ejus*. Pois amor, que tens com os olhos, que ou os tiras pela crueldade do golpe, ou os enfraqueces pela falta do sono, ou os cegas pela interposiçaõ do véo? Sabem porque? Porque os cegos são dos mais humildes, e desprezados do povo: disse o Christo, quando chamou para o banquete os abatidos: *Pauperes, ac debiles, & cæcos*; e aos amantes, como o amor quer abatellos, a primeyra cousa, que faz, he cegallos; porisso tirou os olhos a Samsam, para o abater entre os Filistheos; porisso tirou o sono a Jacob, para o enfraquecer em casa de Labaõ; porisso poz o véo nos olhos a Christo, para o humilhar entre os Judeos: *Cæperunt conspuere eum, & velare faciem ejus*.

315 He notavel o amor: entra no coração de hum homem, e todo o seu intento he a batello, he diminuido. He o amor como o que faz a mina: quem faz a mina tira a terra, e enfraquece o muro; assim o amor, tanto que entra no coração do amante, tudo he tirar, e enfraquecer; e isto para que? Para o abater, e humilhar. Vejamo-lo em duas figuras grandes; no mayor homem, e no mayor Santo; em Adaõ, e no Bautista. Entrou o amor no peyto de Adaõ; amou elle a Eva; e que succedeo a este Adaõ com este amor? Vejaõ como o diminuo, e como o enfraqueceo: primeiramente tirou-lhe o amor o senhorio, porque o fez escravo; tirou-lhe a casa, porque o dèsterrou do Paraíso; tirou-lhe a fazenda, porque lhe foy necessario lavrar para comer; tirou-lhe o descanso, e introduzio-lhe o trabalho; tirou-lhe a graça, e causou-lhe a culpa; tirou-lhe a vida, e deu-lhe a morte: O' como está Adaõ diminuido, depois que começou a ser affeyçoado! Finalmente tanto diminuo, e tanto enfraqueceo o amor a Adaõ, que deu com elle por terra: *Docet. Genes. 3. 19.* *nec revertaris in terram.* Este he o caso de Adaõ, eu proponho o do Bautista. Entrou no coração do Bautista o amor de Deos, e logo o mesmo amor o diminuo: disse, que não era Christo; disse, que não era Elias; disse, que não era Profeta; tudo isto foy tirar para enfraquecer; finalmente deu o amor com o Bautista aos pés de Christo: *Cujus non sum dignus solvere corrigiam calceamentorum ejus: Luc. 3. 16.* Eis aqui o Bautista, eis aqui Adam, ambos diminuidos, ambos humilhados,

am-

ambos abatidos; porque ambos amaraõ, ambos quizeraõ, ambos se affeyçoaraõ, Adam a Eva, o Bautista a Deos.

316 Isto, que tiveraõ estes dous homens, teve hoje o Senhor: amou hoje o Senhor a Synagoga, como Adam amou a Eva, e aquelle amor, que o affeyçoou, foy o que o diminuo; chegou a taes pontos a diminuição, e o abatimento, que deu o amor com o segundo Adam em terra: *Procidit super terram.*

Marc.
14. 35.

Amou hoje Christo aos homens, assim como o Bautista amou a Deos, e o amor o humilhou desorte, que de innocente o fez culpado, de Senhor o fez servo, de livre o fez cativo; finalmente tanto o abateo, tanto o diminuo, que deu com elle aos pés dos homens: *Cæpit lavare pedes discipulorum.* Não sabe a Arithmetica do amor mais espe-

cies, que a de diminuir. Adam diminuido sobre a terra; o Bautista humilhado a os pés de Christo; Christo abatido a os pés dos homens: *Cæpit lavare pedes discipulorum.* Lá disse a Esposa, que descera: Christo ao seu jardim, para colher os lirios: *Dilectus meus descendit in hortum suum, ut lilia colligat.* Vinde cá Esposa entendida, Alma affeyçoada; não era mais cortezia, que vós colhesteis a Deos as flores? Sim; pois porq̃ razaõ esperais, que Deos as colha? Porque está Deos affeyçoado: *Dilectus meus;* e hum Deos affeyçoado he o que sempre desce, porque he o que sempre se abate: *Descendit in hortum suum.* A sua occupação he entender com os pés das flores para as colher: *Ut lilia colligat.* O seu gosto he divertir-se com os pés dos homens para os lavar: *Cæpit lavare*

Cant.
6. 1.

vare pedes discipulorum.

317 Tres finezas fez Christo nesta occasião, que foraõ as mayores, e as mais notaveis; a primeyra foy o lavatorio; a segunda foy o Sacramento; a terceyra foy a morte; pergunto agora: qual destas tres finezas foy a mayor? Respondo: em quanto fineza necessaria, mayor fineza foy a morte do que o Sacramento, do que o lavatorio; em quanto fineza excellente, mayor fineza foy o Sacramento do que o lavatorio, do que a morte; em quanto fineza amorosa, mayor fineza foy o lavatorio do que a morte, do que o Sacramento; a razãõ he esta; porque a morte tem de fineza o morrer, mas não tem de fineza o ausentar-se; o Sacramento tem de fineza o comunicar-se, mas não tem de fineza o esconder-se; só o lavatorio tudo tem de fineza, tudo tem de amor:

Inquieta res est amor.

Aquelle tirar as roupas: *Ponit vestimenta sua;* que he, senão abraçar-se, e despir-se como Jonathas: *Expoliavit se tu-*
1. Reg. 18.4.
nicã? Aquelle lançar a goa na bacia, aquelle não querer companhia nas finezas: *Mittit aquam in pelvim;* que he, senão derramar só a goa, pois só hade derramar o fangue: *Lavit nos in sanguine suo?*
Apoc. 1.5.
 Aquelle cingir-se com hum toalha: *Præcinxit se linteo;* que he, senão servir, e amar como Jacob: *Serviam tibi?*
Genes. 29.18.
 Logo o lavatorio todo he amor, todo he fineza. Sacramentar-se Christo! Grande fineza! Mas o esconder-se? Morrer Christo! Grande amor! Mas o apartar-se? Só tu, ó lavatorio, todo foste fino, todo foste amoroso. E senão dividamos a materia, e comparemos o lavatorio com a morte, depois compararemos o mes-

mesmo lavatorio com o Sacramento.

318 Digo pois primeiramente, que mayor fineza foy lavar, que morrer; mayor fineza foy o lavatorio, que a morte; vejaõ a razãõ. Na morte sacrificou Christo a vida; no lavatorio abateo a pessoa; e mais he abater a pessoa, que sacrificar a vida: logo mayor fineza he o lavatorio do que a morte. Servio David a Saúl por Micol, e servio Jacob a Labaõ por Rachel; porém com muyta differença; David servio de Capitaõ: *Fecit eum tribunum;* Jacob servio de Pastor: *Custodiam pecora tua;* David servio na campanha; Jacob servio no campo; pergunto agora: quem amou mais? Jacob a Rachel, ou David a Micol? Todos celebrãõ, e encarebem mais o amor de Jacob. Pois he mayor amor o de Tom. I.

hum Pastor, que o de hum Capitaõ? He mayor o amor no campo, que o amor na campanha? Porque razãõ? Porque o amor servindo na campanha sacrifica a vida, e servindo no campo abate a pessoa; e sempre he mayor o amor de hum Jacob abatido, que o de hum David arriscado; David na campanha a mayor fineza, que pôde fazer por Micol, he morrer; Jacob no campo a mayor fineza, que pôde fazer por Rachel, he humilhar-se; e isto he mais, que morrer. E para ver se he mais, vamos da figura ao figurado, destes deus homens a Deos. Amou Deos a Synagoga, e amou a Igreja; e a qual amou mais? A Synagoga, ou á Igreja? Direy; á Synagoga amou Deos como Capitaõ, amou-a na campanha: *Dominus exoravit eum;* á Igreja amou 3. 1. S Deos

Joann.
10. 14.

Deos como Pastor, amou-a no campo: *Ego sum pastor bonus*. Pois aquelle excessão, que leva a Igreja á Synagoga; he o excessão, q̄ leva o amor de hum Pastor ao de hum Capitaõ. O' amor da Campanha! O' amor do campo! Deos sim amou na campanha; porq̄ amou para morrer, e morreo: *Venit hora ejus*; e isto foy muyto: mas hoje amou como no campo; amou para servir, e servio; amou para humilhar-se, e humilhou-se: *Cæpit lavare pedes*; e isto he mais. Logo se o abater a pessoa excede ao dar a vida, vencida está hoje a morte pelo lavatorio.

319 Mas se se retira vencida a morte, tambem se hade confessar vencido o Sacramento; a razão he. No Sacramento faz-se o homem igual a Deos: *Verè comedens Deus efficitur*. No lavatorio faz-

se Deos menos que o homem: *Cæpit lavare pedes discipulorum*; e mayor fineza he aquella, em que o amor obriga a Deos a ser menos que o homem, do que aquella, em que faz que o homem seja igual a Deos. No Sacramento está levantado o humilde; no lavatorio está abatido o soberano. O' como sobe o homem! Mas isso he no Sacramento. O' como se abate Deos! Mas isso he no lavatorio: tudo he amor mais, ou menos; menos amor he o homẽ exaltado no Sacramento, mayor amor he Deos abatido no lavatorio.

320 Dous pays teve Christo na terra, hum natural, e este foy David; outro putativo, e este foy Joseph. Agora pergunto: a qual destes amou o Senhor mais? A Joseph, ou a David? Todos dizem, e assim o mostrou a experiencia, que amou mais a Joseph;

Act.
13. 22.Luc. 2.
51.

Joseph; e porque causa? Direy; no amor de David, ficou David; igual a Deos: *Inveni virum secundum cor meum*; no amor de Joseph, ficou Deos menos que Joseph: *Et erat subditus illis*; e mayor he o amor, que diminue a Deos diante do homem, do que o amor, que iguala ao homem com Deos: na casa de David está o Sacramento; porque assim como David he semelhante a Deos no coração, assim o homem está ennobrecido, está igual a Deos no Sacramento: na casa de Joseph está o lavatorio; porque assim como naquella casa obedeceo Christo a Joseph, assim neste lavatorio serve Deos a o homem. O' extremos do amor Divino, ambos finos, e finissimos! Mas vay muyto de extremo a extremo; no extremo do Sacramento toda a fineza esteve em Christo unir os humildes a si: *In me manet*; no extremo do lavatorio toda a fineza está em Christo se prostrar diante dos humildes: *Cæpit lavare pedes*. O homem ennobrecido, isso póde ser generosidade; Deos humilhado, não póde ser fenaõ amor: logo pelo lavatorio está vencido o Sacramento, assim como ficou vencida a morte: logo se o lavatorio he a mayor fineza do amor, com razão o Euangelista do antecedente do amor, inferior a consequencia do lavatorio: *In finem dilexit eos. Venit ergo ad Simonem Petrum*.

§. IV.

321 **O** Terceyro antecedente, de que o Euangelista inferior a sua consequencia, formãdo assim o terceyro enthymema, foy estar o Senhor para se partir

deste mundo para o Pay: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* Entre o que está ausente, e o que está para se ausentar, ha grande differença: aquelle, que está ausente, póde-se esquecer, póde-se divertir; e assim facilmente deyxou de amar; pois tantoque os olhos não vem o que amaõ, logo o coração se esquece do q̄ amava. Amava Samsam a Dalila, porém tantoque lhe tiráraõ os olhos, logo elle deyxou o amor; tantoque deyxou de ver, logo deyxou de amar. Eis aqui o que he Samsam ausente. Porém quem está para se ausentar, sempre nas vespersas da partida augmenta os affectos do amor. A luz, quando quer morrer, desperta os rayos. O amor, quando se quer partir, aviva os incendios. O amante, quando se quer despedir do bem, que adora, entã

está mais affeyçoado. Nos rebanhos, quando os Pastores se apartaõ, entã he que os cordeyros gemem. O dia, quando se despede na tarde, entã he que se entristece nas sombras. Porisso o Euangelista, notando hoje a vespera da partida, inferio discretamente a consequencia dos extremos. Deos (diz elle) está para se ausentar: logo hade fazer o extremo de se abater. Deos está de caminho para o Pay: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* Logo desta sua partida se deve inferir o seu abatimento a os pés de Pedro: *Venit ergo ad Simonem Petrum.*

322 Quando Jacob fez aquella partida (que foy figura desta jornada) em que deyxando a casa de Labaõ, tornou para casa de seu pay Isaac, encontrou a Esaú seu irmão no caminho; e diz o Texto, que

Genes.
33.3.

que caminhando Jacob adorou a Esaú: *Et ipse progrediens adoravit pronus in terram.* Notavel palavra he esta *Progrediens!* Caminhando Jacob adorou a Esaú! Andando Jacob se lançou por terra! Hindo de caminho fez a sua adoração: *Progrediens adoravit!* Jacob, se haveis de fallar com Esaú, se haveis de parar, paray, e adoray; se vos haveis de deter, detende-vos, e prostray-vos; mas andando, hindo, e caminhando, fazeis os obsequios, as adoraçoens, as reverencias: *Progrediens adoravit?* Sim; que Jacob, que vay caminhando, he Jacob, que se vay despedindo, e Jacob, que se vay despedindo, he Jacob, que se vay prostrando: *Pronus in terram.* Aquelle Jacob, que fazia a partida, foy o que fez as adoraçoens; aquelle Jacob, que partia: *Progrediens,* era

o mesmo Jacob, que adorava: *Adoravit.* Na ley da razaõ, como Jacob era Senhor, e Esaú era servo, Esaú era o que havia adorar a Jacob; porém na ley do amor, como Esaú ficava, e Jacob era o que partia, e se despedia: *Progrediens;* Jacob foy o que adorou a Esaú. O que havia fazer a servidaõ em Esaú, fez a despedida em Jacob: *Progrediens adoravit.* O Divino Jacob! Já hoje caminhais, já hoje hides de casa de Labaõ, que he este mundo, para a casa de voffo Pay Isaac, que he o Ceo; e sendo o homem o que havia servir, e vos havia adorar, porque elle he o servo; como vós foy o que caminhais, vós foy o que vos abateis, como vós foy o que vos despedis, vós foy o que vos humilhais: *Ut transeat. Venit ergo.*

323. Ora compare-

mos aquelle *Progrediens*, com este *Transfat*, aquelle *Pronus in terram*, com este *Venit ergo*, e acharemos, que se humilhou Jacob, porque caminhava : *Progrediens adoravit* ; e que se abateo Christo, porque se despedia : *Ut transfat. Venit ergo*. Quando o Sol na tarde se quer despedir de nós, elle he o que se humilha sobre as arêas, elle he o que se abate sobre as ondas. Tal o Sol de Justiça, Christo Senhor nosso, na tarde desta Quinta feyra, como elle era o que se apartava, elle foy o que se abateo sobre as feccas arêas de nossa ingratitude; como elle era o que se despedia, elle foy o que se humilhou sobre as turbas agoas de nossas culpas; abater-se foy consequencia de ausentar-se; humilhar-se foy consequencia de despedir-se : *Ut transfat. Venit ergo*.

324 Daqui nasce huma grande duvida. Christo amou-nos : *In finem dilexit* ; e Christo despedio-se : *Ut transfat*. Já disse, que a humildade do lavatorio foy consequencia do amor, assim como aqui vou mostrando, ser consequencia da despedida ; mas agora concluiré examinando o excessão, e averiguando de qual dos dous antecedentes he esta consequencia mais legitima : do antecedente do amor, ou do antecedente da despedida ? Mais claro : esta humildade de nos lavar os pés, nasceo de nos amar, e nasceo de se despedir ; mas de qual das duas acçoens se segue a consequencia do lavatorio, como illação mais formal, e mais infallivel ? Respondo, que este abatimento, e esta humildade não he consequencia tão infallivel do amor : *Dilexit*;

xit ; quanto o he da despedida : *Ut transfat*. A razão he esta : Christo sempre nos amou : *Cum dilexisset* ; e nem porisso nos lavou sempre os pés ; só hoje, quando se despedio, foy o dia em que os lavou : logo o lavatorio não he consequencia tão infallivel do amor, que Christo nos teve sempre, quanto da despedida, que fez hoje : *Ut transfat. Venit ergo*. Grande prova se nos offerece nos termos mais proprios do nosso caso.

325 Chegou aquella triste hora, em que se haviaõ de despedir aquelles grandes amigos, Jonathas, e David ; e diz o Texto, que David se lançou a os pés de Jonathas : *Cadens pronus in terram*. Pois David he o que se abate diante de Jonathas ? Jonathas me parece a mim era o que se havia de abater di-

1. Reg. 20. 41.

Tom. I.

ante de David. Não era Jonathas o que amava a David? Sim era : *Dilexit eum Jonathas*. Pois se Jonathas he o q̄ ama, seja elle o que se abata ; mas amar Jonathas a David : *Dilexit eum* ; e abater-se David diante de Jonathas : *Pronus in terram* ? Porque razão ? Porque se Jonathas he o que ama : *Dilexit eum Jonathas* ; David he o que se despede : *Sur-* 1. Reg. 20. 43.
rexist David, & abiit ; e o abatimento, e humildade não se segue tanto de Jonathas, que ama, quanto de David, que se despede : aquelle abater-se aquelle humilhar-se : *Pronus in terram* ; parece que havia nascer do amor de Jonathas ; porque elle foy o que amou : *Dilexit eum Jonathas* ; mas mostrou a experiencia, que nasceo da despedida de David ; porque elle foy o q̄ se ausentou : *Surrexist David, & abiit*.

326 Divino Senhor,
S4 vós

vós fois o nosso Jonathas, vós fois o nosso David; vós fois o nosso Jonathas, que nos amais: *In finem dilexit.* Vós fois o nosso David, que vos despedis: *Ut transeat.* Mas eu não me admiro de que vós, quando vos despedis, vos humilheis lançando agoa na bacia; o que me suspende he, q̄ quando vós vos apartais, não lancemos nós agoa de nossos olhos! Que Christo quando se despede, nos lave com agoa, grande fineza! Mas que nós nos não lavemos com pranto, grande ingratação! Vaisse Christo, e os homens secos? Aparta-se Christo, e os olhos enxutos? Ah peytos ingratos! Ah coraçãoes endurecidos! Nunca acheys razão ao mar vermelho. Houve de passar a Arca do Testamento, e diz o Texto, que se secou o mar: *Vertit in siccum.* Que he o que

fazes, ó mar? Não es tu aquelle, que deves mais obrigaçoens a Deos, que os outros mares, pois quando deu a os outros a agoa, a ti sobre a agoa te deu a purpura? Pois porque te secas, quando a Arca passa? Vay a Arca de caminho, e tu em vez de lhe sacrificar as tuas prayas molhadas, lhe offereces as tuas arêas secas: *Vertit in siccum?* Sim; porque tal he o mar, qual he o homem; vay a Arca de caminho, e o mar fica seco; está Christo de partida, e o homem fica enxuto. Mas que hade fazer hum mar, que toma o nome do lodo, senão secar-se? Que hade fazer hum homem, que toma o ser da terra, senão endurecer-se: *Vertit in siccum?*

327 Não o faz assim a Aurora. Da Aurora se sabe, que tanto que nasce o Sol, logo ella chora. Notavel pranto em

em tal tempo! O'Aurora, essas lagrimas não haviaõ ser na manhaã, haviaõ ser na tarde; não haviaõ ser quando o Sol nasce, haviaõ ser quando o Sol morre. Porque razão logo aquellas lagrimas, que se haviaõ derramar no Occaso, se derramaõ no Oriente? Porque o Sol tanto que nasce, logo se aparta, logo se despede, logo vay caminhando por esse Ceo, logo vay subindo para esse Zenith; a Aurora he a que fica, quando o Sol he o que se despede; e tanto que o Sol se resolve á despedida,

que hade fazer a Aurora, senão sacrificar-lhe as suas lagrimas? Fieis, não sejamos hoje como o Mar vermelho, sejamos como a Aurora rubicunda: Vay de caminho a nossa Arca, está de partida o nosso Sol; pois não fiquemos como o Mar vermelho enxutos, fiquemos como a Aurora chorosos; infra-se da sua partida o nosso pranto, assim como da sua partida se inferio o seu abatimento: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem. Venit ergo ad Simonem Petrum.*





SERMÃO
DO
BAUTISMO
DE
CHRISTO SENHOR NOSSO;
E
PROFISSÃO
DA MADRE SOROR
ANNA MARIA TERESA,
No Real Mosteyro das Religiosas de S. Clara de
Coimbra.

Vidit Joannes Jesum venientem ad se.

Joann. I.

S. I.

328



Anto q̃ o Sol se banha nas agoas, logo as Estrellas appare-

cem no Ceo. Hoje tambem com grande semelhança, tanto que se banha o Sol de Justiça nas agoas do Jordão, logo apparece huma

ma Estrella da innocencia no Ceo de Francisco. Embaraçado com estas duas obrigaçoens mysteriosas, não me fey resolver certamente, se he hoje dia, se he noyte? Parece que he noyte; porque por huma parte vejo o Sol nas agoas do Jordão, e por outra as Estrellas no Ceo de Francisco. Parece que he dia; porque vejo sepultadas as Estrellas no Claustro de hum Convento, e vejo apparecer o Sol no Oriente do Baptismo. Logo justamente embaraçado na duvida do tempo, dou principio á materia do Sermão. Mas o certo he, que hoje he dia, e noyte; he noyte para o mundo, e he dia para Deos. Os dias naturaes fallos a presença do Sol; se está presente o Sol, e ausentes as Estrellas, he dia; se estão presentes as Estrellas, e ausente o Sol, he noyte. Os

dias moraes fallos a nossa estimação; porque quando estimamos mais a Deos do que a o mundo, he aquelle tempo noyte para o mundo, e dia para Deos; e quando estimamos mais o mundo do que a Deos, he aquelle tempo noyte para Deos, e dia para o mundo: de sorte que da estimação dos homens nasce a differença moral dos tempos. O mesmo tempo juntamente he dia, e noyte; he dia para aquelle, quem se dedicação as adoraçoens; e he noyte para aquelle, quem se fazem os despresos; e assim quando adoramos a Deos, e despresamos o mundo, he este tempo noyte para o mundo, e dia para Deos; e quando adoramos o mundo, e despresamos a Deos, he este tempo noyte para Deos, e dia para o mundo.

329 Fallaõ os Evangelis-

gelistas do dia, em que Chritto morreo, e he de notar, que não fazem menção das luzes, com que o Sol naquelle tempo sahio, e fazem grande advertencia nas sombras, que naquelle dia mostrou: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.* Vay Moyfes contando a creação do mundo, e he de advertir, que em toda ella fazendo menção dos dias, não faz menção das noytes: *Factum est vespere & manè, dies.* Que Moyfes não contasse as noytes nos primeyros tres dias, passe; porque como naquelle tempo não estava o Sol ainda no Ceo, não podia haver noyte na terra; porém no quarto, no quinto, no sexto, no septimo dia, fazendo Moyfes menção dos dias, porque não hade fazer menção das noytes? Comparemos agora hum successo com

outro successo. Cria Deos o mundo, e todo aquelle tempo, ainda que tivesse noytes, conta-se por dias: *Vespere, & manè, dies.* Refugata Deos o universo, e daquelle dia, ainda que tivesse luzes, conta-se sómente as trévas: *Tenebræ factæ sunt?* Porque razão? Porque toda a differença daquelles tempos esteve nas acçoens dos homens: na creação do mundo todas as creaturas, desde o bruto humilde até o homem soberano, tributavaõ obsequios a seu Creador, dedicavaõ adoraçoens a seu Deos; e tempo, em que as creaturas reconheciaõ o seu Creador, e os homens adoravaõ o seu Deos, ainda que tenha noytes, conte-se sómente por dias: *Vespere & manè, dies sextus... Requievit die septimo.* Na redempção faziaõ as creaturas offensas a seu Creador,

Genef.
1.31.
2.2.

fa-

faziaõ os homens injurias a seu Deos; e dia, em que os homens offendem a Deos, em que as creaturas aggravão o seu Creador, ainda que tenha luzes, conte-se sómente por sombras: *Tenebræ factæ sunt.* Demodo que no monte Calvario, theatro de offensas, o tempo, em que era dia, passou por noyte; e no campo Damasceno, altar de adoraçoens, o tempo, em que era noyte, passou por dias. Bem digo eu logo, que se hade contar este dia por dia para Deos, e não por noyte. Ainda que vejamos agora o Sol nas agoas, e as Estrellas no Ceo, será noyte para o mundo, mas he dia para Deos; porq̄ quando as creaturas dedicão obsequios a Deos, quando as Estrellas tributão adoraçoens a o Sol, ainda que haja semelhantes de noyte, ha realidades de dia. Por-

isso com grande advertencia o nosso Euangelho, porque não cuidasse-mos, que era noyte, vendo o Sol nas agoas, advertio, que era dia: *Alterá die vidit Joannes Jesum venientem ad se.*

330 Mas como póde hum Sol caber em hum rio? Como póde huma Estrella caber em hum Convento? Esta he a segunda difficuldade: este o segundo embaraço. Se a natureza deu por tumulto a hum Sol o dilatado de hum mar; se huma Estrella he tantas vezes mayor, que o mundo; como póde huma Estrella caber no aperto de huma Cella? Como póde o Sol banhar-se no limitado de hum rio? Póde servir de pia a hum Sol hum rio? Póde servir de Ceo huma Cella a huma Estrella? Sim; porque isso he fer Estrella, isso he fer Sol. Nesta materia de cabem

rem

Matth.
27.45.

Genef.
1.

rem as pessoas nos lugares, deve haver huma advertencia, e he, que cada hum cabe conforme entende; quem he nescio he necessario para caber, que o lugar seja largo: quem he entendido não importa para caber, que o lugar seja estreito: eu me explico. Para caber menos lugar hade mister o entendido, que o nescio. Pois como seja pela luz entendida a Estrella, para caber pouco importa, q̄ seja a Cella estreita; como pela mesma luz seja entendido o Sol, para caber pouco importa, que seja o rio limitado; que isto he ter entendimento: para os nescios o mar ainda he rio; para os entendidos o rio he já mar: para os nescios o mundo he huma Cella; para os entendidos a Cella he hum mundo; porque cada hum cabe conforme entende.

331 Falla o Eterno

Pay por boca de David com seu Unigenito Filho, quando vencedor da terra entrou triunfante no Ceo, e diz assim: *Dixit Dominus Domino meo: sede à dextris meis.* Improprio he em Deos o ter mãos; porque he improprio em Deos o ter corpo; porém em frase das cousas humanas explicaõ as Escrituras as cousas Divinas; e assim duvido: se Christo tinha taõ grandes merecimentos, se tinha derramado seu sangue, se tinha offerecido sua vida, porque se lhe não haõde dar ambos os lados do Padre Eterno? Porque se não hade poder assentar tambem á mão esquerda, mas só á direyta: *Sede à dextris meis?* Ora dobremos aqui a folha, e logo fecharemos melhor a duvida. Chegãraõ os filhos de Zebedeo, e pediraõ a mão esquerda, e direyta a Christo: *Dic ut sedeant*

Matth.
20.21.
hi

hi duo filij mei, unus ad dextram tuam, & unus ad sinistram in regno tuo. E bem! A mão de Christo em quanto homem era muyto poderosa; em quanto Deos era Omnipotente; estes irmaõs eraõ dous pescadores pobres, dous homens limitados; pois não basta para dous homens limitados huma mão Omnipotente? Sim basta: como pedem logo dous? Comparemos agora hum com outro caso. Christo era muyto mais que estes dous Apostolos, não só em quanto Deos, mas ainda em quanto homem: pois se Christo se accomoda, e cabe no lugar da mão direyta: *Sede à dextris meis;* porque razaõ os filhos de Zebedeo não só pedem a mão direyta, mas tambem a esquerda: *Unus ad dextram tuam, & unus ad sinistram tuam.* Sabem porque? Porque Christo era entendido.

Factus est nobis sapi- i. Co-
entia; e os Apostolos rinth.
eraõ ignorantes: *Nesci-* I. 30.
tis quid petatis; e co- Matth.
mo Christo era enten- 20. 22.
dido, bem se accomo-
dava no lugar da mão
direyta; como os Apo-
stolos eraõ ignorantes,
não cabendo no lugar
da mão direyta, passã-
raõ tambem a pedir o
lugar da mão esquerda:
Cada hum cabe conform-
e entende; Christo,
que entendia mais, cou-
be só na mão direyta,
que era menos; os A-
postolos, que entendiaõ
menos, não cabendo na
mão direyta, chegãraõ
a pedir tambem a es-
querda, que era mais.
332 A razãõ desta
verdade he; porque o
differeto, como enten-
de mais, presume me-
nos; e o nescio, como
entende menos, presu-
me mais; e cada hum
cabe no lugar que presu-
me de se. Não haõ dif-
ferença, que houve entre
Araõ, e o Cherubim.
Poz

Poz Deos a Adam no Paraíso, e não coube no Paraíso Adam. Poz Deos o Cherubim á porta do Paraíso, e accomodou-se o Cherubim com aquella portaria. Pois porque razão? Pergunto eu agora. Porque estes são os effeytos da ignorancia, e do juizo: o Cherubim como entendido, em qualquer lugar se accomoda, ainda que seja a huma porta; o homem já como nescio, em nenhuma parte cabia, ainda que fosse hum Paraíso. Que bastem para a Magdalena os pés: *Secus pedes*; e que não baste para o homem o lugar dos pés, que não baste o lugar das mãos, e que chegue a pedir o lado: *Mittam manum meam in latus ejus*! Isto he ser o homem sobre inoredu-lo ignorante; Aquillo he ser a Magdalena sobre penitente entendida: *Ubi cognovit*. Que o Evangelista, quando

fecha as portas ao discurso: *Recubuit*; levante a cabeça para o peyto: *Super pectus ejus*! Isto he discorrer a o humano. Que Christo quando abre as portas á sciencia: *Sciens*; incline o corpo para os pés: *Capit lavare pedes*! Isto he discorrer a o Divino. Que Pedro, que nasceo em huma barca, só se dê por satisfeyto na soberania de hum monte: *Bonum est nos hic esse*! O' que grande ignorancia! Que o Evangelista, que se remontava ao Ceo, se accomode a ficar na terra: *Sic eam volo manere*! O' que grande entendimento! Que o Sol material busque para banhar-se hum mar! Isto he ser irracional. Que o Sol espiritual busque para banhar-se hum rio! Isto he ser entendido. Que huma Estrella material não cayba nas quatro partes do mundo! Isto he ser insensivel. Que huma

Joann.

21. 20.

Ibi.

Joann.

13. 3.

Ibi. 5.

Matth.

17. 4.

Joann.

21. 22.

huma Estrella espiritual se accomode a viver entre as quatro paredes de huma Cella! Isto he ser discreta. Mas assim se accomoda quem assim entende.

333 Verdadeyramente, que ainda fatisfeytas estas duas difficuldades me vejo novamente perplexo, considerando as duas obrigaçoens deste dia. Considerava por huma parte hum Deos innocente entregue ao remedio da culpa no Baptismo; considerava por outra parte huma alma justa entregue ao rigor da penitencia na Religiaõ; e este era o novo embarço: porém vim a resolverme, que destas duas prodigiosas acçoens havia ser o Sermão; e assim no Euangelho do Baptismo fundaremos as maravilhas deste desposorio: quem houver de se desposar com Deos, como Christo se bap-

Tom. I.

sou. Esta he a materia do Sermão, vamos com o Euangelho.

§. II.

334 **V** Idit Joannes Jesum venientem ad se. A primeira palavra em que reparo he nesta palavra: *Venientem*. Diz o Euangelista, que o Senhor foy o que buscou a João, sendo que João he que havia buscar ao Senhor. Admira-se Alberto Magno desta grande humildade de Christo; pois sendo obrigação do menor buscar ao mayor, vemos hoje, que o mayor busca ao menor: *Ecce Domini humilitas*! Aquelle adverbio: *Ecce*; he palavra de admiracão; mas na verdade, que me não admiro já do que Alberto Magno se admira: buscar Christo ao Baptista, buscar Deos ao homem, que cousa mais ordinaria, que cousa mais commua? Se Christo

T bus-

Luc.
7. 38.Joann.
20. 25.Luc.
7. 37.

buscou ao Bautista, quando estava peccador no ventre; que admiração pôde causar buscar ao Bautista, quando está penitente no Jordaõ? Se Deos veyo do Ceo buscar ao homem peccador; que admiração pôde fazer vir hoje de Galilea buscar ao Bautista innocente? Sempre Deos fez o que havia fazer o homem; sempre fez o Ceo o que havia fazer a terra: no Ceo está o remedio, na terra está a enfermidade: o homem he peccador, Deos he offendido; e governando-se os passos pela razaõ, o homem havia buscar a Deos offendido, para satisfazer o aggravado; a terra havia buscar ao Ceo misericordioso, para curar a enfermidade; mas como os passos se não governaõ pela razaõ, fenaõ pelo amor, os que havia dar a terra, da-os o Ceo, os que havia dar o homem, da-os

Deos: Deos he o que busca ao homem, o Ceo he o que busca a terra: eis aqui o que succede ordinariamente; eis aqui o que comumente acontece: os passos, que havia dar a razaõ, da-os o amor.

335 Apareceo aquella escada mysteriosa, que refere o Texto no capitulo 28. do Genesis, e os extremos della eraõ notaveis; da parte do Ceo estava Deos cuydadoso: *Domini in iuxta scala*; da parte da terra estava Jacob descuydado: *Vidit in somnis scalam*. Pois se Jacob tem escada para subir, porque não sobe? Se Deos tem escada para descer, porque não desce? Aquella escada significava os degraos da humildade, por onde Deos havia descer ao mundo; e significava tambem o caminho, por onde o homem podia subir do estado dos vicios para o esta-

Genef.
28. 13.

Ibi. 12.

estado da graça; pois se Jacob se podia melhorar subindo, porque não subio? E se Deos nos podia remediar descendo, porque não desce? Mysteriosa contenda na verdade! Nem Deos quer descer, nem Jacob quer subir? Pergunto: qual foy destes dous extremos o que cedeo? Para darmos resposta a esta duvida, que não he pequena, havemos de ver outro successo. Acabados os 14. annos, que Jacob servio a Labaõ pela formosura de Rachel, houve o Pastor de voltar-se a casa de seus pays, e hindo no meyo do caminho, lhe sahio Deos ao encontro, e com huma porfiada luta lhe deu os braços amoroso: *Ecce vir lutabatur cum eo*. Pois que novidade he esta? Se na escada nem Jacob quiz subir, nem Deos quiz descer; desce agora Deos a dar os braços a Jacob? Sim; que isto

Genef.
34. 24.

he dar o amor os passos, que havia dar a razaõ; isto he fazer o amor de Deos, o q̄ havia fazer a razaõ dos homẽs: a razaõ pedia, q̄ Jacob, que estava naquelle tempo sepultado no sono do peccado, subisse a escada, e fosse satisfazer a Deos, que estava suspenso por offendido: o amor pedia, que Deos, que estava naquelle tempo desvelado, descesse a escada, e viesse curar a Jacob, que estava enfermo por peccador; e nesta contẽda veyo tempo, em que fez o amor o que havia fazer a razaõ; em que fez o amor de Deos, o que havia fazer a razaõ de Jacob.

336 Com muytos exemplos destes se tem defacreditado a razaõ humana, e se tem acreditado o amor Divino. A razaõ humana pedia, que Adam buscasse a Deos, e o amor Divino fez, que Deos buscasse

Genef. 3.9. a Adam : *Vocavit Deus Adam, & dixit ei: Ubi es?* A razaõ humana pedia, que David buscasse a Deos, e o amor Divino fez, que Deos buscasse a David: *Misit Dominus Nathan ad David.* A razaõ humana pedia, que Pedro buscasse a Christo, e o amor Divino fez, que Christo olhasse para Pedro: *Respexit Petrum.*

2. Reg. 12.1. Pois se nos mayores gigantes da santidade, se nos mayores Atlantes da virtude, se em Pedro, se em David, se em Adam, se em Jacob, havendo a terra de buscar o Ceo, o Ceo foy o que buscou a terra; havendo elles de buscar a Deos, Deos foy o que os buscou a elles; se o que havia fazer a razaõ humana, fez o amor Divino: cesse logo a admiração de Alberto Magno, vendo que Deos busca hoje ao Bautista, e comece a admiração do mundo, vendo que

hoje huma alma busca a Deos.

337 O' que gloriosamente temos hoje desempenhada a terra! O' que gloriosamente temos empenhada a razaõ! De tantas vezes, que o Ceo buscou a terra, hoje se desempenha a terra buscando o Ceo: de tantas vezes, que se empenhou o amor Divino em fazer o que pedia a razaõ humana, hoje vemos a razaõ humana empenhada em fazer o que obrava o amor Divino: já Deos não he o que busca as almas, as almas são as que buscão a Deos. Mas quem havia ter esta cortezia religiosa, fenaõ huma alma entendida? Quando se converteo a Magdalena, diz o Euangelista, que conhecendo ella, que o Senhor estava em casa do Fariseo, o foy buscar áquelle banque-
te: Ut cognovit quod accubisset in domo Pharisæi... Stans retrò secus pedes

Luc. 7.
37.38.

pedes ejus, lacrymis cepit rigare pedes ejus. E bem! Se os mayores Santos, que houve no Apostolado, esperáraõ, que Deos os chamasse; porque não esperou tambem a Magdalena, que a chamasse Deos? Se Pedro, e André, se Joaõ, e Diogo esperáraõ, que os buscasse, e chamasse Christo: *Venite post me... Vocavit eos;* porque não espera a Magdalena, que Deos a busque, para se converter? Porque não espera, que Deos a chame, para acudir? O mesmo Texto, que nos fundou a duvida, nos dá a resposta. Diz o Euangelista, que tanto que a Magdalena entendeu, logo a Magdalena acudio: *Ut cognovit;* que cortezia taõ religiosa só a podia obrar huma alma muito entendida: na Magdalena obrou a razaõ o que havia obrar o amor; nos outros San-
 Tom. I.

tos obrou o amor o que havia fazer a razaõ: a razaõ pedia que os Apostolos buscassem a Deos; o amor fez que Deos buscasse a os Apostolos: o amor queria que Deos buscasse a Magdalena; a razaõ fez que a Magdalena buscasse a Deos: *Ut cognovit quod accubisset in domo Pharisæi... Stans retrò secus pedes ejus, lacrymis cepit rigare pedes ejus.*

338 Esta he huma das grandes excellencias da Magdalena, ser huma Religiosa, em que a razaõ humana se adiantou a o amor Divino. Nos outros Santos esperou a razaõ propria pelo amor alheo; porque Deos os amou, e buscou a elles; por isso elles se deraõ, e entregáraõ a Deos; mas a Magdalena gloriosamente anticipada fez que a razaõ humana não esperasse pelo amor Divino, adiantando-se a

os impulsos do amor as resoluções da razão: *Ut cognovit.* O que gloriosamente imitada, e não se fez de algum modo excedida, vejo hoje aquella peccadora convertida, nesta alma Religiosa! Que seja necessário, que Deos chame a Samuel, para que Samuel acuda a Deos? O' innocencia descuydada! E que sem Deos chamar a esta alma, esta alma acuda a Deos? O' innocencia entendida! Esperarem as almas que Deos as busque, he o mayor descredito da razão humana, e he o mayor credito do amor Divino: buscarem as almas a Deos, he gloria do amor Divino no triumpho da razão humana; porq̃ nestes casos quando triumpho a razão dos homens, entã he que se alegre o amor de Deos.

339 Que a Alma Santa dos Cantares de-

pois de tantos affectos, depois de tantas confissoens, peça a Deos que a leve para que ella o siga: *Trabe me: Cant. post te curremus!* He ^{1. 3.} querer dissimular o affecto proprio com a violencia estranha: mas que esta alma nos sacrificios dos seus affectos, nas confissoens do seu amor, sem que Deos a obrigue, ella siga a Deos! He querer acreditar a fineza dos affectos com a liberalidade dos passos. Que na primavera dos seus annos Rachel se entregue a Jacob, depois que Jacob servio tantos annos pela formosura de Rachel! He fazer que a razão de Rachel seja premio do amor de Jacob: mas que esta alma na primavera de seus annos se entregue a Deos, sem Deos com vozes a buscar a ella? He fazer que as resoluções da sua razão sejaõ mereci-

men-

mentos para o amor de Deos.

340 Desta victoria da razão infiro eu o excessõ, e digo, que esta alma na materia do entendimento excedeo á Magdalena entendida, e ás Virgens prudentes. Começemos pela primeyra. Excedeo o juizo desta alma a o juizo da Magdalena; porque quanto resolveo a Magdalena, foy para remedio da culpa; e quanto resolveo a razão desta alma, foy para exemplo do mundo; e mais gloriosa he a razão, que sacrifica para exemplo, do que a razão, que sacrifica para remedio. Na cruz não quiz Christo ser Rey, fugindo com a cabeça a o titulo: *Inclinato capite*; e no Cenaculo se intitulou Senhor: *Vos vocatis me Magister, & Domine: & bene dicitis: sum etenim.* Pois que razão ha pa-

Tom. I.

ra taõ grande differença? Se no Cenaculo teve todas as excellencias de Senhor, porque chegou a dar-se a si mesmo; na cruz teve todos os requisitos de Rey, pois chegou a dar a vida pelos seus: porque razão logo regeyta na Cruz o titulo de Rey: *Inclinato capite*; e no Cenaculo aceyta o titulo de Senhor: *Sum etenim?* Direy: porque na Cruz tudo quanto sacrificou a razão, foy para remedio; e no Cenaculo tudo quanto sacrificou a razão, foy para exemplo: *Exemplum enim dedi vobis*; e como seja mais gloriosa acção sacrificar a razão para exemplo, que sacrificar a razão para remedio; porisso não aceyta na Cruz o titulo de Rey: *Inclinato capite*; porisso aceyta no Cenaculo o titulo de Senhor: *Vocatis me, Domine: & bene dicitis: sum etenim.* No

Ibi. 13.

T 4 Cal

Calvario sacrificou a razão nos braços da Cruz; no Cenaculo sacrificou a razão a os pés dos homens. O' que gloriosa acção, sacrificar a razão a os pés dos homens para exemplo, o mesmo, que havia sacrificado a razão para remedio! Mas tambem ó que gloriosa imitação, sacrificar hoje a razão humana innocencia a os pés de Christo para exemplo! Porisso eu digo, que fez hoje a razão humana o que costumava antigamente fazer o amor Divino: o amor Divino poz a Christo a os pés da innocencia do Bautista; a razão humana põe hoje a innocencia desta alma a os pés de Christo; e se he grande victoria da razão humana sacrificar a os pés de Christo peccados; mais gloriosa victoria he sacrificar essa mesma razão humana a os pés de Christo innocencias.

341 Mas se esta alma nas suas resoluçoens discreta, excedeo a Magdalena entendida; tambem excedeo as Virgens prudentes. Nós para com Deos, ou lhe podemos abrir as portas, quando elle bate, ou lhe podemos sahir a o encontro, quando elle nos busca: quem abre as portas a Deos, quando elle bate, faz da necessidade virtude: assim acudio S. Paulo, e assim abriu a Esposa dos Cantares: a Esposa dos Cantares abriu por meyo das vozes: *Aperi* Cant. 5. *mibi soror mea*; S. Paulo acudio por meyo das queyxas: *Saule, Saule, quid me persequeris?* Act. 9. 4. Quem sahe a o encontro a Deos, quando Deos o busca, faz da virtude cortezia: deste genero foraõ as Santas Virgens prudentes: sahirão ellas a o encontro a Deos, porque souberão, que Deos as buscava a ellas: *Ecce sponsus* Matth. 25. 6. *sus*

sus venit, exite obviam ei. Pois agora digo, que esta alma Religiosa não se contentou de vencer a Paulo, e a Alma dos Cantares; porque para abrir não esperou, que chegasse Deos a bater; mas venceu tambem com gloriosa ventajem as Santas Virgens prudentes; porque se as Virgens prudentes sahirão a o encontro, já esperarão que Deos as buscasse a ellas; e esta alma Religiosa, sem que Deos a busque, se resolve a buscar a Deos. Nem fez da necessidade virtude; porque não esperou que Deos entrasse em sua casa: nem fez da virtude cortezia; porque não esperou que Deos a viesse buscar ao caminho: fez da razão impulso do amor; porq̄ entrou na casa do mesmo Deos; e nisto he q̄ venceu as Virgens prudentes.

342 Sacrificou Deos seu Filho, que he a pessoa do Entendimento,

e da razão: porém he de advertir, q̄ este sacrificio foy obra do Espirito Santo: assim o diz a Escritura: *Spiritus Sanctus superveniet in te.* I. 35. E bem! Se a pessoa sacrificada era a pessoa do Entendimento, e razão de Deos, parece que a obra havia ser da sabedoria; e se havia ser da sabedoria a obra, porque razão logo se attribue ao amor: *Spiritus Sanctus superveniet in te?* Porque esta obra foy humana acção, em que Deos entrou por casa do homem: *In propria venit*; sem Joann. I. II. que o homem sahisse a o encontro para receber a Deos: *Et sui eum non receperunt*; e acção em que hum Deos busca de tal sorte a o homem, que não attende a que o homem o venha receber, bem poderá ser resolução da razão, mas he juntamente impulso do amor: *Spiritus Sanctus superveniet in te.* O.

O' alma Religiosa, nesta vossa gloriosa acção excedestes a huns Santos, e desempenhastes a outros. Excedestes a huns Santos, pois vencestes a Magdalena, porque sacrificastes para exemplo, o que ella sacrificou para remedio; e vencestes as Virgens prudentes, porque ellas fahiraõ a Deos ao encontro, e vós viestes buscallo a sua casa. Desempenhastes a outros Santos; porque Adam esperou que o buscasse Deos, e vós buscando a Deos desempenhastes a Adam; David esperou que o buscasse Deos, e vós buscando a Deos desempenhastes a David; os Apostolos esperaraõ que os buscasse Deos, e vós buscando a Deos desempenhastes os Apostolos; finalmente vós buscando hoje a Deos desempenhastes o Bautista, quãdo hoje esperou que Deos o buscasse: *Vi-*

dit Joannes Jesum venientem ad se.

§. III.

343 **T**Emos visto como o Senhor veyo buscar a Joaõ; vejamos agora de que terra veyo. A esta duvida do Euangelista S. Joaõ, responde o Euangelista S. Mattheus dizendo, que o Senhor viera de Galilea: *Tunc venit Jesus ad Galilea.* Matth. 3. 13. Nota vel circumstancia na verdade! E bem! Em Galilea não havia mar, não haviaõ rios, não haviaõ fontes, em que o Senhor se podia bautizar? Sim haviaõ; pois porque se não bautiza em Galilea? Theofilato, Theofil. Euthimio, e outros Euthym. & allj. m. & muytos PP. dizem, que Galilea significa o mesmo que mudança de vida, ou mudança de estado; e como o Senhor no Bautismo instituhia a Religiaõ Catholica, ensinou-nos, que para fer-

sermos perfeytamente Religiosos havia-mos fazer huma tal mudança, q̄ deyxasse-mos o mundo, e buscasse-mos a Religiaõ, assim como elle deyxou a Galilea, e buscou o Jordaõ. Eis aqui o que obrou Christo; eis aqui o que obrou esta Religiosa. Duas conversoens ha no mundo, ou nesta vida, muyto difficultosas; huma he a conversão do peccado á graça; outra he a conversão do munda á Religiaõ: pergunto agora: qual he mais difficultosa? O' q̄ grande difficultade tem a conversão do peccado á graça! Mas ó que igualmente difficil parece a conversão do mundo á Religiaõ!

344 O mundo ou nos foge, ou nos busca: e de hum e outro modo he perigoso. Se nos foge, arrastaõ nossos desejos suas esquivanças. Lá nõ ventre de Rebecca fugio Esaú, que era

figura do mundo, de Jacob, que era figura do homem; e quanto Esaú, que era o mundo, mais fugia, tanto Jacob, que era o homem, mais pegava: *Plã. Genes. 25. 25. tam fratris tenebat manu.* Se nos busca, sempre enganaõ nossos desejos suas lizonjas. O mundo he como o Paço. David via no Paço a lança, e ainda assim se encoitava ás paredes; nós conhecemos no mundo os enganos, e ainda assim abraçamos as lizonjas. O' que grande sacrificio pois he a renuncia do mundo! Porque he tal o mundo, que, ainda quando lhe damos as costas, nos rouba as atençaens. Lá deyxou a mulher de Lot as cidades infames, e vindo no caminho olhou para traz: *Respiciens uxor ejus post se;* Genes. 19. 26. que não sey que tem este mundo, que ainda quando lhe damos as costas sempre nos leva os olhos:

Ihos: poz-lhe Deos preceyto, que deyxasse as cidades, e não olhasse para traz: *Noli respicere post tergum*; e poude o preceyto encaminhar-lhe os passos, mas não poude divertir-lhe os olhos: *Respiciens post se*.

345 Levado desta verdade digo, que mais difficultosa he a conversão do mundo á Religião, que a conversão do peccado á graça. Duas grandes conversoens fez o Apostolo S. Pedro; huma foy deyxar o Paço: *Egressus foras*; outra foy deyxar a barca: *Relictis retibus*. E he muyto de notar, que por estas duas conversoens, não pedio Pedro premio de deyxar o Paço, e pedio premio de deyxar a barca: *Quid ergo erit nobis?* Parece que se haviaõ aqui trocar os termos: he verdade, que tinha Pedro hum lugar grande na barca,

e tinha hum lugar pequeno no Paço; mas neste mundo mais val hum lugar pequeno no Paço, que hum lugar grande na barca: porque razão logo não pede premio de deyxar o Paço, e pede premio de deyxar a barca: *Quid ergo erit nobis?* A razão he; porq̄ deyxar o Paço era conversão do peccado a graça, deyxar a barca era conversão do mundo á Religião; e como Pedro julgasse mais difficultosa a conversão do mundo á Religião, do que a conversão do peccado á graça; por isso não pede premio, quando deyxar o Paço; porisso pede recompensa, quando deyxar a barca: *Quid ergo erit nobis?*

346 Notay: para Pedro se converter do peccado á graça, bastou huma vista de olhos: *Conversus Dominus respexit Petrum*; e para

para se converter do mundo á Religião, foy necessario o imperio da voz: *Venite post me*. E a razão de tudo isto he; porque o peccado commettido defengana, o mundo possuido engana; e mais difficultoso he apartar-se huma alma dos enganos, que dos defenganos. O peccado commettido defenganou a David, e logo David deyxou o peccado; Dalila possuida enganou a Samsam, e nunca Samsam poude deyxar a Dalila: somos como David, e como Samsam; facilmente em hum Quaresma nos arrendemos como David de hum peccado, que nos accusa; mas difficultosamente em toda a vida deyxamos o mundo, que como Dalila nos engana.

347 O' alma Religiõsa, não fazendo vós a conversão do peccado á graça, pois sois innocente, fizestes a conver-

ção do mundo á Religião, porque sois entendida: ou o mundo vos fugisse, ou o mundo vos buscasse, sempre fizestes grande fineza; se vos fugio, nunca arrastáraõ vossos desejos suas esquivanças; se vos buscou, nunca enganáraõ vossos desejos suas lizonjas. O' que acção tão gloriosa! E cresce a gloria della na circunfancia do tempo. Deyxar o mundo na velhice, he consagrar a Deos a vida no tempo da morte; deyxar o mundo na mocidade; he vestir a mortalha no tempo da vida: quem sacrifica a Deos poucos annos faz, que seja grande o sacrificio, sendo pequeno o sacrificado; quem sacrifica a Deos muytos annos, sendo grande o sacrificado, faz que seja pequeno o sacrificio: no sacrificio da idade quem dá menos ama mais, e quem dá mais ama menos: desorte que neste sacrificio não se mede o amor

Matth.
4. 19.

Ibi. 17.

Matth.
26. 75.

Id. 4.
20.

Id. 19.
27.

Luc.
22. 61.

amor pela liberalidade; se dais a Deos poucos annos, amais muyto; se dais a Deos muytos annos, amais pouco; mas neste particular quando a Deos agradaõ mais os poucos, o mundo só lhe costuma sacrificar os muytos.

348 Jacob servio pela belleza de Rachel, que era mais moça, e Labaõ deu-lhe Lia, que era mais velha; e isto porque razaõ? Para darmos a resposta havemos de saber, que Jacob era figura de Deos, e Labaõ era figura do mundo; e assim bem se explica neste lugar o que o mundo faz, e o que Deos quer; Deos quer que lhe demos poucos annos, e porisso Jacob quer, que lhe dem a Rachel; o mundo costuma sempre dar os muytos annos a Deos, e porisso Labaõ deu Lia a Jacob: Deos, e Jacob procuraõ a mocidade; Labaõ, e o mundo offercem-lhe a velhice. Na

materia dos annos sacrificar muytos, he sacrificar pouco, e sacrificar poucos he sacrificar muyto. Notay. Na Ley Velha o mayor sacrificio era o do Cordeyro; porque a Deos não só agradava aquella muyta innocencia, senaõ tambem aquella pouca idade. Muyta innocencia, e pouca idade! O' que grande sacrificio! Poucos annos, e muyto mundo! O' que grande resolução! Mas assim deyxá, quem assim imita; assim deyxá o mundo, quem assim imita a Christo, quando deyxá a Galilea: *Venit Jesus à Galilæa.*

§. IV.

349 **J**A vimos a pessoa que buscava, q̄ era Christo, e a terra donde vinha, que era Galilea; resta agora saber, aquem buscava o Senhor? O Euangelista diz, que buscava a Joaõ: *Vidit Joannes Jesum*
ve-

venientem ad se. Deos a os pés do homem? Christo a os pés de Joaõ? Esta he a mayor circumstancia deste Bautifmo; e esta he a mayor penção deste despoorio; fugeytar a vontade propria á vontade alhea: este he finalmente o mayor trabalho da Religiaõ; entregar a minha vontade á vontade de hum Superior. He a vontade aquella potencia, onde está o senhorio de nossas açcoens; e se custa muyto despir-se hum homem do dominio, com que governa a outros; quanto custará despir-se do dominio, com que se governa a si? Se custa tanto despojar-se hum corpo da purpura; quanto custará despojar-se huma vontade do alvedrio? O mayor sacrificio, que houve na Ley da natureza, foy o sacrificio de Abraham, e o mayor castigo, que houve, foy o castigo de Esaú: o mayor castigo, que

houve, foy o castigo de Esaú; porque transferida a primogenitura, veyo a ser vassallo por castigo, havendo sido senhor por natureza: *Major serviet minori.* O mayor sacrificio, que houve, foy o de Abraham; porque sacrificada a liberdade, houve de tirar na obediencia aquella espada, que a vontade recolhia: *Arripuit gladium.* Genes. 25.23. Genes. 22.10.

350 Muytas cousas sacrifica huma alma Religiosa: sacrifica o mundo; porque se desfengana: sacrifica as gallas; porque se despoja: sacrifica os cabellos; porque os corta: sacrifica a vontade; porque a fugeyta; e destes sacrificios o da vontade he o mayor sacrificio; porque sacrificar o mundo, quando se desfengana, he huma açcaõ, que diminue a excellencia do sacrificio; sacrificar as gallas, quando se despoja, he huma açcaõ, em que faz o jui-

zo o que hade fazer o tempo; sacrificar os cabellos, quando os corta, he huma acção, em que faz a virtude o que póde fazer a enfermidade; porém sacrificar a vontade! O' que grande sacrificio! Sacrificio de grande tormento! Sacrificio de grande dor!

351 Lá pediraõ os Judeos para a Cruz a Christo: *Crucifige, crucifige eum*; e Pilatos o entregou á vontade dos Judeos: *Jesum tradidit voluntati eorum*. Pois que differença he esta? Se os Judeos o pedem para o pôr na Cruz, como lho entrega Pilatos á vontade? Christo era por decreto de Deos o Cordeyro, que se havia sacrificar naquella Pascoa; pois se o sacrificio se havia fazer no altar da Cruz, porque razão se faz nas aras da vontade? Direy: porque o mesmo he fugeytarevos a huma vontade a-

lhea, que pores-vos em huma cruz; o mesmo he cruzares os braços para obedecer, que abrires os braços para vos crucificar; se na Cruz se perde a vida, na vontade alhea se padece a morte. Sugeytar eu a minha vontade á vontade de outrem! O' que cruz taõ pesada! Notay: assim como cadahum de nós tem sua vontade, assim cadahum tem sua cruz: *Tollat crucem suam*. Pois porque razão (pergunto eu agora) foy mais pesada que todas a Cruz de Christo? A razão he; porque a Cruz de Christo não era propria, era alhea; e se he grande peso levar a o hombro a cruz alhea; que peso será fugeytar a liberdade á vontade estranha? He taõ grande peso, que quando os Judeos pediaõ a Christo para a Cruz pesada: *Crucifige, crucifige eum*; o despacho foy entregallo Pilatos á vontade dos Ju-

Judeos: *Jesum tradidit voluntati eorum*.

352 Poẽ-se hoje Christo aos pés do Bautista, em quem se admirava a innocencia, o zelo, a pobreza, a humildade, a justiça; pois se isto mesmo succedera nas Religioens, que grande alivio tivera-mos nós outros os q̃ neste mundo fazemos papel de obedientes! Que facil fora sacrificar a vontade aos pés de hum Bautista! Que facil fora sacrificar a liberdade a os pés de hum Prelado, em quem conhecesse-mos a justiça, a humildade, a pobreza, o zelo, a innocencia! Mas se acaso succede o contrario? O' que grande desconsoação! O' que pesado sacrificio! Se acaso he peccador em vez de ser innocente, he relaxado em vez de ser zeloso, he avarento em vez de ser pobre, he soberbo em vez de ser humilde, he froxo em vez de ser justiceyro? O' que

pesado sacrificio! O' que grande desconsoação! Mas nesta desconsoação geral ha para os Religiosos hum alivio muyto grande, e he, q̃ quando obedecemos, havemos de considerar, que todas estas obediencias, todas estas foyeyçoens não as fazemos a hum homem, fazemo-las a o officio; não as dedicamos á pessoa, dedicamo-las a o lugar.

353 Vio S. Joã no Apocalypse, que vinte e quatro Anciaõs punhaõ as suas coroas diante do throno: *Mittebant coronas suas ante thronum*. Apoc. lyp. 4. 10. E bem! Se aquelles obsequios se dedicavaõ a Deos, como diz o Evangelista, que se faziaõ a o throno? Se S. Joã differa, que a os pés de Deos se punhaõ as coroas, bem estava; mas dizer que se punhaõ diante do throno: *Ante thronum*? Sim; porque aquelles Anciaõs davaõ-nos aquelle exemplo no Ceo, para

para q̄ nós os Religiosos nos consolasse-mos na terra: todas aquellas obediencias, todas aquellas foyeyçoens se dedicavaõ, se sacrificavaõ, e se offereciãõ, não á pessoa, senãõ ao lugar; e porque se naõ offereciãõ á pessoa; porisso o Euangelista diz, que se punhão diante do throno: *Ante thronum*. Bem sey eu, que quem estava no throno era Deos, a quem se deviaõ todos os obsequios, todas as obediencias, e todas as adoraçoens; mas cedeo esta vez a sua Magestade, para que tivesse este exemplo a nossa obediencia: faça a obediencia na terra, o que fez a obediencia no Ceo; para obedecer naõ ponha os olhos na pessoa,

ponha os olhos no lugar, ponha os olhos no throno: *Mittebant coronas suas ante thronum*.

353 O' alma Religiosa, se fizeres esta consideração, que segura caminhará a vossa obediencia! Bem sey, que a vossa cruz está na vossa foyeyção; mas tambem sey, que a vossa foyeyção não he á pessoa, he fim a o lugar; que tambem hoje Christo buscou a o Bautista, naõ porque elle fosse homem, mas porque elle era Bautista; naõ buscou a pessoa, buscou o lugar; e porque o Bautista tinha o officio de bautizar, porisso o Senhor se poz a os pés do Bautista, para que o bautizasse: *Vidit Joannes Jesum venientem ad se.*



S E R-



SERMÃO DE S. PEDRO

DE
A R B U E S,
Conego Regular, e primeyro Inquisidor de Aragaõ,

Em Lisboa, no Real Mosteyro de S. Vicente do Fóra, com o Santissimo Sacramento exposto, e assistencia do Sagrado Tribunal do Santo Officio.

Tollat crucem suam. Matth. 16.

S. I.

355



Az hoje hũ anno, que neste Templo celebramos a Beaticão

çaõ do Ilustre Mártyr; em Sagrado Inquisidor S. Pedro de Arbués. (Senhor) Faz hoje hũ anno, que neste Templo celebramos a Beaticão

Tom. I.

V. 2. ção

ção do Illustre Martyr, e Sagrado Inquisidor S. Pedro de Arbues : agora repetimos suas memorias, se não com a mesma pompa, com a mesma Magestade. Digo, com a mesma Magestade ; porque em huma, e outra acção se achou presente aquelle Soberano Senhor Sacramentado. E com razão assiste o Divinissimo Sacramento a os applausos deste prodigioso Santo : porque a hum Santo, que do ventre de sua mãy foy escolhido, bem he que lhe assista o Sacramento dos eleytos : *Fruentum electorum*. A hum Santo, que teve a excellencia da Virgindade, bem he que lhe assista o Sacramento, que produz Virgens : *Vinum germinans virgines*. A hum Santo, que sempre conservou a graça, bem he que lhe assista o Sacramento, que se chama boa graça, *Eucha-*

ristia, idest, bona gratia. A hum Santo, que foy grandemente sabio, bem he que lhe assista o Sacramento da Sabedoria : *Panis intellectus*. A hum Santo, que na Religião Canonica fez vida Angelica, bem he que lhe assista o Sacramento, que he pão dos Anjos : *Panem Angelorum*. A hum Santo, que foy o primeyro Inquisidor no Tribunal da Fé, bem he que lhe assista o Sacramento, que he mysterio da Fé : *Mysterium Fidei*. A hum Santo, que deu pela Fé a vida, bem he que lhe assista o Sacramento, que nos dá a vida eterna : *Qui manducat hunc panem, vivet in eternum*. Finalmente a hum Santo, que toda a sua vida trouxe a cruz a os hombros, bem he que lhe assista o Sacramento, que he memoria da Cruz : *Recolitur memoria passionis ejus*. Com razão logo, dizia

Psaln.
77. 25.

Joann.
6. 59.

eu, assiste o Senhor Sacramentado ás honras de seu servo. Bem empregado favor ; porque foy bem merecido. Vejamos como foy bem merecido o favor.

356 Huma cruz infinita o Senhor a seus servos, e he a que no presente Euangelho lhes manda, que elles tomem : *Tollat crucem suam* : e S. Pedro de Arbues, digo eu agora, não se contentou com huma cruz, tomou tres cruces, e cada huma por tres circunstancias muy pesada. Eis aqui como foy bem merecido o favor. Desembacemos estes fios. A cruz, que o Senhor manda tomar, he a cruz do estado da vida ; e S. Pedro, como teve na vida tres estados, por isso digo, que tomou tres cruces. Teve primeyro o estado de Mestre na Universidade de Bolonha, e tomou a cruz do Magisterio. O Tom. I.

que cruz por tres circunstancias tão grave ! Teve depois o estado de Conego Regular na Metrópoli de Saragoça, e tomou a cruz da Religião. O' que cruz por tres circunstancias tão pesada ! Teve finalmente o estado de primeyro Inquisidor no Reyno de Aragoã, e tomou a cruz do S. Officio. O' que cruz tão penosa por outras tres circunstancias ! Este pois foy o seu merecimento, e este será o nosso assumpto. Em cada cruz descobriremos as tres circunstancias, que lhe fazem grande o peso, tratando com brevidade as das duas cruces primeyras, para nos ficar tempo para as da cruz principal, que he a ultima. Comecemos.

§. II.

357 **T**ollat crucem suam. Cada hum tome a sua cruz, V 3 diz,

diz Christo, e tomou S. Pedro a cruz do Magisterio. Na cruz do Magisterio considero eu três circumstancias, que a fazem muy penosa. A primeyra circumstancia he a da fabledoria, que se requer para ensinar: Só os estudiosos, só os Sabios pôdem representar verdadeyramente o q̄ custão as sciencias. Ouçamos a Salamam: *Qui addit scientiam, addit & laborem.* Quem ajunta sciencia a sciencia, ajunta trabalho a trabalho: e isto porque? Perguntára eu agora. Porque todos os dias passa com afflicçoens, e de noyte não descança o juizo: *Cuncti dies ejus* (diz o mesmo Salamam) *doloribus pleni sunt, nec per noctem mente requiescit.* Todo o dia he huma dor continuada, he huma afflicção perpetua, e de noyte não tem o juizo descanço. Reparey, que diz o Senhor por S.

Lucas, tragaõ os seus servos a sua cruz todo o dia: *Tollat crucem Luc. suam quotidie*; e não diz, que a tragaõ de noyte: pois se haõde trazer a cruz todo o dia: *Quotidie*; porque não a traráõ toda a noyte? Porque a noyte fez-se para o descanço: não ha occupação de dia, a que não ponha tregoa a noyte; só os sabios não descanção nem de noyte, nem de dia. E agora entendendo eu, porque se compáraõ os sabios aos rios: he a razão; porque os rios nunca páraõ com seu passo, nunca descanção com suas agoas. Dizem, que a quietação da noyte lima os discursos; mas nunca limou a corrente dos rios; porisso nem de noyte tem alivio hum sabio: *Nec per noctem mente requiescit.* O' que penosa circumstancia em hum Mestre he esta da fabledoria! Diga-o S. Pedro;

dro; confesse quantas vezes levou as noytes sobre os liyros! Quantas vezes o visitou a Aurora no seu estudo! Que dia houve, em que não ajuntasse trabalho a trabalho! Que noyte, em que descançasse o seu juizo! Mas como havia ser rio nas sciencias, claro está, que havia levar tanto de dia como de noyte a sua cruz: *Tollat crucem suam.*

358 A segunda circumstancia, q̄ eu considero penosa a os Mestres na cruz da sua fabledoria, he viverem entre ignorantes, para haverem de os ensinar. Grande pensão he a ignorancia para os sabios! Se viveis entre sabios, he a fabledoria gofsto; se viveis entre ignorantes, he a fabledoria martyrio. No mundo mais são osignorantes, que os sabios, porque são infinitos em numero; e assim por mais que andeis não vos

livrais de viver entre ignorantes; e se vos não livrais delles, haveis de padecer huma rigorosa cruz. Da Cruz fez Christo esta petição ao Padre Eterno por aquella barbara gente, que o crucificára: *Pater, mitte illis: non enim sciunt quid faciunt.* Perdoay-lhes, Pay meu, porque a ignorancia os move. Notavel dizer por certo! Não publicou o Senhor por David, que o odio os animára: *Qui oderunt me gratis?* Não conheceo o mesmo Presidente Pilatos, que por enveja o entregáraõ: *Sciebat enim quod per invidiam tradidissent eum?* Pois se houve enveja, se houve odio nesta gente, como só para a ignorancia lhe pede Christo perdaõ: *Non enim sciunt?* Porque era Christo Sabio; e hum sabio poderá supportar a enveja do emulo, poderá soffrer o odio do malevolo; po-

Luc.
23. 34.

Pfalm.
34. 19.

Matth.
27. 18.

rém a ignorancia dos neficios he-lhe muy custosa; porisso diz Christo: perdoay-lhes, Senhor, a ignorancia; porque a sua ignorancia foy a minha Cruz: não me molestou tanto o seu odio, não me custou tanto a sua enveja, como me crucificou a sua ignorancia: *Dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt.*

359 Mas que ignorancia he esta, que assim crucificou a Christo? Que ignorancia he esta, que mais molesta a os sabios? Sabeis que ignorancia he? He a ignorancia, que tem os peccadores de sua salvação: saber, ou não saber sciencias, vay nisto pouco; saber, ou não saber salvar-se hum homem, vay nisto tudo: pôde haver fabio, que seja ignorante; pôde haver ignorante, que seja fabio: pôde haver fabio, que seja ignorante; porque pôde haver

fabio, que seja peccador, como Salamam; e todo o peccador, ainda que seja Salamam, he ignorante: *Omnis peccans est ignorans*: pôde haver ignorante, que seja fabio; porque pôde haver hum ignorante de letras, que seja como Job: *Vir simplex, et rectus, ac timens Deum, et recedens à malo*; e todo o Santo he fabio; porque a verdadeyra sabedoria consistê em saber salvar-se hum homem; que porisso a sabedoria se diz dos Santos: *Dedit illi scientiam sanctorum*. Ver po-
Sapient. 10. 10.
 is hum Santo fabio a ignorancia dos homens neste ponto: ó que sentimento tão grande! Tres vezes lemos no Texto sagrado, que chorou Christo; a primeyra vez, quando resuscitou a Lazaro: *Lacrymatus est Jesus*; a segunda, quando poz os olhos na Cidade de Jerusalem: *Flevit super illam*;

Hebr.
5. 7.

illam; a terceyra, quando acabou a vida na Cruz: *Cum clamore valido, et lacrymis*. Na verdade que se considerarmos o motivo destas lagrimas, parece tinha o Senhor outros mayores motivos para vertellas: não fora melhor chorar Christo na morte de seu amigo Lazaro, do que chorar na sua resurreyção? Não fora mais conveniente chorar na morte de seu parente o Bautista, do que chorar a perda de Jerusalem? Não parecêrao melhor estas lagrimas na morte de seu Pay putativo S. Joseph, do que ao despedir-se do mundo? Logo como não chora nem na morte de S. Joseph, sendo Pay; nem na morte do Bautista, sendo parente; nem na morte de Lazaro, sendo amigo; e chora, quando morre na Cruz; chora, quando se lhe representa as ruinas de Je-

rusalem; e chora, quando resuscita a Lazaro? Qual será a razão desta differença? Eu a direy: não chora Christo na morte de S. Joseph, do Bautista, e de Lazaro, porque erao Santos, e o Senhor não chora a morte dos Santos, porque com ella principião a vida eterna; chora a vida dos peccadores, que se eternizão na ignorancia de sua salvação: chorou na resurreyção de Lazaro; porque á vista de hum prodigio tão grande não houve hum peccador, que deyxasse suas ignorancias: chorou vendo a Cidade de Jerusalem; porque nem ainda com a fatalidade de suas ruinas haviaõ abrir os olhos os homens: chorou, quando se apartava do mundo; porque á vista de tanto sangue só hum Dimas se salvava: de sorte que a ignorancia dos homens no ponto da

da salvação era toda a causa das lagrimas de Christo. O' que custosa circumstancia he esta para hum sabio, viver entre ignorantes de sua salvação! Estava S. Pedro de Arbues Collegial no Collegio mayor de Bolonha, via os poucos annos divertidos com o mundo, reparava no desfrahimento dos mayores, na illusão, com que os traziaão os appetites, na cegueyra, em que viviaão os mais delles, finalmente naquella grande ignorancia, que tinhaão de sua salvação. Consideray agora, que de lagrimas verterião os seus olhos, que de dores sentiria o seu coração, que de penas padeceria a sua alma! Era Santo, e sabio; e como sabio, e Santo, que muyto, sendo semelhante a causa, imitasse elle a Christo, seguindo-lhe os passos com a cruz: *Tollat crucem*

suam?

360 A terceyra circumstancia, que faz pesada a cruz do Magisterio, he o mesmo acto de ensinar. Digaão-o os Mestres, que o experimentaão, que eu agora só reparo na igualdade, com que S. Pedro ensinava a todos: era S. Pedro Mestre para todos, ou fossem bons, ou fossem máos: tomou a doutrina de Salamam, e seguiu os dictames de David. Diz Salamam: *Doce justum.* Enfina a o justo. Diz David: *Docebo iniquos.* Ensinarey a os peccadores. Desorte que Salamam aconselha, que enfim a os bons, e não diz, que ensinem a os máos; David promette ensinar a os máos, e não promette ensinar a os bons: vem o Mestre S. Pedro a Bolonha, abraça o conselho de Salamam, e imita o empenho de David; põe-se igualmente a ensinar os bons, e os

Proverb.
b. 9. 9.
Psalm.
50. 15.

os máos; porque não só era Mestre na Theologia Escolastica, mas tambem na Mystica; não só era graduado nas sciencias, mas tambem no espirito; e assim ensinava os bons para que não fossem máos, e ensinava os máos para que fossem bons: foy seu empenho nesta parte a imitação daquelle Senhor no Sacramento. Da-se o Senhor Sacramento igualmente a os bons, e a os máos: *Sumunt boni, sumunt mali*: e ainda que os máos fiquem peores, não he este o intento de Christo; mas fim, que os máos sejaão bons, e que os bons não sejaão máos. Esta era tambem a tenção de Pedro na igualdade, com que ensinava a tão varios fogeytos; porisso persuadia a os máos, que fossem bons; porisso confortava a os bons, para que não fossem máos: este era o seu mayor estu-

do, e o seu mayor cuidado; este todo o seu desvelo, e esta a cruz, que tomou da sabedoria: *Tollat crucem suam.*

S. III.

361 A Segunda cruz, que tomou S. Pedro, foy a cruz de Conego Regular. Não ha cruz Religiosa, que não seja molesta; porque tem tambem tres circumstancias, que a fazem penosissima. As duas primeyras são materia muy commua, e assim não me deterey nellas; vejamo-las de passagem. He a primeyra circumstancia da cruz da Religião, fogeytar a vontade propria á vontade alhea. Ponto he este tão arduo á natureza humana, que até o mesmo Filho de Deos considerando no Horto, que havia ser entregue á alhea vontade: *Jesum verò tra-* Luc.
didit 23. 25.

Luc.

22. 42.

didit voluntati eorum; pedio a o Padre lhe transferisse o amargoso deste calis: *Transfer calicem istum à me*. E se hum homem Deos sente tanto fogeytar a vontade propria á vontade alhea, que será hum puro homem?

362 Com tudo eu ainda considero mais custosa a segunda circumstancia, que he captivar o entendimento: esta digo, que he mais custosa; porque huma vontade mais facilmente se fogeyta, hum entendimento rara vez se abate: para persuadir a vontade está o entendimento, que a obriga; mas para render o entendimento, quem haverá, que o vença? Como o entendimento he a potencia mais nobre, he mais difficuloso de fogeytar-se. E que será se entendendo vós na Religião huma cousa, vos mande o superior obrar

outra? Obrar contra o que entendeis, he circumstancia tão rigorosa de levar, que não ha juizo, que a não repugne. Vede o Apostolo S. Pedro com Christo no lavatorio. Ajoelhado Christo a os pés de Pedro para lhos lavar, repugna Pedro dizendo: *Domine, tu mihi lavas pedes?* Vós Senhor haveis-me de lavar os pés? Não he possível; porque eu entendo, que sois meu Senhor, que sois Christo Filho de Deos vivo, e como quereis que faça huma cousa contra o que entendo? *Non lavabis mihi pedes in eternum*. Isto está bem Pedro; mas se o Senhor o manda, se affirmo o dispõe o Prelado, que remedio? Que? Vencer estas repugnancias com a virtude da obediencia: *Domine, non tantum pedes meos, sed & manus, & caput*. Pois se em Pedro ha estas diffi-

Joan.

13. 6.

Ibi. 8.

Ibi. 9.

difficuldades; se no juizo da cabeça da Igreja ha repugnancia em obrar contra o que entende; que será o pobre subdito, quando nem he S. Pedro o que obedece, nem he Christo o que manda? Grande pensão! Penosa circumstancia! De S. Pedro de Arbues nada acho escrito nesta materia, em que merecesse; porque a virtude da obediencia, de que muyto se prezava, não lhe deu já mais lugar para vencer contradicoens da vontade, e repugnancias do entendimento; e desta forte era-lhe muyto suave a cruz da Religião: *Tollat crucem suam*.

363 A terceyra circumstancia da cruz da Religião, que eu considero mais penosa, que todas, he ser commum o descredito, e não ser o credito commum. Se fostes Santo, só vós sois Santo; se fostes imperfecto, todos na opi-

nião do mundo são imperfectos: bráva desgraça, mas verdadeyra! Pedem os Judeos a Pilatos, que lhe dê soldados para guardarem o sepulchro de Christo, porque temem, que o furtem os Discipulos: *Ne fortè veniant discipuli ejus, & furentur eum*. Reparo. Porque o não furtem os Discipulos? Os Discipulos de Christo? Os Apostolos? Huns homens de tanta santidade ha-se de presumir delles, que são ladroens? Que furtao? Que quereis, se da sua companhia sabio hum ladrao: *Fur erat?* E bastou ser Judas ladrao, para presumirem, que todos o seriao; porque esta he a desgraça de quem vive em commum; que basta o defeyto de hum particular, para ser o descredito de todos. *364 No Thabor estavao tres Discipulos, Pedro, Diogo, e João* fal-

Matth.
27. 64.Joann.
12. 6.

Marc. 9. 5. fallou Pedro, e errou no que disse: *Non enim sciebat quid diceret.* Eis que logo desce huma nuvem, e afombra a todos: *Aabuc eo loquente, ecce rubes obumbravit eos... & ceciderunt in faciem suam.* Pois se o erro foy particular, porque hade fer o castigo commum? Desorte que a necidade de Pedro hade comprehender tambem a os que não falláraõ? Foy o erro de hum só, e hade fer o castigo de todos? Sim; porque eraõ todos do mesmo Collegio, e essa he a desgraça, que sendo o credito particular, he commum o descredito; porque os defeytos tem as qualidades do mal contagioso, o que não tem as virtudes: nunca a virtude de Pedro se pegou a Judas; e julgáraõ os homens, que o defeyto de Judas se pegaria a Pedro. Em

huã cõmunidade nunca a fantidade de hum, por grande que fosse, bastou para dar a todos a opiniaõ de santos; e basta o defeyto de hum, por pequeno que seja, para dar opiniaõ de defeytuosos a os mais. Que mayor Santidade, que a de Christo? Crucificáraõ-no entre dous malfeytores, e ficou reputado como elles: *Et Marc. cum iniquis reputatus* 15. 28. *est.* O' que circumstancia taõ penosa he esta! Padecer hum Santo pelo defeyto alheo! Ter tanta força o defeyto particular para o descredito de todos, e não ter a mesma força para o credito dos mais a virtude de hum Santo? Que não baste a virtude de S. Pedro de Arbues para acreditar de Santa a sua communiidade; e que baste a minima leviandade de hum moço para desacreditar a todos? E que ainda com esta circumstancia

taõ

taõ penosa abraçasse com tanto fervor S. Pedro o estatuto de sua profiçãõ? Grande espirito de Santidade, e grande amor da sua cruz: *Tollat crucem suam.*

S. IV.

365 **A** Terceyra cruz, que o nosso Santo tomou, foy a cruz da Inquifição, tanto mais pesada, quanto menos entendida. Não ha duvida, que, abayxo do Supremo Pontifice, o mayor lugar, que ha na Igreja, he o lugar de Inquisidor; porque hum Inquisidor he hum Vice-Deos na terra, como logo veremos; e quanto he mayor o lugar, tanto mais pesada he a cruz; porque a cruz pesa-se com a dignidade. A mais pesada cruz, q̄ houve, nem hade haver, foy a de Christo; e isto porque? Porque se pesou com a dignidade de Salvador: a dignidade de Salvador

he a mayor, que houve, e póde haver: logo não houve, nem póde haver mais pesada cruz, que a sua. Agora a o nosso caso: a dignidade de Inquisidor he a mayor depois do Pontifice: logo a sua cruz hade fer pesadissima. Porisso repugnou S. Pedro de Arbues a esta dignidade com todas as véras: conheceo o peso da cruz, e publicou fraqueza em seus hombros; mas vendo que de novo o obrigavaõ; disse a Deos com profunda humildade: *Fiat voluntas tua.* E ajuntando-se a primeyra vez naquelle Tribunal, fez huma pratica a seus Ministros, encommendando-lhes muyto a assistencia quotidiana, que haviaõ fazer, o inviolavel segredo, q̄ haviaõ guardar, e o ardente zelo da Fé, com que haviaõ tratar a causa de Deos. Estes foraõ os tres pontos da sua pratica; e estas

faõ

taõ as tres circumstancias, q̄ fazem taõ pesada a cruz de Inquisidor.

366 A primeyra circumstancia, que faz pesada a cruz da Inquisição, he a assistencia; porque he esta assistencia de todo o dia. Chamou o Senhor Ministros para a sua Igreja: huns acodirão á hora de prima, outros á hora de terça, outros á hora de sexta, e noa, e outros á hora de vésperas: quando foy no premio todos leváráõ o mesmo. Desta igualdade do Senhor procedeo huma grande queyxa nos primeyros Ministros: *Venientes autem & primi... murmurabant.* Agora pergunto: esta igualdade do Senhor não foy defiguldade para todos, excepto os ultimos? Não ha duvida: pois logo que razão ha para que se queyxem os que vieraõ á hora de prima, e não se queyxem os que vieraõ á hora de terça,

de sexta, e noa? Se se queyxaõ os primeyros, porque se não queyxaõ os segundos, e terceyros? Porque nem os terceyros, nem os segundos tiveraõ a assistencia de todo o dia, como os primeyros: *Portavimus pondus diei, & æstus;* e he coufa taõ pesada a assistencia de todo o dia, que só o fente quem o padece. A o dar do premio advertio o Senhor, que o dava igual, porque assim queria: *Volo autem & huic novissimo dare sicut & tibi.* Se a vontade não igualára a todos no premio, a justiça havia exceder o dos primeyros; porque os primeyros haviaõ suportado o trabalho de todo o dia, que he assaz rigoroso: *Portavimus pondus diei, & æstus.*

367 Difsemos na cruz do Magisterio, que a fazia penosa a assistencia do estudo; porque era hum trabalho,

que se continuava de dia, e não cessava de noyte; porém amim me parece muyto mais penosa a assistencia do S. Officio, por tres razoes. A primeyra; porque a assistencia do estudo he voluntaria: estudais, se quereis, e se não quereis, não estudais: a assistencia daquelle Tribunal não he assim; porque, ainda que não queyrais, haveis de assistir. Segunda razão; porque da assistencia do estudo lucráis muytas conversoes; porque converteis muytas sciencias em vós, como fez S. Pedro de Arbues, que foy Filosofo, Legista, Canonista, e Theologo: da assistencia da Inquisição ordinariamente nada lucráis; porque por mais que se cansem aquelles Ministros, nunca se acabaõ de converter aquelles homens: e huma assistencia de todo o dia, cujo primario in-

Tom. I.

tento he a conversão de huns taes homens, sem se acabarem de converter! Grande sentimento para hum Inquisidor! Naquelle Divinissimo Sacramento nos assiste o Senhor todos os dias, e assistirá até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem seculi.* E qual he o empenho deste Senhor naquella assistencia quotidiana? He, que se convertaõ os homens nelle: *In me manet.* Bem: mas se os homens se não convertem nelle, que será? Que será, se se não converterem os homens? Digo, que se o Senhor estivera no Sacramento passivel, assim como está impassivel; se estivera capaz de sentimento, assim como está glorioso, nada sentiria mais do q̄ ver, q̄ se não convertiaõ os homens á vista de sua quotidiana assistencia. Pois se isto havia de passar

X por

por hum homem Deos, consideremos agora o que custará a taõ grandes Ministros sua quotidiana assistencia, sem o lucro cabal da conversão daquelles homens?

368 A terceyra razão, porque he mais penosa esta assistencia, que a do estudo, he; porque na assistencia do estudo tirais do saber a gloria; na assistencia da Inquisição tirais do saber a pena: saber o que são aquelles homens, saber que são inimigos da nossa Fé Catholica, e ainda assim assistir-lhes todo o dia! Grande pena para os Ministros do Tribunal da Fé! Queyxa-se o Senhor por Itaias com estas palavras referidas por S. Paulo: *Tota die expandi manus meas ad populum non credentem, & contradicentem.* Todo o dia estive com os braços abertos para o povo incredulo;

todo o dia estive com os braços em cruz para hum povo, que me está sempre contradizendo: *Ad populum contradicentem.* Pois, meu Deos, e Senhor, não foy vontade vossa estar todo o dia com os braços abertos? Sim: *Oblatus est, quia ipse voluit:* logo para que vos queyxis, se foraõ disposições da vossa vontade? Parece, que me responde o Senhor: não me queyxo da assistencia em razão da cruz; mas em razão do conhecimento, que tenho desta gente: conhecer, que he hum povo incredulo: *Populum non credentem:* Saber, que me está sempre contradizendo: *Populum contradicentem;* e ainda assim fazer-lhe assistencia no Tribunal da cruz todo o dia: *Tota die?* Grande molestia para o Senhor, e grande pena para os Ministros de sua Fé! Muy rigorosa era

Isai. 53. 7.

a assistencia, que S. Pedro de Arbues fazia no Tribunal Santo; porém o que mais lhe custava eraõ as poucas, ou nenhuma conversões daquela gente, e o conhecimento, que tinha della: saber, que era gente incredula, fingida, e contradizente á Ley de Christo, seu verdadeyro Messias! Conhecer que nunca de veras se havia emendar; porque tudo nella he fingimento! E ainda assim assistir-lhe todo o dia! Grande, e penosa circumstancia da cruz, que levava: *Tollat crucem suam!*

S. V.

369 **A** Segunda circumstancia, e bem trabalhosa da cruz da Inquisição, he o segredo. O segredo he ponto taõ essencial no Tribunal do S. Officio, que o mesmo Senhor o ensinou a os primeyros

Inquisidores da Ley da Graça. Transfigurou-se Christo no Thabor com aquella magestade, que descrevem os Evangelistas: todo era rayos e monte, porque era hum Sol o seu rosto; todo era candido o trage, porque era neve o seu vestido; cessáraõ vozes humanas, porque se ouviraõ as Divinas; fallá o Filho de si, fallá o Padre do Filho; finalmente acabada aquella gloria, adverte Christo a os Discipulos, que guardem inviolavel segredo: *Nemini dixeritis visionem.* Notavel segredo nesta occasião! Huma gloria nunca vista, huns resplandores nunca cabalmente entendidos, hum pasmo dos olhos humanos, huma suspenção do discurso, assim hade ficar em silencio? Se mandára o Senhor, que se não publicassem suas penas, estava bem; mas suas glorias, porque não

Math. 17. 9.

quer que se digaõ: *Nemini dixeritis?* Porque estava o Senhor naquella monte, como no Tribunal da Inquisição, tratando com Moyses, e Elias das injurias, que lhe haviaõ fazer os Judeos: *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem;* e como eraõ negocios da Inquisição, e os tres Discipulos os que depois haviaõ ser primeyros Inquisidores, logo ali os instruhio no segredo, que haviaõ guardar em semelhantes negocios; porque he este hum dos pontos mais essenciaes daquelle Tribunal. O segredo he a alma dos negocios: se quereis ver hum negocio perdido, revelay-lhe o segredo: os negocios de porte com o segredo se conseguem; e que negocios de mayor importancia, que os que se trataõ naquelle Santo Tribunal? Pois que fo-

ra destes negocios, e do mesmo Tribunal, se se rompêra o segredo?

370 Dezeja o Apostolo S. Pedro saber quem he o traydor; roga a S. Joaõ, que o sayba de Christo; pergunta Joaõ a o Senhor: *Domine quis est?* Diz Joann, Christo a Joaõ: *Ille est, cui ego intinctum panem porrexero;* e Joaõ o não diz a Pedro: *Hoc autem nemo scrivit discumbentium.* Grande duvida! Se Joaõ pergunta a Christo, quem he o traydor, porque lho tinha pedido Pedro; e se Christo o diz a Joaõ, porque o não diz Joaõ a Pedro? porque aquelle negocio era negocio da Inquisição, que dependia do segredo. Mayor duvida! E S. Pedro não estava destinado para Pontifice, e Inquisidor Supremo? Sim estava: logo porque não diz Joaõ a Pedro o que passa! Porque advertio Joaõ na con-

condição de Pedro; se Joaõ revelára o segredo, se diffêra a Pedro quem era o traydor; era Pedro taõ amante de Christo, era taõ zeloso da sua honra, que logo com suas proprias mãos mataría a Judas: he sentir de alguns PP. Eis que Pedro homicida, já aquelle Tribunal descomposto, o Senhor desgostado, o acto da redempção embaraçado, e tudo por se revelar o segredo daquelle Tribunal: o segredo pois sustentou aquelle negocio, o segredo sustentou aquelle Tribunal. Porisso S. Pedro de Arbues encômendou tanto a seus Ministros o segredo; porq̃ vio o muyto, que delle dependia aquelle Tribunal santo.

371 Mas q̃ penosa circumstancia da cruz he esta! O fallar he natural nos homens; e ordinariamente se falla nas materias, que se trazem entre mãos: e que seja taõ

rigoroso aquelle Tribunal, que vos obrigue a hum perpetuo segredo? Custosa circumstancia na verdade! Não sey se reparastes já em huma cousa digna de reparo. Entra hum fogeyto grande na Inquisição (q̃ todos saõ grandes fogeytos os que ali entraõ) entra na flor da idade, e quando mais em idade perseyta: eis que em breve tempo envelhece. Pois que he isto? Nos outros Tribunaes parecem os homens dos annos, que saõ; neste Tribunal parecem de mais annos, do que tem? Nos outros Tribunaes os annos envelhecem, neste Tribunal envelhece-se antes dos annos? Sim; que neste Tribunal ha segredo inviolavel. Não digo, que nos outros Tribunaes não ha segredo; mas não he o seu segredo como o segredo da Inquisição: o segredo da Inquisição he se-

greto, q̄ de nenhum modo se rompe; e hū segredo tão rigoroso, q̄ muyto he q̄ envelheça antes de tempo? *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea.* Porque guardey segredo, diz o Real Profeta, até os ossos me envelhecêrao. Tão poderoso como isto he hum segredo para envelhecer, que teve jurisdição na parte interior do corpo de David; porisso não só lhe envelheceo o aspecto, mas tambem os ossos. Os annos de David forão settenta e hum, que naquelle tempo ainda mostravao ser os annos da mocidade; e a Escritura diz, que envelhecêra David: *Rex David senuerat.* Pois envelheceo David nos annos da mocidade? Sim; porque guardou segredo: *Quoniam tacui.* Eis aqui o que custa o segredo da Inquisição; porisso ainda que entrem naquelle Tribu-

Pfalm.
31. 3.

3. Reg.
1. 1.

nal moços, logo envelhecem. Entrou S. Pedro de Arbues a Inquisidor de idade de quarenta e tres annos, idade de varaõ perfeyto; martyrizárao-no no anno seguinte, em que fazia quarenta e quatro; e as estampas suppõe-no de mais annos; pois que he isto? Muytos annos no aspecto, poucos annos na idade? Sim; que bastou hum anno de Inquisidor, bastou hum anno de segredo da Inquisição, bastou esta circumstancia da cruz para o envelhecer: *Tollat crucem suam.*

§. VI.

372 **A** Terceyra circumstancia da cruz da Inquisição, que he de mayor peso, he a causa, que se trata. A causa, q̄ se trata naquelle Tribunal, he a causa de Deos entre os homens. Grandes Ministros, e com grandes po-

poderes são necessarios para tratarem entre os homens a causa de Deos! Entendo, que para tratarem estes Ministros a causa de Deos, he necessario, que sejaõ huns Deoses na terra. Faz o Senhor a Moyfes Deos de Faraõ, e fallo tambem Deos dos Israëlitas: que o fizesse Deos de Faraõ, dillo o Texto Segundo: *Constitui te Deum Pharaonis;* que o fizesse Deos dos Israëlitas, o deraõ elles a entender com a petição, que fizêraõ a Aram: *Fac nobis deos, qui nos precedant: Moysi enim huic viro, ignoramus quid acciderit.* Vem a dizer: Day-nos Deos; porque nos falta Moyfes; e se Deos havia de substituir a falta de Moyfes: logo Moyfes era Deos; mas não era Deos na pessoa, era Deos nos poderes, que tinha de Deos, como advertio o Abulens. lense: *Dedit ei talem potestatem, qualem solus*
Tom. I.

Dcus habet. O que supposto, duvido assim: que seja Moyfes Deos de Faraõ, está bem; porque huma Magestade endurcida só a podiaõ abrandar huns poderes adeosados; mas que seja tambem Deos dos Israëlitas? Porque razaõ? Porque Moyfes havia tratar entre os Israëlitas a causa de Deos, havia intimar a Ley áquelle povo, havia fazer guardar essa Ley, havia reduzir os rebeldes, havia castigar os contumazes, finalmente havia ser o Juiz da causa de Deos; e he este officio de tanta consideração, e grandeza, que he necessario que seus Ministros sejaõ huns Deoses na terra. Sombra foy a Ley Escrita da Ley da Graça: sombra foy logo Moyfes de hum Inquisidor. E se Deos dá tantos poderes á sombra, que será á luz? Confesso que eraõ grandes os poderes de Moyfes;

mas todos me haõde conceder, que são maiores os poderes de hum Inquisidor: porque os poderes de Moyses chegavaõ a os vivos; os poderes de hum Inquisidor estendem-se tambem a os mortos: os poderes de Moyses chegavaõ a julgar os vivos, e dahi não passavaõ; os poderes de hum Inquisidor passaõ a julgar os mortos: nem os vivos escapaõ da sua justiça, nem os mortos se eximem da sua sentença. Na verdade, que mais devemos entender as palavras de Abulense por hum Inquisidor, que por Moyses: *Dedit ei talem potestatem, qualem solus Deus habet.* Só Deos he juiz dos vivos, e dos mortos; e esse poder tem tambem hum Inquisidor: *Qualem solus Deus habet.*

373 A' vista de tão grande poder, com que julgava o nosso Inquisidor, gemiaõ os Chri-

staõs Novos em todo aquelle Reyno de Aragoã, e dizião, que era huma nova invenção, q̄ introduziraõ os Christaõs Velhos para acabar de extinguillos: provera a Deos, que já estiveraõ extinctos! Notay: chamavaõ-lhe invenção nova: ora vede a sua ignorancia. Vem cá barbara gente: o Tribunal do S. Officio he coufa nova? Lede o segundo livro do Paralipomenon capitulo 19. e achareis estas palavras:

In Jerusalem quoque constituit Josaphat Levitas, & Sacerdotes familia-

rum ex Israël, ut iudicium, & causam Domini judicarent. Querem dizer: Josafat instituiu em Jerusalem hum Tribunal de Levitas, e Sacerdotes da familia de Israel para julgarem a causa do Senhor. Pergunto: que Tribunal era este? Não me negareis, que era Tribunal da Inquisição; porque elles

elles não podiaõ julgar, sem inquirir. E q̄ Ministros eraõ estes? Haveis de confessar, que eraõ Ministros do S. Officio; porque tratar da causa de Deos he officio santo. Pois se houve este Tribunal no tempo de vossos avós, como lhe chamais perseguição, e invenção nova? Sabeis porque lhe chamaõ perseguição nova? Porq̄ elles sempre mostraõ serem Christaõs Novos: deyxem elles de mostrar o que são, e logo não seraõ perseguidos. Se havendo este Tribunal, ainda permanecem em seus erros; que seria se o não houvera? Seria o que foy no tempo de El-Rey David, e seria o que foy no tempo de S. Pedro de Arbues. No tempo de David não houve este Tribunal, e eraõ tantos os peccados, e tão grandes os desfacatos, que fazia esta gente ao fagrado, que deu vozes

o Profeta dizendo: *Ex-urge Deus, judica causam tuam.* Levantayvos, meu Deos, e julgay a vossa causa; levantayvos, e attentay por vossa honra. No tempo de S. Pedro de Arbues andavaõ tão soltos os da nação Hebréa, que foy necessario acudir-lhes com este Tribunal, para extinguir suas maldades: em cujo empenho se mostrava o grande zelo de S. Pedro de Arbues, como o de S. Pedro Apostolo. Contra os entendidos, contra os mais vistos nas Escrituras era o fio da sua espada; porque achava, que mais offendião a Deos os entendidos, e os letrados, q̄ os rudes, e ignorantes; e isto era julgar verdadeiramente a causa de Deos como S. Pedro.

374 No Horto levou Pedro da espada, e ferio a Malco. Todos reparão neste golpe, e perguntão, porque

que não ferio Pedro a outra pessoa? Se era feu intento defender a Christo, porque não fez rosto a toda aquella manga de soldados? Mas contra o pobre Malco, contra o fervo humilde? Sim; que, conforme a opinião recebida, era Malco o que tinha a luz; e a luz significa o entendimento, significa a razão; e hum homem de entendimento, hum homem de razão obrar o que obraõ os ignorantes, concorrer para o que concorrem os cegos, não o póde relevar S. Pedro. A luz significa a sabedoria; pois luz, que hade guiar mal, letras, que haõde aconselhar erros, bem he, que sintão de Pedro o golpe. Errar o nescio, errar o ignorante, que não dá outra razão mais que seguir o que seguiu seu pay! Grande erro, e grande magoa! Mas er-

rar o entendido, errar o letrado, que lê os Profetas, e vê a explicação de seus mesmos Rabbinos, e ainda affim perderse a si, e deytar a perder os outros! Isto he o que não podia soffrer S. Pedro de Arbues, como hum S. Pedro Apostolo: porisso contra estas falsas luzes era mais efficaz o golpe da sua espada. Mas como sentiaõ o golpe, preparáraõ outro á vida de S. Pedro, que já tinha mostrado a o mundo, que eraõ seus hombros capazes de tres cruces; ou porque parece tardava Deos com o premio de tantos merecimentos; e se os merecimentos forão de tres cruces, que tomou, qual havia ser o premio, senão a coroa do martyrio?

§. VII.

375 **M** Artyrizáraõ em fim os Ju-

Judeos a S. Pedro; e não reparo nas circunstancias do martyrio; porque he materia larga; reparo na razaõ, que derão para o martyrizar. Matemos a o Inquisidor, disse hum Rabbino letrado, porque com sua morte acabará esta perseguição. O' que cego juizo! Que errado conselho! Que remediais com a morte de hum Inquisidor, se logo hade haver outro, que o substitúa? Imaginais, que se acabará o Tribunal com huma vida? He ignorancia; porque este Tribunal tem de algum modo semelhanças com o Sacramento. Em quanto houver homens, hade haver este Sacramento; q̄ isso nos asseguraõ aquellas palavras: *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem sæculi.* Em quanto houverem Judeos, hade haver Tribunal do Santo Officio. Reparay agora na semelhança: todos os homens bautizados chegam á mesa do Sacramento; e todos os Judeos, que vão á mesa do Santo Officio são bautizados: o Senhor no Sacramento tem justiça, e misericordia; e os Inquisidores naquelle Tribunal tambem tem misericordia, e tem justiça; que isso significa a espada, e a oliveyra das suas armas: tem o Senhor justiça, e misericordia no Sacramento; porque a os que vão contritos da-lhe vida; a os que vão impenitentes da-lhe morte: *Mors est malis, vita bonis.* Tem os Inquisidores misericordia, e justiça; porque a os impenitentes daõ-lhe a morte, relaxando-os a justiça secular; a os contritos daõ-lhe vida, perdoadõ-lhe a culpa: logo se a mesa da Inqui-

Matth.
28. 20.

quificação tem semelhanças com a mesa do Sacramento ; assim como hade haver Sacramento , em quanto houverem homens ; assim tambem , em quanto houverem Judeos , hade haver Inquificação : logo errado foy o parecer do Rabbino , cego o discurso do seu juizo. Mas aquella cegueyra deve S. Pedro a auréola de Martyr , e nós a dita de seu amparo.

376 He S. Pedro de Arbues advogado da peste. Apareceo o Santo a hum seu devoto , e disse , que todo o que lhe rezasse de joelhos hum Padre nosso , e huma Ave Maria , não feria ferido deste mal. Agora quereis saber , que peste he esta de que o Santo he advogado ? Ora eu o digo : he advogado da peste dos Judeos . Entendamos : he advogado con-

tra esta gente pestilencial. Que seja pestilencial, disse-o David, que a conhecia muyto bem : *Beatus vir, qui Pfalm. non abiit in consilio impiorum, & in via peccatorum non stetit, & in cathedra pestilentiae non sedit.* Bemaventurado o varão, que não vay pelo conselho dos impios, nem pára no caminho dos peccadores, nem se assenta na cadeyra da peste. Nisto he que reparo : cadeyra de peste ? Cadeyra da pestilencia ? E que cadeyra he esta ? He a cadeyra dos Rabbinos , em que se assentão a ler os seus erros : logo se a cadeyra he de peste , elles são a pestilencia desta cadeyra. Pois contra esta peste do judaismo he o nosso mais poderoso advogado o Glorioso S. Pedro de Arbues ; e se todos os dias lhe refarmos , não hade cá entrar

trar tal peste. Haverá pois quem falte a esta devoção ? Haverá quem não seja particularmente devoto de hum tão poderoso advogado ? Cuido que não. Assim o permitti vós, meu Deos , e Senhor , pára que triunfe no mundo a vossa Fé , e vos confessem todos admiravel neste vosso Santo, que tanto cuidou sempre em vos seguir, como bom Discipulo, que em nenhum estado da vida largou de seus hombros a cruz ; antes sempre trouxe nel-

les em quanto Mestre a cruz do Magisterio , em quanto Cenego Regular a cruz da Religião , em quanto Inquisidor a cruz do S. Officio ; á qual se em sua vida unio a espada , jeroglifico da justiça , que usou com seus contrarios ; depois de sua preciosa morte lhe unio a oliveira , symbolo da paz , que por seus merecimentos segura a seus devotos na Cidade propriamete della , que he a Bemaventurança da Gloria. *Ad quam nosperducat, &c.*



SER-



SERMÃO DE S. THEOTONIO.

Primeyro Prior do Real Mostey-
ro de S. Cruz de Coimbra,

Prégado no mesmo Convento, com o Santissimo
Sacramento exposto.

*Sint lumbi vestri præcincti, & lucernæ ar-
dentes in manibus vestris, & vos simi-
les hominibus expectantibus domi-
num suum. LUC. I 2.*

S. I.

377



Encontra-
das te-
mos hoje
as vozes
da razao com as vozes
do mundo. (Senhor)
Encontradas temos ho-
je as vozes da razão
com as vozes do mun-
do; ou ao menos a pré-
gação da festa, com a
sua politica: a prégação
he

he por hum filho indig-
no de Theotonio, a
politica ensina, que ha-
via fer por hum estra-
nho: encontradas estaõ
logo a politica, e a
prégação. Que a po-
litica ensine haverem
de fer ditas as excel-
lencias de meu Padre
por hum estranho, he
certo. Parece que a-
quelle pejo natural, que
em cada hum de nós
poz a natureza, prohibe
a cada hum dizer fu-
as excellencias; porisso
faõ em dizellas admitti-
dos os estranhos, e naõ
os suspeytosos, e do-
mesticos. Provemos es-
ta verdade commua.

378 Perguntando
Christo a os Discipulos
o que dizião delle? Res-
pondeo S. Pedro: *Tu es*
Matth. 16. 16. *Christus, filius Dei vi-
vi.* Não reparo na re-
posta, reparo na pessoa,
que a deu. Porque ra-
zão faz S. Pedro esta
confissão de Christo, e
naõ S. João? Nesta con-
fissão não hia menos a

Christo, que o credito
da sua Divindade; João
era hum Discipulo a-
mado: *Discipulus, quem*
Joann. 21. 7. *diligebat Jesus*; Pedro
era hum Discipulo já
reprehendido em seus
ditos: *Nesciens quid*
Luc. 9. 33. *diceret.* Pois porque ra-
zão faz Pedro esta con-
fissão, e não João? A
razão he esta a meu
ver: Pedro naõ tinha
parentesco com Chri-
sto; João estava em
gráo conhecido de pa-
rentesco: por onde João
era domestico, e paren-
te; Pedro, ainda que
domestico, era de san-
gue estranho. Ah sim?
Pois não faça João esta
confissão, porque será
suspeytosa; faça-a Pe-
dro, porque será admit-
tida: *Tu es Christus, filius Dei vivi.*

379 E se a politica
ensina não dizerem os
proprios seus louvores,
porque isso pertence a
os estranhos, encontra-
da está, como eu di-
zia, a politica, e a pré-
ga-

gação. Porém se a politica está encontrada com o Sermão, o Sermão está ajustado com o Santo. Como Theotónio foy hum Santo enclaustrado, enclaustrado hade ser o Prégador da festa de Theotónio: cede esta vez a politica á clausura; pois dizendo a politica do mundo, que o Prégador havia fer estranho, e não domestico; a clausura do Santo diz, que hade fer domestico, e não estranho o Prégador da festa de Theotónio. Tudo provo.

380 No dia, em que entrou a Virgem Santissima em casa de Santa Isabel, correo a festa de Christo por conta de S. João: *Exultavit infans in utero ejus*. Pois porque o não festejou Zacarias? Isto pedia a politica, supposto era de Zacarias a casa, e não do Bautista, que ainda estava no ventre: além de que o Bautista

era parente de Christo por sua mãy Isabel, e Zacarias ficava sendo estranho no sangue, pois tinha só por affinidade o parentesco: logo porque o não festejou Zacarias? O Bautista antes de nascer he que hade festejar a Christo? Sim; porque Christo estava enclaustrado no ventre da Virgem; e a Christo enclaustrado no ventre da Virgem, só o póde festejar o Bautista enclaustrado no ventre de Isabel: *Exultavit infans in utero ejus*. Cedeu aquella vez a politica á clausura: a politica pedia, que o festejasse Zacarias, que era estranho; e a clausura de Christo fez, que o festejasse João, ainda que parente; porq̃ a Christo no ventre enclaustrado, só o Bautista domestico no parentesco, e enclaustrado no ventre o devia festejar, e mostrar ao mundo. O mes-

mesmo, que lá succede em casa de Zacarias (ainda que vay muyto de Prégador a Prégador) he o que hoje succede na casa de S. Cruz; com que fica vencida a difficuldade, que podéra ser censura; tratemos agora do thema.

S. II.

381 **A** Pertay-vos, diz Christo: *Sint lumbi vestri pracincti*. Roupas largas grandes Magestades publicão; eudiffera: roupas largas largas consciencias mostraõ. Como póde fer deligente para as coufas do Ceo, quem anda embaraçado com os vestidos da terra? Aquella occasião, em que Christo quiz subir para o Ceo: *Ut transeat ex hoc mundo*; foy a mesma, em que deyxou os vestidos: *Ponit vestimenta sua*. E porque? Porque quiz mostrar, que são os vestidos embaraço para o Ceo. Não assim as Magestades do mundo: aquella largueza, que haviaõ ter nas açcoens, para serem liberaes, puzeraõ-na nos vestidos, para andarem embaraçados. Queyxava-me eu, que sendo a natureza tão amiga dos animaes, fosse tão inimiga dos homens: não ha animal, que em seu nascimento não tenha seu vestido: cada hum no nascimento, que teve, logo gozou o ornato, que havia ter: só o homem nasce despidido, privado de todos os vestidos, que hade ter depois: e isto porque ferá? A meu entender he: porque o homem he Rey de todos os animaes; e havendo de sentir-se alguma descomodidade no berço, he bem sentilla o homem, que he Rey, e não os animaes, que são vassallos. Bom dictame para

Joann.
13. 1.

Ibi. 4.

Superiores ! Mas que mal observado ! Não vemos os Superiores despidos para se vestirem os subditos, mas choraõ os subditos despídos para se vestirem os Superiores: ó q̄ crueldade!

382 Sempre reparey naquelle vestido, que fez Adam das folhas de figueyra. Naõ sentia já Adam como mortal as descomodidades do tempo? Sentia: pois busca as folhas de figueyra para reparo? Naõ era melhor vestir-se da pelle de algum animal? Sim era: pois porque se naõ veste? Porq̄ Adam era Presidente dos animaes; e parèceria muyto mal Adaõ vestido, sendo Presidente, e o animal despedido, sendo subdito. Bem sey eu, que depois o vestio Deos de pelles; mas tambem sey, que naõ se diz, que fossem tiradas de animal algum; porque isso seria crueldade.

383 Depois de cin-

gidos, continúa Christo, tende nas maõs lucernas: *Et lucernæ ardentés in manibus vestris*. E porque naõ outro genero de candeas? Porque entre todas as candeas a lucerna he aquella, que sabe comunicar parte da luz, que tem, sem a comunicar toda; sabe dar luz, e sabe esconder rayos. Boa politica tambem para Superiores; porque nem devem comunicar toda a luz de seu governo; pois he perigoso o governo, onde tudo sahe á luz: nem haõde occultar tudo; porque he achaque irremediavel, o que a todos se occulta: as obras, ou palavras de hum Superior haõde fabellas alguns, e naõ as haõde entender todos.

384 Aquellas palavras: *Eli, Eli*, que Christo disse na Cruz, tiveram duas declaraçoens; huma falsa, outra verdadey-

Matth. 27. 46.

deyra: a verdadeyra foy dos Euangelistas, que explicáraõ, que ellas diziaõ Deos: *Hoc est: Deus meus, Deus meus*; a falsa foy dos Judeos, que explicáraõ, que queriaõ dizer Elias: *Eliam vocat iste*. E que diversidade he esta? Direy: Estava Christo na Cruz intitulado Rey, e Superior dos Judeos: *Rex Judeorum*; e as palavras de hum Superior devem fabellas alguns, porisso as entendêraõ os Euangelistas; naõ devem entendellas todos, porisso as ignoráraõ os mais Judeos.

385 Sede (vay continuando Christo) semelhantes áquelles servos, que esperaõ o Senhor: *Et vos similes hominibus expectantibus dominum suum*. E porque naõ serão semelhantes a esse Senhor, que vem das yodas? A razão he; porque naõ está Deos bem com os Senhorios da terra: naõ

sey, que tem Deos contra os poderosos; mas digaõ elles, que he o que tem contra os humildes, que então direy eu o que Deos tem contra elles. Esta he a letra em summa das palavras, que tomey por thema. Entre as varias explicaçoens deste Evangelho, a de Theofylacto me pareceo a mais ajustada á vida de meu Padre S. Theotonio. Diz Theofylacto, que aquelle, a quem Deos manda cingir, a esse faz seu Ministro: *Postquam Do-*

Theo-
minius Discipulum secum
nudavit Ministrum fecit.

phyl.
E assim todo o meu empenho será hoje, mostrar nas mesmas palavras do thema a meu P. S. Theotonio hum bom Ministro de Deos, isto he, hum Prelado, e hum Superior perfeyto. Vamos vendo estas perfeçoens, até onde chegarem as clausulas do thema.

S. III.

386 **S** *Int lumbi vestri praecincti.* Cingi-vos, e apertayvos, diz Christo. Notavel modo de dizer! Os Discipulos para que se haõde cingir? Para que se haõde apertar? Quando Christo os manda ser semelhantes a os homens, logo diz, que he para esperar o Senhor: pois se lhes diz para que haõde ser semelhantes, porque lhes naõ diz para que haõde ser cingidos? Caso he este, que vejo encontrado com muytos lugares da Escritura. Se leres o Profeta Jeremias, achareis, que, quando Deos o mandou cingir, foy para prègar: *Tu ergo accinge lumbos tuos, & loquere ad eos.* Se leres o livro de Tobias, achareis, que aquella Anjo, que elle vïo cingido, era para ser caminhante: *Præ-*

Jerem.
1. 17.

cinctum, & quasi para- **Tobi.**
tum ad ambulandum. Se 5. 5.
leres o quarto livro dos Reys, achareis, q quando o Profeta Eliseo mandou cingir a seu criado, foy para fazer hum milagre de resuscitar com o seu bordaõ hum morto: *Accinge 4. Reg.*
lumbos tuos, & tolle ba- 4. 29.
culum meum in manu tua. Se leres a S. Paulo escrevendo a os de Efezo, achareis, que os mandou cingir para serem verdadeyros: *Stae* **Ephes.**
te ergo succincti lumbos 6. 14.
vestros in veritate. Mas para que me canço, se no mesmo Euangelho tenho a prova? Quando diz Christo, que se hade cingir, logo diz o para que: *Præcinctet se, & faciet illos discumbere.* Pois se o cingir he para fazer alguma obrigação, para executar alguma cousa; se todosos que se cingiraõ, o fizeraõ para algum effeyto; porque, sem dizer para que, manda Christo

sto hoje cingir: *Sint lumbi vestri praecincti?* A razaõ he esta: Deos he o principal Governador das cousas deste mundo; e como elle fazia a S. Theotonio seu Ministro, fazendo o Prelado, e primeyro Prior desta casa: *Ministrum fecit*; porisso lhe naõ determina o para que se hade cingir. Os Prelados, como Ministros de Deos, naõ haõde ter o poder determinado, para o governo ser perfeyto; porque a politica he humana sciencia, que depende dos accidentes, e das circunstancias; e como estas, e aquelles se mudaõ muytas vezes, se o poder he limitado, segue-se aquelle grande inconveniente de naõ obrar hum Ministro de Deos segundo a occasiaõ o pede, mas segundo se lhe limita. Quantas facçoens se perde-raõ por serem as ordens do Ministro limitadas? Tom. I.

Pois para que o Ministro acerte, o poder se lhe naõ limite.

387 Sempre reparey no modo, com que Christo deu as chaves da Igreja a S. Pedro: *Quod Matth.*
cunque ligaveris, erit 16. 19.
ligatum: & quodcumque
solveris, erit solutum. E bem! Tanto poder a S. Pedro? Tanta largueza de jurisdicaõ a hum Discipulo arrojado, como se vio no Horto: *Educens gladium,* **Marc.**
percussit? A hum Discipulo, que tinha sido nescio, como se vio no Thabor: *Nesciens quid* **Luc.**
diceret? A hum Discipulo, que havia negar, como se vio em Jerusaleem: *Non novi hominem?* Como a vista **Matth.**
destes erros conhecidos *taõ absoluto?* Limite-lhe o Senhor o que hade fazer; porque em executar ordens naõ pôde haver erro; mas dar-lhe toda a jurisdicaõ? *Sim, fideis: fez*
Y 3 **Chri-**

Matth.
16. 18.

Christo a Pedro seu Ministro, e Prelado de toda a sua Igreja: *Super hanc petram edificabo Ecclesiam meam;* e para o governo de Pedro fer perfeyto, achou Christo, que não havia o seu poder fer limitado; porisso lhe não limita o poder; porque quer, que elle acerte, obrando segundo pedir a occasião, e o tempo; e depende o acerto do governo da largueza da jurisdicção: *Quodcumque ligaveris, erit ligatum: & quodcumque solveris, erit solutum.* Em Christo mandar cingir a Theotonio o fez seu Ministro: *Ministrum fecit;* pois porisso lhe não diz o paraque se hade cingir, por lhe não limitar o que hade fazer. Para o governo de Theotonio fer perfeyto, supposto lhe dava a jurisdicção, era força conceder-lhe a largueza; porque para Theotonio fer cabal Mi-

nistro de Deos, hade ter o poder absoluto: *Sint lumbi vestri praecincti.* Ainda mais.

388 Apertay-vos por aquella parte do corpo, diz Christo, que se chama cintura: *Sint lumbi vestri praecincti.* Pois por esta parte se hade apertar Theotonio? Não era mais acertado apertar todo o corpo? Assim parece. O Bautista todo o seu corpo vestio de cilicio: *Erat Marc. Joannes vestitus pilis* 1. 6. *cameli.* Pois se o Bautista innocente tem apertado o seu corpo todo; porque não hade apertar todo o seu corpo Theotonio? Porque he Superior; he Ministro de Deos; e para hum Ministro fer perfeyto, não hade fer todo apertado. O corpo de hum Superior hade-se conformar em tudo com o corpo da Republica Religiosa, que elle governa: pois para que se não aperte todo

o corpo da Religião, porisso manda Christo, que se não aperte todo o corpo do Prelado; mas paraque se aperte alguma parte, porisso manda, que o mesmo Prelado aperte alguma parte do seu corpo: *Sint lumbi vestri praecincti.* Se todo o corpo apertára, fora tyrannia grande; se nada apertára do corpo, fora brandura demaziada; e os Superiores perfeytos haõde fer brandos, e rigorosos: não haõde apertar tudo; porque ferá o governo tyrannia: nem haõde alargar tudo; porque ferá o governo floresta.

389 Falla Isaias de Christo, e diz assim: *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet.* E porque razão, pergunto, hade fer Christo juntamente flor; e vara? Que fosse sómente vara, estava bem; pois a vara significa o poder: que

fosse sómente flor; estava melhor; pois tomou esse nome nos Cantares: *Ego flos campi.* Cant. 2. Mas fer juntamente flor, e vara? Porque razão? Direy: Christo he o Superior da Igreja; e hum Superior perfeyto hade fer juntamente flor, e vara; vara para o rigor, e flor para a brandura: se fora sómente vara, seria o governo tyrannia; se fora sómente flor, seria o governo floresta: pois para q̄ nem seja floresta, nem seja tyrannia, seja o Prelado vara, e flor; flor na brandura, e vara no rigor: *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet.* E que bem imitou este governo de Christo Theotonio, como exemplar de Prelados! Nem era sómente vara, por evitar o fer tyranno; nem era sómente flor, por fugir o fer remisso: era observante do Evangelho; não aper-

tava tudo, apertava parte : *Sint lumbi vestri praecincti.*

§. IV.

390. **T**emos visto aquella parte, que Theotonio cingio, e apertou; vejamos agora o cinto, com que se apertou, e cingio. Sabeis com que se cingio? Com huma perpetua claufura. Pois hum Ministro de Deos enclaustrado! Inconveniente grande para ser perfeyto! Aquelles saltos (digamo-lo affim) que deu o Bautista no ventre de Isabel, foy ver se podia deyxar a claufura do ventre, para fazer as obrigaçoens de Ministro. Pois se o Bautista, por ser Ministro de Deos, dezeja deyxar a claufura do ventre; porque razão Theotonio, sendo tambem de Deos Ministro, quer a claufura de S. Cruz? Direy : o Bau-

tista era Ministro de Deos; para fazer guardar a Ley de Christo, que se instituhia no mundo; Theotonio era Ministro de Deos, para fazer observar as obrigaçoens da Religião de S. Agostinho, que se reformava em Portugal; e se hum Ministro de Deos, que institue, não deve ser enclaustrado, deve ser enclaustrado hum Ministro de Deos, que reforma : porisso se não quer ver enclaustrado o Bautista, porque institue : porisso se enclaustra Theotonio, porque restaura.

391. Differente se houve Deos em crear a Adam, e em preservar a Noe. Creou Deos a Adam no campo Damasceno, e guardou a Noe na arca do diluvio. Pergunto: não podia Deos guardar a Noe no alto de hum monte? Não podia fazer, que as agoas o não ofendessem? Podia: pois

porque o não fez? Se creou a Adam no campo, porque não guarda a Noe no monte? Porque Noe era homem, que restaurava; Adam era homem, que instituhia : em Adam começava o mundo; em Noe restaurava-se o genero humano : Adam era Ministro de Deos instituidor; Noe era Ministro de Deos restaurador : ah fim? Pois criese no campo Adam, que institue, e enclaustre-se na arca Noe, que restaura : *Inclusit eum Dominus.* Era Noe Ministro restaurador do genero humano; era Theotonio Ministro restaurador da Religião de Santo Agostinho; pois porisso se fecha Noe; porisso se enclaustra Theotonio : não foy a claufura só por serem Ministros; foy tambem por serem restauradores; porisso Theotonio se enclaustra em S. Cruz; porisso

Genef.
7. 16.

Noe se enclaustra na arca. Mas com esta diversidade; que Theotonio enclaustra-se a si; a Noe enclaustra-o o Senhor : *Inclusit eum Dominus.* Grande excellencia de Noe enclaustrar-se por vontade alhea! Mas parece mayor excellencia de Theotonio enclaustrar-se por vontade propria.

392. Lá disse S. Pedro a Christo : *Ecce nos Matth. reliquimus omnia, & se- 19. 27. cuti sumus te.* E bem! Põe Pedro em primeyro lugar o deyxar : *Ecce nos reliquimus;* e em segundo lugar o seguir : *Et secuti sumus te?* O deyxar os bens era ser pobre; o seguir a Christo era ser Apostolo : pois não he mayor excellencia o ser Apostolo, que o ser pobre? Assim parece: logo porque põe primeyro o deyxar como pobre, e depois o seguir como Apostolo? Porque o seguir foy vontade de Chri-

Matth.
4. 19.

Christo: *Venite post me;* o deyxar foy vontade de Pedro: *Ecce nos reliquimus;* e achou Pedro, que merecia o primeyro lugar a fineza de deyxar, pois era vontade propria; e não a fineza de seguir, pois era vontade alhea. Com razão digo eu logo, que pareceo mayor excellencia enclaustrar-se Theotonio por vontade propria, do que enclaustrar-se Noe por vontade alhea: Theotonio enclaustra-se por vontade propria; pois dizendo-lhe Christo, que se cinja: *Sint lumbi vestri praecincti;* lhe não diz, com que se hade cingir; porque isso deyxar á escolha de Theotonio feu Ministro; e havendo Theotonio de cingir-se com outra coufa, se cingio com a clausura: com que ficou Theotonio enclaustrado por vontade propria, e Noe por vontade alhea: *Inclusit eum Dominus.*

S. V.

393 **P**Orém, se Theotonio se queria enclaustrar, porque razão se enclaustra em huma Cidade? Não era mais acertado enclaustrar-se em hum deserto? Exemplo tinha naquelles Santos, que enclaustrados em humas covas, passárao no deserto a vida; como foy hum Antonio, hum Macario, e muytos outros. Isto supposto; porque razão se enclaustra Theotonio na Cidade? A razão he esta: a clausura de Theotonio era propria, e verdadeyramente clausura; porisso foy no deserto.

394 Instituhio Christo aquelle Divinissimo Sacramento na Cidade de Jerusaleem: *Ite in civitatem ad quendam,* Matth. 26. 18.

dici-

dicite ei: Magister dicit: apud te facio Pascha cum discipulis meis. Pergunto: porque razão instituhio Christo o Sacramento do Altar na Cidade? Todas aquellas cousas, que representárao o Sacramento, forão feytas no deserto. No Testamento velho o manná foy no deserto: *Patres vestri manducaverunt manna in deserto.* No Testamento novo o milagre dos cinco paês, e dous peyxes fez-se noutro deserto: *Desertus est locus hic.* Pois, valha-me Deos! Se o milagre dos cinco paês, se o do manná forão no deserto; porque razão institue Christo o Sacramento na Cidade? Direy: porque o Sacramento do Altar he propria, e verdadeyramente Sacramento: *Verè est cibus, verè est potus;* o manná, e os cinco paês erao sómente figura; e como os paês, e o manná

Joann.
6. 49.Marc.
6. 35.Joann.
6. 56.

erao figura, porisso forão no deserto; como o Sacramento era o figurado, porisso foy na Cidade. Como Christo (appropriemos mais o ponto) se enclaustra no Sacramento debayxo daquellas especies sacramentaes; quando se sacramentou no manná, enclaustrou-se em figura, porisso foy no deserto: *Patres vestri manducaverunt manna in deserto;* quando se sacramenta na Hostia, enclaustra-se propria, e verdadeyramente, porisso he na Cidade: *Ite in civitatem.* Esta ventajem leva a clausura do Sacramento á clausura do manná, e cinco paês: a clausura do Sacramento, como fosse a propria, e verdadeyra, foy na Cidade; a clausura do manná, e cinco paês, como fosse figura, foy no deserto. Esta ventajem levou tambem a clausura de Theotonio á clausura dos outros

tros Santos; a clausura dos outros Santos, como foy figura, foy no deserto: a clausura de Theotonio, como foy propria, e verdadeyra clausura, foy nesta Cidade.

395 Mas direis: que a clausura de S. Theotonio fosse na Cidade, por ser verdadeyra, e propria clausura, bem está; mas a que vem isto para o assumpto de ser Theotonio hum Ministro de Deos perfeyto? Respondo: porque Theotonio he hum Ministro perfeyto, porisso se enclaustra na Cidade; porque o perfeyto Ministro de Deos deve ser para todos; e Theotonio só podia ser bom para todos enclaustrando-se na Cidade, e não no deserto. No deserto seria bom para os seus; mas na Cidade para todos. No mesmo Sacramento temos a prova. O manná foy só para o povo Judaico;

para todos foy o Sacramento: *Bibite ex hoc omnes.* Pois se o manná foy para alguns, porque razaõ he para todos o Sacramento? Porque o Sacramento foy na Cidade, o manná foy no deserto; e os lugares lhe deraõ o ser commum, e o particular: o deserto fez o manná particular para alguns; a Cidade fez o Sacramento commum para todos: *Bibite ex hoc omnes.* E se Christo, por ser para todos, se sacramentou, e enclaustrou na Cidade de Jerusalem: *Ite in civitatem*; por ser também para todos Theotonio, em outra Cidade semelhante, qual he a de Coimbra, se enclaustra. O Santidade de Prelado! O perfeição de Ministro de Deos!

396 He grande perfeição de hum tal Ministro fazer bem a todos, sendo enclaustrado;

do; porque he grande excellencia querer que se veja o beneficio, que se faz, e que se não veja o bemfeytor, que o concede. Quando Christo estava na Cruz, toda a terra se escureceo: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.* Pergunto: para que he esta escuridade? Para que se escurece a terra? He sentimento? Não me parece; porque, se fora, havia começar a escurecer-se, quando Christo começou a padecer: logo porque se escurese a terra? Porque na Cruz nos fazia Christo o beneficio da Redempção; e quiz que vissemos o beneficio feyto, e que não vissemos o bemfeytor, que o fazia: não foy aquella escuridade sentimento da morte de hum justo; foy esconder-se a pessoa de hum bemfeytor: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.* Na quelle

Sacramento temos a confirmação. Porisso Christo na Cruz se cubrio com nuvens escuras, porque nos dava a vida: porisso no Sacramento se cobre com nuvens brancas, porque nos concede a graça. Pois se Christo se esconde na Cruz, e no Sacramento, também Theotonio em S. Cruz se esconde, e enclaustra: e isto para que? Para que, vendo o beneficio, não vejamos o bemfeytor. Grande perfeição de Prelado, que para fazer bem a todos, e para que se não visse o bemfeytor, vendo-se o beneficio, se soube cingir, e apertar, não no deserto, mas na cidade, com o cinto de huma perpetua clausura: *Sint lumbi vestri præcincti!*

§. VI.

397 **E** *T lucernæ ardentes in manibus vestris.* Todos com-

cômummente entendem por estas lucernas, que Christo manda ter nas mãos, as boas obras; mas eu digo hoje (com licença de tão doutos engenhos) que por estas lucernas se não podem entender as obras boas: a razão he esta. Pela mão esquerda se entendem as más obras, e pela direyta as boas: logo, nesta supposição, se Christo manda ter lucernas em ambas as mãos, manda fazer boas, e más obras; e isto não póde ser: logo não se entendem pelas lucernas as obras: pois que se entende? Respondendo, fundado na authoridade de Theofylacto, que se pelo cingido se entende o Prelado, pelas lucernas se entendem os subditos. Mayor duvida! Pois os subditos nas mãos do Prelado? Bem sey eu, que he boa discricião, porem-se os subditos nas mãos dos Superiores;

mas não sey se he proprio da gravidade dos Superiores, terem nas mãos os subditos: logo se Theotonio tivera as lucernas a seus pés, estava bem, que por ellas se entendessem os subditos; mas ter o Prelado as lucernas, ou os subditos nas mãos? Sim: esta differença ha entre hum Prelado perfeyto, e hum Prelado tyranno; o Prelado tyranno traz os subditos debayxo da mão; o Prelado perfeyto traz nas mãos os subditos.

398 Considerando meu P. S. Agostinho a Christo na Quinta feyra da Cea, lhe chama bom Prelado: *O' bone præsul!* Notavel consideração a de Agostinho! Que considerando meu Padre a Christo crucificado, lhe chamasse bom Superior, estava bem; porque não ha melhor Prelado, que aquelle, que tem os braços abertos. Que considerando aquel-

aquella agoa, que fahio do peyto de Christo, lhe chamasse bom Prelado, era acerto; porque não ha melhor Superior, que aquelle, que tem o coração lavado. Mas na Quinta feyra da Cea, quando Christo tomou o trage de servo, lhe chama Agostinho bom Prelado, lhe chama bom Superior: *O' bone præsul?* Dificuldade grande! Porém vejamos o successo da Cea. Vendo S. Pedro, que tinha diante de si a Christo para lhe lavar os pés, repugna a tanta humildade, e depois por mais cortezia offerece mãos, e cabeça: *Manus, & caput.* E que faria o Senhor neste caso? Lavou sómente os pés a Pedro, e aos mais Discipulos: *Cæpit lavare pedes discipulorum.* Pois que novidade, que desordem he esta? Se Christo quer lavar a seus Discipulos, não he mais acertado lavar-lhes a

Joan.
13. 2.

Ibi. 5.

cabeça, do que lavar-lhes os pés? Estarem os Subditos aos pés do Prelado, he huma observancia da Religiaõ; estar o Prelado aos pés dos Subditos, he huma perturbação da Ordem: pois se Pedro offerece a cabeça: *Caput*; porque lhe não lava Christo antes a cabeça do que os pés: *Cæpit lavare pedes?* Direy: porque era bom Superior; e lavando-lhe a cabeça, tinha debayxo da mão a Pedro; lavando-lhe os pés, tinha a Pedro nas mãos; e não attendeõ á authoridade de Superior, attendeõ á perfeição de Prelado: para ser Prelado perfeyto, achou Christo, que não havia lavar a cabeça a Pedro, porq̃ era tyrannia tello debayxo da mão como opprimido; mas q̃ lhe havia lavar os pés, porque era perfeição tello nas mãos como estimado; porisso não lava a cabeça dos Discipu-

pulos, pelos não ter debayxo da mão como tyranno; porisso lhes lava os pés, porque os quiz ter nas mãos como perfeyto: *O' bone præsul!*

399 Melhor com silencio, que com palavras, podia eu explicar a estimação, que Theotonio fazia de seus companheyros, e subditos; mas que muyto, se elle era Prelado perfeyto: *O' bone præsul!* Todos trazia nas mãos como estimados, e não debayxo da mão como opprimidos. Na mesma imagem de Theotonio hey de achar segunda prova desta verdade. A Republica celeste he hum exemplar da Republica deste mundo: no Ceo o Sol representa o Prelado, e as estrellas representaõ os subditos: em fim que o Prelado he o Sol, e os subditos as estrellas; e assim neste Ceo de S. Cruz, como o Prelado Theoto-

nio fosse Sol, ficavaõ sendo os subditos estrellas: o que supposto, o-lhay para a imagem de Theotonio, e vereis, que, qual Prelado perfeyto, tem, não debayxo da mão, mas sim nas mãos, as estrellas, que representaõ os subditos: ó bondade de Prelado: *O' bone præsul!* Como naquelle tempo os subditos se punhaõ nas mãos de Theotonio, sem haver nelles repugnancia; porisso Theotonio os não tinha debayxo da mão como opprimidos, mas nas mãos, como estimados: *Et lucernæ ardentes in manibus vestris.*

S. VII.

400 **E** *T vos similes hominibus expectantibus dominum suum.* Sede semelhantes a servos, diz Christo finalmente a seus Discipulos. Parece, supposto os fazia seus Ministros, que lhes havia mandar fõsem se-

melhantes a outros Superiores; mas a servos, e criados? Guardarem no presente estado de Ministros de Deos semelhantes do estado antigo de servos, e subditos? Grande difficuldade! Os officios mudaõ as pessoas; as dignidades fazem mudar o ser. Alguns politicos dizem, q os thronos são sepulturas; porque como o Principe vive para todos, he certo, que morre para si. Mas eu digo, que os thronos estaõ taõ fóra de ser sepulturas, que antes são berços; porque de tal modo se mudaõ as pessoas com os officios, que parece são os officios hum segundo nascimento dos homens. Proveremos esta razaõ na sepultura de Job, que teve nella segundo nascimento.

Job. 17. 14. *Putredini dixi: pater meus es, mater mea.* E bem! Na sepultura achase nascimento? E que sepultura he esta, onde Job segunda vez nasce?

Tom. I.

Ouvi-o a elle mesmo: *Nunc requiescerem cum regibus.* A sepultura de Job era sepultura de Rey: *Cum regibus.* Ah fim? Pois sepultura de Rey não he sepultura para se enterrar, he berço para nascer: *Pater meus es, mater mea.* Tanto mudaõ os officios: e que mudando os officios a todos, não mudassem as dignidades a Theotonio? Maravilha grande! Na realidade era Theotonio Prelado; mas nas semelhanças era servo, e era subdito: *Et vos similes hominibus;* e guardar hum Superior no estado presente as semelhanças de subdito, he ser perfeyto Ministro de Deos, he ser cabal Superior.

401 Não achou S. Paulo esta excellencia, senão em Christo. Falla de Christo o Apostolo, e diz assim: *Qui descendit, ipse est & qui ascendit.* Este mesmo, que lóbe, he o que desceo:

Z no

no estado presente de sub-
bir guarda a semelhança
do estado antigo de des-
cer: *Qui descendit, ipse
est & qui ascendit.* Isto
disse S. Paulo de Christo;
é o mesmo, com a devi-
da moderação, posso eu
dizer de Theotónio: por-
que era o primeiro
no mandar, porisso era
o primeiro no servir: guardava as memórias
antigas de subdito no es-
tado presente de Super-
rior: não mudáraõ os of-
fícios a Theotónio, por-
que sempre era o mes-
mo: *Qui descendit, ipse
est & qui ascendit.* O q
grande parte he em hum
Superior lembrar-lhe o
tempo passado para go-
vernar o presente! Tan-
to não mudáraõ os offi-
cios a Theotónio, que
julgo não acyteria a
Prelazia, se foubesse lhe
havia mudar a pessoa;
porque era imitador de
Christo, e Christo assim
o fez.

402 Estando Christo
na Cruz, não quiz acyter

o titulo de Rcy: assim
o mostrou naquelle in-
clinar a cabeça, com q
fugio ao titulo, supposto
haver dito antes: *Reg-
num meum non est de hâc
mundo.* Pergunto: e por-
que não aceyta Christo
o titulo de Rey? Não
era grave, não era illu-
stre? Sim era: logo por-
que o não aceyta? S.
Gregorio responde á du-
vida: *Noluit recipere
regnum de manu præs-
idis.* Não quiz acyter o
Reyno da mão de Pila-
tos: mayor duvida: pois
porque o não aceyta da
mão de Pilatos? Atten-
dey: Pilatos duas vezes
intitulou a Christo; a
primeyra vez homem:
Ecce homo; a segunda
vez Rey: *Rex Judæo-
rum.* Ah sim? E vós Pi-
latos entendeis, q Chri-
sto não he agora o mes-
mo, que havia sido an-
tês.; suppondes, que no
estado presente he Rey:
Rex Judæorum; e que
no estado antigo era ho-
mem: *Ecce homo*? Pois
por-

Joann.
18. 36.

Gregor.

Joann.
19. 5.
Ibi. 19.

porisso não aceyta o Se-
nhor o titulo da vossa
mão: *Noluit recipere
regnum de manu præs-
idis.* Se Pilatos, quando
poz o titulo, se lembrára
do estado antigo, e pu-
zera: *Ecce homo Rex*;
se unira o titulo presente
de Rey, com o titulo
passado de homem, en-
tão Christo lhe aceyta-
ria o titulo; mas suppor,
q Christo se mudou com
os officios, e que agora
he Rey: *Rex*; e dantes
homem: *Homo*; isto he
engano; porisso Christo
não aceyta: *Noluit re-
cipere.* Tanto estimou
Christo unir o ser passa-
do com a dignidade pre-
sente; tanto unio Theo-
tonio o ser presente de
Prelado com o ser passa-
do de subdito; o presen-
te na realidade, e o pas-
sado na semelhança: *Et
vos similes hominibus.*
Porisso eu digo, que he
Theotónio por autono-
masia o Prelado mayor.

403 Ao Divinissimo
Sacramento do Altar
- Tom. I.

chamou Santo Thomas
o mayor de todos os Sa-
cramentos: *Miraculo-
rum ab ipso factorum
maximum.* E porquera-
ção? Direy: porque no
ser presente de Sacra-
mento guarda as seme-
lhanças antigas do ser de
paõ: quem vir aquellas
apparencias, hade dizer,
que he paõ aquella Ho-
stia, e ella he Sacramen-
to: pois que he isto? He unir o estado antigo
com o estado presente;
este na realidade, aquel-
le na semelhança. Ah
sim? Pois seja o Sacra-
mento do Altar o mayor
Sacramento: *Miraculo-
rum ab ipso factorum
maximum*; e seja pela
mesma razão Theoto-
nio o mayor Prelado;
pois unio o estado pre-
sente de Prelado, com
o ser antigo de subdito;
aquelle na realidade, e
este na semelhança: *Et
vos similes hominibus
exponentibus dominum
suum.*

404 Acabou-se o the-
ma,
Zz ma,

ma, e cuydo fica Theonionio hum bom Prelado, e Ministro de Deos perfeyto; pois teve o poder absoluto, e não limitado; soube apertar parte de seu corpo por evitar o ser remisso, não apertando o corpo todo por fugir de ser tyranno; cingio-se com a clausura, como Ministro restaurador; foy essa clausura na Cidade, por ser Ministro para todos; fez bem a todos enclaustrado, para que vissemos o beneficio, sem vermos o bemfeytor; não teve

os subditos debayxo da maõ, mas nas maõs; unio o ser Prelado com o ser servo, e subdito, ajuntando o estado presente com o estado antigo. Ha mayores excellencias de Prelado? Não: com razaõ disse eu logo, que Christo o fez seu Ministro perfeyto: *Ministrum fecit*. Assim nós como verdadeyros subditos o saybamos imitar nesta vida, para q̄ na outra lhe vamos fazer companhia por huma eternidade de Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



SER-



SERMÃO DE S. ANTONIO,

Em Coimbra: no Convento dos
Olivais, de Religiosos de
S. Francisco.

Vos estis lux mundi. Matth. 5.

S. I.

405



Uz do mundo chama Christo a seus Apostolos; e neste grande titulo encontro eu entre as luzes as dificuldades. He certo, que no mundo ha muytos generos de

Tom. I.

luzes: na terra, aonde communica luzes o fogo, são tantos os generos de luzes, quantas são as diversas materias, em que elle arde: no Ceo, aonde communica luzes o sol, são tão varias as luzes, que resplandecem; como são os planetas, que as par-

Z 3 tici-

ticipação: isto supposto, a minha duvida he. A que luzes compara Christo seus Discipulos, ás luzes do Ceo, ou ás luzes da terra? A's luzes do fogo, ou ás luzes do Sol? Varias podem ser nesta materia as repostas; porém eu pondô os olhos no sagrado assumpto desta festa, naquelle affombro da santidade, naquelle pasmo da virtude, naquella admiração dos Prégadores, naquella emulação dos Mestres, naquella confusão dos Hereges, quero dizer, o Glorioso Santo Antonio, lustre de minha Religião Canonica, e credito desta Religião Serafica, me venho a persuadir, que as suas luzes compara Christo ás luzes do Sol; porque assim se houve Santo Antonio nos progressos da sua vida, como o Sol no curso da sua carreira. Vamos examinando estas semelhanças.

S. II.

406 **N**asce o Sol, e deyxando ás trevas da noyte, começa a luzir nos braços da Aurora. Nasce Antonio, e deyxando o mundo, em que são tantas as trévas, começa a luzir no Ceo de minha Religião Canonica. Desorte que o Sol deyx a noyte pelo dia, Antonio deyx a o mundo pela Religião. Duas conversoens consideraõ commumente os Contemplativos; huma he a conversão do mundo para a Religião, outra he a conversão do peccado para a penitencia; a conversão do mundo para a Religião he mudança de estado; a conversão do peccado para a penitencia he mudança de vida. Agora pergunto: e qual destas duas conversoens he mais heroica? Qual he mais difficulosa? Dey-

Deyxar o mundo pela Religião, ou deyxar o peccado pela penitencia? Respondo com distincão: a conversão do peccado para a penitencia he mais necessaria; a conversão do mundo para a Religião he mais difficulosa. He mais necessaria aquella; porque eu, sendo peccador, posso-me salvar sem ser Religioso; mas, sendo peccador, não me posso salvar sem ser penitente. He mais difficulosa esta; porque no genio, e condição humana não he tão facil deyxar-se o mundo, quanto he deyxar-se o peccado. A razão ouvireis agora, e mereça-vos alguma attenção.

407 O peccado depois de commettido he feo, e he pesado; he cruz, que pésa, e he fantasma, que affombra. O mundo, ainda depois de deyxado, he formoso, e he bello; he Egypto, que lembra, e

he Paraíso, que recrea: e quem duvida, que mais difficuloso he deyxar hum mundo, que lizongêa o gosto, do que huma culpa, que motiva enfado? A culpa commettida he Thamar lograda; e se não ha Amnon tão cego, que se não enfade de Thamar; não ha peccador tão rebelde, que se não enfastie da culpa. O mundo deyxado he Raquel servida; quanto mais se nega, tanto mais se serve; quanto mais se difficulta, tanto mais se appetee; quanto mais se deyx a, tanto mais lembra. O mundo lizongêa, a culpa accusa: o mundo será falso, mas parece amigo; a culpa he contraria, e parece contraria: o mundo he rio, que nos foge; a culpa he sombra, que nos segue: e quem duvida, que, consideradas bem estas razoens, he mais difficuloso deyxar hum

mundo, que foge, que huma culpa, que segue; hum mundo, que se nega, que huma culpa, que acompanha; hum mundo, que lizongêa, que huma culpa, que accusa; hum Egypto, q̄ lembra, que huma Thamar, que enfastia; hum mundo bello, que huma culpa fea? Estas são as razoens; ouçamos agora as Escrituras.

408 Chegou a Magdalena aos pés de Christo, e nelles fez o acto heroico da sua conversão: ali ministrarão os olhos agoa aos pés, a boca deu osculos á virtude, as mãos sacrificarão aromas á fantidade, e finalmente o coração offereceo amores ao Mestre: *Dilexit multum*. Acabado este acto amoroso, lhe disse o Divino Mestre, que se ausentasse, e se retirou a amorosa Discipula: *Vade in pace*. Em outra occasião chegou diante do mesmo Christo hum

Luc.

7. 47.

Ib. 50.

moço, e perguntando-lhe, que faria para conseguir a salvação, que tanto desejava? O Senhor lhe respondeo em breves palavras tudo o que era necessario. Instou o moço, e diz: tudo isso obrey desde a minha mocidade; que he o que agora me falta: *Quid adhuc mihi deest?* Responde-lhe segunda vez o Divino Mestre, e diz assim: se queres ser perfeyto, vay, e vende tudo o que tens, para dar aos pobres: *Si vis perfectus esse, vade, vende quae habes, & da pauperibus*. E que faria o moço, ouvidas estas palavras? Diz o texto, que se ausentára triste, e pouco satisfeyto: *Abiit tristis*. Agora a minha duvida, supposto este caso, e aquelle successo.

Matth.

19. 20.

Ibi. 21.

Ibi. 22.

409 Converteu-se a Magdalena, e retirou-se alegre: *Vade in pace*; quiz converter-se

este moço, e ausentou-se triste: *Abiit tristis?* Valha-me Deos! Que se haja na sua conversão tão valerosa huma mulher, e tão fraco, e embaraçado hum homem? Que derrame a Magdalena com tanta facilidade a prata de seus olhos, e que não possa este moço largar a prata de suas mãos? Tanto gosto na conversão da Magdalena, e tanta tristeza na conversão deste moço? Que offereça a Magdalena com tanto gosto todos os seus bens, os moveis na prata das lagrimas, os de raiz no ouro dos cabellos; e este moço, que se não possa apartar nem dos bens de raiz, nem dos bens moveis: *Abiit tristis?* Qual será a causa? Qual será a razão? Eu a direy: a conversão da Magdalena era do peccado á penitencia: *Remittuntur ei peccata multa*; a conversão do moço era do

Luc.

7. 47.

mundo á Religiaõ: *Vende quae habes*; e vay tanto de conversão a conversão, que a conversão do peccado para a penitencia he facil a huma mulher: *Vade in pace*; e a conversão do mundo para a Religiaõ he difficultosa a hum homem: *Abiit tristis*. A Magdalena tinha diante de si huma culpa toda cuberta de sombras; o moço tinha diante dos olhos hum mundo todo assitido de bens: a Magdalena na sua culpa considerava hum inferno de penas: *De qua egerat septem demonia*; este moço no mundo considerava hum Paraíso de bemaventuranças: *Habens multas possessiones*; e nestas considerações quem duvida, que o que era facil a esta mulher, havia ser difficultoso a este homem?

Marc.

16. 9.

Matth.

19. 22.

410 Com mais futilidade authorizou esta doutrina huma rezolução de

S.

S. Pedro. Deyxou Pedro, chamado de Christo, as redes, que tinha no mar, e o barco, que tinha na praya; e, passando algum tempo, allegou a Christo a fineza desta resolução: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te: quid ergo erit nobis?* Em outra occasião, movido dos olhos do mesmo Senhor, deyxou o mesmo Pedro hum lugar no Paço dos Pontifices: *Egressus foras*; e não lemos, que desta resolução allegasse algum serviço. Pois, que he isto Apostolo sagrado? Não he mais deyxar hum lugar, ainda que pequeno, no Paço, que hum lugar, ainda que grande, no barco? Pois porque razão dizendo, eu fuy o que deyxey o mar: *Ecce nos reliquimus omnia*; não dizeis depois, eu sou o q̄ deyxey o Paço? Respondo: porq̄ deyxar Pedro o Paço foy conversão do

peccado á penitencia: *Flevit amarè*; deyxar Pedro o mar foy conversão do mundo á Religião: *Secuti sumus te*; e como seja mais difficuloso deyxar o mundo pela Religião, do que deyxar o peccado pela penitencia; porisso Pedro, como entendido, para haver de ser despachado, deyxou de allegar o que era mais facil, e só allegou o que era mais difficuloso: passou em silencio a conversão do seu peccado á penitencia, e só allegou a sua conversão heroica do mundo para a Religião: não diz, eu fuy o que chorey a minha culpa como penitente, que isto he mais facil; mas diz, eu fuy o que deyxey o mundo como Religioso, que isto he mais difficuloso: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te.*

411 O' Antonio glorioso, e soberano! Não hou-

houve em vós esta primeyra conversão; porque sempre fostes innocente; mas houve em vós a segunda; porque nem sempre fostes Religioso: não vos convertestes do peccado á penitencia, como David; converteste-vos do mundo á Religião, como Samuel: não mudastes de vida; porque sempre a tivestes boa: mudastes de estado; porque quizettes, que o vosso estado fosse melhor: na vossa conversão não lemos hum culpa chorada; mas vemos hum mundo aborrecido: não vemos a luz misturada com as sombras; mas vemos o Sol separado das trevas: *Vos estis lux mundi.*

§. III.

412 **M** As em que idade fez S. Antonio esta gloriosa conversão? Ainda me parece mayor a circun-

stancia, que a fineza. Era homem de poucos annos, quando buscou na Religião muytas virtudes. Tem os poucos annos comfigo huma notavel singularidade, e he; que assim como diminuem o delicto, assim acreditão o merecimento: juntos os poucos annos com a culpa fazem menor a culpa; juntos com a fineza fazem mayor a fineza. Esta he a singularidade, que tem comfigo os poucos annos. Quem de menos annos pecca, menos pecca; quem de menos annos ama, mais ama. Ora ouçamos a piedade de Deos, e a bondade de David.

413 Falla Deos com Abraham, quando lhe manda, que não dê a morte a Isaac, e diz assim: *Non extendas manum tuam super puerum.* O' lá Abraham, não estendais o braço, não descarregueis o golpe

2. Reg.
18. 5.

pe sobre o menino Isaac: *Super puerum*. Falla David com o exercito, quando lhe manda, que não mate a Absalaõ, e tambem diz: *Servate mihi puerum Absalom*. O' vassallos leaes, guarday-me, e não me mateis o menino Absalaõ: *Puerum Absalom*. He de notar, que quando David fallava de Absalaõ, passava já Absalaõ de trinta annos; e quando Deos fallou de Isaac, he commum nos Escriturarios, que Isaac chegava tambem aos trinta. Pois valha-me Deos! Se ambos tem trinta annos, e mais de trinta; que razão haverá para chamar meninos a homens taõ entrados na idade? Direy: Deos via em Isaac a fineza; porq̃ se sacrificava, e hia morrer por seu amor; David via em Absalaõ a culpa; porque via hum filho ingrato, e rebelde a seu pay: Deos como amigo queria, que

a fineza de Isaac crescesse: David como pay queria, que a culpa de Absalaõ diminuisse: pois, que remedio? Ajustar-lhe para isso os poucos annos; para que á vista dos poucos annos seja em Isaac mayor o extremo, e á vista dos poucos annos seja em Absalaõ menor o delicto. Se os poucos annos juntos com a culpa fazem menor a culpa, e juntos com a fineza fazem mayor a fineza; paraque a culpa de Absalaõ avulte menos, chame-se menino a Absalaõ: *Puerum Absalom*; e para que a fineza de Isaac avulte mais, chame-se menino a Isaac: *Super puerum*.

414 Menino se offerreco Isaac; menino vos offerrecestes vós, ó Antonio! Isaac offerreceu-se ao cutelo de seu pay; vós á espada da Religiaõ: elle atado á lenha; vós atado á obediencia: elle em hum monte;

te; vós no Mosteyro de S. Vicente; e ambos em pouca idade, para que nos primeyros passos da vida reconhecessemos o curso do Sol na sua carreya: *Vos estis lux mundi*.

§. IV.

415 **C**omo S. Antonio, ainda que tinha deyxado o mundo, não tinha deyxado a patria, do Mosteyro de S. Vicente de Fóra se passou para o Mosteyro de S. Cruz de Coimbra, imitando nesta acção gloriosa ao Sol, que sempre caminha a mayores luzimētos. Mas, que mysterio teve tomar S. Antonio o habito no Mosteyro de S. Vicente, deyxando o mundo, e depois passar-se para o Mosteyro de S. Cruz, deyxando a patria? Que mysterio teve; recolhendo-se a S. Vicente, deyxar, e deyxar menos, e mudan-

do-se para Santa Cruz; deyxar, e deyxar mais? Teve grande mysterio; porque nos passos de sua vida nos quiz ensinar os passos de nossa virtude.

416 A vida virtuosa hade-se buscar pouco a pouco; hade-se buscar pelo que he menos, e depois pelo que he mais; que quem quer começar pelo mais, apenas chega ao menos. O itinerario da virtude he este: do nada se hade hir ao pouco, do pouco se hade hir ao muyto, do muyto se hade hir ao mais. Assim caminhou Antonio, imitando o Sol no seu curso. De sua casa, que era o nada, foy para a Sé, que era o pouco; da Sé, que era o pouco, foy para S. Vicente, que era o muyto; de S. Vicente, que era o muyto, veyo para Santa Cruz, q̃ foy o mais; que desta forte se caminha na virtude, desta forte se

se caminha na fantidade.

417 Dizem muytos DD. da Igreja, que aquella tão celebrada como repetida escada de Jacob, que começando na terra se rematava no Ceo, era figura expressa do caminho da virtude. E que razão haverá para que se compare o caminho da virtude, da Santidade, e da Religião a huma escada? A razão he; porque na virtude quem bem caminha assim caminha, como quem sobe. Quem sobe huma escada, para subir ao segundo degrao, hade passar pelo primeyro, para chegar ao terceyro, para chegar ao segundo, para chegar ao quarto hade passar pelo terceyro; que com estes vagares da prudencia se assegura o caminho da virtude. Quer passar do primeyro degrao ao ultimo, he ser Faetonte da Santidade, onde se acha a

ruina, sem se conseguir o intento. Samuel no Templo primeyro foy moço, e depois Sacerdote. Assim Antonio, Samuel da Ley da graça, subindo a escada da virtude na vida Canonica; primeyro foy moço na Sé de Lisboa, depois foy Religioso em S. Vicente de Fóra, e depois Sacerdote em S. Cruz de Coimbra. Isto he subir, e caminhar com segurança, e imitar ao Sol na sua carreira, porisso luzio como o mesmo Sol: *Vos estis lux mundi.*

S. V.

418 **P**osto Antonio no Mosteyro de Santa Cruz, chegou como o Sol ao Zenith de suas luzes; porque ali com os rayos de suas virtudes abrazava o hemisferio de minha Religião Canonica; mas seguindo o curso do Sol começou a caminhar para

ra outro hemisferio, qual he a Religião Serafica. Para onde caminhais glorioso Antonio? Não vos detém os passos o nosso amor? Ainda q̄ como Sol caminhais, adverti, que tambem o Sol parou ás vozes de Josué: e se o Sol parou a hum homem só; porque não parais vós a tantos suspiros? Isto por ventura em vós he mudança? He variedade? He inconstancia? Não; he hir de Deos para Deos.

419 Quatro jornadas são as que se fazem neste mundo. Ha huns, que vão de Deos para o mundo. Ha outros, que vão do mundo para Deos. Ha outros, que vão do mundo para o mundo. Ha outros, que vão de Deos para Deos. Os que vão de Deos para o mundo são aquelles, que, estando hoje em graça, amanhã cahem em peccado; ou são aquelles, que

sendo primeyro bons, depois se fazem maos: destes são exemplo Salomão na Ley escrita, e Judas na Ley da graça; este, sendo chamado, foy traydor, e aquelle, sendo escolhido, foy idolatra. Os que vão do mundo para Deos são aquelles, que, deyxada a culpa, se convertem á penitencia: destes são exemplo a Magdalena em casa do Fariseo, a Samaritana no poço de Sicar, e Dimas no monte Calvario. Os que vão do mundo para o mundo são aquelles, que, sendo continuos na culpa, sempre renovão o peccado: destes são tantos os exemplos, quantos são os peccadores: David o explicou com excellente metaphora: *Abyssus abyssum invocat.* Os que vão de Deos para Deos são aquelles grandes homens, que, sendo hoje bons, amanhã são melhores; ou são aquelles, que re-

novando como Feniz o espirito, sempre continúa, e augmenta a virtude: destes são tantos os exemplos, quantos são os Santos; mas o mais vivo retrato, e exemplo he Santo Antonio; porque hir de Religião para Religião, de Agostinho para Francisco, que he, senão hir de Deos para Deos? O' virtude obrada na terra, e provada no Ceo!

420 Vio Isaias aquelles Serafins de seis azas; e não reparando eu nas quatro, que estava immoveis, reparo só nas duas, que voavão: *Duabus volabant*. E para onde voais vós, espiritos Angelicos? Voais por ventura de Deos para o mundo? Não; porque os Anjos bons não fazem esta troca. Voais do mundo para Deos? Menos; porque não sois homens. Pois para onde voais: *Volabant*? Voão de Deos para Deos; voão de Deos, com quem e-

staão, para Deos, com quem desejão estar; voão de Deos, que possuem, para Deos, a quem querem possuir: *Duabus volabant*. E a razão he esta: Deos, como he summamente perfeyto, nunca se póde comprehender; o que se não póde comprehender, ainda quando se possui, sempre se deseja; e assim voando vão de Deos possuido para Deos desejado: *Duabus volabant*.

421 Assim voastes vós, ó glorioso Antonio. Voastes de Deos possuido na Religião Canonica, para Deos desejado na Religião Serafica. Verdadeiramente, que se podem dizer de Santo Antonio com alguma propriedade aquellas palavras, que de Christo disse o Euangelista: *A Genes. Deo exivit, & ad Deum 13. 3. vadit*. Sahio de Deos para tornar para Deos: sahio de Deos na Religião

giaõ de Agostinho, voando cõ azas de Aguia, para tornar para Deos na Religião de Francisco, voando cõ azas de Serafim: *Duabus volabant*. Grande voo meu glorioso Santo! Porém se o Sol tem azas, como vio Malaquias, que muyto voasse Antonio tanto, sendo Sol? *Vos estis lux mundi*.

§. VI.

422 **M** As qual seria o vento, que moveo tão grande voo? Qual seria o espirito, que soprando favoravel, fez, que Antonio voasse de Deos para Deos, de Agostinho para Francisco? Todos os AA. que escrevêraõ a vida de Santo Antonio, dizem, que o espirito, que moveo estas azas, foy o desejo de padecer martyrio. Como Antonio imitava o Sol no seu duffo, quando queria alumiar outro hemisferio, caminhava Tom. I.

para o seu Occaso. Pergunta agora a minha curiosidade: padeceo Antonio o martyrio, que desejava? Todos dizem, que não; pois eu digo, que sim: a razão he; porque viveo na Religião de Francisco vestido de burel, com os pés descalços, cingido com huma corda, fazendo expressa figura de penitente: e estes actos de penitencia actos são de martyrio. Grande prova.

423 Falla a Escritura do Sol no dia do Juizo, e diz S. Mattheus, que se hade escurecer: *Sol obscurabitur*. Pergunto: e que he escurecer-se o Sol? Todos dizem, que he morrer, e acabar aquelle planeta. Consta esta verdade de hum texto de Job, em que diz, que pereça o dia do seu nascimento: *Pereat dies, in qua natus sum*; e depois diz, que o domine a escuridade: *Occupet* Job. 37. 3. Ibi. 5. **Aa eum**

eum caligo. Parece, que se encontra Job; porque, se aquelle dia hade acabar, como se hade fazer escuro? E se se hade fazer escuro, como hade acabar? Que-reis saber arazaõ? Ora eu a digo. Porq̃ nos fogeytos luzidos o mesmo he a morte, que os acaba, que a sombra, que os escurece; e assim acabará o Sol, diz S. Mattheus; porque se hade o Sol escurecer: *Sol obscurabitur.* S. João, falando do mesmo Planeta, diz, que elle apparecerá no dia do Juizo como vestido de hum sacco de cilicio: *Tanquam saccus cilicinus.* Parece que se encontra hum, e outro Euan-gelista, João, e Mattheus; porque se São Mattheus diz, que hade ter sombras: *Obscurabitur;* como diz S. João, que hade ter cilicio: *Cilicinus?* Ora ambos concordão, João, e Mattheus; porque o mesmo he

sombras da morte, que cilicios da penitencia: a S. Mattheus representou-se-lhe o Sol morto, a S. João representou-se-lhe o Sol penitente, e tudo he o mesmo, cilicios da penitencia, e sombras da morte: *Sol obscurabitur. Tanquam saccus cilicinus.*

424 O' Antonio esclarecido! O' Sol da Igreja! Se vos não vi com as sombras da morte, que traz o martyrio comfigo, vejo-vos com o aspero cilicio, de que traja a penitencia: martyrizado não, penitente sim; mas tudo he o mesmo; porque se o Martyr tem o tyranno da parte de fora, o penitente tem o tyranno da parte de dentro; pois he tyranno de si mesmo: elle a si se martyriza todas as vezes, que a si se mortifica. E se não pergunto: que mysterio teve aquella acção gloriosa de Pedro, saindo para fora a fazer peni-

nitencia de suas negações: *Egressus foras, flevit amarè;* e logo recolher-se em huma cova, como diz Niceforo: *Abfcondit se in spelunca;* senão porque, tendo-o a penitencia morto, a cova o tivesse sepultado? O Martyr derrama sangue, o penitente derrama lagrimas; o sangue he o pranto das véas, as lagrimas são o sangue do coração, e tudo he sangue. E se Pedro, que abraça a penitencia, busca a cova dos mortos; se o Sol, quando veste o cilicio, busca as sombras; vós, Antonio, como Pedro, e como Sol, vestindo o burel padcestes o martyrio, e fostes continuamente Martyr; porque fostes continuamente penitente; Martyr pelo sangue, que derramastes na continua penitencia, que fizestes: e senão diga-o a vossa figura; porque quem toma a cruz, não está

longe do martyrio. Também a prova não está longe. Esteve a Cruz em Christo, quando esteve com ella ás costas, e esteve Christo na Cruz quando nella esteve crucificado. Olhemos agora para os Martyres, como Martyres, e para Antonio como penitente: os Martyres, como Martyres, seguem a Christo crucificado; porq̃ todos estão crucificados na Cruz; Antonio, como penitente, segue a Christo com a Cruz ás costas; porque todos os penitentes levão ás costas a sua: *Tollat crucem suam.* Martyr he Antonio: não Martyr, que está na Cruz; mas Martyr, que leva a cruz: *Tollat crucem suam.*

S. VII.

425 **N**Esta Cruz, ou neste martyrio, se escurecêrão aquelles rayos, de mayarárão aquelles resplandores, chegou ao Occaso aquelle

le Sol, e ficou sem luzes o novo hemisferio; porque morreo Antonio. Mas que digo? Ficou sem luzes esta Religião, porque morreo Antonio? Retrato-me, e digo, que ainda na falta de Antonio ficou muyto luzido este Ceo. Não nos esqueçamos das propriedades do Sol. Quando o Sol se ausenta, ficaõ os mais planetas substituindo a sua falta. Da mesma forte, ainda que faltou Antonio, ainda que chegou ao seu occaso, deyxou no Ceo desta Religião para substitutos de suas luzes tantos Planetas, quantos são os seus Irmaõs. Planetas são estes Religiosos, que gravados no pardo burel daquelle habito, alumiaõ o ambito de toda a terra. E agora acho eu, que se verificou aquella profecia de Isaias, que o Ceo se havia vestir de burel: *Induam caelos... saccum ponam o-*

Isai.
50. 3.

perimentum eorum. Eu, diz Deos por Isaias, vestirey os Ceos de burel. Que outra cousa he qualquer destes Religiosos, senão hum Planeta luzido? Equaes são os adornos desta casa, desta Religião, destes Planetas, e deste Ceo, senão as asperezas de hum burel? Pois que he isto, senão verificar-se nesta casa a profecia de Isaias: *Saccum ponam operimentum eorum?*

426 Assim luzis, ó Irmaõs de Antonio! Mas eu, adiantando mais o discurso, ainda acho, que luzis mais; porque não só luzis como Planetas, senão tambem luzis como Sol; porque luzis como o mesmo Antonio, de que recebestes as luzes. São estes Religiosos tão semelhantes a Santo Antonio pelas suas virtudes, que parece he o mesmo ver hum Religioso destes, que ver An-

Antonio Santo. As mesmas virtudes, que resplandecêraõ em Antonio, brilhaõ nestes espiritos Religiosos, por huma tal imitação, que parecem todas humas, sem nellas se descobrir diversidade. Bem he assim, que Antonio foy o exemplar, porisso são chamados Filhos de Antonio, sendo Irmaõs; mas eu procedendo agora na acceção vulgar, digo, que se alguem vos fizer, ó Irmaõs de Antonio, que pareceis seus Filhos, se alguem vos fizer a mesma petição, que Filippe fez a Christo, bem lhe podeis dar a mesma resposta, que Christo deu a Filippe. Pedio Filippe a Christo, que lhe mostrasse seu Eterno Pay; respondeo-lhe o Senhor desta forte: *Philippe, qui videt me, videt & Patrem.* Quem me vê a mim, vê meu Pay. Da mesma forte podeis vós dizer: em

Joann.
14. 9.

Philippe, qui videt me, videt & Patrem. Quem me vê a mim, vê meu Pay. Da mesma forte podeis vós dizer: em

Tom. I.

vós se vê a mesma penitencia, o mesmo zelo, a mesma innocencia, e finalmente o mesmo espirito: *Qui videt me: bem digo eu logo, que se vê o mesmo Santo: Videt & Patrem.*

427 Ausentou-se Christo de seus Discipulos, e para consolar a pena, que lhes causava a sua ausencia, lhes prometteo a sua vinda: *Vado, & venio ad vos;* mas não lemos, que Christo tornasse visivelmente ao mundo. Pois por ventura faltou Christo á sua promessa? Nem o posso dizer, nem o podemos presumir. Logo como se hade entender este texto? O tempo nos hade satisfazer a duvida, e a circumstancia. He verdade, que não veyo Christo; mas veyo o seu Espirito: *Apud vos manebit, & in vobis erit.* E se Christo acha, que visita a seus Discipulos, quando os

Joann.
14. 28.

Ibi. 17.

Aa3 vi

visita o seu Espírito; se onde assiste o Espírito de Christo, ahi assiste o Senhor, porque não diremos nós (com distincão de pessoa a pessoa; porque Antonio não se póde igualar com Christo) que ahi assiste Santo Antonio, onde assistem os seus Irmãos com o seu espirito, que lhes ficou: *Apud vos manebit, & in vobis erit?*

428 O' glorioso Antonio! O' ditosos Ir-

maõs! O' glorioso Antonio, que tanto vos vedes assemelhado na terra, quanto vos vedes glorioso no Ceo! O' ditosos Irmãos, que assim participastes as suas luzes, que quasi as iguais nos luzimentos! Mas ó prodigioso Santo! Já que assim luzistes na terra por graça, fazey, que tambem participemos dessas luzes na Gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



SER-



SERMÃO

NA

SOLEMNIDADE

DAS

QUARENTA HORAS,

Prégado no Real Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra.

Redemptionem misit populo suo: mandavit in aeternum testamentum suum.

Pfalm. 110.

S. I.

429



Sta he a sexta vez, que neste mesmo dia, neste mesmo lugar, e a este mesmo auditorio, eu sempre de unir a no-

Tom. I.

prégo esta mesma solêndade. (Senhor) Esta he a sexta vez, q̄ neste mesmo dia, neste mesmo lugar, e a este mesmo auditorio, prégo esta mesma sollemnidade. E tratando eu sempre de unir a no-

Aa 4

Vi

vidade do assumpto com o acerto da materia, nunca pude acertar a materia, por mais que variey o assumpto. Porém hoje, levantando o pensamento de confidraçoens vulgares, me vim a resolver, que haviaõ tres redempçoens, e todas tres muyto celebres. A primeyra redempção foy no tempo passado; a segunda redempção he no tempo presente; a terceyra redempção hade ser no tempo futuro. A redempção do tempo futuro he a que hade haver nos ultimos dias, quando o mundo houver de acabar; porque acabar-se o mundo será huma redempção, em q̄ Deos tire os justos do poder dos tyrannos, que assim o disse o Senhor em proprios termos: *Luc. 21. 28. vate capita vestra: quoniam appropinquat redemptio vestra.* Pois, Senhor, a redempção não foy já ha tantos se-

culos? A redempção do mundo não foy já, quando Christo morreo na Cruz? Sim foy; mas vay muyto de redempção a redempção. Na redempção, em q̄ morreo Christo, foraõ remidos os homens do poder do demonio; na redempção, em que hade acabar o mundo, serão remidos os justos do poder dos tyrannos: bem digo eu logo, que hade haver outra redempção. Alegrayvos justos, que se agora viveis no mundo desprefados, ainda hade vir dia, em que haveis de ser remidos: *Appropinquat redemptio vestra.* Mas passemos ás duas redempçoens, que se seguem. A redempção do tempo passado he a que obrou Christo Senhor nosso nos braços da sua Cruz, para remedio dos homens, que assim o ensina a nossa Fé; nem nisto temos, que nos deter. A redempção do

tem-

tempo presente he a que obra todos os annos nestes dias. Haverá quẽ o duvide? Ora oução a razaõ. Remir na propria significação he o mesmo, que tirar a huma pessoa da miseria dos peccados: logo se Christo Sacramentado nestes dias nos tira dos peccados, que se cometiaõ neste tempo, bem se segue, que a redempção do tempo presente he a de que havemos tratar neste Sermão, e a propria deste triduo. Aqui entra agora o nosso thema.

430 Prostra-se David diante de Deos, e depois de publicar, que sempre o confessaria no seu coração: *Confitebor tibi Domine in toto corde meo:* Depois de dizer, que eraõ grandes as obras do Senhor: *Ibi. 2. Magna opera Domini:* Depois de confessar, que o mesmo Senhor fizera huma memoria de todas as suas maravilhas:

Memoriam fecit mirabilium suorum: Depois de prometter, que Deos se lembraria sempre da sua vontade: *Memor erit in seculum testamenti sui:* Diz ultimamente em huma das ultimas clausulas do Psalmo estas formaes palavras: *Redemptionem misit populo suo: mandavit in aeternum testamentum suum.* Commumente os Doutores da Igreja entendem este Psalmo do Divinissimo Sacramento do Altar: entre outros se póde ler isto em Lyra, em Lorino, e no Incognito. Mas quanto mais commua he esta explicação, tanto mayor he a minha duvida. Argumento assim. A redempção he remedio de peccados, como já dissemos; os peccados não podem ser remidos pelo Sacramento do Altar, como nos ensina a Igreja: logo o Sacramento não póde obrar a nossa redempção. Pois

Ibi. 4.

Ibi. 5.

Ibi. 9.

Lyra
Lorin.
Incog.

Pois se isto assim he, como diz David, que Deos obrou huma redempção, quando instituhio aquelle Sacramento: *Redemptionem misit populo suo?* Esta a difficuldade da nossa duvida. Porém em outra occasião pudera ser mais difficultosa a resposta, que nesta he muy facil de soltar a duvida; pois, se me não engana a consideração, tem o Divinissimo Sacramento do Altar dous estados. O primeyro he o estado de ser Sacramento exposto; o segundo he o estado de ser Sacramento cômungado. Em quanto Sacramento cômungado, digo eu agora, não he remedio de peccados, he só augmento de graça, que he o que nos ensina a Igreja; mas, em quanto Sacramento exposto, não he augmento de graça, he remedio de peccados, e he o que eu venho mostrar. Demodo

que o Divinissimo Sacramento nestes dias, quando o commungamos, não nos remedeia os peccados, que temos; augmenta-nos a graça, que tinha-mos: porém, quando se expõem, não nos augmenta a graça, que temos; remedeia-nos os peccados, que faziamos. Para provar esta proposição, que he todo o fundamento do meu discurso, tenho Texto, tenho authoridade, e tenho razoens. Começemos pelo lugar da Es-critura.

§. II.

431 **E**M duas occasiões, e com bem differentes effeitos, appareceo o Divinissimo Sacramento do Altar na Payxão de Christo; a primeyra vez foy no Cenaculo, onde se instituhio: *Hoc est corpus meum*; a segunda vez foy na Cruz, quan-

Matth.
26. 26.

Joann.
19. 34.

do o soldado com a lança o tirou: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit, & continuò exivit sanguis, & aqua.* Agora noto eu, que no Cenaculo augmentou a graça aos Apostolos, e não remediou o peccado a Judas. Mas porque não remediou o peccado a Judas, assim como augmentou a graça aos Apostolos? Ora deyxemos por hora o Cenaculo, e vamos ao Calvario. Na Cruz; quando o Sacramento fahio do peyto, a nenhum fiel augmentou a graça; porém ao soldado, que o ferio, livrou da cegueyra, e da culpa, como sente S. Vicente Ferrer, e outros muytos: *Illuminatus est extra, & intus lumine fidei.* Mas se na Cruz livra da culpa ao soldado, que o offende, porque não augmenta a graça a João; que lhe assiste? Grande difficuldade! Comparemos a-

Vinc.
Ferr.

gora hum caso com outro caso. No Cenaculo augmenta a graça a Pedro, e não livra da culpa a Judas; na Cruz livra da culpa ao soldado; e não augmenta a graça a João: e porque causa? Porque razão? A razão he; porque no Cenaculo era Sacramento commungado: *Accipite, & comedite*; e na Cruz era Sacramento exposto: *Continuò exivit sanguis, & aqua.* Ah sim? Pois no Cenaculo, onde está o Sacramento commungado, augmente a graça a Pedro, e não livre da culpa a Judas; porém na Cruz, onde está o Sacramento exposto, não augmente a graça a João, mas livre da culpa a Longino. No mesmo Sacramento vay muyto de Sacramento, que se expõe, a Sacramento, q se communga; o Sacramento, que se communga, augmenta a graça, e não remedeia a culpa;

Matth.
26. 26.

pa; porisso no Cenaculo não remediou a culpa de Judas, e augmentou a graça de Pedro: porém o Sacramento, que se expõem, remedeia a culpa, e não augmenta a graça; porisso na Cruz remediou a culpa a Longino, e não augmentou a graça a João. Daqui infiro eu, que he mais maravilhoso este dia, que o da Sesta feyra da Payxão, e o da Quinta feyra da Cea; a razão he; porque o Divinissimo Sacramento na Quinta feyra da Cea augmentou a graça, mas não remediou a culpa, porque era só Sacramento commungado; na Sesta feyra da Payxão remediou a culpa, mas não augmentou a graça, porque era só Sacramento exposto; porém hoje, que he Sacramento exposto, e commungado, commungado na Mesa, e exposto no Altar, juntamente augmenta a gra-

ça, e remedeia a culpa; augmenta a graça, como amante, commungado; remedeia a culpa, como Redemptor, exposto: *Redemptionem misit populo suo.*

432 Grande lugar (agora entra a authoridade) grande lugar de Drogo Ostiense! Compara elle no livro, que compoz da Payxão, o Divinissimo Sacramento do Altar á nuvem, que guiava o povo de Israél, e diz assim: *Quae est nubes, quae praecedit viros Israëlitas, nisi sanctissimum corpus tuum?* Notavel comparação na verdade! Para ser boa a figura, hade dizer com o figurado; pois se o figurado he o Divinissimo Sacramento, que se communga, como póde ser figura a nuvem, que se não come? Se fizera a comparação com o Manná do deserto, bem feyta estava; mas comparar o corpo do Senhor com a nuvem, que

Drog.
Ostiens.
de Sa-
cram.
Dom.
Pass.

que guiou o povo de Israél? Sim; porque do mesmo modo, que aquella nuvem pósta no alto tirava o povo do Egypto, e o governava para a terra da Promissão, da mesma sorte aquelle Senhor exposto no Altar tira as nossas almas do peccado, e as vay guiando para a gloria. Que outra cousa he aquella Hostia, onde está o corpo de Christo, senão huma nuvem branca, que na jornada deste mundo nos vay guiando do Egypto do peccado para a terra da Promissão, que he a gloria? Deforte que no deserto houve duas figuras do Sacramento; o Manná, e a nuvem; e, se eu me não engano, o Manná, que se comia, era figura do Sacramento commungado; e a nuvem, que estava diante dos olhos, era figura do Sacramento exposto; o Divinissimo Sacramento communga-se,

como Manná, para se unir conosco, como amante: *In me manet*, Joann. 6. 57. *Et ego in illo*; e expõe-se, como nuvem, para nos guiar, como Redemptor: *Redemptionem misit populo suo.*

433 Tendes ouvido a authoridade, e a Escriitura, que provaõ a minha proposição: ouvi agora as razoens. A primeyra he: na redempção, de que falla David, diz o mesmo Profeta, que o Senhor mandára o seu eterno testamento: *Mandavit in aeternum testamentum suum*: e quem duvida, que o testamento de Christo, e tambem eterno, está no Sacramento do Altar: *Hic calix novi, et aeterni testamenti?* Logo a redempção, em que falla David, he a que obra no Sacramento. A segunda razão vem a ser: na redempção, em que falla David, he Deos Santo, e terrivel: *Sauctum, et terribile* Psalm. 110.9. *nomen*

D. Tho.
in Off.
SS. Sa-
cram.

Pfalm.
110. 9.

Ecclesi-
asti. 15.
3.

nomen ejus: e quem ignora, que Deos no Sacramento he Santo para os bons, e terrivel para os maos: *Mors est malis, vita bonis*? Logo a redempção, em que falla David, he a redempção, que obra no Sacramento. A terceyra razão he: a redempção, em que falla David, he a redempção, onde se dá o entendimento: *Intellectus bonus omnibus facientibus eum*: e quem não sabe, que o entendimento se dá tambem no Sacramento do Altar: *Cibavit illum pane vitae & intellectu*? Logo a redempção, em que falla David, he a redempção do Sacramento. Bemdito sejais, Senhor, humas e muytas vezes! Sois Redemptor, e sois amigo: sois amigo, em quanto Sacramento commungado; sois Redemptor, em quanto Sacramento exposto: sois amigo, em quanto Sa-

cramento commungado; porque sois augmento de graça: sois Redemptor, em quanto Sacramento exposto; porque sois remedio de culpas: porque vos commungamos, se augmenta a graça; porque vos expondes, já se não commettem culpas. O' milagrosa redempção mandada nestes dias ao mundo: *Redemptionem misit populo suo*.

§. III.

434 **M** As que peccados (para que fundemos melhor o Sermão) que peccados são, os que remedeia hoje o Sacramento exposto? Direy: não remedeia peccados commettidos, remedeia peccados, que se podiaõ commetter: estorvar peccados, que se podiaõ commetter, he todo o fim de se expor aquelle Divinissimo Sacramento; e desta forte com a sua presença im-

impede as nossas maldades. Este modo de remir, além de não ser o mais usado, he o mais excellente. Eu o mostro. Remediou Christo na Cruz a Adam, e todos seus descendentes; mas nesta redempção commua houveraõ dous modos de remir; hum foy o modo, com que remio o genero humano; outro foy o modo, com que remio a Maria Santissima. E de que modo, perguntareis vós, remio Christo a Senhora? De que modo remio os homens? Respondo: remio os homens, tirando-os da culpa, que encorrêãõ; remio a Senhora, livrando-a da culpa, em que podia encorrer. Pois deste modo, que remio a Senhora, rime hoje os homens: Christo crucificado remio a Senhora merecendo, que ella não encorresse no peccado, em que podia no primeyro instante encor-

rer: o Sacramento exposto rime os homens dos peccados, que elles costumavão nestes tres dias obrar. Aquella redempção commua foy para a Senhora redempção, que remio preservando; esta redempção particular he para o mundo redempção, que rime impedindo. Não hade Maria Mãy contrahir na sua Conceyção culpa, diz Christo crucificado. Pois nem o mundo hade commetter neste triduo maldades, diz o Sacramento exposto. O' excellente modo de remir! Mas que muyto que assim o fizesse Christo, se crucificado rime a sua Mãy, e exposto rime ao seu povo? *Redemptionem misit populo suo*.

535 Tenho lançado os alicerces; e, se a architectura me não engana, julgo, que hade ser firme o edificio. Para o que passo em silencio a redempção, que

que hade haver nos ultimos dias do mundo, e em que os justos haõ de ser remidos do poder dos tyrannos; que esta pertence mais aos que viverem naquelle tempo, do q̄ a nós: faço sim a comparação fómente (accomodando-me tambem nisto ao lugar) entre a redempção, que hoje se obra no Altar, e a redempção, que antigamente se obrou na Cruz. Christo crucificado remio-nos com o seu fangue, fazendo, que as nossas culpas ficassẽ satisfeytas; o Sacramento exposto rime-nos com a sua presença, fazendo, que as nossas culpas naõ sejaõ commettidas; o que supposto, pergunto: qual he mayor fineza de Christo: remir-nos na Cruz, ou remir-nos no Altar? Bem sey eu, que em hum, e outro extremo he igual o amor; porque em huma, e ou-

tra redempção he o mesmo Christo; com tudo á vista de duas circunstancias digo, que mayor he a fineza de nos remir hoje no Altar, do que a fineza de nos remir antigamente na Cruz. Temos a materia, entremos a discorrella, observando as circunstancias; e como me dilatey no exordio, naõ posso deyxar de ser breve nos discursos.

§. IV.

436 **A** Primeyra circumstancia, q̄ antes se póde chamar toda a entidade, do sacrificio da Cruz, he a de morrer nella Christo Senhor nosso. O' que grande circumstancia! Mas se he grande esta circumstancia no sacrificio da Cruz, igualmente a confidero eu hoje competida, e de algum modo aventajada no sacrificio do Altar; e se naõ vejaõ. Christo na Cruz

Cruz morre; Christo no Altar assiste. Pergunto agora: qual destas finezas he mayor? A de morrer, ou a de assistir? Digo, que o assistir he mayor fineza, que o morrer. A razão he: quem morre serve para naõ servir, porque acaba logo: quem assiste serve para mais servir, porque continúa sempre: morrer parece que he mayor fineza, porque custa muyto; mas tem hum defar, que he durar pouco: assistir parece que he menor fineza, porq̄ custa pouco; mas tem hũa excellencia, que he durar muyto. Cõparando porém esta excellencia da assistencia, que he durar muyto, com aquelle defar da morte, que he durar pouco, digo, que mayor fineza he assistir, do que morrer.

437 Vay o Profeta Zacarias fallando do Calis do Divinissimo Sacramento do Altar, e Tom. I.

diz assim: *Quid enim Zachar. bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi... vinum germinans virgines?* Que cousa taõ boa, e taõ bella, como o Calis do Sacramento? Pergunto: naõ he taõ bom, naõ he taõ bello o calis da Payxão? Quem o duvida? Porque se Christo recopilou no Calis do Sacramento todas as suas maravilhas, tambem no calis da Payxão depositou todas as suas penas: como logo diz o Profeta, que he melhor, e que he mais bello o Calis do Altar, do que o calis da Payxão? A razão he esta: o calis da Payxão custou muyto, mas acabou logo: *Consummatum est*: Joann. 19. 30. o Calis do Altar naõ custou tanto, mas hade durar sempre: *Hic calix novi, & aeterni testamenti*. E pesando o Profeta a fineza de hum, e outro calis, em hum a fineza de morrer, em outro a fineza de assistir;

stir ; achou, que era mayor fineza sacramentar-se Christo no Calis do Altar para durar sempre : *Aeterni testamenti* ; do que sacrificar-se no calis da Payxaõ para a cabar logo : *Consummatum est*. Como se differa Zacarias ; bom, e fôrmoso fois, Senhor, no calis da vossa Payxaõ ; porém mais bello, e mais formoso me pareceis no Calis do vossõ Altar ; porque quanto sacrificastes na Cruz para o tempo, que acaba logo : *Consummatum est*, tudo sacrificastes no Altar para a eternidade, que dura sempre : *Novi, & aeterni testamenti*.

438 Na mesma Payxaõ de Christo confirmáraõ esta verdade os mayores Discipulos do Senhor, Pedro, e Joaõ. Propoz Pedro fazer huma fineza digna de seu amor, e foy ella offerrecer-se á morte : *Animam meam pro te*

ponam. Executou Joaõ outra fineza, e foy a de assistir ao pé da Cruz : *Discipulum stantem*. Pois que differença he esta tão grande ? Joaõ resolve-se a assistir, Pedro expõe-se a morrer ? Sim ; porque Pedro, que amava muyto, achou, que era fineza digna de seu amor a morte ; mas Joaõ, que amava mais, achou, que era fineza digna do seu amor a assistencia. Demodo que o Discipulo, que ama menos, tem por fineza morrer : *Animam meam pro te ponam* : o Discipulo, que ama mais, obra a fineza de assistir : *Discipulum stantem*. Porque quem ama menos, todo o seu desejo poem na morte : *Animam meam pro te ponam* : quem ama mais, todo o seu empenho poem na assistencia : *Discipulum stantem*.

439 Certa parece em tudo esta doutrina ; mas

mas tem contra si huma grande difficuldade. Diz Christo, que a mayor fineza do amor he morrer : *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*. Pois se Christo diz, que a mayor fineza he morrer, como digo eu, que he mayor fineza assistir ? Para darmos resposta a esta duvida, havemos de suppor, que ou se pôde amar a hum amigo ingrato, ou a hum amigo agradecido : se amais a hum amigo ingrato, mayor fineza he morrer, do que assistir-lhe ; porque a culpa da ingrataõ augmenta o sacrificio da morte : se amais a hum amigo agradecido, mayor fineza he assistir-lhe, do que morrer ; porque o beneficio da assistencia augmenta a correspondencia do affecto.

440 Dous pays acho eu nas Sagradas Letras.

ambos muyto amantes de seus filhos ; hum era Jacob, outro era David. David amava a Absalam, e chegou a taes pontos este amor, que sabendo o pay a morte do filho, desejou em lugar do filho morrer o piedoso pay : *Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te ?* Jacob amava a Joseph, e chegou a taes termos esta affeyção, que, suppondo o velho Jacob a morte de seu filho Joseph, desejou aquelle pay enternecido assistir no lugar, onde estava seu filho amado : *Descendam ad filium meum lugens in infernum*. Ha tal differença de finezas ! David deseja morrer por seu filho Absalam, Jacob deseja assistir a seu filho Joseph ? Não estava em ambos o amor paternal ? Sim estava ; pois como pode o mesmo amor fazer tão differentes effectos, que David ame

de modo, que deseje morrer: *Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te?* E Jacob ame de forte, que deseje afflittir: *Descendam ad filium meum lugens in infernum?* Direy: David amava a hum filho ingrato, e tão ingrato como era Absalam; Jacob amava a hum filho agradecido, e tão agradecido como era Joseph: e medindo os pays as finezas pelos procedimentos dos filhos, David, que ama a hum filho ingrato, deseje morrer; Jacob, que ama a hum filho agradecido, deseje assistir. David deseje morrer, e não deseje assistir; não deseje assistir, porque não he bem, que o pay veja a ingratidão do filho; deseje morrer, porque acha que he justo, que para viver o filho morra o pay: como se differa David: já que Absalam he ingrato, não he bem,

que David assista a Absalam; já que Absalam he filho, he bem, que para viver Absalam morra David: *Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te?* Jacob deseje assistir, e não deseje morrer; não deseje morrer, porque se o filho lhe não tem feyto offensa, não he bem, que o pay lhe negue a visita; deseje assistir, porque se Joseph lá no outro mundo vive, he bem, que abi mesmo Jacob lhe assista: como se differa Jacob: se Joseph he agradecido, he bem, que Jacob veja a Joseph; se Joseph he filho, he bem, que onde está Joseph assista Jacob: *Descendam ad filium meum lugens in infernum.*

441 O' verdadeyro David! O' verdadeyro Jacob! Amastes na Cruz, como David; porque ahi fomos nós ingratos, como Absalam: amais no Sacramento, como

Ja-

Jacob; porque aqui fomos nós agradecidos, como Joseph: medistes as finezas pelos amados: na Cruz, onde amastes a filhos ingratos, fizestes a mayor fineza, que foy morrer por nós: no Sacramento, onde amais a filhos agradecidos, fazeis a mayor fineza, que he assistir comnosco. Porém ainda assim acho eu agora, que he mayor fineza, absolutamente fallando, esta assistencia, do que aquella morte, como ponderava no principio: e senão reparem.

442 Lá dizia Deos antigamente, que todo o seu desejo era estar com os homens: *Dilicia mea, esse cum filiis hominum.* Ha tal desejo! Cuydava eu, que dizia o Senhor, que todo o seu desejo era derramar seu sangue, era dar a vida, era morrer por amor dos homens. He certo, q̄ elle desejava isto: pois se

deseja com effeyto morrer por nós, como diz, que o seu gosto todo he estar comnosco: *Diliciae meae, esse cum filiis hominum?* Direy: porque, como seja mayor fineza do amor o assistir, do que o morrer, para Deos explicar a grandeza de seu amor, não diz, que deseje a morte, diz que deseje a assistencia: *Dilicia mea, esse cum filiis hominum.* Ora reparay. Dezejou o mesmo Senhor depois a morte, e para encarecer a grandeza de seu desejo, não desejou a morte na frase de morte, desejou a morte na metaphora de Sacramento: *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum.* Logo, se he mayor fineza o assistir, do que o morrer, bem digo eu, que, se Christo amou muyto na redempção da Cruz, em que morreu por nós, ama mais na redempção

Proverb.
8. 31.

Luc.
22. 15.

Tom.I.

Bb3

do

do Altar, em que assiste comnosco. Mas que muyto, se elle na redempção da Cruz foy para seu pay: *Ad Deum vadit*; e na redempção do Altar assiste ao seu povo: *Redemptionem misit populo suo?*

S. V.

443 **A** Segunda circumstancia do sacrificio da Cruz he, q̄ nelle se applicou para remedio, o que estava decretado para remedio; mas, se me não engano, esta circumstancia da redempção da Cruz considero eu excedida pela redempção do Altar: ora notem. No decreto de Deos se ordenou o sacrificio da Cruz para remedio de culpas; e no mesmo decreto de Deos se ordenou a instituição do Sacramento para augmento da graça: isto supposto, duvido assim: não he todo o intento da I-

greja na instituição desta solemnidade evitar as culpas, que se commettião nestes dias? Sim he: pois para evitar as culpas parece, que havia applicar o sacrificio da Cruz, porque este he o que se decretou para remedio de peccados; mas applicar o sacrificio do Altar? Expor para remediar as culpas aquelle Sacramento, que se instituiu para augmentar a graça? Sim; que este he o excessõ, que leva a redempção do Altar á redempção da Cruz. Na redempção da Cruz applica-se para remedio, o que estava decretado para remedio: estava decretado para remedio do mundo a morte de Christo, e applicou-se para remedio, como estava decretado. Na redempção do Altar applica-se para remedio, o que estava decretado para augmento: estava o Divinissimo Sacramento de-

cre-

cretado para augmento da graça, e hoje se applica para remedio de culpas. O' que grande excessõ de amor na verdade! Applicar para remedio, o que está decretado para remedio, he obrigação; applicar para remedio, o que está decretado para augmento, he amor.

444 Entrou a Magdalena em casa do Fariseo, e converteo-se aos pés de Christo. Passou em silencio as duas mysteriosas circumstancias desta conversão, como forão beijar, e ungir os pés do Senhor; só reparo em chorar, e em alimpar com os cabellos as suas lagrimas: *Lacrymis rigavit, & capillis... terxit.* Que a Magdalena applique para a sua penitencia as suas lagrimas, bem está; que isto fizeraõ os mayores penitentes da Igreja: isto fez Pedro, e isto fez David! mas que applique para a sua pe-

Tom. I.

nitencia os seus cabellos? Isto he o que não entendo, isto he o em que reparo. Que tem para a penitencia dos peccados alimpar as lagrimas com os cabellos da cabeça? Porque se não hade contentar com derramar as lagrimas de seus olhos? Sabeis porque? Porque amava muyto: *Quoniam dilexit multum*; e quem ama muyto não só applica para remedio, o que está determinado para remedio; mas tambem applica para remedio, o que está determinado para augmento: ora vede. As lagrimas decretou-as a penitencia para remedio das culpas; os cabellos produzio-os a natureza para augmento da formosura; pois que faria esta grande penitente, para amar com excessõ? Que? Não só sacrificia para remedio das culpas as lagrimas, que são remedio de culpas; são remedio de culpas;

Bb 4 mas

mas também sacrifica para remedio das culpas aquelles cabellos, que são augmento da belleza. A Magdalena tinha o seu sentimento nas suas lagrimas, e tinha o seu gosto nos seus cabellos; e foy tão excessivo o amor desta penitente, que para remediar as suas culpas não só applicou nas suas lagrimas o seu sentimento, mas sacrificou o seu gosto nos seus cabellos: *Lacrymis rigavit, & capillis... terfit... quoniã dilexit multum.* O mesmo, mas com muyto excessivo, confidero eu hoje em Deos. (Permitti Senhor a comparação entre o Divino, e humano) Christo em quanto crucificado tem em si o sentimento das suas chagas, como diz S. Pedro: *Pasus est pro nobis.* Christo em quanto sacramentado tem em si a formosura da sua graça, como diz Zacarias: *Quid pulchrum ejus?* E che-

1. Petr.
2. 21.

Zachar.
9. 17.

gou a taes pontos o amor de Deos, que se para remediar as culpas dos homens sacrificou antigamente o sentimento das suas chagas na Cruz, hoje para remedio dos mesmos homens sacrifica a formosura da sua graça no Altar. Alguma sombra disto havemos de achar no Testamento velho.

445 Dous sacrificios, e ambos muyto grandes, fez antigamente o mundo: hum foy ás mãos do amor, outro foy ás mãos do odio: sacrificou ás mãos do odio o innocente Abel; porque o ministro do sacrificio foy Caim: sacrificou ás mãos do amor o formoso Isaac; porque o ministro do sacrificio era Abraham. Agora pergunto: que intento teve o mundo em fazer estes dous sacrificios? Que intento teve em sacrificar primeyro Abel, e dahi a muytos annos sacrificar Isaac?

Pa-

Para darmos a reposta, havemos primeyro saber, que quer dizer Isaac, e que quer dizer Abel. Sabeis que quer dizer Abel? Quer dizer pranto: *Abel idest, luctus.* Sabeis que quer dizer Isaac? Quer dizer riso: *Isaac idest, risus.* Ah sim? Pois querendo o mundo aplacar com os seus sacrificios os castigos de Deos, que lhe fulminava a sua justiça, quiz primeyro sacrificar o seu pranto, e o seu sentimento no seu Abel, e depois como mais amante sacrificar o seu riso, e o seu gosto no seu Isaac. Como se differa o mundo: Senhor, se vos agrada o sacrificio das dores, aqui tendes o nosso sentimento sacrificado com Abel morto; e se ainda vos agrada mais o sacrificio das alegrias, aqui tendes o nosso gosto sacrificado em Isaac offerecido. O' que grande se-

melhança! O' que grande conformidade! Que he Christo, senão o verdadeyro Abel? Que he Christo, senão o verdadeyro Isaac? Para remediar os peccados dos homens, para aplacar a justiça Divina, sacrificou o seu pranto, sacrificou as suas dores na Cruz, como innocente Abel; porém hoje mais amante sacrifica o seu riso, e o seu gosto, como verdadeyro Isaac. No rosto o pranto he a sua fealdade, o riso he a sua formosura: sacrificar hum pranto para remediar huma culpa, he sacrificar huma fealdade para remediar outra fealdade; e isto fez o mundo no sacrificio do seu Abel: sacrificar hum riso para remediar huma culpa, he sacrificar huma formosura para remediar huma fealdade; e isto fez o mundo no sacrificio do seu Isaac. O sacrificio da Cruz tinha huma parte de feo, que

craõ

Ifai.
53. 2.Zachar.
9. 17.

eraõ as dores, que cau-
sou o odio : assim o diz
Isaias : *Non est species
ei, neque decor.* O fac-
rificio do Altar todo
era formosura : assim o
diz Zacarias : *Quid pul-
chrum ejus, nisi fru-
mentum electorum?* Pois
sacrificar Christo o hor-
ror das chagas, para re-
mediar a fealdade das
culpas, isto he muyto;
mas sacrificar a formo-
sura do Sacramento, pa-
ra remediar a fealdade
dos peccados, isto he
mais.

Joann.
20. 27.Luc. 22.
61. 62.

446 Para Christo re-
mediar a incredulidade
de Thomé, applicou as
suas chagas : *Infer digi-
tum tuum huc, & vide
manus meas, & affer
manum tuam, & mitte
in latus meum.* Para
Christo remediar as ne-
gaçoens de Pedro, ap-
plicou os seus olhos :
*Conversus Dominus re-
spexit Petrum... & e-
gressus foras flevit a-
marè.* Pois para reme-
diar as negaçoens de

Pedro applica os olhos,
e para remediar a in-
credulidade de Thomé
 applica as chagas? Sim,
e a razão he; porque
Christo amava mais a
Pedro, que a Thomé;
e assim para remediar
a incredulidade de Tho-
mé, applicou o horror
das suas chagas; em que
estava a fealdade do nos-
so odio; e para reme-
diar as negaçoens de
Pedro, applicou a gra-
ça dos seus olhos, em
que estava a formosura
do seu amor : em Tho-
mé remediou huma fe-
aldade com outra feal-
dade; remediou a feal-
dade da incredulidade
com a fealdade das feri-
das : em Pedro reme-
diou huma fealdade com
huma formosura; re-
mediou a fealdade das
negaçoens com a formo-
sura dos olhos : *Respe-
xit Petrum.*

447 Quando Chri-
sto padeceo na Cruz,
fomos nós como Tho-
mé; porque ali reme-
diou

diou o Senhor a fealda-
de de nossos peccados
com a fealdade da mor-
tè : mas hoje nestas qua-
renta horas somos co-
mo Pedro; porque a-
qui remedeia o Senhor
a fealdade de nossas cul-
pas com a formosura do
Sacramento. E qual se-
rá a razão desta diffe-
rença? A razão he;
porque Christo na Cruz
communicava com in-
gratos; no Altar com-
municava com amigos :
e quando Christo com-
municava com ingratos,
he bem, que o beneficio
seja a fealdade da mor-
te, para que assim ma-
nifeste a fealdade da in-
gratidão; mas quando
communicava com ami-
gos, he razão, que o
beneficio seja a formo-
sura da vida, para que
ella manifeste a formo-
sura da amizade. Chri-
sto na Quinta feyra da
Cea entregou o peyto
a Joaõ : *Recumbens... in
sinu Jesu*; e na Sesta
da Payxaõ entregou as

Joann.
13. 23.

costas aos peccadores :
*Supra dorsum meum fa-
bricaverunt peccatores.* Pfalm.
128. 3.
Pois entrega as costas
aos peccadores, e o pey-
to a Joaõ? Sim; en-
trega as costas aos pec-
cadores, para que a fe-
aldade dos açoutes ma-
nifeste a fealdade da sua
ingratidão : *Supra dor-
sum meum fabricaverunt
peccatores* : entrega o
peyto a Joaõ, para que
a formosura do benefi-
cio manifeste a formo-
sura da amizade : *E-
rat... recumbens... in si-
nu Jesu.* Senhor, vós
vos haveis com os ho-
mens, como Labão se
houve com Jacob. Na
casa de Labão houve-
raõ dous desposorios :
no primeyro deu La-
bão a Jacob a fealdade
de Lia; no segundo
lhe deu a formosura de
Rachel. Assim se hou-
ve Deos conosco : no
primeyro desposorio,
que se effeytuou na
Cruz, deu-nos a feal-
dade de Lia na fealda-
de

de da morte ; nõ se-
gundo desposorio , que
se effeytuou no Altar,
deu-nos a formosura de
Rachel na formosura
do Sacramento . Mas
que muyto , que o fa-
crificio seja de formo-
sura , se a redempção
he de amor ? *Redem-
ptionem misit populo
suo.*

448 Amoroso Senhor,
excedido de vós mesmo
vos cõsidero eu hoje: ex-
cedido na Cruz de vós
mesmo no Altar : na
Cruz sacrificastes para
remedio das culpas o
remedio das culpas; no
Altar sacrificais para
remedio das culpas o
augmento da graça : na
Cruz sacrificastes a fe-
aldade da morte ; no
Altar sacrificais a formo-
sura da vida. Mas
que muyto , se assim o
fez a Magdalena , sacri-
ficando depois do senti-
mento das lagrimas a
formosura dos cabellos?
Que muyto , se assim o
fez o mundo , sacrifi-

cando depois do pran-
to de Abel o riso de
Isaac ? Porém o mun-
do quiz satisfazer com
esta fineza de amor á
vossa justiça : a Mag-
dalena quiz satisfazer
com esta fineza de a-
mor por seus peccados:
Remittuntur ei pecca-
ta multa. E se sacrifi-
car assim a formosura
para remedio da fealda-
de he a mayor fineza
do amor , excedida está
a redempção da Cruz
pela redempção do Al-
tar : *Redemptionem mi-
sit populo suo.*

§. VI.

449 **D**Esta doutrina
tiro eu huma
consequencia, e he, que
nesta redempção estão
satisfeytos os desejos de
Deos. Os desejos de Deos
são , que todos sejaõ
justos : e que bem satis-
feytos tem hoje Deos os
seus desejos ! Em tres
estados considero eu a
Christo ; considero a
Chri-

Christo no Calvario ;
considero a Christo no
Cenaculo ; e considero
a Christo nestas quaren-
ta horas. Christo no Cal-
vario sacrificou-se para
remedio , mas não con-
seguio neste sacrificio
todo o feu desejo ; por-
que sendo o feu desejo
salvar ali a todos , não
salvou ali mais que a
hum , e este foy Dimas:
da companhia, que teve
no Calvario , salvou-se
huma parte , que foy
Dimas , e perdeu-se a
outra , que foy Géstas.
No Cenaculo sacrificou-
se para augmento da gra-
ça , mas tambem os seus
desejos não ficáraõ satis-
feytos neste sacrificio ;
porque he verdade, que
se salváraõ onze , mas
perdeu-se hum , que foy
Judas. Porém nestas qua-
renta horas ajunta Chri-
sto os dous sacrificios,
sacrifica-se para reme-
diar as culpas, como Sa-
cramento exposto, e sa-
crifica-se para augmen-
tar a graça , como Sa-

cramento commungado:
e neste sacrificio ficãõ
satisfeytos todos os seus
desejos; porque nem ha
Judas , que se perca ,
nem Géstas, que se con-
dene ; salva-se todo o
povo nesta redempção:
*Redemptionem misit po-
pulo suo.*

450 Sabeis, fieis, o
que agora considero ?
Considero o Cenaculo
como a casa de Adam;
o Calvario como a casa
de Isaac ; e as quarenta
horas como a casa de
Jacob. Considero o Ce-
naculo como a casa de
Adam ; porque na casa
de Adam houve só hum
filho máo, q̄ foy Caim;
os mais filhos ambos fo-
raõ bons, como Seth, e
Abel. No Cenaculo hou-
ve só hum filho máo, que
foy Judas ; todos os ma-
is Discipulos foraõ bons,
como Pedro, e André ;
e eis aqui o Cenaculo
como a casa de Adam.
Considero o Calvario
como a casa de Isaac ;
porque na casa de Isaac
hou-

Genef. 49. 28. houveraõ dous filhos, hum máo, que foy Efaú, outro bom, que foy Jacob. Na Cruz teve sómente o Senhor dous companheyros, hum máo, que foy Géstas, outro bom, que foy Dimas; e eis aqui o Calvario como a casa de Isaac. Considero a solemnidade das Quarenta horas como a casa de Jacob; porq̃ na casa de Jacob, de doze filhos, que houveraõ, nenhum foy filho de maldiçaõ, todos foraõ filhos de bençaõ, todos foraõ abençoados de seu pay Jacob: *Beneditio que singulis, benedictionibus propriis.* Na solēnidade das Quarenta horas, de quantos companheyrostemChri-

sto comfigo á mesa, nenhum he filho de maldiçaõ, todos saõ filhos de bençaõ, todos saõ abençoados, todos saõ justos: eis aqui as quarenta horas como a casa de Jacob. Huma, e muytas vezes bemdito sejas, Senhor, pois já chegou o sacrificio, em que satisfizestes todos os vossos desejos; porque se Jacob na sua morte deu a bençaõ a todos os seus filhos, vós na vossa redempçaõ dais a graça a todo o vosso povo: *Redemptionem misit populo suo:* e com ella espero eu, que cheyos demerimentos vos vamos todos louvar por huma eternidade de Gloria: *Ad quam nos, &c.*



SER-



SERMÃO DA QUARTA FEYRA DE CINZA,

Pregado na Real Capella da Universidade de Coimbra.

*Memento homo, quia pulvis es.
Ex Eccles. Cærem.*

S. I.

451



Todos os homens se pregarão, e deve pregar a cinza. Se todos ha-

vemos de ouvir a trombeta da resurreyçaõ, porque não havemos de ouvir todos o pregaõ da morte? Taõ universal he o pregaõ da cinza, como a trombeta do juizo:

20:

zo : logo se a trombeta hade acordar a todos os mortos , o pregação porque não hade despertar a todos os mortaes? Mais geral he o decreto da cinza , do que foy o diluvio das agoas ; porque contra as agoas bastou ser Noé , e contra a cinza não basta ser Adam. Em todos os decretos de Deos houve sempre privilegios : decretou destruir as cidades infames , e privilegiou a Lot : determinou arruinar a Cidade de Jericó , e privilegiou a Rahab : destinou castigar o Egypto , e privilegiou a Israel : decretou finalmente alagar o mundo , e privilegiou a Noé : só no pregação da cinza não ha privilegio , todos o devemos ouvir , porque todos havemos de morrer : *Omnes morimur.* Porém neste pregação universal , havendo de o ouvir todos , digo eu , que os primeyros de-

vem ser os sabios. A razão he esta : os sabios são eternos na sua fama ; pois onde se logra alguma eternidade , ahí he necessario mayor desengano : se são eternos pelos seus escritos , sayhaõ , que são mortaes pelo nosso pó : *Pulvis es.* Esta he a razão ; ouçamos agora a Escritura.

452 Prégou Deos a cinza , e foy a primeira vez , que se prégou no mundo : o Sermão foy breve , porque não constou mais que de dous pensamentos , que foram : *Pulvis es , & in pulverem revertéris.* O auditorio foy pequeno , porque se não compoz mais que de dous ouvintes , que eraõ os que viviaõ naquelle tempo , Adam , e Eva : e sendo duas as pessoas , que compunhaõ aquelle pequeno auditorio , só com huma fallou Deos , e foy com Adam : *Pulvis es.* Pois , Senhor , se he

he mortal o homem , tambem he mortal a mulher : logo porque não fallais com ambos ? Só a Adam se hade dirigir a pratica ? Só a Adam se hade prégar a cinza ? Sim ; porque só em Adam estava a sabedoria. Adam , conforme diz S. Paulo , era sabio : *Adam non est seductus.* Eva , como diz o mesmo Apostolo , era ignorante : *Mulier autem seducta in praevaricatione fuit.* Pois á mulher não ; mas fim a esse homem , a esse Adam , a esse sabio se hade dar o desengano , se hade intimar a mortalidade , se hade prégar a cinza : a esse sabio , que sabe muyto , a esse Adam , que quiz saber mais , a esse , porque não se imagine eterno , se hade dizer , que he mortal : *Pulvis es.* Confirme-se com a natureza a Escritura. Tanto que nasce o Sol , logo se levantaaõ vapores : e por Tom. I.

que ? Porque a natureza entendida ao Sol da sabedoria offerece o pó do desengano : desengana-te , planeta sabio , que tens morte , e tens mortalidade ; a morte te dá o mar nas suas agoas ; a mortalidade te representa a terra em seus vapores : na manhã pó , na tarde occasum suum. *Sol cognovit occasum suum.*

453 Notavel foy o modo , com que Christo curou a hum cego. Remediou o Senhor varios homens com varios instrumentos : remediou o filho da viuva de Naïm com a sua maõ : *Accessit , & tetigit loculum.* Remediou a mulher enferma com o seu vestido : *Tetigit simbriam vestimenti ejus.* Remediou o surdo com os seus dedos : *Misit digitos suos in auriculas ejus.* Porém ao cego remediou-o com terra , e com pó : *Expuit in terram , & fecit lutum.*

1. Thimoth. 2.
14.
Ibi.

Genef.
3. 19.

Pfalm.
103.
19.

Luc.
7. 14.

Matth.
9. 20.

Marc.
7. 33.

Joann.
9. 6.

Cc tum

*tum ex sputo, & liniv-
vit lutum super oculos
ejus.* Raro caso! Se a-
quelles olhos estão en-
fermos, porque lhes não
applica o Senhor algu-
ma parte de seu vesti-
do? Porque não poem
sobre elles o poderoso
de sua mão? Porque os
não tóca com o activo
de seus dedos? Ao mal
dos olhos remedio de
terra, remedio de pó:
Fecit lutum ex sputo?
Porque razão? O pó
tão longe está de ser
remedio para a vista de
hum cego, que antes a
perturba, e offende na-
quelles, que a tem. Po-
is o que perturba a vi-
sta aos que a tem, quer
Christo, que a acclare
a quem della necessita?
O pó, que faz os olhos
cegos, quer Christo,
que faça os olhos com
vista? O pó, que para
a vista he peçonha, quer
Christo, que seja para
os olhos antidoto? Sim;
porque dos nossos sin-
co sentidos os quatro,

como mais crassos, são
muyto ignorantes; só
os olhos são pela luz
os entendidos, são pe-
lo lume os fabios: el-
les são os que perce-
bem mais; elles são os
que conhecem melhor:
pois a esses olhos da fa-
bedoria se hade applicar
a terra, e o pó da
mortalidade: a essas lu-
zes haõde curar as som-
bras; a esse lume hade
desenganar o lodo: *Fecit
lutum ex sputo, &
linivit lutum super o-
culos ejus.* Ao Sol re-
medio de vapores; aos
olhos remedio de terra;
aos fabios remedio de
pó: *Pulvis es.*

454 Tres forão os
generos, que inventou
a industria dos homens
para nellés se escreve-
rem os dictames do en-
tendimento: nos pri-
meyros tempos se escre-
via nas cascas das ar-
vores: nos segundos se
escrevia nas pelles dos
animaes: nos nossos fi-
nalmente se escreve em

papel. Pergunto: que
mysterio teve, e tem
ainda hoje, esta nota-
vel differença de livros?
Direy: a casca mostra
a arvore, que se des-
pio; a pelle mostra o
animal, que se matou;
o papel mostra o vesti-
do, que se rompeo: e
he tão necessario aos
fabios o conhecimento
de que são mortaes,
que nos seus livros tem
os seus Prégadores: os
livros de suas escrituras
lhes estão dando os de-
fenganos de sua vida:
nelles lem, e escrevem:
escrevem o que sabem,
e lem o que devem fa-
ber: escrevem as le-
tras, e lem a mortali-
dade. Diziaõ as cascas:
defengana-te fabio, que
hasde morrer, assim co-
mo a arvore se despio.
Diziaõ as pelles: defen-
gana-te fabio, que has-
de morrer, assim como
o animal acabou. Diz
o papel: defengana-te
fabio, que hasde mor-
rer, assim como o ve-

stido se rompeo. Lá es-
creveo Christo huma
vez, e escreveo na ter-
ra: *Digito scribebat in* JOANN.
terra. Notavel papel por 8. 6.
certo! Mas não ha fa-
bio, que no seu papel
não possa considerar a
sua terra: *Scribebat in
terra.*

S. II.

455 **E** Is aqui defen-
ganou aos fa-
bios a providencia, a
natureza, e a arte: a
providencia prégando a
cinza a Adam: a natu-
reza ministrando vapo-
res ao Sol: a arte offe-
recendo papel aos Me-
stres. Todos prégão e-
ste defengano: a arte
com o seu papel; a na-
tureza com o seu vapor;
a providencia com o seu
pó: pois o que fez a
providencia, a nature-
za, e a arte, porque o
não havia fazer a Uni-
versidade? Assim o faz:
hoje avisa aos entendi-
dos, hoje defengana aos

fabios. Vejamo-lo mais claramente.

456 *Pulvis es, & in pulverem revertéris.* Duas cousas diz a Igreja, e huma não diz: diz que somos pó, e que havemos de ser pó; e não diz o modo, como se distinguem estes dous pó: mas porque o não hade dizer? Supposto ha pó presente: *Pulvis es*; e ha pó futuro: *Et in pulverem revertéris*; em que se distingue aquelle pó futuro deste pó presente? Em que se distingue o pó, que somos, do pó, que havemos de ser? A resposta commua a esta duvida he, que o pó, que havemos de ser, he o pó da morte; e o pó, que somos, he o pó da vida: que o pó futuro he o pó morto; que o pó presente he o pó mortal: esta he a differença, que ha entre pó e pó, conforme o sentir dos Expositores. Porém eu confesso, que o pó,

que havemos de ser, he pó morto; mas não quero, que o pó, que somos, seja sómente pó mortal; e assim me parece, que este pó, que nós outros agora actualmente somos, he pó mortal, e deve ser pó morto. Mas como póde hum fogeyto ser juntamente morto, e mortal? O mortal he o que hade morrer ainda; o morto he o que morreo já: pois como póde o mesmo fogeyto juntamente haver de morrer, se elle já morreo? Respondo com hum exemplo. O Sol juntamente he morto, e he mortal: no Occaso he morto para nós, porque já se poz; e he mortal para os Antipodas, porque ainda se hade pôr: pois assim como he o Sol, assim hade ser o homem. O homem em quanto vive hade ser juntamente morto, e mortal: hade ser mortal pela sua natureza, e pela sua fra-

fragilidade; e hade viver como morto pelo seu entendimento, e pela sua sabedoria: hade ser mortal, e hade viver como morto; hade ser mortal em quanto homem, e hade viver como morto em quanto entendido. Que seja mortal, he cousa certa; que haja de viver como morto aquelle, que he entendido, e fabio, póde ter alguma duvida: porisso será esta a materia, que hoje determino provar com a brevidade, que he precisa. Comecemos.

§. III.

457 *Memento homo, quia pulvis es.* Lembra-te homem fabio, que, em quanto vives, debes viver como morto. A razão he esta: o homem fabio conhece com perfeição todas as cousas do mundo; conhece, que tudo he fragil; co-

nhece, que o Sol he hum planeta, que se eclipsa; que a Lua he hum astro, q̄ se diminue; que o campo he hum ramilhete, que se féca; que o mar he hum lago, que se altera; que a riqueza he huma posse, que se perde; que o vestido he huma gala, que se rompe; que a honra he huma opiniaõ, que se mancha; que a faude he huma felicidade, que adoece; que o manjar he hum gosto, que se corrompe; que a amizade he hum trato, que se finge; que a belleza he huma flor, que se murcha; que a Magestade he huma figura, que se representa; que a fortuna he hum vento, que se muda; e finalmente que a vida he huma luz, que se apaga. Pois se o fabio (peleimos bem a consequencia). pois se o fabio conhece; que tudo he mortal, para

exceder a tudo, que hede fazer, fenaõ ter-se por morto?

458 Ora ouçamos a hum fabio, que defengana aos outros fabios. Falla Salamaõ no capitulo primeyro do Ecclesiastes, e diz assim: *Ego Ecclesiastes fui Rex Israël: Eu fuy Rey de todo o povo de Israël. Myfterioso estylo de fallar he este na verdade! Diz Salamaõ, eu fuy, quando havia de dizer, eu sou? Naõ era elle o mesmo, que actualmente escrevia? Naõ era o que tinha diante de si o papel? Naõ era o que movia a penna? Sim era. Estas açcoens naõ faõ todas de hum homem vivo? Sim faõ. Pois porque razaõ, havendo elle de dizer, eu sou, que he a frase dos vivos, diz, eu fuy, que he a frase dos mortos? Porque isto he fer Salamaõ, isto he fer fabio: viver, escrever,*

ensinar, mas como homem, que viveo, como homem, q̄ foy, naõ como homem, que vive, naõ como homem, q̄ he. O epitafio dos mortos chama-se letreyro, e só quãdo elle se escreve na vida, entaõ qualifica as letras: porisso aquelle *Fui*, que havia de pôr Salamaõ na pedra da sua sepultura, para dar a conhecer a sua pessoa, o escreveo no papel de seus livros, para defengana a sua sabedoria. O mayor credito de Deos he dizer, eu sou: *Ego sum*: o mayor credito do fabio he dizer, eu fuy: *Ego fui*.

459 Ouvimos hum fabio da Ley Escrita; ouvimos a Salamaõ: ouçamos agora hum fabio da Ley da graça; ouçamos a Saõ Paulo. Diz elle assim: *Unus pro omnibus mortuus est: ergo omnes mortui sunt.* Christo morreo: logo todos estamos mortos. O antecedente he cer-

to; porque fallava de Christo, que já era morto: a consequencia he difficullosa; porque fallava com homens, que ainda naquelle tempo viviaõ: logo como chama S. Paulo mortos aquelles homens vivos: *Ergo omnes mortui sunt?* Porque esta he a alta, e mysteriosa doutrina, q̄ aquelle fabio escrevia aos fabios, que aquelle Mestre ensinava a seus discipulos: que não vivessẽ, como vivos; q̄ vivessẽ, como mortos: q̄ naõ morressẽ, quando se morre; que morressẽ, quando se vive: morrer na morte tambem he infelicidade dos brutos; morrer na vida he só generosidade dos fabios. Aquelle insecto, que faz do tear de sua vida sepulchro de sua morte, quanto mais tẽce, mais se sepulta. Pois porque naõ hade fazer hum fabio entendido, o que faz hum animal imperfeyto? Commu-

mente se diz dos fabios, que faõ os que costumaõ tirar o pó dos livros; mas disse-ra eu, que quando nos livros vem o pó, nelle mais do q̄ nas letras devem fazer o seu estudo. Anda o pó junto com as letras, o pó da morte com as letras da sabedoria.

460 Quando antigamente se sacrificavaõ as aves, mandava Deos no Levitico, que as pennas se lançassem no mesmo lugar, em que se lançavaõ as cinzas: *Plumas projiciet... in loco, in quo cineres effundi solent.* Notavel cerimonia! As pennas juntas com as cinzas? Mysteriosa companhia! As cinzas eraõ despojos dos animaes, que se sacrificavãõ; as pennas eraõ despojo das aves, que se offerenciaõ; pois no mesmo lugar, onde estaõ as cinzas, se haõ de lançar as pennas? No mesmo lugar, on-

de estaõ as cinzas dos animaes, que se quey-maõ, se haõde lançar as pennas das aves, que voaõ? Já que se facrificaçõ animaes, e se facrificaçõ aves, haja hum lugar para as pennas das aves, e haja outro lugar para as cinzas dos animaes: mas no mesmo lugar pennas, e cinzas? Sim; porque sempre se uniraõ bem pennas do entendimento com cinzas da morte: aquellas cinzas adormeceraõ mortas; aquellas pennas voaraõ entendidas; pois, já que vós, pennas, sois entendidas, haveis de estar nas cinzas como mortas: pennas, e cinzas tudo eraõ despojos sagrados dos sacrificios santos; porém Deos ordena, que as pennas se lancem no lugar das cinzas, para que saybaõ as pennas entendidas, que já saõ mortas: *In loco cinerum*. Para que saybaõ as pennas

discretas, que já saõ pó: *Pulvis es*. Porém ainda naõ disse tudo.

461 Nestas pennas confidero eu dous lugares; hum, quando estavaõ nas aves; outro, quando estavaõ nas cinzas: logo nas cinzas he que agradavaõ mais a Deos, pois assim se queria servir dellas no sacrificio; mas porque agradavaõ mais a Deos, quando estavaõ nas cinzas, que quando estavaõ nas aves? Porque quando estavaõ nas aves, eraõ pennas mortas; quando estavaõ nas cinzas, eraõ pennas mortas; e mais agrada a Deos huma penna entendida, que se tem por morta, do que huma sabia penna, que se tem por mortal. O' pennas sabias! O' pennas entendidas! Ou vós seiais de Pavaõ na roda da vossa fortuna, ou vós seiais de Aguiã na agudeza da vossa especulaçõ, ou vós seiais bran-

cas

cas pela pureza, ou vós seiais verdes pela esperança, ou vós seiais encarnadas pela justiça, ou vós seiais amarelas pela penitencia, se quereis agradar a Deos, naõ vos tenhais por mortas, vivey como mortas, ponde-vos no lugar das cinzas: *In loco, in quo cineres effundi solent*.

Apoc.
13. 8.

462 Isto, que nos ensinou Deos com a sua doutrina, he o que nos ensinou tambem com o seu exemplo: Falla o Euangelista S. Joaõ do Cordeyro, e diz, que elle morreo no principio do mundo: *Qui occisus est ab origine mundi*. Morto lá do principio do mundo, isto como póde ser? Se differa, mortal, bem dito estava; porque tanto que foy peccador Adam, logo foy mortal o Cordeyro; porém morto? Cresce a difficuldade: Christo veyo como Cordeyro, e veyo como

Sol: em quanto Sol, veyo como mortal: *Sol cognovit occasum suum*. ^{Psal. 103. 19.} Pois se Christo, em quanto Sol, veyo como mortal, porque razaõ, em quanto Cordeyro, veyo como morto? O mesmo S. Joaõ, que fundou a duvida, nos dá a resposta: diz, que o Cordeyro recebeu o livro: *Ve-* ^{Apocal. 5. 7.} *nit: & accepit... librum*. E vós, Cordeyro, sois entendido? Sois fabio? Praticais as doutrinas? Abris os livros? Pois naõ haveis de vir como mortal, haveis de vir como morto: *Qui occisus est*. Que esta he a obrigaçõ do fabio, o que nos outros he mortalidade, nelle hade ser morte. Assim o entendeo S. Bernardo. Diz elle no terçeyro Sermão, falando com os seus ouvintes, e tambem conosco: *Miser homo, cogita te esse mortuum*. ^{Bernard.} Homem, que hes mi-

sera-

feravel pelo barro, e illustre pelo entendimento, já que hes entendido, não te consideres mortal, que isso he pouco; considera-te morto, que isso he mais: *Cogita te esse mortuum.*

463 Senhores: o dia de cinza he dia de defenganos: já que os ignorantes consideraõ a morte tão longe, que dizem, que haõde morrer ainda: *Cras enim moriemur*; os sabios devem considerar a morte tão perto, que cuydem, que morrêrãõ já: *Cogita te esse mortuum.* Assim o considerou Salamaõ, assim o prégou S. Paulo, e o que he mais, assim o praticou Deos. E se não bastão tantos exemplos catholicos, vejamos hum infiel. Houve hum Ministro de Selim tão entendido, que o quadro, que tinha pendurado na sua guardaroupa, era huma enxada: e per-

guntando-lhe o porque? Respondeo: que aquelle era o instrumento, com q̄ lhe haviaõ abrir a cova. O' homem mais entendido, que muytos entendidos! O' homem, que, sendo infiel, pôdes ensinar a muytos catholicos! Mas se este homem considerava tanto na morte, porque não tinha antes huma fouce, que huma enxada? Responderey por elle, para defengano nosso: porque na fouce considerava-se mortal, que havia de morrer; na enxada considerava-se morto, que se havia de sepultar: a enxada he instrumento da sepultura, a fouce he instrumento da morte; e hum homem entendido não hade considerar na morte, que isso he ter-se por mortal; hade considerar na sepultura, que isso he ter-se por morto: *Cogita te esse mortuum.*

Pulvis es.

§.IV.

§. IV.

464 O' Que se os entendidos affirm o fizeraõ, se os sabios affirm o consideráraõ, que diferentes foraõ os seus conselhos, que diversos os seus pareceres, que ajustadas as suas sentenças, que fantas as suas prègaçoens! Nem as prègaçoens as faria a agudeza; nem as sentenças as daría o respeyto; nem os pareceres os formaria o interesse; nem os conselhos os acompanharía a lifonja. Lá houve huma junta de varios conselheyros: apontarey dous, Moyses, e Pedro: Pedro votou mal: *Nesciens quid diceret.* Moyses votou bem: *Dicebant excessum ejus.* Pois qualquer Apostolo não soube mais, que o mayor Profeta? Sim: logo como votou melhor Moyses, que Pedro? Porque Pedro fallou como

homem mortal, Moyses fallou como homem morto, pois já o era naquelle tempo; e para se fallar bem, hade-se morrer dantes; para se fallar depois, hade-se morrer primeyro; para se fallar com acerto, hade-se morrer com defengano. Os conselhos do mortal ainda levavaõ os enganos da vida: *Bonum est nos hinc esse*: os conselhos do morto levavaõ já as verdades da morte: *Dicebant excessum ejus.*

465 Aquelles quatro animaes da carroça de Deos, diz Ezechiel, que hiaõ, e não tornavaõ: *Nec revertentur, cum ambularent.* Hir, e não tornar he caminhar dos mortos: pois no caminho da morte poem Deos os animaes da carroça? Porque razaõ? Porque aquelles animaes figuravaõ os Evangelistas, que haviaõ escrever, e os Doutores, que haviaõ enfi-

Ifai.
22. 13.

Ibi. 33.

Ezech.
1. 12.

Luc.
9. 33.
Ibi. 31.

ensinar; e ou hum fabio ensine, ou escreva, hade hir como quem não hade tornar; hade viver como quem já morreu: *Nec revertentur, cum ambularent.* Desta sorte he que devem viver os sábios, para ser em tudo ajustada a sua vida. Aquelle, q̄ vive como quem já morreu, he o q̄ passa a vida livre do peccado.

466 Curou Christo a hum paralitico, e depois de o curar, lhe intimou, e persuadio, que se livrasse de cahir em culpa: *Ecce sanus factus es: jam noli peccare.* Resuscita o mesmo Senhor a Lazaro, e não lhe manda, que não peque. Reparo assim: se o paralitico, depois de saõ, he admõestado para que não peque, Lazaro, depois de resuscitado, porque não he advertido para que não caya? Direy: Lazaro tinha experimentado a morte, o

paralitico tinha só sentido a enfermidade; e as advertencias, que são necessarias para quem enfermou, são escusadas para quem já morreu: porisso o que se adverte ao paralitico, he escusado que se advirta a Lazaro: como se diffiera assim o Senhor: Lazaro já tem sido morto, o paralitico tem só sido enfermo, e para hum enfermo, que ainda se não desengana, são necessarias as advertencias de que não peque; mas para hum morto já desenganado são escusadas as persuaoens de que me não offenda: a hum paralitico, que ainda não topou com a morte, he necessario dizer-lhe, que não caya em offensa; a hum Lazaro, que já a vio, escusado he advertir-lhe, que não commetta culpa. Pouco desengana a mortalidade na doença, mas muito desengana a morte

na

na sepultura: os homens compoem-se a hum espelho de vidro, onde só vem a sua apparencia; o espelho da morte mostra ao homem a sua realidade: o espelho do homem compoem, o espelho da morte compunje: o espelho do homem tem luzes, o espelho da morte tem sombras, e mais nos compomos a estas sombras, do que aquellas luzes: porisso a Lazaro lhe bastarão as sombras da morte, e lhe forão escusadas as luzes de Christo.

467 Desenganemos pois, Senhores, nas sombras deste espelho, que hoje nos propoem a Igreja no nosso pó, e nas nossas cinzas: *Memento homo, quia pulvis es.* Não só nos diz a Igreja nossa Mãe o que somos; mas disso mesmo, que somos, quer que hoje, e sempre nos lembremos: *Memento.* Diz-nos, que

fomos pó; e quer que nos lembremos desse pó, que somos. Como já suppoem o conhecimento nos sábios, porisso o que lhes recommenda mais he a memoria: quer que obre em nós a memoria, o que havia obrar a sabedoria. Que hum ignorante, que não conhece o seu ser, se esqueça delle, miseria he na verdade, que na mesma ignorancia póde ter alguma desculpa; porque mal nos podemos lembrar do que nunca chegamos a conhecer: mas que hum fabio, que conhece o que he, se não queyra lembrar do que lhe está dictando o seu entendimento, sobre miseria he lastima; porque nenhuma desculpa lhe deyxá ter a sua sabedoria. Donde venho a concluir, que, pois o entendimento nos diz, que somos pó, he razão que não nos esqueçamos daquillo, que todos

dos conhecemos: antes, quem já morreo, sem se assim o fizermos, seraõ escufados mais Sermoens, e mais doutrinas, para fugir-mos de tudo, que for culpa; pois imitando a Lazaro, e vivendo como quem já morreo, sem mais persuaçoes nos conservaremos sempre em graça, até que resuscitemos á melhor vida, que durará por huma eternidade de Gloria: *Ad quam nos, &c.*



SER-



SERMÃO DO JUÍZO FINAL,

Na primeyra Dominga do Advento.

*Erunt signa in sole, & luna, & stellis, & in
terris pressura Gentium... Tunc vi-
debunt. LUC. 21.*

S. I.

468



H def-
graçadõ;
e misera-
vel mun-
do! Sim, he certo, não

tem duvida: hasde aca-
bar; hasde morrer; has-
de ter fim: não hasde
fer eterno; não hasde
fer perduravel: hasde
morrer nas chamas; has-
de espirar nos incen-
dios;

dios; não para renasceres das cinzas como Feniz; mas para te consumires no fogo como Mariposa: e não he muyto, que venhas a morrer queymado, pois as tuas relapsias, e as tuas pertinacias, claro esta, que haviaõ dar contigo na fogueyra; quanto mais, que ninguém duvida, que havia acabar em fogo hum mundo, q̄ sempre viveo, sempre reynou cheyo de fumos. Então verás, ó desgraçado mundo, entãõ verás com os olhos, o que atégora talvez te não tenha ainda passado pelo pensamento. Então verás fer alimento do fogo, o que agora aposta duraçoens com a eternidade. Entãõ verás fer residuo das chamas, o q̄ agora he divertimento da vida. Entãõ verás fer despojo das labaredas, o que agora he recreação das potencias. Então verás a tua soberba humilhada,

a tua altivez abatida, a tua vingança castigada, as tuas torpezas publicas, as tuas lascivias patentes, os teus roubos manifestos, as tuas avarezas frustradas, os teus pensamentos atalhados, e todos os teus peccados descubertos. Entãõ verás onde foraõ dar contigo os teus insultos, os teus escandalos, os teus defatinos, as tuas maldades, e as tuas dissoluçoens. Entãõ verás a ambição, que te guiou para o roubo, fer da tua consciencia o mayor fiscal. Entãõ verás a formosura, que te guiou para a torpeza, fer da tua alma o mais cruel verdugo. Entãõ verás o odio, que te levou para a vingança, fer da tua condenação huma das causas. Entãõ verás a cubiça, que te levou para a avareza, fer da tua perdição hum dos motivos. Entãõ verás tudo isto; mas se entãõ o hasde ver com temor,

ou-

ouve-o agora com arrependimento: se entãõ te hade entrar pelos olhos, entre-te agora pelos ouvidos: e permitta Deos, q̄ se ouça hoje com algum fruto, o q̄ entãõ se hade ver sem algum remedio. Vós, Senhor, que entãõ haveis de fer Juiz fevéro., sede hoje Pay piedoso: ajuday minha fraqueza, inflamay minhas razoens, fortalecey meu espirito, alentay minhas palavras, e accendey minha tibieza,

para que com fervor repita aos meus ouvintes aquillo, que entãõ se hade ver com tanto estrago. E vós, soberana Senhora, amorosa Mãe de peccadores, se entãõ no dia do Juizo nos haveis de faltar com o vosso patrocínio, não nos falteis com elle agora, para alcançar os auxilios da Divina graça, que todos humildemere imploramos, faudando-vos com a Oração do Anjo. AVE MARIA.

Erunt signa in sole, & luna, & stellis, & in terris pressura Gentium... Tunc videbunt.

S. II.

469 **D**ia de tribulaçoens, e angustias: *Dies tribulationis, & angustiae*. Dia de calamidades, e miserias: *Dies calamitatis, & miseriae*. Dia de crueldade, e de furor: *Dies... crudelis, & indignationis plenus*. Dia de trevas, e escuridades: *Dies tenebrarum, & caliginis*. Dia tempestuoso, e turbulento: *Dies nebulae, & turbinis*. Finalmente dia grande, e terrivel: *Magnus enim dies, & terribilis valde*: he chamado nas Sagradas letras o dia do Juizo, e com muyto fundamento, Catholicos; porque

Sophon. 1. 15.

Ibi.

Isai. 13. 9.

I. 15.

Ibi.

Joel. 2.

11.

que se o dia do Juizo he aquelle, em que o Supremo Juiz hade vir julgar, e sentenciar as nossas almas: se o dia do Juizo he aquelle, em que havemos de dar effreyta conta ainda da mais leve acção, e do mais ligeyro pensamento: quem duvida, que hade ser este o diama-is terrivel, e o mais horroroso? Neste dia pois tão terrivel, e tão tremendo, diz o Evangelista S. Lucas, que haõde haver sinaes: *E-runt signa*. E com muyta razão; porque como he dia, em que o mundo hade morrer, he forçoso, que se fação sinaes ao mundo defunto: e estes sinaes, que se haõde fazer na morte do miseravel mundo, hiremos nós hoje advertindo cada hum por sua ordem.

470 Primeiramente no Ceo se hade escurecer, e eclipsar o Sol: *Obscurabitur Sol*. A Lua

se hade banhar em sangue: *Luna convertetur in sanguinem*. As estrelas haõde dar comfigo em terra: *Stellæ cadent de celo*. As esferas se haõde mover com tal impeto, que se haõde desprender de seu lugar os polos: *Virtutes caelorum commovebuntur*. Nos ares se haõde ver muytos cometas, e scintilantes exhalaçoes, dando indicios de quererem queymar o mundo: e dando vozes os Ceos contra o homem, dirão: morra o peccador, que he razão morra eternamente, quem assim desprezou a eterna vida: *Annuntiabunt celi justitiam ejus*. Virão por outra parte os elementos armados contra o miseravel peccador: *Pugnabit cum illo orbis terrarum contra insensatos*. O ar ostentará monstros horriveis, e tudo arruinará com suas tempestades. A agoa

não só inundará os valles, mas também os montes, dando horriveis brados contra o peccador, que também tem suas vozes as agoas: *A vocibus aquarum multarum*. Dirá: justiça contra esse peccador, que pois não quiz viver em mares de misericordia; razão he acabe agora em abyssos de justiça: *Judicia tua abyssus multa*. A terra se converterá de may em madrasta, e aberta em bocas pedirá vingança ao Ceo, dizendo: vingança Deos de justiça, vingança contra creaturas, que tão pouco estimarão o Ceo, e assim razão he, que vivas desçaõ ao profundo do inferno: *Descendant in infernum viventes*. Porém ainda illo he muy pouco: o mais he o que agora se segue.

471 O fogo, irado contra o mesmo peccador, despedirá da sua esfera incendios, rayos,

e coriscos para abraçar, e consumir tudo o que tiver escapado dos terremotos da terra, dos furacoens dos ventos, e das inundaçoens dos mares. Alí se veráõ arder os campos, os Palacios, os jardins, as riquezas, os thesouros, os edificios, as cidades, e os Reynos; porque se hade abraçar em chamas tudo, o que no mundo existir. E que dirão com esta vista os peccadores? Dirá Nabuco: lá vay a Babilonia, que eu edifiquey com tanto gosto, e com tanto gasto: *Cecidit, cecidit Babylon*. Dirá Balthazar: lá vay a mesa, onde eu banqueteei a tantos convidados: *Balthassar rex fecit grande convivium*. Dirá Acab: lá vay a vinha, que eu tirey sem razão a Naboth. Dirá o Avarento: lá vay o thesouro, onde eu tinha o meu coração. Dirá Farão: lá vão as Py-

Psalm.
92. 4.Psalm.
35. 7.Psalm.
54. 16.Apocal.
14. 8.Daniel.
5. 1.

ramides, que eu mandey erigir para mim, para minha mulher, e para minha filha. Dirá Dinocrates: lá vay com mais activo incendio aquelle Templo de Diana, que eu restaurey do primeyro, que lhe poz o infame Erostrato. Dirá Ptolomeo: lá vay reduzida a fumos, e a cinzas a Torre, que eu mandey edificar para farol dos navegantes. Dirá Fidias: lá vay a Estatua, que eu fabriquey a Jupiter, cuidando grangeava nella para mim hum nome mais immortal. Dirá Artemisia: lá vay o Mausoleo, que eu mandey levantar para fazer eternas as memorias del-Rey meu marido. Dirá Chares: lá vay o Colosso, que eu levantey ao Sol, e me deyxou em sombras. Dirá Semiramis: lá vaõ os Muros, que eu mandey erigir com tanto trabalho. Dirá Alexandre: lá vaõ os Reynos, que eu conquistey com tanta tyrannia. Finalmente diraõ os condênados: lá vay o mundo, por quem nos perdemos, e agora sem remedio he que nos choramos perdidos. Onde estaõ aquellas riquezas, que tanto nos condênaraõ a alma? Onde estaõ aquellas dignidades, que tanto nos accendêraõ o desejo? Onde estaõ aquellas bellezas, que tanto nos arrastáraõ a vontade? Tudo o fogo fez em pó, tudo o incendio reduzio a cinzas; e o peor he, que não contente o fogo com este estrago, nem faciado com este destroço, dará brados ao Ceo; que tambem o fogo tem linguas: *Linguae tanquam ignis*; e dirá: chova, 2. 3. Senhor, rayos de fogo sobre o peccador a vossa ira: *Pluet super peccatores laqueos: ignis*: e já que foraõ rayos para vos offender, e não rios para a penitencia,

se-

Pfalm. 96. 3. sejaõ agora réos para o castigo: *Ignis ante ipsum præcedet, & inflamabit in circuitu inimicos ejus.*

§. III.

472 **C**Om estes medonhos, e horrorosos sinaes se veraõ os homens no mundo pasmados, atonitos, fectos, e mirrados: *Arescentibus hominibus præ timore.* Pediraõ a os montes, que os sepultem, e aos rochedos, que os enterrem, ás ruinas, que os sobvertão, ás agoas, que os affoguem, e á terra, que os trague: *Tunc incipient dicere montibus: Cadite super nos; & collibus: Operite nos.* Mas em nenhuma destas partes acharaõ remedio, porque a todo o refrigerio se fechou a porta: *Clausæ est janua.* Assim andarãõ os peccadores no mundo buscando a morte, já nos despenhadeyros dos rios, já

Luc. 21. 26.
Luc. 23. 30.
Matth. 25. 10.

nos precipicios dos montes, já no profundo das covas, já no coração do mar, já nas entranhas da terra, e não a acharãõ; porque até a mesma morte fugirá delles: *In diebus illis quærent homines mortem, & non invenient eam: & desiderabunt mori, & fugiet mors ab eis.*

Apoc. 9. 6.

473 Mas que he isto, Senhores? Que turbação he esta dos homens? Que sentimento he este dos astros? Que lucto he este do Sol? Que sangria he esta da Lua? Que quédas saõ estas das estrellas? Que terremoto he este da terra? Que incendiõs saõ estes do fogo? Que tormentas saõ estas das agoas? Que furia he esta nos ares? Que movimentos saõ estes dos orbes? Que estrondo he este das esferas? E que confusão he esta das creaturas? Que hade fer, Catholicos? He hum sinal de sentimen-

to pela morte do mundo; he, que por instantes está para espirar o universo; he que apaga Deos as luzes do firmamento, para descarregar o golpe sem lastima; he que se soltárao as rodas deste grande relógio, que está para dar a hora ultima: *Novissima hora est.* Mas ay, que já o mundo acabou, já morreo, já espirou; e como cessárao os sinaes da terra, entrao agora novamente os do Ceo: *Tunc videbunt.*

§. IV.

474 **D** Esfeyta em chamas, e reduzida a cinzas, qual outra Troya abrazada, ou qual outra Pentápoli destruida, esta grande Cidade, e Região do mundo, soará em todas as quatro partes d'elle a horrorosa voz, e formidavel ecco de huma trombeta, que dirá assim: Levantayvos mor-

tos, e vinde ao Juizo: *Surgite mortui, venite ad Judicium.* A esta imperiosa voz. obedecerá o Ceo, a terra, o mar, o limbo, o purgatorio, e o inferno. O' que terrível *Venite* para os máos! O' que suave *Venite* para os bons! *Venite ad Judicium.* Sabiráo em fim as almas a buscar seus corpos para refuscitarem com ellas. Eterno horror causará ver a repugnancia, com que a alma do condemnado se hade reunir a seu corpo. Motivará summa alegria ver a promptidão, com que o corpo do Bemaventurado se ajuntará a sua alma.

475 Dir-lhe-ha esta cõ palavras doces, brandas, e amorosas: vem cá muyto embora, ó meu fiel companheyro, já lá vay o inverno dos tormentos, já parou o tempo das tempestades: *Jam enim hyems transit: imber abiit.* Vem cá

Cant. 2.
11.

cá meu amante verdadeyro, e dame hum estreito abraço, que se não hade defatar por toda huma eternidade: bemdito sejas, pois me ajudaste a ganhar esta gloria, que possuo: bemdito sejas, porque fizeste penitencia de teus peccados: bemdito sejas, porque te arrependeste das tuas culpas: bemdita seja a hora, em que tomaste a doutrina dos Prégadores: bemdito seja o tempo, que gastaste aos pés dos Confessores: bemdito seja o dia, em que nasceste: bemdita seja a hora, em que espiraste: em fim bemdito sejas todo, pois de todo es já bemaventurado de Deos: *Illic mandavit Deus benedictionem, & vitam usque in seculum.*

Pfaltn.
132. 3.

476 E que fará a alma do inferno? Como virá repugnando á uniaõ de seu corpo, que hade achar feyo, torpe, horrendo, e me-

Tom. I.
donho. Ah miseravel sacco de terra (dirá esta alma maldita) he possível, que por darte gostos, e alivios na terra, esteja eu padecendo tormentos nos infernos? Es tu aquelle, quem eu fiz tanto amey na vida? Es tu aquelle, a quem eu fiz tanto o goito no mundo? Es tu aquelle, porquem eu perdi a gloria? O' malditos sejaõ os teus gostos; maldita seja a hora, em que nasceste; maldito seja o tempo, em que te conheci. Maldita sejas tu, ó alma, responderá o corpo; pois devendo-me tu refrear os meus appetites com a tua razão, o não fizeste. Vay-te, deyxame com os meus bichos: vay-te para esse inferno, onde estavas, e estarás eternamente. Com esta repugnancia, e aquella vontade entrarão as almas nos corpos. Mas ó como ficarão diversos os predesttinados dos pre-

citados! Os condemnados ficarão denegridos, feos, torpes, abomináveis, asquerosos, arden- do em fogo, como o ferro, que sahe da fragoa, ou como hum tição do mesmo inferno; e os justos ficarão formosos, alegres, amáveis, gentis, luzidos, e ultimamente com os dotes gloriosos, impas- sibilidade, agilidade, cla- ridade, e futilidade.

§. V.

477 **C** Oncluida af- sim a refur- reção dos mortos, hi- remos todos caminhando para o Valle de Jo- safat: *Congregabo omnes gentes, & deducam eas in vallem Josaphat.* Os bons hiraõ acompanha- dos de Anjos, os máos cercados de demonios. Póttos assim todos na- quelle lugar, se abrirá o Ceo, e virá o exerci- to innumeravel de An- jos com o estandarte da

Santa Cruz, que hade trazer o Arcanjo S. Mi- guel, e por coroa deste glorioso triumpho, virá o Juiz dos vivos, e dos mortos, Christo JESUS, naõ já como Ministro brando, mas sim como Juiz severo; naõ já co- mo Cordeyro manso, mas sim como Leão bravo; naõ já como Pay de misericordia, mas sim como Deos de vingança; e assentando- se no Throno, que lhe haõde ter aparelhado os Anjos, tendo á sua maõ direyta Maria Santissi- ma Mãe sua, e Senho- ra noõa: *Asitit regi- na à dextris tuis;* man- dará aos Anjos, que di- vidaõ os bons dos máos, que apartem os justos dos peccadores, que se- parem os predestinados dos reprobos: *Exibunt Angeli, & separabunt malos de medio justorum.*

478 O' que terrivel apartamento! O' que cruel separação! Hiraõ os

os Anjos ao lugar dos Apóstolos, e tambem ali teraõ, que separar; porque para huma par- te hiraõ Pedro, para ou- tra hiraõ Judas. Hiraõ ao lugar dos Reys, e para huma parte hiraõ Ezequias, para outra hi- rá Saul. Hiraõ ao lugar dos Profetas, e para hu- ma parte hiraõ Isaias, pa- ra outra hiraõ Balaão. Hi- raõ ao lugar dos vali- dos, e para huma parte hiraõ Mardoqueo, para outra hiraõ Aman. Hiraõ ao lugar dos esposos, e para huma parte hiraõ Ester, para outra hiraõ Assuéro. Hiraõ ao lugar dos amigos, e para hu- ma parte hiraõ David, para outra hiraõ Jonathas. Hiraõ ao lugar dos pays, e dos filhos, e para hu- ma parte hiraõ Abraham, para outra hiraõ Tharé. Hiraõ ao lugar dos ir- mãos, e para huma par- te hiraõ Abel, para outra hiraõ Caím. Hiraõ ao lu- gar dos pobres, e dos ricos, e para huma par- te hiraõ Lazaro, para ou- tro hiraõ o Rico Avaren- to. Hiraõ finalmente ao lugar das virgens, e pa- ra huma parte hiraõ as prudentes, para outra hiraõ as nescias. O' que Thiaras, que Coroas, que Capellos, que Mi- tras, que Baculos, que Murças, que Barretes, que Sobrepelizes, que Habitos, e que Varas se haõde entaõ separar! Lá vay a Thiara, que o outro Pontifice confer- vou sem fantidade. Lá vay a Coroa, que o ou- tro Rey possuio com ty- rannia. Lá vay o Capel- lo, que o outro Cardeal alcançou por parentes- co. Lá vay a Mitra, que o outro Bispo obteve por valimento. Lá vay o Baculo, que o outro Prelado logrou cõ def- cüydos. Lá vay a Mur- ça, o Barrete, a Sobre- peliz, que o outro al- cançou por caminhos trocidos, e por valias sobornadas, por dadas simoniacas. Lá vay o

Ha-

Habito, que o outro tomou, não para fazer, mas sim para levar boa vida. Lá vay a Vara, que o outro Ministro, ou Julgador troceo pela peyta, ou dobrou pela valia. Lá vay para a mão esquerda tudo o que no mūdo foy peccado, culpa, e offensa contra Deos. O' Thiaras, ó Coroas, ó Capellos, ó Mitras, ó Baculos, ó Murças, ó Barretes, ó Sobrepelizes, ó Hábitos, e ó Varas, como estais preparados para hires arder por huma eternidade!

479 Mas ó altos juizos de Deos! Póftos todos affim em feus lugares, os condēnados á mão esquerda, os escolhidos á direyta, viraõ os livros da conta, para se tirar a mais estreyta residencia. E noto eu dizer o Texto Sagrado, que para os justos bastará hum só livro; mas que para os condēnados serãõ necessarios muytos: *Libri a-*

perti sunt: Et alius Liber apertus est, qui est vitæ. Pois que he isto? Hum só livro para os bons, e muytos livros para os máos? Hum só livro para os bons: *Libri*; e muytos livros para os máos: *Libri*? Sim; que tantos são os que se condēnãõ, e tão poucos os que se salvãõ; tantos os que tomãõ o largo caminho da perdição: *Spatiosa via est, que ducit ad perditionem*; e tão poucos os que tomaõ o apertado caminho da vida: *Arcta via est, que ducit ad vitam*: tantos os que caminhaõ para o inferno, e tão poucos os que sôbem para o Ceo: tantos os que se condēnãõ, que não cabem em muytos livros: *Libri aperti sunt*; e tão poucos os que se salvãõ, que lhes basta hum só livro: *Et alius Liber apertus est, qui est vitæ.* Vede se o comprova bem hum grande caso.

Hieron.
Plat. de
bonostat.
Relig.
cap. 5.

480 Prégava em Alemanha hum Religioso do Serafico Padre S. Francisco, e como reprehendesse com grande fervor certo vicio, huma mulher do auditorio, que nelle se achava comprehendida, ferida de dor cahio morta. Fez-se oração por ella, e na presença de todos rompeu nestas palavras: *Quando agora fuy apresentada no Tribunal Divino, foraõ conmigo juntamente sessenta mil peffoas; e de todas ellas se salváraõ só tres, que passáraõ ao Purgatorio, e todas as mais se condēnáraõ ao inferno.* O' que desgraçadas almas! O' que terrivel juizo! Sessenta mil almas em hum instãte, e quasi todas condēnadas! Sessenta mil almas a juizo, e vaõ para o inferno fincoenta e nove mil novecentas e noventa e sette, e sómente tres vaõ para o Purgatorio! O' desgraçadas almas! O' arrisca-da salvação! Vede ago-

ra, Catholicos, se basta hum livro para os que se salvãõ: *Et alius liber apertus est*: e se são necessarios muytos livros para os que se perdem; e se condēnãõ: *Libri aperti sunt.*

§. VI.

481 **A**Bertos os livros da conta, principiará o Juizo; mas, pergunto eu, por quem hade principiar? Admiravelmente o disse S. Pedro: *Tempus est ut incipiat judicium à domo Dei.* Valha-me o mesmo Deos! Por nós hade começar o Juizo? Por nós hade começar a conta? Sim, por mim Sacerdote; sim, por mim Religioso: pelo Pontifice, pelo Bispo, pelo Prelado, pelo Parroco he que hade principiar o Juizo de Deos: *Ut incipiat à domo Dei.* Cá no mundo ninguém quer justiça em sua casa; mas lá para com Deos pela sua casa

caſa he que hade principiar a juſtiça : *Ut incipiat iudicium à domo Dei.* Virá a juizo hum Pontifice, virá hum Biſpo, hum Prelado, hum Parroco, e póſtos diante do Tribunal Divino, começará hum Anjo a pôr na balança todas as inſignias, caracteres, e obrigaçoens deſtas peſſoas; porque *Præſbyter idem eſt, ac præbens iter:* he o meſmo, que homem, que enſina com o ſeu exemplo. O' deſgraçado homem! E que pouca dita tiveſte, pois na balança péſaõ mais as tuas obrigaçoens, do que os teus merecimentos!

482 Affim por eſte modo, ſem eſcapar o penſamento mais ligeiro, a palavra mais ſecreta, o peccado mais eſcondido, a acção mais occulta, e a venialidade mais pequena, hiraõ os Anjos peſando todos os eſtados, todos os officios, todos os cargos, todas as creaturas; e de-

mais amais (tremo de o dizer) porá Deos Senhor noſſo todos os ſeus auxilios, todas as ſuas inſpiraçoens, todos os ſeus Sacramentos, toda a ſua Payxaõ, a ſua morte, a ſua humanidade, o corpo, a alma, e Divindade. Porá tambem Maria Santiffima na meſma balança a ſua pureza, o ſeu exemplo, a ſua obediencia, os ſeus merecimentos, as ſuas virtudes, iſto não para remedio do peccador, mas ſim para caſtigo do culpado, a quem dirá com muyta mais razaõ do que Ruben a ſeus irmãos: *Numquid non dixi vobis: nolite peccare... & non audiftis me?* Não vos diſſe já muytas vezes pelas inſpiraçoens, e pelos toques, que deſpreſtaſtes, que não peccaſſeis? O' valha-me Deos! Como eſtá a balança peſada! E não gememos com tanto peſo? Gemia Athlante com o peſo de hum Ceo, e não ge-

gememos nós com o peſo de todo hum Deos? Temos tanto de q̄ dar conta, e não temos conta com noſco? He eſta conta algum conto? He eſte juizo alguma zombaria? He eſta juſtiça alguma fabula? Ora o certo he, que ſe não tememos eſta conta, não temos juizo. Aos livros da ſua conta chamaõ os mercadores livros de razaõ, porq̄ não póde haver melhor razaõ, q̄ haver conta. O' vivente ſem conta, ſem peſo, e ſem medida! O' homem ſem razaõ! Hasde dar contas, e não asajuſtas; pois hasde perderte de contado.

483 Tomada affim a conta, ainda mais miuda, e mais exactamente do que tenho dito, dará o Supremo Juiz a ultima ſentença, de que não haverá appellação, nem aggravado: e olhando para a parte da mão direyta, dirá aos eſcolhidos com roſto alegre, e voz ſuave: Vinde bem-

aventurados de meu Pay a poſſuir o Reyno, que vos tenho aparelhado deſde o principio do mundo: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum à constitutione mundi.* Vinde receber o fructo dos voſſos trabalhos: *Mercedem laboris ego reddam vobis.* Vinde receber a coroa de voſſas mortificaçoens: *Cum apparuerit princeps paſſorum, percipietis immarceſſibilem gloriae coronam.* Vinde receber o premio de voſſos merecimentos, e vinde gozar huma gloria eterna, e perduravel. Ah Catholicos! Seremos nós taõ ditos, que mereçamos ouvir eſtas palavras? Sim, podemos ſer, porque na noſſa mão eſtá. Se formos juſtos, ſe formos tementes a Deos, a nós ſe nos haõde dizer eſtas palavras; e ſe o não formos, entãõ fallaráõ com noſco as palavras, que ſe ſeguem.

484 Voltando o Senhor os olhos para a parte esquerda com rosto severo, magestoso; irado, indignado, e tremendo, com voz formidável, horrível, e espantosa, dirá aos condemnados, o que elles por não ouvirem, quizerão antes estar arden- do no inferno: Apartayvos de mim malditos para o fogo eterno, que estava aparelhado, não para vós, mas para os demonios, e seus sequazes: *Discedite à me maledicti in ignem aeternum, qui paratus est diabolo & angelis ejus.* Híde para nunca mais me ver, híde para nunca mais me amar, híde a padecer finalmête para huma eternidade: *In ignem aeternum.*

Matth.
25. 41.

485 Dada esta sentença, abrirse-ha a terra, e tragará aquelles miseraveis nos seus abyssos, fechando-se para nunca mais se abrir: ficarão aquellas creatu-

ras padecendo para sempre sem fim, sem termo, sem limite, e por toda huma eternidade. O' eternidade, quem te contará os seculos! O' eternidade quem te numerará os annos! O' eternidade, quem te formará os dias, as horas, os instantes! Arder em hum inferno por toda huma eternidade, e em toda ella não ver a hum Deos, a hum Senhor, q̄ me creou á sua imagem, e semelhança, q̄ me remio com o seu proprio sangue! O' desgraça! O' miseria!

§. VII.

486 **A**H meu Deos! Almas remidas, e almas condemnadas! Almas resgatadas, e almas precitas! Almas remidas cõ o voffo sangue, e condemnadas pela atrocidade de suas culpas! Almas resgatadas com hum sangue infinito, e agora destinadas a hum fogo eterno! Ora como faley

ley em almas remidas, estou certo, Senhor, que vos haveis de abrandrar ás deprecaçoens de almas, que vos trouxeraõ do Ceo á terra, para que não vão penar, e arder nas chamas do inferno. O' não o permitta assim a vossa clemencia. Não o consinta assim a vossa piedade. Hoje tambem, Senhor, he dia de Juizo, mas não como o hade ser o ultimo dia do mundo; que se entaõ diante de vossa Magestade irada contra mim, heyde ouvir as minhas culpas em publico para o castigo, hoje as quero confessar diante de vossa presença para o perdaõ. Senhor, eu sou aquelle miseravel peccador, que tantas vezes vos offendi; eu sou aquelle prodigo, que desperdicey todo o patrimonio de meu Pay celestial; eu sou aquella ovelha perdida, que

me desgarrey do voffo rebanho, e me fui metter na boca do infernal lobo; eu sou aquelle Judas ambicioso, q̄ por huma negra cubiça vendi a pouco dinheiro o voffo infinito, e precioso sangue; eu sou aquelle David adultero, que por hum deleyte torpe quebrey os vossos Mandamentos; eu sou aquelle escandaloso, aquelle vingativo, aquelle ingrato, aquelle homicida, aquelle mão Christaõ, e aquelle mão Sacerdote, que tantas vezes vos crucifiquy com as minhas culpas, e vos tirey a vida com os meus peccados; este sou, e pois por este me confesso, não entreis, Senhor, comigo em Juizo, que já mais ferey justificado em vossa presença: *Non intres in judicium cum servo tuo: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens: antes*

Pfalm.
142. 2.

tes usai comigo de vossa misericórdia. Agora, Senhor, estou em tempo de piedade, e não de justiça; de clemência, e não de rigor; de brandura, e não de ira. Este he o tempo, em que arre-

pendido de minhas culpas, vos peço perdão a vossos pés prostrado, para que sendo este o meyo de alcançar a vossa graça, venha depois a conseguir a vossa gloria: *Ad quam nos perducatur, &c.*



IN-



INDICE

Dos lugares da Sagrada Escritura.

Os numeros significão os marginaes, e não os das paginas.

Ex Libro Genesis.

- Cap. i. v. 4. **V**idit Deus lucem, quod esset bona. n. 211.
4. Et divisit lucem à tenebris. n. 2. 31. & 159.
5. Factum est vespere & mane dies unus. n. 329.
9. Congregetur aqua, quae sub caelo sunt, in locum unum. n. 239.
12. Vidit, quod esset bonum. n. 133.
16. Luminare majus. n. 11.
20. Producant aquae reptile animae viventes, & volatile super terram. n. 120.
26. Faciamus hominem ad imaginem & similitudinem nostram: & praesit. n. 159. & 286.
- Cap. 2. 2. Complevit Deus die septimo opus suum, quod fecerat. n. 152.
15. Posuit eum in paradiso voluptatis, ut operaretur, & custodiret illum: n. 275.
17. De ligno scientiae boni & mali ne comedas. In quocumque enim die comederis ex eo morte morieris. n. 33. & 126.
21. Inimicus ergo Dominus Deus soporem in Adam:
 Tom. I. Ee cum-

- cumque obdormisset, tulit unam de costis ejus.* n. 26. 138. & 145.
22. *Edificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem.* n. 138. & 145.
23. *Hoc nunc os ex ossibus meis, & caro de carne mea.* n. 169.
- Cap. 3. 4. *Nequaquam morte moriemini.* n. 12. & 19.
5. *Eritis sicut dii scientes bonum & malum.* n. 12. 19. 33. & 306.
6. *Vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, & pulchrum oculis.* n. 25. 133. & 134.
7. *Aperti sunt oculi amborum.* n. 33. & 140.
8. *Cum audissent vocem Domini Dei de ambulantis in paradiso.* n. 281. & 282.
9. *Vocavitque Dominus Deus Adam & dixit ei: Ubi es?* n. 265. 261. & 286.
10. *Vocem tuam audiui in paradiso: & timui eo quod nudus essem.* n. 165. 265. & 266.
13. *Quare hoc fecisti?* n. 261.
18. *Spinas & tribulos germinabit tibi.* n. 250.
19. *In sudore vultus tui vesceris pane donec revertaris in terram, de qua sumptus es.* n. 250.
19. *Pulvis es, & in pulvere reverteris.* n. 452.
22. *Ecce Adam.* n. 250.
23. *Emisit eum Dominus Deus de paradiso voluptatis.* n. 123. & 140.
- Cap. 4. 4. *Respexit Dominus ad Abel.* n. 209.
25. *Posuit Deus semen aliud pro Abel.* n. 247.
- Cap. 7. 16. *Inclusit eum Dominus de foris.* n. 391.
- Cap. 8. 13. *Aperiens Noe tectum arcæ, aspexit, viditque quod excicata esset superficies terræ.* n. 154.
- Cap. 19. 17. *Noli respicere post tergum.* n. 344.
26. *Respiciensque uxor ejus post se.* n. 344.
- Cap. 21. 10. *Ejice ancillam hanc, & filium ejus.* n. 209.
- Cap. 22. 2. *Tolle filium tuum uni-*

- unigenitum, quem diligis Isaac, & offeres eum in holocaustum.* n. 200. & 251.
12. *Non extendas manum tuam super puerum.* n. 200. & 410.
16. 17. *Quia fecisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo unigenito propter me... benedicam tibi.* n. 200.
- Cap. 23. 19. *Sepelivit Abraham saram uxorem suam in spelunca agri duplici.* n. 6.
- Cap. 25. 23. *Maiores serviet minori.* n. 349.
25. *Plantam fratris tenebat manu.* n. 344.
28. *Rebecca diligebat Jacob.* n. 251.
- Cap. 27. 22. *Vox quidē, vox Jacob est: sed manus, manus sunt Esau.* n. 193.
- Cap. 28. 12. *Vidit in somnis schalam.* n. 335.
13. *Dominus mixum schalæ.* n. 335.
- Cap. 29. 11. *Elevata voce flevit.* n. 58.
18. *Quam diligens Jacob, ait serviam tibi pro Rachel.* n. 251. & 317.
20. *Videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine.* n. 29. & 251.
- Cap. 30. 31. *Custodiam pecora tua.* n. 318.
- Cap. 31. 40. *Fugiebatque somnus ab oculis meis.* n. 314.
- Cap. 32. 24. *Ecce vir luctabatur cum eo.* n. 335.
25. *Tetigit nervum femoris ejus.* n. 71.
31. *Claudicabat pede.* n. 71.
- Cap. 33. 3. *Et ipse progrediens adoravit pronus in terram.* n. 322.
- Cap. 37. 3. *Israël autem diligebat Joseph super omnes filios suos.* n. 251.
35. *Descendam ad filium meum lugens in infernum.* n. 440.
- Cap. 38. 29. *Illo vero retrahente manum, egressus est alter.* n. 158.
- Cap. 42. 8. *Fratres ipse cognoscens non est cognitus ab eis.* n. 307.
22. *Numquid non dixi vobis: nolite peccare... & non audistis? magis.* n. 482.
- Cap. 45. 3. *Ego sum Joseph.* n. 307.
5. *Nolite pavere.* n. 307.

15. *Osculatusque est Joseph omnes fratres suos, & ploravit super singulos.* n. 307.
- Cap. 49. 28. *Benedicitque singulis benedictionibus propriis.* n. 450.

Ex libro Exodi.

- Cap. 2. 6. **D**E infantibus Hebræorum est hic. n. 68.
10. *Quem illa adoptavit in locum filij.* num. 68.
- Cap. 3. 14. *Ego sum qui sum.* n. 38. & 458.
- Cap. 6. 11. *Ingrederere, & loquere ad Pharaonem.* n. 230.
- Cap. 7. 1. *Ecce constitui te Deum Pharaonis.* n. 372.
- Cap. 11. 10. *Induravit Dominus cor Pharaonis.* n. 229.
- Cap. 12. 30. *Ortus est clamor magnus in Egypto.* n. 229.

31. *Egredimini à populo meo vos, & filij Israël.* n. 229.
- Cap. 14. 21. *Mare... verit in siccum.* num. 326.
- Cap. 16. 2. *Murmuravit omnis congregatio filiorum Israël.* n. 230.
10. *Respexerunt ad solitudinem, & ecce gloria Domini apparuit in nube.* n. 230.
- Cap. 32. 1. *Fac nobis deos, qui nos precedant: Moyse enim huic viro... ignoramus quid acciderit.* n. 247. & 372.

Ex libro Levitici.

- Cap. 1. 16. **P**umas projiciet... in loco, in quo cineres effundi solent. n. 460. & 461.
- Cap. 19. 18. *Diliges amicum tuum sicut te ipsum.* n. 252.

Ex

Ex libro Deuteronomij.

- Cap. 32. 49. **A** Scende in montem, & morere. n. 14.

Ex libro Judicum.

- Cap. 7. 7. **T** Radam in manu tua Madian. n. 186.
- Cap. 16. 15. *Quomodo amas me? Per tres vices mentitus es mihi.* n. 251.
21. *Eruerunt oculos ejus.* n. 314.

Ex libro primo Regum.

- Cap. 2. 3. **I**nvenies duos viros juxta sepulchrum Rachel. n. 14.
- Cap. 18. 1. *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David, & dilexit eum Jonathas, quasi animam suam.* n. 117. 253. & 325.
4. *Expoliavit se tunica, quaerat indutus, & dedit eam David, & reliqua vestimenta sua.*

Tom. I.

- n. 253. & 317.
5. *David prudenter se agebat.* n. 32.
18. *Fecit eum Tribunalum.* n. 318.
20. *Dilexit David Michol.* n. 251.
- Cap. 19. 1. *Jonathas diligebat David valde.* n. 197. & 253.
- Cap. 20. 41. *Cadens pronus in terram.* n. 325.
41. *Fleverunt pariter, David autem amplius.* n. 197.
43. *Surrexit David, & abiit.* n. 197. & 325.
- Cap. 21. 9. *Non est huic alter similis.* n. 108.

Ex libro secundo Regum.

- Cap. 3. 31. **P** Langite ante exequias Abner. n. 338.
32. *Flevit super tumultum Abner.* n. 198. & 238.
- Cap. 9. 3. *Supereff aliquis de domo saul, ut faciam cum eo misericordiam?.. Supereff filius Jonathæ.* n. 205.
- Cap. 12. 1. *Misit Dominus*

Ee 3

Na

Nathan ad David. n.
260. & 336.

Cap. 14. 14. *Omnes mori-
mur.* n. 451.

Cap. 18. 5. *Servate mi-
hi puerum Absalom.* n.
413.

33. *Quis mihi tribuat,
ut ego moriar pro te.*
n. 440.

Cap. 22. 8. *David sedens
in cathedra sapientif-
simus, ipse est quasi
tenerrimus ligni vermi-
culus.* n. 306.

Ex libro tertio Regum.

Cap. 1. 1. **R** *Ex David
senuerat.* n.
371.

Ex libro quarto Regum.

Cap. 2. 9. **F** *Iat in me du-
plex spiritus
tuus.* n. 295.

Cap. 4. 29. *Accinge lumbos
tuos, & tolle baculum
meum in manu tua.* n.
386.

Ex libro secundo Paralipo- menon.

Cap. 19. 8. **I** *N* *Jerusa-
lem quoque
constituit Josaphat Le-
vitas, & Sacerdotes, &
Principes familiarum
ex Israël, ut iudicium,
& causam Domini ju-
dicarent.* n. 373.

Ex libro secundo Esdræ.

Cap. 3. 16. **Æ** *Dificavit
Nehemi-
as... contra sepulchrum
David.* n. 15.

Ex libro Tobix.

Cap. 5. 5. **P** *Racinctum,
& quasi pa-
ratum ad ambulandum.*
n. 386.

Ex libro Judith.

Cap. 16. 24. **P** *Er tres mē-
ses gaudium
hujus victoriæ celebra-
tum est.* n. 185.

Ex

*xi: pater meus es, ma-
ter mea.* n. 400.

Ex libro Esther.

Cap. 10. 6. **P** *Arvus fons,
qui crevit in
fluvium, & in lucem,
solemque conversus est.*
n. 267.

Ex libro Job.

Cap. 1. 1. **E** *Rat vir il-
le simplex,
& rectus ac timens De-
um, & recedens à ma-
lo.* n. 359.

Cap. 3. 3. *Pereat dies, in
qua natus sum.* n. 423.

5. *Occupet eum caligo.* ib.

13. 14. *Somno meo requi-
escerem cum regibus, &
consulibus terræ, qui æ-
dificant sibi solitudi-
nes.* n. 141. 175. &
400.

15. *Aut cum Principi-
bus, qui possident au-
rum, & replent domos
suas argento.* n. 175.

Cap. 7. 7. *Ventus est vita
mea.* n. 14.

21. *Et si manè me quesie-
ris, non subsistam.* n. 4.

Cap. 17. 14. *Putredinè di-
Tom. I.*

Ex libro Psalmorum.

Pfalm. 1. 1. **B** *Eatus vir,
qui non a-
biit in consilio impio-
rum, & in via peccato-
rū non stetit, & in cathe-
dra pestilentie non se-
dit.* n. 376.

Pfalm. 7. 13. *Gladium suum
vibrabit; arcum suum
tetendit.* n. 10.

Pfalm. 10. 7. *Pluet super
peccatores laqueos: ig-
nis.* n. 471.

Pfalm. 18. 5. *In omnem ter-
ram exivit somnus eo-
rum.* n. 296.

Pfalm. 21. 32. *Annuntia-
bunt celi justitiam ejus.*
n. 470.

Pfalm. 31. 1. *Beati quorum
remissa sunt iniquita-
tes, & quorum tecta
sunt peccata.* n. 265.

3. *Quoniam tacui invete-
raverunt ossa mea.* n.
371.

Pfalm. 34. 19. *Qui oderunt
me gratis.* n. 358.

Pfalm. 35. 7. *Judicia tua
Ee 4 abys-*

- abyssus multa.* n. 470.
 Pfalm. 41. 8. *Abyssus abyfsum invocat.* n. 419.
 Pfalm. 44. 10 *Astitit Regina à dextris tuis.* n. 477.
 Pfalm. 50. 15. *Docebo iniquos.* n. 360.
 Pfalm. 54. 13. *Si inimicus meus maledixisset mihi, sustinuissem utique, & si is, qui oderat me, super me magna locutus fuisset, abscondissem me forsitan ab eo.* n. 183.
 16. *Descendant in infernum viventes.* n. 470.
 Pfalm. 73. 22. *Exurge Deus, judica causam tuam.* n. 373.
 Pfalm. 103. 4. *Qui facis Angelos tuos spiritus; & ministros.* n. 156.
 19. *Sol cognovit occasum suum.* n. 1. cum seqq. 46. 188. 308. & 452.
 Pfalm. 109. 1. *Dixit Dominus Domino meo sede à dextris meis.* n. 331.
 Pfalm. 110. 1. *Confitebor tibi Domine in toto corde meo.* n. 430.
 4. *Memoriã fecit mirabilium suorum.* n. 430.
 9. *Redemptionem misit populo suo, mandavit in æternum testamentum suum.* n. 429. cum seqq.
 Pfalm. 128. 3. *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores.* n. 147. & 447.
 Pfalm. 132. 3. *Illic mandavit Deus benedictionem, & vitam usque in sæculum.* n. 475.
 Pfalm. 136. 1. *Super flumina Babilonis, illic sedimus & flevimus: cum recordaremur Sion.* n. 81.
 Pfalm. 142. 2. *Non intres in iudicium cum servo tuo: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.* n. 486.
 Ex libro Proverbiorum.
 Cap. 8. 31. **D** *eliciae meae esse cum filiis hominum.* n. 442.
 Cap. 9. 1. *Sapientia ædificavit sibi domum.* n. 133.
 9. *Doce justum.* n. 360.

Ex

Ex libro Ecclesiastæ.

- Cap. 1. 12. **E** *Go Ecclesiastes fui Rex Israël.* n. 13. & 458.
 18. *Qui addit scientiam, addit & laborem.* n. 357.
 Cap. 2. 23. *Cunçti dies ejus doloribus pleni sunt, nec per noctem mente requiescit.* n. 357.

Ex libro Canticorum.

- Cap. 1. 3. **T** *Rabe me: post te curremus.* n. 255. & 339.
 7. *Si ignoras te ô pulcherrima inter mulieres.* n. 37.
 Cap. 2. 1. *Ego flos campi.* n. 92. & 389.
 11. *Jam enim hyems transit, imber abiit.* n. 575.
 Cap. 3. 1. *In lectulo meo per noctes quæsi quem diligit anima mea: quæsi illum, & non inveni.* n. 276.
 4. *Inveni quem diligit a-*

nima mea. n. 251.

7. *En lectulum Salomonis sexaginta fortes ambiunt ex fortissimis Israël.* n. 167.
 Cap. 5. 2. *Vox dilecti mei pulsantis: Aperi mihi soror mea: quia caput meum plenum est rore.* n. 242. 274. 298. & 341.
 3. *Lavi pedes meos.* n. 298.
 7. *Tulerunt palium meum.* n. 255.
 Cap. 6. 1. *Dilectus meus descendit in hortum suum... ut lilia colligat.* n. 316.
 3. *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* n. 70.
 9. *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol.* n. 266.
 Cap. 8. 6. *Dura sicut infernus æmulatio.* n. 206.
 6. *Lampades ejus lampades ignis.* n. 207.
 14. *Fuge, dilecte mi.* n. 53.

Ex

Ex libro Sapientiæ.

- Cap. 5. 21. **P** illoorbister-
rarum contra insensa-
tos. n. 470.
- Cap. 10. 10. **D**edit illis sci-
entiam sanctorum. n.
359.

Ex libro Ecclesiastici.

- Cap. 15. 3. **C** ibavit il-
lum pane
vitæ, & intellectus. n.
432.
- Cap. 18. 21. **I**n tempore in-
firmitatis ostende con-
versationem tuam. n.
77.

Ex Isaia Propheta.

- Cap. 1. 6. **A** planta pe-
dis usque ad
verticem non est in eo
sanitas. n. 92.
- Cap. 3. 1. **D**ominus exerci-
tuum. n. 418.
- Cap. 6. 2. **S**eraphim stabant
super illud: sex alæ uni,
& sex alæ alteri: dua-
bus velabant faciem e-

jus, & duabus vela-
bant pedes ejus, & dua-
bus volabant. n. 161.
294. & 420.

- Cap. 11. 1. **E**gredietur vir-
ga de radice Jesse, &
flos de radice ejus as-
cendet. n. 389.
- Cap. 13. 9. **D**ies... crudelis,
& indignationis plenus.
n. 469.
- Cap. 14. 12. **Q**uomodo ceci-
disti de cælo lucifer? n.
156.
13. **S**uper astra Dei exal-
tabo solium meum, sede-
bo in monte testamenti.
ibid.
14. **S**imilis ero Altissimo.
ibid.
- Cap. 16. 1. **E**mitte agnum
Domine dominatorem
terræ, de petra deser-
ti. n. 233.
- Cap. 22. 13. **C**ras enim mo-
riemur. n. 463.
- Cap. 37. 30. **S**eminate &
metite. n. 1.
- Cap. 28. 2. 3. **C**onvertit fa-
ciem suam ad parie-
tem... & fleuit. Eze-
chias flectu magno. n.
265.
- Cap. 50. 3. **I**nduam calos
te-

- tenebris, & saccum po-
nam operimentum eo-
rum. n. 425.
- Cap. 53. 1. **Q**uis credidit au-
ditui nostro? n. 82.
2. **N**on est species ei, ne-
que decor. n. 445.
7. **O**blatus est quia ipse
voluit. n. 368.

Ex Jeremia Propheta.

- Cap. 1. 17. **T** uergo ac-
cinge lum-
bos tuos, & surge, &
loquere ad eos. n. 86.
- Cap. 3. 2. **L**eva oculos tuos
in directum. n. 296.
13. **V**ocem meam non au-
disti. ibid.

Ex libro Threnorum.

- Cap. 1. 1. **Q**uomodo se-
det sola ci-
vitas ple-
na populo. n. 235.
2. **P**lorans ploravit in no-
cte, & lacrymæ ejus in
maxillis ejus: non est
qui consoletur eam ex
omnibus charis ejus. n.
221. cum seqq.

4. **V**ia Sion lugent. n.
235.
11. **O**mnis populus ejus
gemens. ibid.
13. **M**agna est velut mæ-
re contritio tua. n. 329.

Ex Ezechiele Propheta.

- Cap. 1. 12. **N** Ec rever-
tebantur
cum ambularent. n. 465.

Ex Daniele Propheta.

- Cap. 4. 11. **S** uccidite ar-
borem, &
præcidite ramos ejus:
excutite folia ejus, &
dispergite fructus. n.
8. & 75.
- Cap. 5. 1. **B**althassar Rex
fecit grande convivium.
n. 471.
5. **A**pparuerunt digiti qua-
si manus hominis... in
superficie parietis. n.
10. & 76.
30. **E**adem nocte interfe-
ctus est Baltassar. n. 76.
- Cap. 12. 3. **F**ulgébunt qua-
si stellæ. n. 247.

Ex Joele Propheta.

- Cap. 2. 11. **M** Agnus enim di-
es, & terribilis valde.
n. 469.
31. Luna convertetur in
sanguinem. n. 470.
- Cap. 3. 2. Congregabo om-
nes gentes, & deducam
eas in vallem Josaphat.
n. 477.

Ex Amos Propheta.

- Cap. 8. 2. **U** Num
pomorū.
num. 10.

Ex Jona Propheta.

- Cap. 1. 5. **D**ormiebat so-
pore gravi.
num. 114.

Ex Sophonia Propheta.

- Cap. 1. 15. **D**ies tribu-
lationis,
& angustiae, dies cala-
mitatis, & miseriae,
dies tenebrarum, & ca-
liginis, dies nebulae, &

turbinis. n. 479.

Ex Habacuc Propheta.

- Cap. 1. 5. **O**pus factum
est in diebus
vestris, quod nemo cre-
det, cum narrabitur.
n. 122.

Ex Zacharia Propheta.

- Cap. 5. 1. **E**cce volū-
men volās.
n. 1. & 10.
- Cap. 9. 17. Quid enim bo-
num ejus est, & quid
puchrum ejus, nisi fru-
mentum electorum, &
vinum germinans virgi-
nes? n. 118. 132. 273.
355. 437. & 445.

Ex Malachia Propheta.

- Cap. 4. 2. **O**rietur vo-
bis timen-
tibus nomen meum sol
justitiae, & sanitas in
pennis ejus. n. 163. &
247.

Ex

Ex Divo Matthæo.

- Cap. 1. 1. **F**ilij David.
n. 92.
- Cap. 2. 2. Ubi est, qui na-
tus est Rex Judæorum?
n. 21. & 302.
2. Vidimus stellam ejus in
Oriente. n. 21.
18. Ululatus multus: Ra-
chel plorans. n. 221.
- Cap. 3. 13. Tunc venit
Jesus a Galilea. n. 343.
cum seqq.
- Cap. 4. 18. 19. Ambulans
Jesus juxta mare Ga-
lilee vidit duos fratres,
Simonem qui vocatur
Petrus, & Andream
fratrem ejus mittentes
rete in mare, & ait il-
lis: venite post me fa-
ciam vos fieri piscato-
res hominum. n. 106.
142. 172. 262. 275.
293. 337. 346. 399.
cum seqq.
20. At illi continuo, re-
lictis retibus secuti sunt
eum. num. 106. 302. &
345.
- Cap. 5. 14. Vos estis lux
mundi. num. 211. 405.

cum seqq.

- Cap. 7. 13. Spaciosa via est,
quæ ducit ad perditio-
nem. n. 479.
14. Arcta via est, quæ du-
cit ad vitam. ibi.
- Cap. 8. 12. Ibi erit fletus, &
stridor dentium. n. 219.
17. Ipse infirmitates no-
stras accepit. n. 92.
- Cap. 9. 13. Non veni voca-
re justos, sed peccatores.
n. 293.
20. Tetigit fimbriam ve-
stimentiejus. n. 453.
- Cap. 13. 9. Qui habet aures
audiendi audiat. num.
297.
44. Simile est regnum cæ-
lorum thesauro abscon-
dito in agro. n. 93. cum
seqq.
47. Simile est regnum cæ-
lorum sagine. n. 108.
- Cap. 15. 14. Cæcus si cæ-
co ducatum præstet, am-
bo in foveam cadant. n.
38.
- Cap. 16. 16. Tu es Christus
filius Dei vivi. n. 378.
18. Super hanc petram æ-
dificabo Ecclesiam me-
am. n. 387.
19. Quodcumque ligave-
ris

- ris super terram, erit ligatum & in caelis: & quodcunque solveris super terram, erit solutum & in caelis. n. 387.
24. Siquis vult post me venire... tolrat crucem suam, & sequatur me. n. 100. 351. 355. cum seqq. & 424.
3. Apparuerunt Moyses & Elias cum eo loquentes. n. 222.
- Cap. 17. 4. Bonum est nos hic esse. n. 332.
5. Adhuc eo loquente ecce nubes lucida obumbravit eos. n. 364.
5. Hic est filius meus dilectus. n. 92.
5. Ipsum audite. n. 222.
6. Ceciderunt in faciem suam. n. 364.
9. Nemini dixeritis visionem. n. 369.
26. Vade ad mare, & mitte hamum. n. 172.
- Cap. 19. 20. Quid adhuc mihi deest? n. 408.
21. Si vis perfectus esse, vade, vende quae habes, & da pauperibus. ibid.
22. Cum audisset adoles-
- cens verbum, abiit tristis. ibid.
22. Erat enim habens multas possessiones. n. 409.
27. Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te: quid ergo erit nobis? n. 62. 142. 255. 345. 392. & 410.
- Cap. 20. 10. 11. Venientes autem & primi... murmurabant. n. 366.
12. Portabimus pondus diei, & aestus. ibid.
14. Volo autem & huic novissimo dare sicut & tibi. ibid.
21. Dic ut sedeant hi duo filij mei. n. 285.
21. Unus ad dextram tuam, & unus ad sinistram in regno tuo. n. 331.
22. Nescitis quid petatis. n. 285. & 331.
- Cap. 23. 49. Exhibunt Angeli, & separabunt malos de medio justorum. n. 477.
- Cap. 24. 29. Obscurabitur sol: stellae cadent de caelo, virtutes caelorum commovebuntur. n. 470.
- Cap. 25. 6. Ecce sponsus

- venit exite obviam ei. n. 341.
10. Clausa est janua. n. 472.
34. Venite benedicti Patris mei possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi. num. 483.
- Cap. 26. 15. At illi constituerunt ei triginta argenteos. n. 106.
18. Ite in civitatem ad quendam, & dicite ei: magister dicit: Tempus meum prope est, apud te facio Pascha cum discipulis meis. n. 394.
26. Accipite, & comedite. n. 431.
26. Hoc est corpus meum. n. 54. & 431.
27. Bibite ex hoc omnes. n. 395.
39. Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste. n. 40. & 55.
40. Et invenit eos dormientes. n. 55.
40. Non potuistis una hora vigilare mecum? n. 203.
42. Iterum secundo abiit. n. 55.
43. Et venit iterum. ibid.
45. Dormite jam & requiescite. n. 309.
49. Ave Rabbi. n. 49.
50. Amice ad quid venisti? ibid. 208. & 210.
58. Petrus autem sequebatur eum a longe. n. 195.
75. Egressus foras, flevit amare. n. 264. 345. & 410.
- Cap. 27. 18. Sciebat enim quod per invidiam tradidissent eum. n. 358.
37. Jesus Rex Judaeorum. n. 100. & 384.
42. Si Rex Israel est, descendat nunc de cruce. n. 166.
45. Tenebrae facta sunt super universam terram. n. 146. 229. & 396.
46. Eli, Eli... hoc est: Deus meus, Deus meus. n. 297. & 384.
47. Audientes dicebant: Etiam vocat iste. ibid.
49. Videamus an veniat Elias liberans eum. n. 297.
51. Vellum templi scissum est... petrae scissae sunt. n. 5.

52. *Multa corpora sanctorum, qui dormierant, surrexerunt.* n. 96.
64. *Ne forte veniant discipuli ejus, & furentur eum.* 363.
65. *Ite, custodite sicut scitis.* n. 227.
- Cap. 28. 20. *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem seculi.* num. 47. 367. & 375.

Ex Divo Marco.

- Cap. 6. 35. **D** *Esertus est locus hic.* n. 394.
- Cap. 7. 33. *Misit digitos suos in auriculas ejus.* n. 453.
- Cap. 9. 5. *Non enim sciebat quid diceret.* n. 364.
- Cap. 14. 33. *Capit pavere, & tedere.* n. 50.
35. *Procidit super terram.* n. 316.
65. *Et caperunt quidam conspuere eum, & velare faciem ejus.* n. 314.
- Cap. 15. 17. *Induunt eum purpurâ.* n. 17.
28. *Et cum iniquis repu-*

tatus est. n. 364.

38. *Velum templi scissum est.* n. 277. & 291.

Cap. 16. 9. *De qua ejecerat septem demonia.* num. 409.

14. *Exprobravit incredulitatem eorum, & duritiam cordis.* n. 228.

19. *Assumptus est in caelum.* n. 48.

Ex Divo Luca.

- Cap. 1. 31. **P** *Aries Filium, & vocabis nomen ejus Jesum.* n. 302.
32. *Dabit illi Dominus Deus sedem David.* ibi.
35. *Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi.* n. 42. & 342.
41. *Exultavit infans in utero ejus.* n. 379.
- Cap. 2. 12. *Invenietis infantem pannis involutum.* n. 21. & 310.
15. *Transeamus usque Bethlehem, & videamus hoc verbum.* ibid.
46. *Invenerunt illum in templo sedentem in medio*

51. *Et erat subditus illis.* n. 305. & 320.
- Cap. 3. 7. *Dicebat ergo ad turbas, quæ exhibant ut baptizarentur ab ipso.* n. 79.
16. *Cujus non sum dignus solvere corrigiam calceamentorum ejus.* n. 315.
- Cap. 7. 13. *Noli flere.* n. 237.
14. *Accessit, & tetigit loculum.* n. 453.
14. *Adolescens, tibi dico, surge.* n. 89.
37. *Ut cognovit quod accubisset in domo Pharisæi.* n. 260. & 337.
38. *Lacrymis capit rigare pedes ejus.* n. 241. 266. cum seqq. & 337.
38. *Capillis capitis sui tergebat.* n. 241. & 273. cum seqq.
45. *Non cessavit osculari pedes meos.* n. 307.
47. *Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum.* num. 251. cum seqq. 408. & 444.
- Tom. I.
50. *Vade in pace.* n. 241. 408. & 409.
- Cap. 8. 5. *Exiit qui seminavit, seminare semen suum.* n. 84.
- Cap. 9. 23. *Tollat crucem suam quotidie.* n. 357.
30. *Ecce duo viri loquebantur cum illo.* n. 271.
31. *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem.* 130. 222. 224. 271. 369. & 464.
33. *Præceptor, bonum est nobis hic esse: & faciamus tria tabernacula... ne sciens quid diceret.* n. 36. 59. 130. 378. 387. & 464.
- Cap. 12. 34. *Ubi enim thesaurus... ibi & cor.* n. 6.
35. 36. *Sint lumbi vestri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus vestris, & vos similes hominibus expectantibus Dominum suum.* n. 377. cum seqq.
36. *Ut, cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei.* n. 262.
- Cap. 14. 21. *Pauperes, ac*

- debiles, & cæcos intro-
duc. n. 314.
- Cap. 15. 4. *Vadit ad illam,*
quæ perierat. n. 260.
- Cap. 16. 22. *Factum est au-*
tem ut moretur men-
dicus, & portaretur
ab Angelis in sinum A-
brabæ. n. 103.
25. *Erunt signa in sole, &*
luna, & stellis. n. 468.
cum seqq.
- Cap. 21. 25. *Et in terris*
præfura gentium præ
confusione sonitus ma-
ris, & fluctuum. n.
240. & 468. cum seqq.
28. *Levate capita vestra,*
quoniam appropinquat
redemptio vestra. num.
429.
- Cap. 22. 15. *Desiderio de-*
sideravi hoc Pascha
manducare vobiscum.
n. 442.
41. *Avulsus est ab eis.* n.
55.
42. *Transfer calicem i-*
stum a me. n. 361.
43. *Apparuit autem illi*
Angelus de celo, con-
fortans eum. n. 248.
43. *Factus in agonia pro-*
lixius orabat. n. 50.
44. *Factus est sudor ejus,*
sicut guttæ sanguinis
decurrentis in terram.
ibid.
45. *Cum venisset ad disci-*
pulos suos. n. 55.
53. *Hæc est hora vestra,*
& potestas tenebrarum.
n. 202. & 211.
61. *Conversus Dominus*
respexit Petrum. n.
346. & 446.
62. *Egressus foras flevit*
amare. n. 446.
64. *Velaverunt eum.* num.
139.
- Cap. 23. 8. *Erat cupiens*
videre eum. n. 51.
11. *Indutum veste alba.*
n. 17.
19. *Erat propter seditio-*
nem... & homicidium,
missus in carcerem. n.
83.
21. *Crucifige, crucifige*
eum. ibid. & 351.
25. *Jesum vero tradidit*
voluntati eorum. num.
351. & 361.
30. *Tunc insipient dicere*
montibus: cadite super
nos. n. 472.
34. *Pater dimitte illis.* n.
208.

34. *Pater, dimitte illis:*
non enim sciunt quid
faciunt. n. 358.
42. *Domine, memento*
mei, cum veneris in re-
gnum tuum. n. 47. 58.
174. & 289.
43. *Hodie mecum eris in*
paradiso. n. 47. 58. 123.
174. & 289.
45. *Obscuratus est sol.* n.
5.
- Cap. 24. 11. *Non credide-*
runt illis. n. 128.
25. *O stulti, & tardi cor-*
de ad credendum. n.
227.

Ex Divo Joanne.

- Cap. 1. 11. **S** *Vi eum non*
receperunt.
n. 342.
29. *Vidit Joannes Jesum*
venientem ad se. n. 328.
cum seqq.
41. *Invenimus Messiam.*
n. 300.
- Cap. 4. 4. *Oportebat eum*
transire per Samariam.
n. 163.
6. *Jesus ergo fatigatus*
ex itinere sedebat sic
supra fontem. n. 156.
- Tom. I.
- cum seqq.
7. *Da mihi bibere.* n. 171.
8. *Discipuli ejus abierant*
in civitatem. n. 265.
10. *Dedisset tibi aquam*
vivam. n. 174.
13. *Qui autem biberit ex*
aqua, quam ego dabo
ei, non sitiet in eter-
num. n. 176.
- Cap. 5. 14. *Ecce sanus fa-*
ctus es: jam noli pec-
care. n. 466.
- Cap. 6. 15. *Fugit iterum in*
montem ipse solus. n.
300.
49. *Patres vestri mandu-*
caverunt manna in de-
serto. n. 394.
56. *Caro mea, vere est ci-*
bis: & sanguis meus,
vere est potus. ibid.
57. *In me manet, & ego*
in illo. n. 118. 320. &
367.
59. *Qui manducat hunc*
panem, vivet in eter-
num. n. 355.
- Cap. 8. 6. *Digito scribebat*
in terra. n. 454.
- Cap. 9. 6. *Expuit in ter-*
ram, & fecit lutum ex
sputo, & linitit super
oculos ejus. n. 453.
- Ff 2 Cap. 10.

- Cap. 10. 14. *Ego sum Pastor bonus.* n. 318.
- Cap. 11. 3. *Ecce, quem amas, infirmatur.* n. 67. cum seqq.
11. *Lazarus amicus noster dormit.* n. 96.
33. *Ut vidit eam plorantem.* n. 237.
35. *Lacrymatus est Jesus.* ibid.
44. *Statim prodiit, qui fuerat mortuus, ligatus.* n. 96. & 253.
- Cap. 12. 6. *Fur erat.* num. 263.
19. *Ecce mundus totus post eum abiit.* n. 147.
- Cap. 13. 1. *Ante diem festum Paschæ, sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* n. 28.
29. cum seqq. 177. cum seqq. 252. 265. 303. 381. & 416.
3. *Sciens quia à Deo exiit, & ad Deum vadit.* n. 421.
4. *Ponit vestimenta sua.* n. 381.
5. *Capit lavare pedes discipulorum.* n. 61. & 399.
6. *Venit ergo ad Simonem Petrū.* n. 303. cū seqq.
6. *Dicit ei Petrus: Domine, tu mihi lavas pedes?* n. 362.
7. *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea.* n. 44.
8. *Non lavabis mihi pedes in æternum.* num. 362.
9. *Domine, non tantum pedes meos, sed & manus, & caput.* n. 362. & 398.
13. *Vos vocatis me Magister, & Domine: & bene dicitis: sum etenim.* n. 340.
15. *Exemplum enim dedi vobis.* n. 340.
21. *Unus ex vobis tradet me.* 49.
23. *Recumbens in sinu Jesu.* n. 447.
25. *Domine quis est.* n. 370.
26. *Ille est, cui ego intintum panem porrexi.* ibid.
27. *Quod facis, fac citius.* n. 160.

- re. n. 50.
28. *Hoc autem nemo scivit discumbentium.* n. 370.
30. *Cum ergo accepisset ille buccellam, exiit continuè.* n. 49.
34. *Mandatum novum do vobis: ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.* n. 252.
37. *Animam meam pro te ponam.* 438.
- Cap. 14. 9. *Philippe, qui videt me, videt & Patrem meum.* num. 426.
17. *Apud vos manebit, & in vobis erit.* n. 427.
- Cap. 15. 13. *Maiorem hac dilectione nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* n. 439.
15. *Jam non dicam vos servos... vos autem dixi amicos.* n. 60.
- Cap. 16. 28. *Relinquo mundum, & vado ad Patrem.* n. 147.
32. *Venit hora... ut me solum relinquatis.* n. 202.
- Cap. 18. 8. *Sinite hos abi-*
Tom. I.
36. *Regnum meum non est de hoc mundo.* n. 402.
- Cap. 19. 5. *Ecce homo.* ibid.
19. *Rex Judæorum.* ibid.
26. *Cum vidisset discipulum stantem.* n. 438.
26. *Ecce filius tuus.* n. 247.
27. *Ecce mater tua.* ibid.
28. *Postea sciens Jesus, quia omnia consummata sunt... dixit: sitio.* n. 40.
28. *Sitio.* n. 166.
30. *Consummatum est.* n. 437.
30. *Inclinato capite.* n. 168. 169. 176. 278. & 340.
34. *Unus militum lancea latius ejus aperuit.* n. 26. 137. 208. & 431.
34. *Et continuè exiit sanguis & aqua.* n. 143. 168. 232. & 431.
- Cap. 20. 6. *Venit ergo Simon Petrus sequens enim, & introivit in monumentum.* n. 18.
13. *Mulier quid ploras?* n. 65.
17. *Noli me tangere, nondum enim ascendi ad*
Ff 3. Pa-

- Patrem meum. ibid. & 148.*
25. *Nisi videro in manibus ejus fixuram clavorum... & mittam manum meam in latus ejus, non credam. n. 122. cum seqq. & 332.*
27. *Infer digitum tuum huc, & vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum. n. 446.*
- Cap. 21. 7. *Discipulus, quem diligebat Jesus. n. 378.*
15. *Simon Joannis, diligis me plus his? n. 30. 36. & 257.*
15. *Domine, tu scis quia amo te. num. 30. 36. & 62.*
17. *Amas me? n. 36.*
17. *Pasce oves meas. n. 62.*
19. *Sequere me. n. 263.*
20. *Conversus Petrus vidit illum discipulum, quem diligebat Jesus, sequentem. ibid.*
20. *Qui & recubuit in cæna super pectus ejus. n. 137. & 332.*
22. *Sic eum volo manere. num. 332.*
- Ex Actis Apostolorum.
- Cap. 1. 23. **J**oseph... qui cognominatus est Justus. num. 288.
26. *Cecidit fors super Matthiam. ibid.*
- Cap. 2. 3. *Apparuerunt illis dispersitæ linguæ, tamquam ignis. n. 42. & 471.*
4. *Repleti sunt omnes Spiritu Sancto. ibid.*
- Cap. 9. 4. *Saule, Saule, quid me persequeris? n. 260. & 341.*
- Cap. 10. 13. *Occide, & manduca. n. 84.*
- Cap. 13. 22. *Inveni virum secundum cor meum. n. 209. 259. & 320.*
- Ex Epistola ad Romanos.
- Cap. 5. 20. **U**bi abundavit delictum, superabundavit & gratia. n. 258.
- Cap. 10. 21. *Tota die expandi manus meas ad popu-*

- populum non credentem, & contradicentem. n. 368.*
- Ex Epistola prima ad Corinthios.
- Cap. 1. 30. **F**actus est nobis Sapientia. n. 331.
- Cap. 10. 4. *Petra autem erat Christus. n. 196.*
- Ex Epistola secunda ad Corinthios.
- Cap. 5. 14. **U**Nus pro omnibus mortuus est: ergo omnes mortui sumus. n. 459.
21. *Eum, qui non noverrat peccatum, pro nobis peccatum fecit. n. 233.*
21. *Eum... peccatum fecit. n. 83.*
- Ex Epistola ad Ephesios.
- Cap. 4. 10. **Q**ui descendit, ipse est & qui ascendit. n. 401.
- Tom. I.
- Cap. 6. 14. *State ergo succincti lumbos vestros in veritate. n. 386.*
- Ex Epistola ad Philipenses.
- Cap. 2. 7. **S**emetipsum exinanivit formam servi accipiens. n. 66.
- Cap. 3. 18. *Inimicos crucis Christi. n. 86.*
19. *Quorum finis interitus. ibid.*
- Ex Epistola ad Colossenses.
- Cap. 2. 3. **I**N quo sunt omnes thesauri. n. 106.
- Ex Epistola prima ad Thimoteum.
- Cap. 2. 4. **O**Mnes homines vult salvos fieri. n. 214.
14. *Adam non est seductus; mulier autem seducta in prævaricatione fuit. n. 20. & 452.*
- Ff 4 14. A.

14. *Adam non est sedu-
ctus. n. 181.*

Ex Epistola ad Hebræos.

Cap. 1. 14. **O** *Mnes sunt
administra-
torij spiritus. n. 156.*

Cap. 9. 27. *Statutum est ho-
minibus semel mori.
n. 13.*

Ex Epistola prima Petri
Apostoli.

Cap. 2. 21. **P** *Assus est
pronobis.
num. 444.*

Cap. 4. 17. *Tempus est, ut
incipiat iudicium à do-
mo Dei. n. 481.*

Cap. 5. 4. *Cum apparuerit
Princeps pastorum,
percipietis immarces-
cibilem gloriæ coro-
nam. n. 483.*

Ex Epistola prima Joannis
Apostoli.

Cap. 2. 18. **N** *Ovissima
hora est.
num. 473.*

Ex libro Apocalypsis.

Cap. 1. 5. **L** *Avit nos...
in sanguine
suo. n. 317.*

Cap. 4. 10. *Mittebant co-
ronas suas ante thro-
num. n. 353.*

Cap. 5. 7. *Venit, & acce-
pit... librum. num.
462.*

Cap. 6. 12. *Sol factus est
niger tanquam saccus
cilicinus. num. 109. &
423.*

Cap. 9. 6. *In diebus illis
quærent homines mor-
tem, & non invenient
eam. n. 472.*

Cap. 13. 8. *Qui occisus est
ab origine mundi. n.
462.*

Cap. 14. 8. *Cecidit, cecidit
Babilon. n. 471.*

Cap. 17. 15. *Aquæ... popu-
li sunt. n. 166.*

Cap. 20. 12. *Libri aperti
sunt, & alius liber a-
pertus est, qui est vi-
tæ. n. 479.*



INDICE

Das cousas mais notaveis, que se contém
nesto Primeyro Tomo.

Os numeros significão os marginaes.

A

Abatimento.

D Eve-se abater, quem
he sabio. n. 304. até
311.

Tambem se deve abater,
quem tem amor. n. 312.
até 320.

He o abatimento legitima
consequencia de huma
despedida. n. 321. até
327.

Mais he abater a pessoa, que
sacrificar a vida. n. 318.

Mais foy abater-se Deos a fi-
no lavatorio, que exal-
tar aos homens no Sacra-
mento. n. 319. & 320.

O abatimento he conse-
quencia mais legitima da
despedida, do que do
meimo amor. n. 324. &
325.

Veja-se a palavra *Humildade.*

Abel.

Por ser mais amigo de Deos
Abel,

Abel, morreo primeyro, 270. & 271.
que Caim. n. 69.

Adam.

A primeyra purpura, q̄ Deos lhe veitio foy de pelles, e porque? n. 16.
Naõ só ficou fogeyto á morte, mas trouxeno-la a nós, porque peccou sem ser enganado. n. 20.

Affrontas.

Ter presentes as affrontas, e ainda affim amar os ministros dellas, naõ se acha no amor dos homens, sómente se vio no amor de Christo. n. 182. & 183.

Alivio.

Dous alivios teve a Senhora na Soledade; mas nenhum lhe moderou a dor. n. 243. *com os seg.*
As penas postas aos olhos faõ alivio da dor na imaginação. n. 248.
As lagrimas, que faõ para alivio da pena, naõ faõ as de que Deos se paga. n.

Amigos.

Os amigos de Deos faõ os que primeyro morrem, e os que mais padecem. n. 69. *com os seg.*

O mundo he amigo falso. n. 407.

Mayor fineza he morrer por hum amigo ingrato, do que assistir-lhe. n. 439. & 440.

Mayor fineza he assistir a hum amigo agradecido, do que morrer por elle. *ibi.*

Amor.

Ninguem ha taõ cabalmente amado, que não seja de alguns aborrecido. n. 6.

Vio-se em Joseph, e David. *ibid.*

O amor festeja as vesperas do odio. n. 29.

Os seus dias de festa reduzem-se a horas. *ibi.*

Em materias de amor sempre se espera mais do que se diz. n. 30.

Saõ incapazes de amar os fa-

fabios. n. 31. *com os seguintes.*

Pelo peccado acabou o verdadeyro amor. n. 33.

Naõ pôdem amar os ignorantes. n. 35. *com os seguintes.*

O amor naõ he menino a quem falta o uso da razão, mas a razão do uso. n. 38.

O fumo deste fogo naõ faz cego o entendimento, faz altivo o coração. *ibi.*

Quem quizer amar hade-se fazer ignorante no principio da affeyção, e mostrar-se fabio na continuação do amor. n. 39. *com os seg.*

Naõ pôdem amar os ausentes. n. 47. *com os seg.* & n. 191. *com os seg.*

Nem pôdem amar os presentes. n. 51. *com os seg.*

Naõ pôdem amar os que mandaõ, n. 57. *com os seg.*

Nem pôdem amar os que servem. n. 59. *com os seg.*

Quem dá tudo, o q̄ tem, he o que pôde livremente amar. n. 61. *com os seg.*

A perfeção do amor naõ consiste tanto em dar co-

mo em vender, e porque? n. 115. *com os seg.*

Amar conhecendo, que o mesmo amor hade fer causa da morte, he grande excessõ de fineza. n. 179. *com os seg.*

Naõ obra affim o amor humano. n. 180.

O conhecimento da resurreyção faz diminuir os quilates do amor, q̄ cresce pelo conhecimento da morte. n. 185. *com os seg.*

Amar na ausencia he excessõ no amor. n. 191.

He o amor inimigo dos longes. n. 192. *com os seg.*

Cresce naturalmente o amor nas despedidas. n. 196. & 197.

Porisso nas despedidas obrar finezas naõ he prova de grande amor. n. 198. *com os seg.*

O amor faz, que o máo pareça bom, que o feo pareça formoso, &c. n. 203.

Amar o máo conhecendo, que he máo, he o extremo do amor. n. 205. *com os seg.*

E mayor, ainda amar ao máo sem esperanças de que venha

- na a fer bom. *n.* 212. *com os seg.*
- O amor grande compara-se com o fogo do inferno, e porque? *n.* 206.
- Com o fogo da alampada se deve comparar o amor pequeno, e a razão? *n.* 207.
- Onde o fer he pouco, não póde o amor fer muyto. *n.* 251.
- Porisso não póde fer grande o amor das creaturas. *ibi.* § 252.
- Ainda assim póde avultar o de quem tudo deyxá, e todo se entrega. *n.* 253.
- He excellencia do amor fante crescer tanto, quanto tinha crescido a culpa. *n.* 257. *com os seg.*
- O amor do penitente he mayor, que o do innocente. *n.* 259.
- Devemos buscar a Deos, e não esperar, que elle nos busque, para prova do nosso amor. *n.* 260. *com os seg.*
- He grande amor, o que obriga a derramar lagrimas. *n.* 266.
- Ao amor se deve seguir a humildade. *n.* 312. *com os seg.*
- He o amor como o corvo, e porque? *n.* 314.
- Mayor fineza do amor he o assistir do que o morrer. *n.* 437. § 438.
- Amor de Christo.*
- Obrou tres grandes excessos, unindo seis extremos, para vencer seis impossiveis. *n.* 30. *com os seg.*
- Houve-se como ignorante no principio de suas finezas, e na continuacão como sabio. *n.* 40. *com os seg.*
- Amou Christo como ausente, e presente. *n.* 54. *com os seg.*
- Amando, e servindo. *n.* 61. *com os seg.*
- Obrou a fineza de amar conhecendo, que havia morrer. *n.* 179. *com os seguintes.*
- E conhecendo tambem ás affrontas, que haviaõ acompanhar a sua morte. *n.* 182. § 183.
- Mas não consistio ainda nisto o mayor excesso da fine-

- neza. *n.* 184. *com os seg.*
- Naõ amou Christo no Cenaculo ausente, amou fim querendo-se ausentar, e nisto não consistio o excesso do seu amor. *n.* 196. *com os seg.*
- Esteve o excesso deste amor em amar os que devia aborrecer. *n.* 204. *com os seg.*
- E ainda foy mayor o excesso por amar os máos sem esperança de que podesssem vir a ser bons. *n.* 212. *com os seg.*
- Annos.*
- Os poucos annos diminuem o delicto, mas augmentaõ o merecimento. *n.* 412. § 413.
- S. Antonio.*
- Luzio S. Antonio como Sol em todo o decurso de sua vida. *Veja-se todo o Sermão XI.*
- Aperto.*
- Naõ haõde apertar tudo os Prelados. *n.* 388. § 389.
- Apparencia.*
- O mal na apparencia magõa tanto como na realidade. *n.* 244.
- Assistencia.*
- He huma cruz muyto pesada a da quotidiana assistencia. *n.* 366.
- E quando esta assistencia he por obrigação, e sem lucrar o que se pertende, ainda faz mais pesada a cruz. *n.* 367.
- Assistir a quem não merece esta fineza, he tormento grande. *n.* 368.
- Mayor fineza he assistir, do que morrer. *n.* 437. *com os seguintes.*

Ausencia.

- Naõ podem os ausentes amar. *n.* 47. § 191. *com os seg.*
- Deve-se remediar a ausencia com a presenca, para haver amor. *n.* 54. *com os seg.*

He

He o amor inimigo dos longes. *n.* 192. *com os seg.*

Nas vesperas de huma ausencia cresce muyto mais o amor. *n.* 196. 197. & 321.

B

Belleza.

V Eja-se a palavra Formosura.

Beneficio.

O beneficio, que fizer o Rey aos vassallos hade ser perpetuo. *n.* 176.

Hade-se ver o beneficio, e não se hade ver o benefeytor. *n.* 396.

Mayor beneficio he assistir, do que morrer. *n.* 436. *com os seguintes.*

C

Cadeyra.

A Cadeyra, em que os Judeos ensinaõ os seus erros, he cadeyra de pe-

ste. *num.* 376.

Caridade.

A perfeição da caridade não consiste tanto em dar a esmola, como em vendella, e porque? *n.* 115. *com os seg.*

Causa.

A causa muyto intensa produz contrarios effeytos. *n.* 218. & 219.

Para tratar a causa de Deos entre os homens, são necessarios Ministros com grandes poderes. *n.* 372. *com os seg.*

Christo.

Tanto que Christo vestio a purpura como Rey, logo se vio com insignias de mortal. *n.* 17.

Mostrou para com nosco a mayor liberalidade na Cruz, e em que? *n.* 63.

A sua morte foy hum edificio. *n.* 123.

Viose imitado em quanto Redemptor, de Maria Santissima

tissima na sua Soledade.

n. 233. & 234.

Padeceo o effeyto da morte, mas não o da sepultura. *n.* 244.

Clausura.

Os louvores de hum enclaustrado correm por conta de outro. *n.* 379. & 380.

Deve ser enclaustrado hum Reformador. *n.* 390. & 391.

Mais he enclaustrar-se huma pessoa por vontade propria, do que ser enclaustrada por vontade alheya. *n.* 392.

Melhor he a clausura na cidade, que no deserto, e porque? *n.* 393. *com os seguintes.*

Communidade.

Quem vive em communidade não se acredita com as virtudes alheyas, e descredita-se com as alheyas culpas. *n.* 363. & 364.

Confissão.

A confissão, que se faz dos peccados em publico, he mais heroica. *n.* 264. & 265.

Conhecimento.

O conhecimento da resurreição diminue o amor, que cresce pelo conhecimento da morte. *n.* 185. Assim como o conhecimento da victoria diminue a celebridade do triumpho. *n.* 186.

Consideração.

Os passos dão indicio de considerações. *n.* 284.

Com consideração se devem prover os lugares. *ibi,* & 285. *com os seg.*

Conveniencia propria.

Quem cuida na conveniencia propria não serve para Rey. *n.* 174. & 175.

Conversaõ.

A conversaõ he muyto difficulosa na bonança, e menos difficil na tormentta. *n.* 114.

Quem se converte a Deos hade deyxar tudo, e entregar-se todo. *n.* 253.

Na conversaõ, os instrumentos da culpa pôdem servir de meynos para a graça. *n.* 254.

Na conversaõ do mayor peccador, se faz o mayor amante. *n.* 257. *com os seguintes.*

Devemos apressar-nos em buscar a Deos na nossa conversaõ, e não esperar, que elle nos busque. *n.* 260. *com os seg.*

A conversaõ publica he mais heroica. *n.* 264. & 265.

Ha conversaõ do peccado á graça, e do mundo á Religiãõ, e esta he mais difficulosa. *n.* 343. *com os seguintes.*

Grande sentimẽto he em hũ Ministro de Deos, não tirar por lucro de seu tra-

balho a conversaõ dos peccadores. *n.* 368.

A conversaõ do peccado á graça, he mais necessaria: a do mundo á Religiãõ, he mais difficulosa. *n.* 406. *com os seg.*

A conversaõ nos poucos annos he mais heroica. *n.* 412. *com os seg.*

Corvo.

He o amor como o corvo, que a primeyra cousa com que entende são os olhos. *n.* 314.

Credito.

A mais penosa cruz da Religiãõ consiste em fernela particular o credito, e o descredito commum. *n.* 363. & 364.

Cruz.

Tres cruces tomou S. Pedro de Arbues, e todas tres muyto pesadas. *Sermão XIII. per totum.*

Muyto penosa cruz he a do Magisterio. *n.* 357. *com os seg.* Muy-

Muyto pesada he a cruz da Religiãõ. *n.* 361. *com os seguintes.*

Muyto grave cruz he a do officio de Inquisidor. *n.* 365. *com os seg.*

Culpa.

Vide a palavra Peccado.

D

David.

LE-se, que fora amado, mas não, que amára a Jonathas: e porque? *n.* 32.

Morrendo de setenta e hum annos, que naquelle tempo eraõ poucos, como se pôde dizer, que morrera velho. *n.* 271.

Deyxar.

Deyxar tudo, e entregar-se todo, he indicio de grande amor. *n.* 253.

Demonio.

O demonio com a promessa Tom. I.

fa, que fez a Adam, da soberania, ajuntou a da immortalidade: e porque? *n.* 12.

Deos.

Deos dá mayores trabalhos a os seus mayores amigos. *n.* 69.

Igualla os grandes, e pequenos. *n.* 72. & 73.

De Deos para Deos vão os mayores Santos. *n.* 293. 294. & 419. *com os seg.*

De buscarmos, ou não buscarmos a Deos, he que nasce ter dia, ou ter noyte. *n.* 328. & 329.

He Deos tão amante, que faz pelo homem, o que o homem havia fazer por Deos. *n.* 334. *com os seg.*

Descanço.

Não devem ter descanso as Magestades pelas suas obrigaçoens. *n.* 275. & 276.

Do descanso de huma causa commua segue-se a ruina de hum universo. *n.* 278. *com os seg.*

Despedida.

O amor na despedida, naturalmente cresce. *n.* 196. 197. & 321.

Porisso não he prova de amor grande, obrar finezas nas despedidas. *n.* 198. *com os seg.*

De huma despedida se segue por consequencia, a humildade. *n.* 321. *com os seguintes.*

Devem-se tambem seguir as lagrimas. *n.* 326. & 327.

Despir.

Devemo-nos despir para segurar o Geo. *n.* 381.

Devem-se despir os Reys para vestir os vassallos. *n.* 381. & 382.

Desposorio.

Quem houver de se desposar com Deos, assim se hade desposar, como Christo se bautizou. *Sermão XII. per totum.*

Dias.

Ha dias naturaes, e dias moraes, e em que differem, e se assemelhaõ. *n.* 328. & 329.

Dignidade.

Primeyro se deve ter o trabalho, do que occupar a dignidade, e assim fez S. André. *n.* 300. *com os seguintes.*

As dignidades mudaõ as pessoas. *n.* 400.

Diluvio.

Os peyxes ficáraõ izentos do universal diluvio: e porque? *n.* 68.

Divisaõ.

A divisaõ no governo, he a destruiçaõ da Republica. *n.* 292.

Domesticos.

Naõ haõde fer ditos os louvores pelos domesticos,

cos, mas fim pelos estranhos. *n.* 377. & 378.

*Edificio.**Dor.*

A dor estranha pode-se sentir, mas naõ se sabe explicar. *n.* 221.

Só explica bem a dor, quem a padece. *n.* 222.

Dureza de coração.

Era grande a dos homens; mas remio-se com a Soledade da Senhora. *n.* 226. *com os seguintes.*

Naõ ha dureza mayor do coração, que a que deya os olhos enxutos na despedida. *num.* 326. & 327.

E*Ecclesiasticos.*

P Or elles hade começar o Juizo de Deos, por serem grandes as suas obrigaçoens. *n.* 481.

Em hum edificio, he o retrato primeyro, que o original. *n.* 121.

Naõ haõde ter os edificios tanto para a admiracaõ dos olhos, quanto para a edificaçaõ dos animos. *n.* 129. & 130.

Porém, quando se ajunta tudo, entaõ he o edificio melhor. *n.* 131. *com os seguintes.*

Haõde-se fabricar os edificios com os olhos fechados, para naõ reparar em inconvenientes. *n.* 135. *com os seguintes.*

Quem assim edifica, obra com mais liberalidade, e com muyto descanço. *n.* 141. & 142.

Haõde fer os edificios mais para os olhos de Deos, q̄ para os olhos do mundo. *n.* 145. & 146.

Devem obrar os Religiosos, pelo contrario do que obraõ os peccadores. *n.* 147.

Quem conclue, e a perfeycõa hum edificio tem

muyto de Deos, e muyto de Senhor. *n.* 151. *com os seguintes.*

Enfermidades.

As enfermidades abrangem igualmente aos grandes, e pequenos. *n.* 73.

Resistem-lhes mais os manebos. *n.* 74.

Naõ só vem pelos annos, mas pelas culpas. *ibi.*

Muytas vezes parecem influencias dos astros, e são calligos. *n.* 76.

Ensinar.

Vide a palavra *Mestres.*

Entendimento.

O entendimento, he a vida da alma. *n.* 19.

Os mais entendidos, são os mais mortaes. *ibi.*

Quem entende muyto, vive pouco. *n.* 20.

O entendimento, he como a vibora: e porque? *n.* 21.

He como a luz, que quando a vemos mais luzir,

está mais perto de acabar. *ibi.*

Quem quizer mostrar, que tem entendimento, hade mostrar, que naõ tem amor. *n.* 34.

He necessario o bom entendimento para governar. *n.* 290.

Hum entendido, accomoda-se com qualquer lugar, pelo contrario hum necio. *n.* 330. & 331.

A razão ditto. *n.* 332.

Sogeytar o entendimento, custa mais, que sogeytar a vontade. *n.* 262.

Os peccados dos entendidos, são os mais aggravantes a Deos, e devem ser mais castigados pelos homens. *n.* 373. & 374.

Vide a palavra *Sabios.*

Esmola.

A esmola, para ser mais meritória, naõ se hade dar ao pobre, hade-se-lhe vender: e a razão? *n.* 115. *com os seg.*

Estu-

Estudo.

He trabalho grande o do estudo. *n.* 357.

Execuçãõ.

Execuçãõ vagarosa traz certa a ruina. *n.* 156. *com os seg.*

Naõ hade ser tambem apressada, porque sahe chea de erros. *n.* 159. *com os seg.*

Hade ter huma, e outra coufa, para ser boa. *n.* 161.

Exemplo.

O exemplo he mais efficaz, e fecundo, que o preceyto. *n.* 95. *com os seg.*

E ainda mais efficaz, e fecundo em hum grande, que em hum humilde. *n.* 98. *com os seg.*

Dá grande exemplo ao mundo, quem busca a Deos, sem esperar, que Deos o busque. *n.* 340. *com os seguintes.*

Eva.

Chama-se Mãy dos viventes, porque peccou como ignorante. *n.* 20.

Foy formada de ossos, que representaõ a morte, porque havia ser muyta a sua formosura. *n.* 26.

Eucharistia.

A Eucharistia excede o sacrificio da Cruz na fineza; porque ahi se dá Christo a nós, e nos recebe em si. *n.* 118.

Tambem excede de algum modo aquelle sacrificio, porque na Eucharistia assiste Christo com nosco. *num.* 436. *com os seguintes.*

Foy hum retrato da morte de Christo obrado antes do original. *n.* 127.

Vide a palavra *Sacramento.*

F

Fama.

A Fama he imitadora da natureza *n.* 93.

Filhos.

São os filhos imagens verdadeyras de seus pays. *n.* 426.

Fineza.

As finezas, que se obraõ nas despedidas, não são prova de grande amor. *n.* 198. *com os seg.*

As que repugnaõ são as grandes, as que se accommodaõ com o natural são as pequenas. *n.* 200.

Tres finezas obrou Christo na Payxaõ, que mutuamente se excederaõ. *n.* 317. *com os seg.*

He fineza mayor assistir, do que morrer. *n.* 436. *com os seg.*

Vide a palavra *Amor.*

Formosura.

He a formosura hum bem, que agrada muyto, mas dura pouco. *n.* 23.

Contra ella armou a natureza os mayores males. *ibi.*

Ou não passa do principio da vida, ou chega logo á morte. *n.* 24.

Na arvore, que nos trouxe a morte, poz a Divina Providencia o pomo da formosura. *n.* 25.

Morte, e formosura, tudo são ossos. *n.* 26.

Mais he sacrificar huma formosura, do que huma fealdade. *n.* 444. *com os seguintes.*

Fortuna.

A roda da fortuna he como a fouce da morte. *n.* 93.

Fumo.

O fumo, que lança o fogo do amor, não faz ce-go o entendimento, faz alti-

ativo o coraçãõ. *n.* 38.

G

Golpes.

OS golpes da Justiça Divina humas vezes são nas posses, outras nas esperanças. *n.* 7.

Igualmente se encaminhaõ aos grandes, e aos pequenos. *n.* 73.

Tanto lhes cede a mocidade, como a velhice. *n.* 74. & 75.

Gosto.

Mais he sacrificar hum gosto, do que huma pena. *n.* 444. *com os seg.*

Governo.

Para o bom governo, he mais necessaria a prudencia, do que a mesma santidade. *n.* 287. *com os seg.*

O governo depende do bom entendimento, assim como a salvaçaõ da boa Tom. I.

vontade. *n.* 290.

Para o governo ser bom, hade haver nelle uniaõ. *n.* 291. & 292.

Governo onde tudo sahe á luz, he perigoso. *n.* 383. & 384.

O governo não hade ferem tudo apertado. *n.* 388. & 389.

Vide a palavra *Prelado.*

Grandes.

São os grandes incapazes de amar. *n.* 57. & 58.

Os seus peccados são de morte. *n.* 86.

Ordinariamente não está Deos bem com os grandes da terra. *n.* 385.

Vide a palavra *Principes.*

H

Horas.

A Horas se reduzem os dias festivos do amor. *n.* 29.

Humildade.

Affim como a soberba em hum vil he mayor culpa, affim tambem a humildade em hum grande he mayor virtude: e porque? *n.* 119.

A humildade he consequencia da sabedoria, do amor, e da ausencia. *Sermão XI. per totum.*

Deve nascer a humildade não da fraqueza do coração, mas da valentia do entendimento. *n.* 307.

Vide a palavra *Abatimento.*

I*Jacob.*

S Ahio ferido da luta, porque lutava com hum Deos, que era seu amigo. *n.* 71.

Idade.

Quem de menor idade pecca, menos pecca; quem de menor idade ama, ma-

is ama. *n.* 412. & 413.

Ignorantes.

Os ignorantes, são os que mais vivem. *n.* 20.

São os ignorantes, incapazes de amor. *n.* 35.

Hum ignorante, em nenhum lugar cabe; porque sempre cuida, que mais merece. *n.* 330. *com os seguintes.*

Viver hum sabio entre ignorantes he pezada cruz. *n.* 358. & 359.

Inferno.

Com o fogo do inferno se compara o fogo do amor: e porque? *n.* 206.

Amando Deos de algum modo os peccadores, que vivem no mundo, de nenhum ama os condemnados, que estão no inferno: e a razão? *n.* 214.

O fogo do inferno faz tremmer os dentes: e porque? *n.* 219.

*In-**Ingratos.*

O amar aos ingratos he o mayor amor. *n.* 205. *com os seg.*

Mais he morrer por hum amigo ingrato, do que assistir-lhe. *n.* 439. & 440.

Injurias.

Vide a palavra *Affrontas.*

Inquisidores.

O officio de Inquisidor he o mayor lugar na Igreja abayxo do supremo Pontifice. *n.* 365.

Mas porisso mesmo he a sua cruz muyto pesada. *ibi.*

São tres as circunstancias, que lhe fazem grande o pezo: a assistencia, que se faz; o segredo, que se observa; e a causa, que se trata. *n.* 366. *com os seguintes.*

São os Inquisidores huns Vice-Deoses na terra. *num.* 372.

Já no Testamento Velho

se achão Inquisidores. *n.* 373.

O Tribunal da Inquisição tem suas semelhanças com o Sacramento do Altar. *n.* 375.

Job.

Padeceo muyto, porque era amigo de Deos. *n.* 69. & 70.

Jonathas.

Amando tanto a David, teve o seu amor diminuição: e porque? *n.* 117.

Jordaõ.

Chama-se rio do Juizo, porisso corre apressado para o mar morto. *num.* 22.

Judeos.

Em quanto houverem Judeos hade haver Tribunal do S. Officio. *n.* 375. He gente pestilencial a dos Judeos. *n.* 376.

Jui-

Juizo final.

Descreve-se esta fatal tragedia em todo o *Sermão XVIII.*

Hade começar este Juizo pela Igreja. *n. 481.*

Jurisdicção.

He grande jurisdicção a de hum Inquisidor. *n. 372.*

Justiça Divina.

Humas vezes dá a Justiça Divina o golpe nas posses, outras vezes nas esperanças. *n. 7.*

Abranje a grandes, e pequenos. *n. 73.*

S. Izabel Rainha de Portugal.

Deu-nos efficazes exemplos para a imitarmos. *Sermão IV. per totum.*

L*Lado.*

Para se abrir o lado ao amor, haode se fechar os olhos ao discurso. *n. 34.*

Lgrimas.

As lagrimas de huma Mãe na soledade de hum Filho são melhor remedio para abrandar a dureza de nossos coraçoes. *n. 228. & 229.*

São mais justificadas as lagrimas, que se choraõ por hum sepultado, do que as que se derramaõ por hum morto. *n. 237.*

A razão disto. *n. 238.*

As lagrimas acreditaõ de grande o amor. *n. 266.*

Mais finas são as que se choraõ na presença, do que as que se derramaõ na ausencia do objecto amado. *n. 268.*

A razão disto. *n. 269.*

Ou-

Outra razão. *n. 270.*

Mais agradáraõ a Deos as lagrimas da Magdalena nos cabellos, do que nos olhos: e porque? *n. 272. & 273.*

Lavatorio.

O lavatorio foy a mayor fineza de Christo, ainda comparado com as suas mayores finezas. *n. 217. com os seg.*

Livros.

São tres os generos de livros em que hoje, e antigamente se escrevia, e todos servem para nelles lermos o nosso defengano. *n. 454.*

He só hum o livro da vida, sendo muytos os da morte: e porque? *n. 479.*

Louvor.

Não hade sahir o louvor da boca do domestico, mas fim do estranho. *n. 377. & 378.*

Só hum enclaustrado póde

cabalmente louvar outro. *n. 379. & 380.*

Luz.

Tantos são os generos de luzes, quantas as diversas materias em que o fogo arde, e o Sol resplandece. *n. 405.*

Luzio S. Antonio como Sol. *n. 406. com os seg.*

Para os fogeitos luzidos a sombra, que os escurece, he morte, que os acaba. *n. 423.*

M*Magestade.*

A Magestade deve ser inquieta por sua obrigação, assim como o amor he inquieto por sua natureza. *n. 275. & 276.*

Descantos na Magestade são ruinas na Republica. *n. 277. com os seg.*

Vide a palavra *Reys.*

Mães.
Huma Mãe chorando he

o melhor remedio para
abrandar nossa dureza. *n.*
228. 229. & 235.

Mãos.

Nas mãos dos Prelados
haõde andar os subditos,
e não debayxo da mão.
n. 397. *com os seg.*

Maria Santissima.

Remediou Maria Santissi-
ma com a sua Soledade
a nossa dureza. *Sermão*
VIII. per totum.

Assim como Christo se fez
peccado, para remediar
nossos peccados, a Se-
nhora na Soledade se fez
pédra, para abrandar as
pédras de nossos corações.
n. 233.

Teve Maria Santissima na
Soledade, as lagrimas der-
retidas nos olhos, e con-
geladas nas faces: por-
que? E para que? *n.* 241.
& 242.

Teve dous alivios na So-
ledade, que lhe não a-
liviaraõ a pena. *n.* 243.
com os seg.

Santa Maria Magdalena.

Teve S. Maria Magdalena
hũ amor excessivo, e em
que consistio. *Sermão IX.*
per totum.

Martyr.

Ser Martyr, e ser peniten-
te he a mesma coufa. *n.*
422. *com os seguintes.*

Mercê.

As mercês dos Reys haõde
ser perpetuas. *n.* 176.

Mestres.

Tem os Mestres obrigaçõ
de serem humildes. *n.* 304.
com os seguintes.

Muyto peñada cruz he a
do Magisterio por tres
circunstancias: a primey-
ra, he estudar: a segunda,
viver entre nescios: a
terceyra, enfinallos. *n.* 357.
com os seg.

Mi-

411. *com os seg.*

Ministros.

Os Ministros, nem haõde
ser só apressados, nem
só vagarõs; mas tudo,
vagarõs, e apressados.
n. 156. *com os seg.*

São os Ministros, as arte-
rias do corpo da Repu-
blica. *n.* 162.

Haõde verse a si primeyro,
que julguem os outros.
n. 169. & 170.

Aos Ministros he necessa-
ria virtude, e pruden-
cia; porém a prudencia
ainda mais que a vir-
tude. *num.* 287. *com os*
seguintes.

Ministros de Deos.

Hum Ministro de Deos
naõ hade ter o poder li-
mitado. *n.* 387.

Vide a palavra *Prelado.*

Mocidade.

A mocidade resiste mais ás
enfermidades. *n.* 74.

Buscar a Deos na mocida-
de augmenta a virtude. *n.*

Moyses.

Foy figura de hum Inqui-
sitor, e porisso hum Vi-
ce-Deos na terra. *num.*
372.

Morte.

He a morte huma causa uni-
versal, naõ pelo que faz,
mas pelo que desfaz.
num. 1.

Sega o que Deos semea.
ibi.

A sua fouce, he como a
roda da fortuna. *n.* 3.
Mais cruel he a fouce, do
que a roda. *n.* 4.

Corta humas vezes pelas
posses, outras pelas espe-
ranças. *n.* 7.

Naõ val contra ella, nem
o ser bello, nem o ser
entendido, nem o ser
soberano. *n.* 10. *com os se-*
guintes.

Quem morre com os olhos
na morte, acaba com os
olhos em Deos. *n.* 28.

Os da Casa de Deos são os
primey-

primeyros, que morrem.

n. 69.

Muytas vezes parece, que vem a morte de causas naturaes, e vem por castigo de nossas culpas. n. 76.

A morte em Christo foy hum edificio. n. 123.

Naõ são tão justificadas as lagrimas na morte, como na sepultura: e porque? n. 237. & 238.

Para os fogeitos luzidos, a sombra, que os escurece, he morte, que os acaba. num. 423.

Naõ he tão grande fineza a da morte, como a da assistencia. num. 436. com os seg.

Para o decreto da morte, naõ ha privilegiados. n. 451.

Como mortos devem particularmente viver os sabios. num. 457. com os seguintes.

Quem vive como morto, he que póde bem aconselhar. n. 464. & 465.

Aquelle, que vive como morto, he o que se livra de peccar. n. 466.

Mundo.

O mundo he hum pomar, cujas arvores faõ as diversas familias. n. 9.

Mais custa deyxar o mundo, do que deyxar o peccado. n. 345. com os seg. & 406.

Deyxar o mundo na mocidade, he acção mais heroica. 347. & 348.

O mundo he amigo falso. n. 407.

Hade morrer queymado o mundo por seus delictos. n. 468.

Sinaes, que haõde preceder ao fim do mundo. n. 490. com os seg.

N

Nascimento.

Saõ as dignidades hum segundo nascimento dos homens. n. 400.

Ne-

Nehemias.

Edificou Nehemias o seu Palacio junto da sepultura de David: e porque? n. 15.

Nescios.

Vide a palavra *Ignorantes*.

Nobres.

Igualmente afflige Deos os nobres, e os humildes. n. 72. & 73.

Vide a palavra *Principes*.

O

Obediencia.

A Obediencia, que mais repugna á vontade, he a que agrada mais a Deos. n. 270.

A obediencia Religiofa, he o mayor sacrificio, que se faz na Religiaõ. num. 349. com os seguintes.

Quem quizer ser obediente

com menos trabalho, hade considerar, que naõ he a sua fogeção á pessoa, mas sim ao lugar. n. 352. & 353.

Sogeytar pela obediencia a vontade, he penosa cruz. n. 361.

Porém, he mais penosa, a de sogeytar o entendimento. num. 362.

Obra.

Vide a palavra *Edificio*.

Odio.

Obrar finezas de amor para com os objectos do odio, he o mayor extremo, e o mayor excessõ de quem ama. num. 204. com os seguintes.

Olhos.

Sem olhos fechados para o discurso, naõ ha peyto aberto para o amor. n. 34.

Com o lume dos olhos, anda de companhia o fogo do amor. n. 48.

Com

Com os olhos fechados fe haõde fazer os edificios: e porque? *num. 135. com os seg.*

Olhos fechados, daõ mais, do que olhos abertos. *n. 142. com os seg.*

Com os olhos no Ceo fe hade ver a terra. *num. 154. & 155.*

Tem o amor antipatia com os olhos. *n. 314.*

Os olhos, saõ jeroglifico dos fabios; porisso se curaõ com terra. *n. 453.*

Vide a palavra *Vista.*

Olimpo monte.

No cume do monte Olimpo, fe conservaõ as cinzas, sem as levar o vento. *n. 16.*

P

Parthos.

OS Parthos apedrejavaõ o Sol quando se punha. *n. 6.*

Passos.

Passar, e dar passos, he indicios de grandes consideraçoes. *num. 284.*

Peccador.

O peccador, ou he enfermo, ou morto, ou sepultado. *n. 77.*

Que hade fazer como enfermo, para senão errar a cura pela sua parte? *num. 81.*

Peccados.

Dos peccados nos vem muytas vezes a morte, e a enfermidade. *n. 74. & os seg.*

Ha peccados de enfermidade, de morte, e de sepultura. *n. 77.*

Peccado de enfermidade, he aquelle, em que se busca para elle o remedio. *n. 78. com os seg.*

O de morte, he aquelle, a que o remedio fenaõ busca. *n. 85. com os seg.*

O de sepultura, he o que com-

mettem os Religiosos. *n. 87. com os seguintes.*

Concorrem tres peffoas para curar o peccado. *n. 80. com os seguintes.*

Cresce muytas vezes o amor, quanto tinha crescido o peccado. *n. 257.*

Mede-se pelo peccado o premio. *n. 258.*

Confessar em publico os peccados, he acto muyto heroico. *n. 264. & 265.*

O peccado de hum Religioso he de algum modo como o de Adaõ, porque deÿxa inficionados com o descredito a todos os mais. *n. 363. & 364.*

A conversaõ do peccado á graça, he a mais necessaria. *n. 406. & 407.*

O peccado depois de commettido he feo, e pesado. *n. 407.*

O Sacramento do Altar exposto he remedio de peccados. *num. 430. com os seguintes.*

Não he remedio de peccados commettidos, mas fim de peccados, que se podiaõ commetter. *num.*

434.

Tom. I.

S. Pedro de Arbues.

S. Pedro de Arbues seguio a Christo, não com hum só, mas com tres cruces. *Sermão XIII. per totum.*

Peyto.

Sem olhos fechados para o discurso, não há peyto aberto para o amor. *n. 34. & 314.*

Peyxes.

Os peyxes não se recolhe- raõ á arca do diluvio, porque para elles era bonança, o que para as outras creaturas tormenta. *n. 114.*

Não voaraõ como as aves, porque não tiveraõ azas como ellas. *n. 120.*

Penas.

As penas estranhas podem se sentir, mas não se sabem explicar. *n. 221.*

Tanto magoaõ as penas na

Hh

appa-

apparencia como na realidade. *n.* 244. & 245.
 Pósta as penas diante dos olhos aliviaõ a dór na imaginaçãõ. *n.* 248.
 Vide a palavra *Dor*.

Penitencia.

Ha penitentes de culpa, que são os peccadores, e penitentes de Magestade, que são os Reys. *n.* 109.
 O Sol porque he Principe, a Rosa porque he Rainha, ambos vestidos de penitencia. *num.* 110. & 111.
 Sempre os homens guardaõ para tarde, a sua penitencia. *n.* 113. & 114.
 Mayor he o amor na penitencia, que na innocencia. *n.* 259.
 A penitencia feyta em publico, he mais heroica. *n.* 264. & 265.
 Não custa tanto deyxar o peccado pela penitencia, quanto custa deyxar o mundo pela Religiaõ. *n.* 406. *com os seg.*
 Ser penitente he o mesmo,

que ser Martyr. *num.* 423. & 424.

Peste.

A peste peor, he a do Judaismo. *num.* 376.

Pó.

Pó de presente se devem considerar os sabios. *n.* 457. *com os seguintes.*

Pobreza.

Vive a pobreza fogeita a miserias, e a enfermidades. *num.* 72.

Poder.

Grande poder he o de hum Inquisidor. *num.* 372.

Povo.

O povo divide-se em tres estados: Ecclesiasticos, Nobres, e Plebeos. *num.* 5.
 Todos estes estados se lastimáraõ na morte da Con-

Condeça Baroneza. *n.* 5. *com os seg.*

A gente popular pecca, mas sabe buscar o remedio ao seu peccado. *num.* 78. *com os seguintes.*

Preceytos.

Os preceytos não são taõ efficazes, como os exemplos. *num.* 95. *com os seguintes.*

Prégadores.

He o Prégador Enfermeyro, que applica os remedios aos doentes da alma. *num.* 80.

Que hade concorrer no Prégador, como Enfermeyro, para se não errar a cura? *num.* 82. & *os seguintes.*

Préga mais com o que ouve, do que com o que diz. *num.* 82.

Hade ter odio á culpa, não ao culpado. *num.* 87.

Prelado.

As palavras de hum Prelado. Tom. I.

lado haõde entendellas alguns, mas não as haõde entender todos. *num.* 383. & 385.

Foy S. Theotonio hum perfeyto Prelado. *num.* 385. & *os seg. até o fim do Sermão.*

Não hade ter o Prelado o seu poder limitado, para o seu governo ser perfeyto. *num.* 386. & 387.

Os Prelados nem haõde apertar tudo, nem tudo alargar. *n.* 388. & 389.

Deve viver enclaustrado o Prelado, que reforma. *num.* 390. *com os seg.*

O bom Prelado hade trazer os subditos nas mãos, e não debayxo da mão. *num.* 397. *com os seg.*

As Prelazias mudaõ as pessoas. *num.* 400.

O bom Prelado hade conservar na Prelazia as semelhanças de subdito. *n.* 401.

Premio.

O premio, que deo Rey a seus vassallos, hade ser perpetuo. *num.* 76.

Mede-se o premio muytas vezes pela culpa. *num.* 258.

Presença.

He a presença inimiga do amor. *num.* 51. *com os seguintes.*

Diminue as perfeçoens do objecto amado. *n.* 51.

Deve-se curar com a ausencia, para haver amor. *n.* 54. *com os seg.*

As lagrimas na presença do objecto amado, são mais finas; e a razão? *n.* 268. *com os seguintes.*

Préssa.

Resoluçoens tomadas com préssa, não podem fahir acertadas. *num.* 159. & 160.

Principes.

Os Principes, se por homens tem a morte certa, por Principes tem a vida breve. *num.* 13.

Ou edificaõ junto da Pycina, como mais enfer-

mos, ou junto da sepultura, como mais mortaes. *num.* 15.

Affim como a natureza he desigual com elles, porque os produz com mayor perfeçaõ, affim he a morte, porque os leva com mayor préssa. *num.* 16.

He sua Mãy a natureza, sua Madrastra a morte. *ibi.*

São por dous titulos mortaes. *num.* 17.

São como os velhos os mais chegados á sepultura. *num.* 18.

São incapazes de amor. *n.* 57. & 58.

Castigaõ ordinariamente aos estranhos, e perdoã aos domesticos. *num.* 67. & 68.

São muyto efficazes os seus exemplos. *num.* 98. *com os seguintes.*

Nem só vagarófos, nem só apressados haõde ser os Principes; mas sim apressados, e vagarófos. *num.* 156. *com os seg.*

São as arterias do corpo da Republica. *num.* 162.

Vide

Vide a palavra *Reys.*

Profissão Religiosa.

Deve huma alma, que professa, desposarse com Deos, como Christo se bautizou. *Sermão XII. per totum.*

Prudencia.

Mais necessaria he a prudencia para o bom governo, do que a mesma santidade. *num.* 287. *com os seguintes.*

Purpura.

A' purpura segue-selhe brevemente a mortalha. *num.* 17.

R

Redempçaõ.

Devemos a redempçaõ da nossa culpa a Christo, e a redempçaõ da Tom. I.

natureza a Maria Santissima na sua Soledade. *n.* 228. *com os seguintes.*

Ha redempçaõ do tempo presente: houve redempçaõ do tempo passado: e hade haver redempçaõ do tempo futuro. *num.* 429.

A redempçaõ do tempo presente, he a do triduo das Quarenta horas. *Sermão XVI. per totum.*

Reforma.

Deve-se enclaustrar, quem houver de reformar. *n.* 390. *com os seg.*

Reys.

Quem quizer o titulo de Rey, primeyro hade ter o trabalho, que a dignidade. *num.* 301.

Devem-se despir os Reys, para vestir os vassallos. *n.* 381. & 382.

As palavras dos Reys, haõde ser entendidas por alguns, mas não por todos. *num.* 383. & 384.

Antiguamente quando se Hh 3 coro-

coroavaõ, lhes vestiaõ huma purpura chea de ossos. *num.* 14.

Ungiaõ-se em final de que estavaõ para morrer, huma vez que entravaõ a reynar. *ibi.*

Os seus exemplos são mais fecundos, e efficazes, que os dos vassallos. *num.* 98. *com os seg.*

Devem fazer penitencia pelas culpas de seus vassallos. *n.* 109. *com os seg.*

Hum Rey hade ter azas, para acudir com o remedio a seus vassallos. *num.* 163.

Mas não desorte, que ultraje o respeyto da sua Magestade. *num.* 164. *com os seguintes.*

O coração do Rey hade estar occulto aos vassallos. *num.* 167. & 168.

Hade olhar o Rey para si, primeyro, que preme-e, ou castigue os vassallos. *n.* 169. & 170.

Hade pedir a seus vassallos, o que lhe he necessario, mas não hade querer delles o superfluo. *n.* 171. & 172.

Depois de tratar de si, hade tratar dos vassallos. *num.* 174. & 175.

As suas mercês haõde ser perpetuas. *n.* 176.

Têm tantas obrigaçoẽs, que não pôdem, nem devem viver com quietação. *n.* 275. *com os seg.*

Devem prover os lugares com grande consideração. *n.* 285. *com os seg.*

Vide a palavra *Principes.*

Religiaõ.

He cruz muyto pesada a da Religiaõ, porque nella se fogeyta a vontade propria á vontade alheya. *n.* 349. *com os seg.* & 361.

Porém ainda custa mais fogeytar na Religiaõ o entendimento. *n.* 262.

Mas sobre isto tudo o mais penoso, he fer na Religiaõ commum o descredito, e não fer o credito commum. *n.* 263. & 264.

A conversão do mundo á Religiaõ, he mais custosa, que a conversão do peccado á graça. *n.* 406. *com os seg.*

Reli-

Religiosos.

O peccado dos Religiosos, he de sepultura. *n.* 87.

Religiosos peccadores, são filhos de Adam duas vezes. *ibi.*

Tem muyto difficultoso remedio o seu peccado. *n.* 89.

Remedio.

Deve-se edificar para remedio. *n.* 148.

Para remedio dos homens padeceo Maria Santissima a dor da sua Soledade. *n.* 225. *com os seg.*

Mais he applicar para remedio, o que estava decretado para augmento, do que applicar para remedio, o que estava decretado para remedio. *n.* 443. *com os seg.*

Resolução.

A resolução, nem hade ser apressada, nem vagarosa: hade ter tudo. *num.* 156. *com os seg.*

Retrato.

Nos edificios he o retrato primeyro, que o original. *n.* 127.

Ha retratos naturaes, e artificiaes. *n.* 246.

Nenhum delles aliviou a Maria Santissima na sua Soledade. *n.* 247. *com os seguintes.*

Rosa.

A mesma rosa, que veste a purpura, traja a mortalha. *n.* 18.

Nasce cercada de espinhos: e porque? *n.* 70.

He Rainha das flores, e porisso entre os espinhos apparece penitente. *num.* III.

S

Sabios.

O S sabios são fogeytos incapazes de amor. *n.* 31. *com os seg.*
Da sabedoria se deve legitima-

mamente inferir a humil-
dade. *n.* 304. *com os seg.*
Mas não tiraõ communen-
te os homens da sua fa-
bedoria esta consequen-
cia. *n.* 306.

Muyto custa a fabedoria. *n.*
357. *com os seguintes.*

Viver hum fabio entre ig-
norantes, he pesada cruz.
n. 358. & 359.

Aos fabios particularmente
se deve prégar a cinza.
n. 452. *com os seguintes.*

Os fabios devem viver co-
mo mortos. *n.* 457. até
463.

Vide a palavra *Entendi-
mento.*

Sacramento.

○ Sacramento do Altar em
quanto comungado, aug-
menta a graça: em quan-
to exposto, remedeia as
culpas. *num.* 430. *com os
seguintes.*

Vide a palavra *Eucharistia.*

Segredo.

He essencial o segredo ao
Tribunal do S. Officio. *n.*
369.

Com elle se conserva incor-
rupto, este Tribunal Sa-
grado. *n.* 370.

De se revelar hum segredo,
se seguem os mayores in-
convenientes. *ibi.*

He o segredo, a cruz mais
penosa. *n.* 371.

Faz envelhecer antes de
tempo. *ibi.*

Sepultura.

Na sepultura, faõ mais justifi-
cadas as lagrimas, do
que na morte: e porque?
n. 237. & 238.

Basta ver os apparatus da
sepultura, para provocar
a lagrimas. *n.* 244.

Serafins.

Os Serafins cobrem os o-
lhos, para conservar o
amor. *n.* 52.

Servos.

Saõ os servos incapazes de
amor. *n.* 59. & 60.

Haõ de ser semelhantes aos
servos os Prelados per-
feytos. *n.* 400.

Sober

Soberba.

A soberba he mayor culpa
em hum vil, assim como
a humildade he mayor
virtude em hum grande.
n. 119.

Os nefcios faõ os mais so-
berbos. *n.* 330. *com os seg.*

O Sol acaba, como todos.
num. 1.

Os Parthos o apedrejavaõ,
quando se punha. *n.* 6.

He symbolo de quem ama,
e porisso no fim he que
conhece. *n.* 46.

Veste-se de cilicio, porque
he Principe, e deve fa-
zer penitencia por seus
vassallos. *n.* 110.

Luzio S. Antonio como Sol
em todo o decurso de sua
vida. *n.* 405. *com os seg.*

Soledade.

A Soledade da Senhora re-
ve dous respeytos: hum
de ser pena para Maria
Santissima, outro de ser

remedio para os homens. *B*

n. 225.

Remediou esta Soledade a
nossa dureza. *n.* 228. *com
os seguintes.*

Na sua Soledade teve Ma-
ria Santissima as lagrimas
derretidas nos olhos, e
congeladas nas faces: e
porq? E paraq? *n.* 241. &
242.

Subditos.

Haõ os subditos de andar
nas maõs, e não debayxo
da maõ do Prelado. *n.*
397. *com os seg.*

Vide as palavras *Vassallos,
e Prelados.*

Subir.

Quem chegou a subir hade
se lembrar do descer. *n.*
401.

Superiores.

Vide a palavra *Prelados.*

T

Terra.

H Ade-se vér a terra com
os olhos no Ceo. *n.* 154.
& 155. *The*

Thefouro.

Varios pôdem ser o thefouros, e varios os modos de serem achados. *n.* 103. Achou S. Izabel o thefouro do Ceo, no thefouro do mundo. *num.* 104. *com os seguintes.*

Os thesouros são redes, em que se prendem os homens. *n.* 107. São como as agoas, q̄ encharcadas daõ morte. *ibi.*

Throno.

Naõ differe da sepultura o throno. *n.* 18. Tambem he berço o throno: e porque? *n.* 400.

Tyrannia.

He tyrannia em hum Prelado apertar tudo, sem alargar parte. *n.* 388. § 389.

Prelados, que trazem de-bayxo da maõ os subditos, são tyrannos. *n.* 387. § 388.

S. Thomé.

No modo de ver, nos ensinou o modo de edificar. *Serm.V. per totum.*

Tormentos.

Os tormentos tomados por partes da conveniencia, aliviaõ, por parte da crueldade, magoaõ. *n.* 248. § 249.

Trabalho.

Querer o trabalho antes da dignidade, he grande excellencia. *n.* 300. *com os seguintes.*

Trabalho grande, he o de estudar, e ensinar. *num.* 357. § 360.

U*Vagares.*

V Agares nas execuções, trazem certas as ruinas. *n.* 156.

Naõ se perde menos por hum

hum vagar, que huma primacia. *n.* 158. Vagares em hum Rey, são ruinas no seu Reyno. *n.* 277. *com os seg.*

Vassallos.

Haõde ser os vassallos os q̄ busquem o Rey, para d'elle receber o remedio. *n.* 164. *com os seg.*

Naõ haõde conhecer o coraçãõ do seu Principe. *n.* 167. § 168.

Venda.

Ha caso, em que melhor he a venda, que a dadi-va. *n.* 115. *com os seg.*

Ver.

Vide a palavra *Vista.*

Vestido.

Os vestidos são embaraço para o Ceo. *n.* 381.

Vibora.

He a vibora symbolo de

hum entendido, que tem certa a morte nos partos do seu juizo. *n.* 21.

Victoria.

O conhecimento antecedente da victoria, diminue a celebridade do triumpho. *n.* 186.

Vida.

A vida he vento, que tanto mais sópra para acabar, quanto mais a fortuna bate as azas para subir. *n.* 14.

Virtude.

Repetir as virtudes, he augmento da fantidade, e credito do amor. *n.* 112.

A mayor virtude, confite em hir de Deos para Deos. *n.* 293. § 294.

O itinerario da virtude, he caminhar do nada ao pouco, do pouco ao muyto, e do muyto ao mais. *n.* 416. § 417.

Vista

Vista.

He necessario ver, para amar. *n.* 48.

Mas por outra parte, a vista oppoem-se ao amor. *n.* 51. *com os seg.*

União.

A união he muyto necessaria no governo. *n.* 291. & 292.

Vocação.

Nem sempre Deos nos chama com a sua voz; tambem nos chama por meyo

do nosso discurso. *n.* 262.

& 263.

Naõ só chama Deos a si os peccadores, mas tambem os justos. *n.* 293.

Ha muytos modos de ouvir a vocação Divina. *n.* 296. *com os seg.*

S. André naõ só acudio á vocação de Deos seguindo-o, mas levando tambem comsigo seu irmão S. Pedro. *n.* 300.

Vontade.

Sogeytar a vôtade propria á vontade alheya, he a mais penosa cruz da Religião. *n.* 349. *com os seg.*

FINIS LAUS DEO.

